

Sveva Casati Modignani

UMA CHUVA DE DIAMANTES



6ª
edição

Entre paixões e desamores, nasce

a força para começar de novo....

UMA CHUVA DE DIAMANTES

SVEVA CASATIMODIGNANI

Título Original: E INFINE UNA PIOGGIA Di DIAMANTI

Traduzido do Italiano por REGINA VALENTE

Digitalização e correcção: Dores Cunha

Edições Asa, Porto, 2006

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



"É uma pena só aprendermos as lições da vida quando já não precisamos delas."

OSCAR WILDE

PRÓLOGO

MILÃO 1975

O toque insistente do telefone quebrou a quietude de um sono profundo e o homem foi obrigado a emergir, a muito custo, daquele doce abandono, para recuperar o sentido da realidade. às apalpadelas, derrubou livros, fotografias emolduradas e um precioso despertador antes de conseguir agarrar no aparelho.

– É Rovesti – disse-lhe uma voz áspera.

Aquele nome apagou qualquer esperança de juntar os pedaços de um sono que acabava de se desfazer. Completamente desperto, o homem arregalou os olhos para o quarto ainda mergulhado na escuridão.

– Em que lhe posso ser útil? – perguntou, com uma voz clara.

– Quero que venha ter imediatamente comigo. Aqui. à clínica. Quarto quatrocentos e seis – ordenou Giovânni Rovesti, desligando a chamada sem um cumprimento, sem uma explicação.

Roberto Cortesini, o joalheiro mais importante de Milão, proprietário de uma prestigiada ourivesaria na via Montenapoleone, acendeu a luz e apanhou o despertador do chão: eram seis horas da manhã de segunda-feira, dia cinco de Agosto.

Tinha regressado a Milão muito tarde na noite anterior. Passara o fim-de-semana em Forte del Marmi com a mulher e os dois filhos. Tinha dormido cerca de quatro horas.

Sentiu-se tentado a adiar o encontro para o fim da manhã, mas o interlocutor era o mítico Giovânni Rovesti, cujo nome evocava poder e riqueza. Uma riqueza incalculável. Saiu da cama de má vontade.

O velho editor estava internado naquela clínica havia já algumas semanas devido a uma crise cardíaca que excluía, atendendo à idade e à gravidade do ataque, a hipótese de um final feliz. Roberto Cortesini estava ao corrente da situação. Se o velho tinha decidido convocar de madrugada o seu joalheiro de confiança, devia ter uma razão muito forte.

O duche frio despertou-o completamente. Vestiu-se a correr e sentiu-se satisfeito com aquela sua capacidade de se libertar tão depressa do sono e do cansaço. Abriu o frigorífico e encontrou sumo de laranja, que bebeu com avidez. Entretanto, ia elaborando as mais estranhas conjecturas sobre a peremptória convocação do grande editor.

Conhecia Giovânni Rovesti havia quinze anos, altura em que, com apenas vinte anos, sucedera ao velho Raffaele Veltroni como proprietário daquele prestigiado estabelecimento.

Herdeiro de uma dinastia de joalheiros florentinos, Roberto Cortesini impôs-se imediatamente pela sua competência e extraordinário profissionalismo. Era um homem bonito, robusto, olhos escuros, profundos e penetrantes, e uma expressão inteligente e leal. Inspirava confiança. O velho editor sempre confiara nele e foi adquirindo na sua loja jóias importantes para as mulheres da família e jóias menos importantes para as mulheres ocasionais com quem tinha tido breves ligações. Gostava de prata antiga e possuía uma colecção realmente extraordinária.

– Será que quer vender alguma coisa? – perguntou o joalheiro a si mesmo. Quando o táxi parou à frente da clínica parecia-lhe ter já passado em revista todas as hipóteses possíveis.

Giovânni Rovesti estava mais magro, com o rosto encovado, mas os olhos muito vivos mantinham a expressão determinada de sempre.

– Quero comprar. Mas não jóias – precisou –, pedras. Diamantes.

– Quantos? – perguntou Cortesini. – E de que valor?

– Tem de me comprar diamantes num valor de mil biliões de liras.

Roberto Cortesini, que entretanto se tinha sentado à cabeceira do doente, calou-se, desconcertado. A cifra indicada pelo velho baralhou o joalheiro que, no entanto, estava habituado a lidar com peças de grande valor. Por que razão um velho, no limiar extremo da vida, queria investir semelhante fortuna em diamantes? A pergunta queimava-lhe a língua.

– Será que percebi bem? – perguntou o joalheiro, preocupado.

– Percebeu perfeitamente.

– Diamantes no valor de mil biliões?

– Diamantes no valor de mil biliões.

– vou precisar de algum tempo.

– E da maior descrição – explicou o velho.

– Então preciso de mais tempo ainda.

– Quanto tempo?

– Dois meses. O velho fez um gesto de desaprovação.

– Dou-lhe uma semana. Na segunda-feira as pedras têm de estar disponíveis no meu banco de Genebra. Telefone-me para casa assim que a operação estiver concluída.

vou ter alta hoje.

Não havia lugar para mais conversa. Cortesini fitou durante alguns instantes os olhos do velho. Era um negócio clamoroso e ele sabia onde encontrar as pedras. Para que a notícia não transpirasse, tinha de comprar diamantes de tamanho não exagerado e em diferentes países. Tudo isto numa semana. Era uma empresa quase impossível, mas extraordinária. Sobre a credibilidade do velho editor não tinha dúvidas. Apesar dos seus oitenta e cinco anos e da doença, Rovesti estava perfeitamente lúcido.

E o projecto que tinha em mente era seguramente irrepreensível.

– É um desafio? – murmurou o joalheiro, como se estivesse a reflectir em voz alta.

– É um grande desafio para si também – constatou o velho.

– Na próxima segunda-feira, terá os diamantes no seu banco de Genebra – prometeu Cortesini.

– Os homens como nós deviam ser imortais – brincou Rovesti, satisfeito.

– Acabaria por se tornar demasiado aborrecido – respondeu o joalheiro.

– Também estou firmemente convencido de que seria assim disse Rovesti, e acrescentou bruscamente:

– O pagamento será efectuado pelo próprio banco quando receber a mercadoria. Já dei instruções a esse propósito – concluiu, ao mesmo tempo que lhe estendia a mão.

Cortesini apertou aquela mão ainda forte. Aquele homem estava a morrer e propunha-lhe uma transacção louca. Ao aceitá-la, Roberto Cortesini não era menos louco do que ele. Mas agora tinha prometido e, na sua profissão, um aperto de mão é mais vinculativo do que um contrato.

– Ficaré com cinquenta biliões para si – acrescentou ainda o velho. Giovânni Rovesti sabia exactamente que a comissão do mediador era de cinco por cento sobre o total da transacção. Tinha a certeza de que Roberto Cortesini ia adquirir as pedras ao melhor preço e que mereceria aquela quantia.

Às nove e dez daquela mesma manhã Roberto Cortesini apanhava um avião para Anvers e às onze estava já sentado no escritório do Sr. Van der Khol, o mais importante negociante de diamantes da cidade, em Pelikan Strasse.

Admirou mais uma vez, na parede à direita da secretária antiga de madeira escura, o estupendo quadro de Bartholomeus Breembergh que representava Ifigénia e Címon.

E mais uma vez lhe perguntou: – Quando é que te resolves a vender-mo?

Van der Kohl fingiu acreditar naquele pedido, que fazia parte de um ritual celebrado para chegarem menos tensos ao verdadeiro tema da discussão. Depois riu-se. – Não me vais dizer que vieste até aqui

para falar de quadros. Se o objectivo da tua visita é adquirir o meu Breembergh, podes tirar essa idéia da cabeça. Ainda o quero conservar durante mais algum tempo.

É sempre assim o início de um negócio importante. Vão-se buscar outros assuntos, fazendo passar os diamantes para um segundo plano, porque se o comprador mostra demasiado interesse aumenta a avidez do vendedor. Ambos sabiam tudo sobre esses velhos preliminares, que fazem parte das regras de um jogo complexo e fascinante.

– Se não me vendes o quadro, mostra-me pelo menos algumas pedras bonitas – disse Cortesini, abrindo oficialmente as negociações.

– Tens alguma preferência? – perguntou o outro.

– Digamos cor e toquE – precisou o joalheiro, tentando fazer o outro acreditar que as pedras que tinha pedido para ver não lhe interessavam tanto como isso. Eram as cores da beleza absoluta. E para além do mais deviam ser "internally flawless", que na linguagem dos especialistas significa absolutamente puras. O joalheiro de Milão seguia um esquema bem preciso, que não suscitasse grande rumor: adquirir pequenas quantidades de pedras em sítios diferentes, todas excelentes mas de uma dimensão que não desse nas vistas, entre os dez e os vinte quilates.

Van der Kohl abriu o cofre e pegou em quatro bandejas que tinha já mentalmente seleccionado. Alinou-as em cima da secretária. Uma continha apenas diamantes redondos, lapidados em brilhante, a segunda diamantes lapidados em esmeralda, a terceira navettes e a última continha apenas diamantes em gota. Eram exactamente as pedras que Roberto Cortesini queria. Comprou algumas no valor de setenta biliões, uma soma considerável mas não tão espectacular que pudesse levantar suspeitas. Teve de negociar durante algum tempo para obter um desconto de um por cento. A profissão, a competência e aquela gota de sangue judeu que lhe corria ainda nas veias faziam dele um excelente comprador.

Deu ao amigo o nome e o endereço do banco de Genebra para o qual devia enviar os diamantes. O banco trataria de lhe fazer a transferência do mesmo valor em dólares.

Van der Kohl insistiu em convidá-lo para almoçar, mas Cortesini estava com pressa. Decidira visitar na própria Pelikan Strasse outros vendedores e adquirir um número discreto de pedras, antes de apanhar o comboio para Amesterdão, onde tinha programado passar a noite.

Quando, ao fim da tarde, saiu de Anvers, tinha escolhido e comprado setenta e três pedras num total de cento e cinquenta biliões. Fizera um bom trabalho, obtendo as pedras pelo melhor preço, e deu-se por satisfeito.

A pedra mais bonita comprou-a no dia seguinte, em Amesterdão, a um velho amigo que tinha um laboratório e escritórios na

margem do rio. Era um diamante rosa, em gota, de vinte e cinco quilates. Ficou com ele por dez biliões. Visitou outros vendedores e adquiriu mais cinquenta pedras que lhe interessavam.

Por fim concedeu-se uma pausa. Do hotel reservou um lugar num avião para Londres às oito horas da noite e um quarto no Connaught. Tomou um duche, telefonou à mulher e ainda arranjou tempo para visitar alguns antiquários. Continuava a pensar no quadro de Ifigénia e Címon e procurou uma tela de Bartholomeus Breemberg. Acabou por comprar um relógio de pêndulo em bronze dourado: uma espantosa Minerva com o mostrador do relógio inserido no escudo. A mulher ia gostar.

Londres recebeu-o com um súbito aguaceiro. No dia seguinte iria à Burberry comprar uma gabardina. O quarto no Connaught era muito confortável e ele estava cansado e cheio de fome.

O ideal seria uma refeição ligeira no quarto, mas desagradava-lhe a idéia de renunciar aos prazeres da mesa que a célebre cozinha exclusiva do Connaught lhe prometia.

Acabou por ir ao restaurante, onde saboreou um patê de turbot froid au coulis de homard e um salmis de canard en surprise. Soberbo.

Depois do jantar telefonou a Henry Hoppenheimer, o proprietário da De Beers, o homem que detinha o monopólio dos diamantes em todo o mundo, o único que tinha uma polícia privada na África do Sul com licença para disparar imediatamente sobre os "predadores" independentes que se aproximassem com uma peneira dos rios que pertenciam às zonas que ele controlava. Cortesini conseguiu marcar um encontro com ele para o dia seguinte, no escritório de Hutton Garden, na City.

Dormiu um sono profundo e sem sonhos. Foi despertado pelo sol, uma luz fulgurante num céu de cristal. Considerou aquilo um sinal de bom augúrio.

Depois de um pequeno-almoço abundante foi, como tinha prometido a si próprio, comprar a gabardina. Em seguida passou no Floris, onde adquiriu uma boa provisão de sabonetes e água-de-colónia.

Hoppenheimer recebeu-o numa nuvem de fumo do seu inseparável Dunhill. O joalheiro sentiu-se tentado, quando viu as pedras que o comerciante de diamantes lhe mostrou, a comprar uma de cinquenta quilates. Era uma pedra extraordinária, mas seria uma manobra errada, porque se arriscava a suscitar alguma curiosidade e a ser notícia.

Precisamente o oposto daquilo que pretendia. Finalmente, decidiu-se por um estupendo diamante azul e escolheu mais uma centena de pedras entre os quinze e os vinte quilates.

Cortesini conseguiu ainda arrancar-lhe uma peça da sua colecção pessoal, um diamante vermelho do tamanho de uma ervilha. O diamante vermelho é uma pedra rara e Hoppenheimer recordou-lhe esse facto, mas tanto o joalheiro como o comerciante de diamantes conheciam perfeitamente o valor da pedra, e o preço de meio bilião estava certo para o comprador e para o vendedor. Ao meio-dia decidiu encerrar a sua etapa londrina. Gostaria ainda de dar uma volta em Hyde Park, mas lembrou-se de que já era quarta-feira e que apenas tinha investido seiscentos dos mil biliões de Rovesti.

Faltavam dois sítios importantes para concluir a operação de forma a não suscitar curiosidade excessiva. Partiu naquele mesmo dia para Telavive, onde encontraria hospitalidade e diamantes junto do seu amigo Isak Levy. Levy tinha uma fábrica muito importante com mais de trezentos operários e produzia diamantes estupendos.

A cidade recebeu-o com um abraço sufocante, um calor terrível contra o qual o tépido chá de menta, preparado com grande sabedoria pela Sra. Levy, podia muito pouco.

Isak declamou, como comediante que era, velhos excertos de um guião sempre actual. Uma espécie de pantomina sobre as dificuldades da vida, sobre os tempos que tinham mudado, sobre a dificuldade de se manter à tona num mundo cruel e imprevisível. Parecia o desabafo de um velho sábio pessimista, mas na realidade era uma maneira de se opor ao pedido do joalheiro milanês, que tentava obter uma redução de dois por cento na aquisição de vinte pedras de cinco quilates num total de cinquenta biliões.

Levy invocou a cólera de Deus sobre ele próprio e sobre a sua família se alguma vez tivesse mentido. Defendia que um tal desconto o poderia arruinar.

Cortesini, por sua vez, ameaçou interromper o negócio e sair porta fora, onde poderia comprar as suas pedras a outros negociantes com a certeza de conseguir o desconto que Isak lhe negava. Isak puxou os cabelos, revirou os olhos e, por fim, acabaram por chegar a acordo sobre um desconto de um por cento, que estava muito bem tanto para um como para outro.

Cortesini despediu-se efusivamente do amigo e depois saiu para visitar outros vendedores, adquirindo assim mais duzentas pedras.

Na sexta-feira de manhã estava em Nova Iorque, e Manhattan, como sempre, encantou-o com a poética verticalidade dos seus arranha-céus. Na 47th Street, entre as três e as cinco da tarde, adquiriu trezentos diamantes coloridos: do amarelo junquilha ao azul, mais claro e mais escuro. E, no entanto, ainda não tinha gasto os mil biliões de Giovâni Rovesti.

Apanhou o último voo para Los Angeles e dali, a lutar contra o tempo, chegou a Santa Monica, na Califórnia. Poucos minutos antes do fecho dos escritórios concluiu a última aquisição.

Tinha conseguido levar a cabo a operação. Comprara as pedras ao melhor preço e no tempo previsto pelo editor: tinha ganho o desafio.

Pela primeira vez, pensou nos cinquenta biliões da sua comissão. Era realmente uma quantia astronómica. Mas, acima de tudo, achou que tinha sido protagonista de uma extraordinária aventura que apenas muito poucas pessoas no mundo poderiam viver.

Na segunda-feira de manhã estava em Genebra. Telefonou para Milão.

– Está feito – disse simplesmente a Giovânni Rovesti.

– Agradeço-lhe – respondeu o editor. – Logo à tarde vai ter consigo uma pessoa da minha confiança. Tomará conta das suas compras.

– O nome dessa pessoa?

– Não é preciso. O meu homem conhece-o e sabe como há-de encontrá-lo.

Roberto Cortesini deixou-se cair na poltrona: – A aventura nunca mais acaba – disse, a sorrir.

Era velho. Era rico. Era poderoso. E estava a morrer. De um momento para o outro podia descer a cortina sobre o último acto da comédia que o tinha visto, desde sempre, no papel de personagem principal. Giovânni Rovesti, o rei do papel impresso, perante o mistério da morte, perante a escuridão de uma noite sem fim, era como um homem qualquer.

"A morte não estabelece diferenças", pensou o velho-editor.

Giovânni Rovesti, naquele momento, não pedia muito à vida que, no entanto, lhe tinha dado tanto. Precisava apenas de alguns dias, talvez horas, para realizar um sonho, um projecto grandioso e extravagante, uma charada que depois da sua morte os herdeiros deveriam decifrar. E seria o mais inteligente e o mais dinâmico a esclarecer o enigma.

Na solidão do seu quarto, no primeiro andar de um palácio do século dezanove na via Serbelloni, em Milão, o velho sentia a morte girar à sua volta com uma determinação inexorável. Dois meses atrás, um último enfarte provocara novos danos naquele coração já em mau estado, e só aquele internamento atempado conseguira adiar o fim.

Tinha regressado a casa há poucos dias e agora, a meio da noite, reconstituía a última conversa com o cardiologista.

– Como é que eu estou? – perguntou o velho, ao mesmo tempo que um lampejo de ironia lhe brilhava no olhar.

– Sabe tão bem como eu – respondeu o especialista.

– Quanto tempo me resta? – insistiu o velho leão...

– Quem é que o pode dizer? Os resultados das análises são satisfatórios; de tal maneira que o autorizo a ir para casa e deixar-se lá ficar.

– Até quando? – replicou.

– Ninguém pode saber – respondeu o cardiologista, baixando os olhos.

– Será possível que só nos filmes e nos romances seja dada a certeza da cura? Ou do fim? – comentou o paciente.

– A água acaba sempre por regressar ao oceano – disse o médico, esperando pôr fim àquelas perguntas a que não queria responder.

Giovânni Rovesti franziu a testa e ergueu os olhos. – Eu peço-lhe certezas, e você destila uma filosofia de Baci Perugina – censurou-o, com um ar severo.

– Siga as minhas indicações – aconselhou-o –, e não elabore raciocínios desagradáveis.

– Ora bolas – reagiu, com brusquidão. – Tenho oitenta e cinco anos. Na minha idade veneranda,

preciso de verdade. Ainda tenho aí uns assuntos para despachar.

– Isso de as pessoas serem insubstituíveis é um mito – brincou o médico.

– Não no meu caso – replicou com firmeza. – Preciso de dar umas voltas, de me mexer, de acabar umas coisas. Está a perceber? Tenho alguns problemas para resolver.

– Um esforço poderia ser-lhe fatal – sentenciou o cardiologista.

Os vidros triplos do quarto garantiam o silêncio, que seria absoluto não fosse o leve ruído do ar condicionado, que neutralizava o peso sufocante daquela noite de Agosto.

Um esforço, portanto, poderia ser-lhe fatal; mas precisava de o aguentar para levar a cabo o seu plano. Lembrou-se da "romanina", a sua primeira máquina tipográfica, uma jóia da tecnologia dos anos vinte, que mantinha num canto do escritório, no aposento ao lado. Quando a comprou, Rovesti era um jovem tipógrafo com os bolsos vazios e a cabeça cheia de sonhos. com aquela máquina, paga a prestações, conseguiu lançar as bases da sua fortuna.

Recordou aqueles anos longínquos em que, a tremer por causa da dívida contraída, a comprou à firma Nebiolo de Turim. "Máquina

tipográfica Roma": era este o nome daquele milagre tecnológico, pó mais recôndito da memória reemergiu a emoção do momento mágico em que, pela primeira vez, a máquina começou a funcionar na cave de uma casa num bairro popular onde montara a sua oficina de tipógrafo. E com ele estava Ângelo Gelmi, o amigo inseparável de toda a vida. Ângelo já tinha morrido e ele estava só para executar o último acto de um projecto grandioso, que lhe permitiria dirigir os destinos da família mesmo depois de morrer.

A operação que estava prestes a concluir era a síntese da sua capacidade empresarial, da sua inteligência e do seu espírito galhofeiro. Porque aquilo que estava a levar a cabo era um grande divertimento que acabaria por favorecer os mais hábeis de entre os seus herdeiros.

Um som delicado, quase imperceptível, saiu do telefone que estava em cima da mesa-de-cabeceira.

– Espero não o ter acordado – afirmou uma voz de homem, muito baixo, do outro lado do fio.

– Eu nunca durmo – sentenciou, reconhecendo imediatamente a pessoa que acabava de interromper o curso dos seus pensamentos.

– Antes assim.

– Tens aquilo que te pedi?

– Tudo. Posso ir?

– É claro que podes.

– Quando?

– Já. Daqui a meia hora estou à tua espera no portão.

– Tem a certeza de que não se vai cansar?

– Detesto as pessoas que se preocupam com a minha saúde disse bruscamente, embora se sentisse feliz.

Estava a viver a aventura mais excitante da sua vida. Era um desafio com a morte e Giovânni Rovesti, naquele preciso momento, estava convencido de que ia levar a melhor. Depois já podia descansar. Sentia-se feliz por duas razões: estava quase a entrar na posse da última peça do seu precioso mosaico e tinha conseguido iludir a vigilância cerrada de Lotte, a enfermeira especializada que tratava dele com uma racionalidade afectuosa e, quando era necessário, com um toque de autoritarismo.

Naquela noite, como sempre, Lotte levara-lhe uma pequena bandeja de prata com o habitual cocktail de pastilhas: Lasix, Cardioreg, Permixon e, por fim, o sonífero que lhe garantiria uma noite de repouso tranquilo. Giovânni Rovesti, prevendo aquela visita nocturna, tinha conseguido fazer desaparecer o sonífero com a habilidade de um prestidigitador. Estava bem desperto, de facto, quando a notícia

esperada chegou ao seu telefone privado. Giovânni Rovesti deslizou para fora da cama depois de ter acendido a luz do candeeiro liberty que tinha em cima da mesa-de-cabeceira. A claridade ténue revelou um quarto muito bonito, elegante e sóbrio. Olhou em volta e encontrou aquilo que gostava de definir como "a mesa das fotografias". Havia a fotografia dos pais, uma sua na companhia de Ângelo Gelmi, no tempo do colégio, ambos patéticos e comoventes de farda cinzenta e boina. O retrato da mulher, Veralda, que segurava nos braços Maria Carlotta, a primeira filha, era maior do que os outros. A menina tinha morrido com três anos, de poliomielite. O saquinho branco cheio de cânfora que a pequena trazia ao pescoço não a salvara daquela doença terrível. Havia também retratos dos filhos, Anna e António, e dos netos: Pietro, Giovânni, Patrizia e Maria Carlotta. Por cima da cama de nogueira escura estava pendurado um quadro a óleo que representava uma Virgem com o Menino. As paredes estavam inteiramente cobertas por grandes estantes que continham volumes com a marca da editora Rovesti.

O velho enfiou um roupão de seda estampada e calçou uns chinelos castanhos feitos à medida devido ao inchaço dos pés que, sobretudo nos últimos tempos, se tinha acentuado. Culpa do coração doente e da má circulação.

Mas naquele momento não tinha tempo para pensar em problemas. Fora invadido por uma excitação insólita que lhe recordava os momentos-chave da sua longa vida. A aventura daquela noite era exaltante. Desceu devagar a escadaria de mármore, coberta por uma passadeira que absorvia qualquer rumor. Desactivou o sistema de alarme no vestíbulo e saiu para a noite quente do meio de Agosto. Os cães, que estavam deitados por baixo da magnólia, reconheceram-no e foram ao encontro dele, a ganir e a abanar a cauda. O velho calou-os com um gesto. O silêncio era apenas quebrado pela água que brotava da fonte ao centro do jardim. Aquele breve percurso estava a cansá-lo e uma dor surda e opressiva começava a esmagar-lhe o peito. Pensou na morte com rancor. Precisava de algum tempo para vencer a última batalha.

Engoliu uma cápsula vermelha que tinha enfiado rapidamente no bolso do roupão: a dor ia passar muito em breve. Tinha de conseguir encontrar-se com o visitante nocturno, e depois poderia jogar sem medo aquela partida com a morte, mesmo sabendo que ia perder. Voltou-lhe à lembrança o rosto encovado de don Alfonso, o professor de matemática do colégio. Era de tal maneira magro e ossudo que a batina imunda lhe ondeava sobre o corpo como uma bandeira. A obsessão de don Alfonso eram os números elevados à potência. E ai de quem fosse apanhado em falta.

– Doze ao quadrado – perguntava à queima-roupa. E se o interrogado não respondia imediatamente cento e quarenta e quatro, dava-lhe uma pancada no pescoço. Aquele movimento fazia ondear a túnica, que libertava um cheiro nojento a pó e cascas velhas de queijo.

Depois don Alfonso adoeceu e Giovânni, após uma longa espera, subiu para o visitar no quarto que ficava por baixo do telhado do colégio. O velho padre estava deitado numa pequena cama descomposta, com o rosto encovado e seco, com uma cor amarelada e o nariz afilado.

Giovânni entrou em bicos de pés e o sacerdote, que parecia fixar um ponto distante, a mexer o indicador e o polegar da mão direita, como se passasse as contas de um rosário, apercebeu-se da sua presença.

– Quem és tu? – perguntou o padre.

– Sou o Giovânni Rovesti.

– Quanto é trinta e sete ao quadrado? – interrogou-o, com uma voz débil. Tinha a pele flácida sobre aquele rosto exangue.

Giovânni não respondeu, atrapalhado com aquela pergunta inesperada. Don Alfonso tentou puni-lo, mas não conseguiu erguer o braço e mal mexeu a mão.

– Agradece a Deus por eu estar a morrer, já que assim não te posso castigar como merecias.

Don Alfonso já não estava em condições de alterar aquela respiração ofegante, que em breve se ia

transformar num estertor.

– Quer que eu chame alguém? – perguntou o rapaz, assustado com aquele arquejar.

– Não, não chames ninguém – respondeu, com mais suavidade. – Quero ficar sozinho com a morte. É uma partida a dois que eu quero jogar até ao fim, apesar de saber que é ela quem ganha sempre.

– Ela ganha sempre – murmurou Giovânni Rovesti enquanto atravessava o jardim.

A dor no peito tinha desaparecido e o velho sentia-se tão bem que lhe apetecia correr até ao pesado portão de ferro forjado, encaestado como uma jóia no muro alto e poderoso que circundava os jardins do palácio.

O homem já ali estava, iluminado pela luz ténue de um lampião. Era um rapaz que não tinha ainda trinta anos. O fato de linho escuro, de excelente corte, revelava uma silhueta esguia e compacta. Numa mão segurava uma pequena mala muito elegante de couro negro.

– Olá, Paolo – cumprimentou o velho, ao mesmo tempo que lhe abria o portão.

O rapaz retribuiu o cumprimento e apertou a mão que Giovânni Rovesti lhe estendia.

Quando Paolo sorriu, o velho reconheceu a expressão enigmática de Flora Montecchi, a mãe de Paolo. "Tal e qual", pensou, recordando a radiosa juventude de Flora, que lhe tinha oferecido uma breve mas intensa felicidade.

Giovânni repeliu as recordações, que ameaçavam fazê-lo distrair-se, e centrou toda a atenção no presente, onde estava a acontecer algo de muito importante.

O editor estendeu o braço em direcção à mala, mas Paolo travou aquele gesto. – É um bocado pesada – justificou.

– Acho que tens razão, rapaz – rendeu-se, enquanto fechava o portão devagar.

Depois deu o braço ao visitante, que se deixou conduzir. Os cães farejaram o forasteiro e olharam para o dono, à espera de uma ordem.

– Deitados – murmurou Rovesti.

Os animais obedeceram e afastaram-se em direcção à relva fofa.

Os dois homens chegaram a casa e entraram para o silêncio do vestíbulo.

– A minha perseguidora está a dormir – afirmou o editor, triunfante, referindo-se à enfermeira. – Está tudo a dormir.

Ottávio, o seu mordomo, dormia numa outra parte do palácio, perto do quarto da cozinheira, a fiel Ester. – Os outros estão na Sardenha – continuou o velho, intuindo a pergunta do visitante.

– A bordo do Capriccio, que está ancorado em Porto Rotondo. Ou na villa de Porto Cervo. Na casa de Ponza ou na de Stresa. Para eles – continuou, com uma ponta de amargura, – o importante é aparecer. Estou sozinho em Milão, com um reduzido pelotão de mercenários – disse, enquanto abria os braços e assumia um tom jocoso. Não referiu a presença de Maria Carlotta, a neta predilecta, de dez anos. Tinha-a reclamado com autoridade e a nora, para satisfazer a vontade do velho, mandara-a para Milão em pleno Agosto.

Paolo contemplou com admiração aquele velho alto e direito, de rosto encovado, olhos claros, pequenos e incisivos que, antes de morrer, queria realizar um plano grandioso e misterioso do qual, tinha a certeza, ninguém estava ao corrente. Nem a ele o editor tinha dado explicações.

Rovesti sentou-se numa poltrona, ao lado de uma pequena mesa de madeira escura que tinha em cima um arranjo de lírios vermelhos e íris azuis de pétalas já cansadas.

O editor pegou na mala que Paolo Montecchi lhe estendia. Pousou-a nos joelhos e acariciou-a como se fosse uma pessoa querida.

– Como é que correu? – perguntou com um tom que não admitia réplicas. E convidou Paolo, com um gesto, a sentar-se em frente a ele.

– Exactamente como o senhor tinha previsto. O Roberto Cortesini estava à minha espera. Conferiu a mercadoria na minha presença. Controlou tudo, peça por peça.

O velho compôs o número da combinação, o mecanismo disparou e a mala abriu-se, revelando um monte cintilante de diamantes. Havia, naquela pasta forrada de camurça negra, o melhor que o reino da mineralogia podia oferecer: carbono puro cristalizado, a substância com o mais alto índice de dureza e de refração, inatacável por qualquer outro mineral ou substância ácida. Diamantes de qualidade notável, nas cores mais belas, de uma pureza absoluta. Diamantes no valor de mil biliões.

O velho deteve-se longamente sobre aquela cintilação extraordinária, mas o seu rosto impassível não traiu qualquer emoção. Só o coração sofria os golpes daquela visão mágica. "Aguenta firme", disse para si próprio, "que a meta já está próxima". Voltou a fechar a mala e travou a fechadura; depois ergueu o olhar e fitou Paolo com uns olhos sorridentes.

– Obrigado – disse.

– Não fiz mais do que a minha obrigação – replicou o homem. – O senhor não me deve nada. Mas eu devo-lhe muito. Provavelmente, devo-lhe tudo – confessou, sinceramente.

Paolo Montecchi tinha entrado na editora como um simples revisor de provas, após o que passou ao sector gráfico e, finalmente, ao jornalismo escrito. Giovânni Rovesti, que seguira sempre de longe a carreira do pupilo, acabou por ficar espantado com as capacidades do rapaz. Sabia interpretar com grande antecipação os gostos do público e satisfazer as suas predilecções sem nunca cair na vulgaridade.

– Posso sempre contar com o teu silêncio – afirmou o velho, olhando-o nos olhos.

Paolo sentiu o desejo irresistível de acender um cigarro, mas renunciou.

– Da minha boca não sairá uma única palavra – prometeu.

– Eu sei – anuiu o velho.

Paolo estava convencido de que era filho de Giovânni Rovesti. Tinha a certeza. Considerava-se o único Rovesti que não usava aquele apelido. Havia indícios que justificavam aquela sua interpretação dos factos. Tinha havido uma história de amor entre Giovânni Rovesti e Flora Montecchi e, tendo em consideração os tempos e a idade dos protagonistas, a hipótese de Paolo tornava-se altamente provável.

Giovânni Rovesti, por outro lado, apesar de não ter provas irrefutáveis, gostava de pensar que aquele jovem brilhante, marcado por uma inextinguível capacidade criativa, era o resultado daquela doce história de amor. Por isso, no jogo que estava a organizar, tinha atribuído a Paolo um papel de primeiríssimo plano. É claro

que também ele participaria na caça ao tesouro, com boas probabilidades de vencer.

– É melhor ires embora – disse o velho, a sorrir. – Não quero que ninguém nos veja juntos. – Tinha uma expressão maliciosa e divertida. – Obrigado pela tua descrição – continuou.

– Ficas a saber que levaste a cabo uma operação fundamental.

– com certeza – anuiu Paolo, impassível.

– Não te posso dizer mais nada – prosseguiu o velho, ao mesmo tempo que se levantava da poltrona com alguma dificuldade. – Um dia saberás.

Era a madrugada sufocante do dia 15 de Agosto. Giovânni Rovesti mandou chamar a neta predilecta.

– O que queres, avô? – perguntou, ensonada, Maria Carlotta. Tinha dez anos, era bonita como a mãe e dócil como um cachorro.

– Que tomes o pequeno-almoço com este velho enfadonho e cheio de exigências. Depois vais comigo à editora. Sabes, hoje só lá estão os guardas e os operários de turno.

Quero dar uma volta contigo pelas redacções desertas e respirar o cheiro do papel impresso – disse o avô, que estava sentado, muito direito, à mesa do pequeno-almoço, a tomar uma chávena de chá e a comer uma fatia de pão torrado. Mas sobre a toalha branca havia de tudo: sumos de fruta, iogurte, fruta

fresca, compotas, pães acabados de fazer, leite e café.

– Anda lá, senta-te e toma o pequeno-almoço comigo – sugeriu o velho mais uma vez.

Maria Carlotta enfiou os dedos nos cabelos despenteados, a coçar a testa. E bocejou.

– Já vi as redacções muitas vezes – disse. – Não podemos fazer qualquer coisa mais divertida? –

Sentou-se à mesa, em frente ao velho, e esperou que Ottávio, o mordomo do avô, a servisse.

– Não há nada divertido que eu possa fazer contigo. Estou demasiado velho. Mas quero que vás comigo. Porque pode ser a última vez que temos a possibilidade de estar um bocadinho juntos, eu e tu.

Maria Carlotta observou-o, perplexa. Sabia bem, porque toda a gente dizia, que o avô estava doente. Mas ouvi-lo a ele dizer isso era diferente. E se era ele a dizê-lo, devia ser verdade, porque o avô nunca mentia.

– Está bem. Mas depois posso voltar para a Sardenha?

Giovânni Rovesti assentiu. Entendia bem que, para uma rapariga tão pequena, a companhia do avô não representava grande coisa. Relativamente a Maria Carlotta, em particular, não havia acontecimentos demasiado significativos, nem grandes afectos perturbadores. Isso não impedia que o velho a amasse mais do que a todos e que acreditasse que, um dia, a vida acabaria por a amadurecer e a transformar numa mulher consciente. Porque, em qualquer caso, era uma Rovesti, e nas suas veias corria o seu próprio sangue. Era a mais jovem da família e por isso era a mais inocente. Acima de tudo, era ainda desinteressada. O que representava mais um motivo para a preferir a todos os outros.

– Depois voltas para a Sardenha – prometeu.

Naquele mesmo dia, da janela do avião, Maria Carlotta viu o pôr-do-sol. Viajava no avião do pai, que se dirigia a Olbia. Quando o sol se apagou no mar, também Giovânni Rovesti encerrou o seu capítulo terreno. A morte surpreendeu-o no sono. O coração não resistira ao esforço daquele dia, exactamente como o cardiologista tinha previsto.

A enfermeira encontrou o velho, algumas horas mais tarde, no abandono da morte: tinha os olhos fechados e um sorriso enigmático nos lábios.

Tinham passado apenas vinte horas desde que recebera a visita de Paolo Montecchi e tomara conta da mala cheia de diamantes.

ONTEM

1905–1920

Mais do que o companheiro que o enfrentava com a agressividade e a insolência de um galo de briga, que eriça as penas e estica a cabeça, incomodava-o o cheiro intenso do desinfectante.

O companheiro chamava-se Ângelo Gelmi. Era um rapaz robusto, decidido e habituado à luta.

– Por que não reages? – provocou Ângelo, pronto para pôr em acção as mãos que lhe pendiam, inertes, ao lado do corpo.

– Por que deveria? – replicou Giovânni. Giovânni tinha dez anos, menos um do que Ângelo.

Era um rapaz pálido, magro, com o olhar inquieto de um veado em fuga. Como todos os outros rapazes do colégio, tinha o cabelo rapado, e esta particularidade acentuava-lhe a tristeza da expressão. Também a farda de tecido áspero fazia sobressair a sua vulnerabilidade, da mesma forma que sublinhava a agressividade de Ângelo.

– Tens de reagir, para demonstrares que não és um paspalhão – provocou o adversário.

– Eu não preciso de demonstrar nada a ninguém – disse.

– Mas estás quase a chorar, como um miúdo – troçou o companheiro.

– Eu não estou quase a chorar – negou Giovânni, com os olhos brilhantes devido ao cheiro intenso do desinfectante, ao qual não estava habituado.

Ângelo riu-se, experimentando um grande prazer com a consciência da sua indiscutível superioridade. O medo que julgava intuir

no olhar de Giovânni, o sofrimento do recém-chegado, proporcionava-lhe uma grande satisfação.

– Estás quase a fazer pelas pernas abaixo, com medo – gracejou.

– Eu não tenho medo de ninguém – disse pacatamente Giovânni.

Eram outras as coisas que o assustavam, mas os novos companheiros da sua vida, os rapazes com os quais deveria conviver durante muitos anos, não poderiam entender.

– Então, por que não reages, paspalhão? – Ângelo Gelmi, com a crueldade dos rapazes que tiveram uma infância dura, não parava de o espicaçar.

– Porque não – rematou Giovânni, enquanto tentava retirar-se.

A mão de Ângelo atingiu-o com a violência de uma porta empurrada pelo vento e a marca dos cinco dedos apareceu sobre a face de Giovânni, que finalmente reagiu; e não pela ardência no rosto e pelo abalo sofrido, mas pela humilhação que lhe pesava no coração. A sua cabeça redonda abateu-se como um tronco sobre o estômago do agressor, cortou-lhe a respiração e obrigou-o a dobrar-se em dois. Tinha-se vingado. Conservava ainda uma marca no rosto, mas a isso Giovânni Rovesti não atribuía qualquer importância.

O pai ensinara-lhe que os sinais exteriores, da mesma forma que vieram, a maior parte das vezes também vão, sem deixar marcas.

– O que é que se passa aqui? – ressoou a voz do professor, que tinha aparecido de repente ao fundo do dormitório. Era um homem pequeno e redondo, de expressão serena e olhos inquisidores. Os olhares preocupados dos rapazes fixaram-se nele.

Ângelo Gelmi ergueu para ele o rosto desfigurado pela dor.

– Sinto-me mal, Sr. Professor – lamentou-se.

– O que foi que aconteceu? – perguntou o homem, preocupado, passando em volta os olhos pequenos e negros.

– Uma indisposição repentina – inventou Ângelo. – Mas já está a passar.

– Deita-te um bocado – sugeriu o homem, aproximando-se com um ar solícito. – Se calhar apanhaste frio – disse. – E vocês, toca a estudar – ordenou, abanando as mãos como quem quer dispersar um bando de pássaros calmamente pousados a debicar um prado.

Ângelo deixou-se cair na cama com uma sensação de alívio. Por cima da cabeceira de ferro esmaltado, que começava a descascar em alguns sítios, estavam penduradas as fotografias de um homem e de uma mulher. O homem tinha a testa franzida, um olhar severo e uns bigodes pontiagudos; a mulher tinha o rosto resignado de uma mártir.

Eram os pais de Ângelo. Tinham morrido os dois e ele estava naquele colégio graças à bondade do pároco que, como o considerava uma criança inteligente, pagava a mensalidade, retirando o dinheiro dos fundos de uma instituição de caridade para a infância abandonada.

– Então, como te sentes? – perguntou o professor, inclinando-se sobre ele.

– Acho que já está a passar – respondeu. O rosto ia recuperando alguma cor.

– Pois é, deve ter sido uma ponta de frio – disse o homem, para o tranquilizar.

– Posso ficar com ele, para o caso de ele precisar de alguma coisa? – ofereceu-se Giovânni.

– Mas é claro – condescendeu. – O teu pedido parece-me um bom testemunho de solidariedade humana – elogiou-o. Aquele rapazinho perdido, cuja história conhecia bem, fazia-lhe pena.

– Demonstras assim que percebeste o espírito desta nossa comunidade – acrescentou.

Os rapazes afastaram-se ao longo daqueles corredores intermináveis impregnados do cheiro a desinfetante.

– Obrigado por não me teres denunciado – disse Giovânni, assim que ficou sozinho com Ângelo.

– Deixa lá isso – grunhiu o companheiro.

– Amigos? – propôs Giovânni, estendendo-lhe a mão.

– Sem rancor – respondeu Ângelo. Retribuiu o sorriso e apertou a mão que o novo amigo lhe estendia.

Apesar de Ângelo ser maior, era evidente que Giovânni era mais forte, e como tal se tinha imposto aos olhos de todos. Naquele dia, com aquele aperto de mão, nasceu uma amizade e uma solidariedade destinadas a durar toda a vida.

O seu ninho era agora aquele maciço edifício de pedra, com as suas camaratas monstruosas, o refeitório que cheirava a sopa de couve, os corredores intermináveis, as salas de aula frias e os laboratórios inóspitos, no respeito obsessivo de um regulamento militarista que previa castigos severos para os transgressores.

A respiração nocturna da camarata, semelhante à de um gigante adormecido, fazia-lhe companhia e transmitia-lhe uma sensação de segurança.

Naquele dia, Giovânni Rovesti tinha vencido a sua primeira e decisiva batalha na luta pela sobrevivência num mundo tão diferente daquele de onde provinha. A violência da vida já não o paralisava e nunca mais a suportaria sem reagir. Entretanto, tinha conquistado um posto na hierarquia do poder e, agora que aprendera a lição, não ia parar nos primeiros degraus.

Aquele rapazinho magro mas pouco gracioso, tímido, de uma delicada beleza de alabastro, respeitador e bem-educado, saberia encontrar a pertinácia e a agressividade do vento quando sopra de repente e derruba tudo.

Naquela noite, pela última vez, sentiu a nostalgia de um passado radioso que tornava insuportável a realidade em que estava mergulhado havia algum tempo. Tinha passado de um brilhante bem-estar, muito semelhante à riqueza, ao estado de sobrevivência mantida pela arrogante piedade dos parentes que, aguentando as despesas, o mantinham naquele colégio.

Naquela noite apagou a saudade que alimentava a sua dor resignada.

Recordou o pai, Carlo Rovesti, um homem de rosto severo que raramente se abria num sorriso. Em tempos tinha-se sentido protegido por aquele olhar firme que, no momento justo, sabia tornar-se afável por detrás daqueles grandes bigodes. A vasta calvície que lhe aumentava a testa acentuava a expressão inteligente e reflexiva dos olhos.

Carlo Rovesti era um pequeno industrial de sucesso. Geria uma próspera oficina de automóveis, até que uma broncopneumonia o liquidou em poucos dias.

Emma, a mãe de Giovânni, confiou a gestão da empresa a um dedicado amigo do defunto marido. Chamava-se Cláudio Colombo. Era um belo homem, mundano mas pouco sensato.

O Sr. Colombo gostava de se entreter com a jovem viúva numa sorridente e frívola intimidade, com a cumplicidade de uma sedutora conversadeira que permitia ao cavalheiro e à senhora ficarem de frente um para o outro. Ele ostentava com desenvoltura um grande solitário no dedo mínimo, uma bengala e um Isotta Fraschini novo e flamejante.

Ela, a doce senhora, olhava-o com olhos lânguidos, um narizinho petulante e uma cintura de vespa apertada dentro de vestidos que faziam realçar as curvas da sua figura graciosa. E deixava-se cortejar sem esperar o fim de um luto que não tinha para ela nada de doloroso.

O pequeno Giovânni sentia na pele e no coração a dor pelo desaparecimento do pai, mas as regras impostas pelos esquemas familiares, que impunham silêncio e obediência, impediam-no de manifestar o seu profundo mal-estar, do qual a mãe não dava sinais de se aperceber. Ela vivia um belo sonho de amor e isolava-se com aquele homem, que tinha assumido o lugar do marido, na salinha azul, quando não saía para os seus vários compromissos mundanos.

Nos ritmos quotidianos de Giovânni, nada tinha mudado no que dizia respeito à escola e às brincadeiras; mas começava a apagar-se o afectuoso ritual da mãe debruçada sobre ele, das palavras sussurradas à noite, junto à sua cama, com a luz já apagada, o perfume delicado, que lhe fazia lembrar o das tília, no momento em que lhe pousava na testa um beijo de boa-noite. Era a recordação mais bela e mais intensa, aquela que havia de o acompanhar toda a vida.

Um dia, um raio cortou subitamente o céu tranquilo da família Rovesti, e no olhar doce da signora Emma reflectiu-se o medo do temporal que se adensava no horizonte.

Desapareceu-lhe o sorriso dos lábios e desapareceu também o colar de esmeraldas do seu ousado decote. A péssima administração do Sr. Colombo tinha abalado a empresa Rovesti. O administrador investiu na Bolsa o capital restante, deixando-se convencer pelos "embusteiros da credulidade pública" a contrair empréstimos a juros exorbitantes para adquirir acções "seguras". Mas logo a seguir começou uma aparatosa descida dos títulos. Mais uma vez, a corrida furiosa ao engano tinha favorecido os especuladores e os predadores da Bolsa.

Carlo Colombo acabou na cadeia por bancarrota fraudulenta. Emma Rovesti, desvairada pela vergonha, ingeriu uma boa dose de um sonífero potente e adormeceu para sempre.

Giovânni ficou sozinho. E pobre.

Do espaçoso apartamento no palácio com um grande jardim da via Francesco Sforza, em Milão, os tios transferiram-no para o colégio masculino de Baggio.

Naquele momento, depois de se ter imposto a Ângelo Gelmi, Giovânni pensou que, de alguma maneira, seria também capaz de resgatar o nome do pai. O sono apanhou-o nestes pensamentos e sonhou com a mãe debruçada sobre ele, mas já não sentiu o delicado perfume das tília no momento em que lhe pousava na testa um beijo de boa-noite.

No Natal, o tio veio buscá-lo ao colégio e levou-o para casa. O tio chamava-se Ettore Oldani, era irmão da mãe e proprietário de um grande armazém de tecidos no centro de Milão. Morava por cima do estabelecimento. Era uma casa sólida de burgueses abastados, apesar de ser menos luxuosa do que aquela

em que Giovânni tinha nascido e vivido até aos dez anos.

Os dois primos, filhos do tio Ettore e da tia Maria, com quem brincara nos anos felizes da primeira infância, olharam-no com condescendência, esquecendo que apenas poucos anos antes era ele o exemplo a imitar e que as coisas bonitas de que se rodeava lhes causavam inveja. Agora o pequeno Giovânni era o parente pobre.

O verniz da riqueza tinha-se tornado opaco e o que se via agora era um rapazinho esquivo e áspero, tímido e desconfiado. Giovânni comparava o uniforme grosseiro do colégio com os fatos de boa fazenda inglesa dos primos. Comparava os presentes caros que o Menino Jesus tinha trazido para eles com o estojo de canetas toscamente esculpido que ele tinha recebido. Mas, acima de tudo, eram diferentes as camas macias dos primos em relação ao colchão de crina que lhe estava destinado no colégio.

Era um confronto aviltante que, por um instante, mas só por um instante, lhe provocou uma enorme vontade de chorar. Logo a seguir, o orgulho obrigou-o a levantar a cabeça, e a altivez brilhou no seu olhar decidido. Um dia ele seria tão rico que obrigaria tios e primos a esconderem-se de vergonha.

– Já não me apetece comer mais – disse a meio da refeição, quando o tio lhe estendeu um prato com uma fatia de galinha recheada.

A tia Maria, que era uma mulher robusta e decidida, disse: – É como dar pérolas a porcos.

Giovânni não percebeu o significado da comparação, mas leu o desprezo no olhar da tia.

– com licença – desculpou-se, ao mesmo tempo que se levantava da mesa. Foi até à entrada e sentou-se num banco encaixado num nicho ao lado da porta. Naquela postura ouviu a voz irada da tia.

– Esta é a demonstração evidente da arrogância daquele rapaz.

– A mulher estava fora de si. – Será que pelo menos entendes o que significa fazer bem aos teus parentes? Já não chega pagarmos-lhe o colégio. Em vez de nos agradecer, como seria a sua obrigação, ainda nos vem estragar a festa de Natal.

– Ainda é uma criança. E ainda por cima órfão – tentou defendê-lo o tio.

– É filho daquela inútil da tua irmã – acusou a mulher. Não te chega que a mãe tenha lançado a vergonha no nome dos Oldani? Vais ver em que patife ele se vai tornar – profetizou.

Giovânni, a quem não tinha escapado uma palavra, levantou-se, abriu devagar a porta de casa e, depois de ter posto nos ombros a manta de lã do colégio, começou a descer as escadas.

O tio Ettore apanhou-o quando estava já na rua e segurou-o pelo ombro.

– Onde é que vais? – perguntou-lhe.

– vou voltar para o colégio – respondeu Giovânni, calmamente.

– Não tiveste uma grande recepção em nossa casa, pois não?

– O tio tinha uma pena profunda daquele pobre órfão, mas temia de uma forma patológica as fúrias e as reacções da mulher.

Giovânni tinha intuído as preocupações e os receios do tio e não se deu ao trabalho de responder. A rua estava deserta e o frio tornava visível o hálito do homem e o do pequeno.

– Toma – disse o tio, tirando do bolso do casaco umas moedas de prata, que lhe meteu na mão. – Na piazza del Duomo há carruagens. Apanha uma e diz para te levar ao colégio. De qualquer maneira, se quiseres voltar a minha casa – acrescentou –, a porta está sempre aberta.

– Não, tio Ettore – replicou ele. – Eu àquela casa não volto nunca mais.

O homem fez um pequeno discurso de circunstância, mas Giovânni não ouviu uma única palavra.

Ficou com as moedas de prata e regressou a Baggio a pé, perguntando aos raros transeuntes informações sobre o percurso. Eram poucos os rapazes que ficavam naquele edifício sombrio nos dias de festa. Quase todos eram recebidos por parentes ou benfeitores, muitos dos quais pensavam lavar a alma com a oferta de uma ceia de Natal.

Entre aqueles poucos estava Ângelo, que correu ao encontro de Giovânni assim que o viu, com o desespero de um náufrago que encontrou finalmente um bote a que se agarrar.

– Por que voltaste tão cedo? – perguntou-lhe, radiante.

– Antes quero estar aqui – respondeu Giovânni, de mau humor.

Sentaram-se a uma mesa do refeitório. Cada um tinha à frente um pequeno presente oferecido pelos benfeitores habituais: um livro de orações, uma caixa de giz, um torrão. E aquela pequena dádiva era para as crianças um presente fantástico, que admiravam sem ousar tocar-lhe.

Ângelo tinha recebido do seu pároco um caderno e um lápis.

– O que é que vais fazer com isso? – perguntou Giovânni.

– Ainda não sei – sorriu o companheiro. – E tu, o que recebeste dos teus tios?

– Nada – respondeu, sombrio. Mas logo a seguir deu-se conta de que se tinha esquecido das moedas de prata que o tio Ettore lhe tinha oferecido. Enfiou então uma mão no bolso das calças e fez tilintar as moedas.

– Dinheiro! – exclamou Ângelo. – Quanto?

– Algum – respondeu, lacónico e desconfiado. Estava a pensar qual seria o lugar mais seguro para esconder aquele tesouro: duas liras. Mostrou-as ao companheiro. – com certeza que não as queres gastar – disse Ângelo. Giovânni, como todos aqueles que não têm, conhecia o valor do dinheiro. Na sua vida breve tinha já aprendido quais são os problemas que o dinheiro ajuda a resolver.

– Não acho que as vá gastar.

– Podes pô-las a render – propôs o companheiro, que tinha jeito para os números e era sempre o primeiro em aritmética.

– O que é que quer dizer pôr a render? – perguntou.

– Depositar num banco, onde todos os anos te dão um juro.

– E ganha-se muito? – perguntou Giovânni. – E o que é que no banco vão dizer a dois rapazes como nós?

– Tenho de pensar nisso – respondeu Ângelo. – Mas vou tratar de duplicar o teu dinheiro.

– Nesse caso, dividimos os lucros exactamente a meio – propôs Giovânni.

– Negócio fechado – disse Ângelo, ao mesmo tempo que cuspiu na mão direita antes de a estender ao amigo, que tinha feito a mesma coisa. Apertaram as mãos, como era costume para tornar solene uma promessa. O pacto estava feito e seria respeitado.

Passaram dias, semanas, meses. Por muitas possibilidades que os rapazes considerassem, não havia nenhuma que fosse praticável.

Pensaram que, se tivessem um mínimo de liberdade, acabariam por encontrar a maneira de investir aquele capital de duas liras de prata. As saídas do colégio eram raras e sempre em grupo, na companhia de um professor que tomava conta deles. Os dias eram pontuados pela oração matinal, um pequeno-almoço frugal, cinco intermináveis horas de estudo e um almoço espartano seguido de mais cinco horas de trabalho. A oração da noite fazia-se depois do jantar. Por fim caíam exaustos nas camas e adormeciam imediatamente.

As variações eram representadas pelos funerais, que os rapazes acompanhavam, muitas vezes contra a vontade, para dar uma mão aos benfeitores que, antes de morrer, tinham garantido o acompanhamento ao cemitério, convencidos de que toda aquela inocência facilitaria a sua subida ao Paraíso.

Depois havia as visitas dos parentes. Ângelo, como não tinha ninguém, não tinha essa consolação. Giovânni, pelo contrário, esperava com ansiedade a visita mensal do tio Ettore que, depois do Natal, não voltara a convidá-lo para sua casa, mas que não faltava àquele breve encontro no parlatório. E nessas ocasiões deixava-lhe algum dinheiro.

Em Julho, quando acabou o ano lectivo, o tio Ettore foi ter com ele.

– O Sr. Director disse-me bem de ti – comentou, satisfeito.

– Agora vais ter dois meses de férias.

Giovânni esperou que o tio não o convidasse para sua casa. Não queria estar com a tia nem com os primos. Só pensava nas suas economias. As duas liras tinham passado a cinco, ciosamente escondidas debaixo do colchão.

– A minha família vai de férias – disse-lhe. – Vão estar fora durante todo o mês de Agosto. Eu não posso fechar o armazém. Queres ficar comigo?

O director, pouco tempo antes, tinha-o censurado pelo desinteresse que manifestava relativamente ao sobrinho.

– É uma criança que sofre de solidão – explicou-lhe. – Não esqueça as suas origens. Um rapaz que passa do bem-estar de uma família abastada para a disciplina de um colégio que não é dos mais confortáveis, tem de se ressentir. É seu sobrinho. O filho da sua irmã. O senhor é livre de agir como quiser, mas sugiro-lhe que ponha uma mão na consciência.

Estas palavras simples tocaram-lhe o coração.

– Então, queres vir comigo? – repetiu. – Consigo para onde? – perguntou Giovânni, desconfiado.

– Para o armazém. Sabes, é que há muito que fazer. Podias dar uma mão aos empregados. Levar os retalhos de um lado para o outro. Entregar encomendas. – Era embaraçoso para Ettore Oldani, um cavalheiro, propor um trabalho ao filho da irmã, mas não tinha outra maneira de justificar a presença do rapaz em casa.

Para além do mais, lá no fundo, pensava em metê-lo no armazém quando Giovânni tivesse a idade certa. Sentia o desejo de o ajudar a construir um futuro.

– É claro que vais receber um pequeno salário – continuou. Do bolso do casaco tirou uma caixinha de tartaruga. Abriu-a e segurou entre o polegar e o indicador uma pequena quantidade de tabaco em pó, levou-o ao nariz, aspirou e ficou à espera que chegasse o espirro libertador. Entretanto, Giovânni reflectia rapidamente sobre aquela proposta e sobre as vantagens e desvantagens de a aceitar.

Pensou que Ângelo, uma vez que não tinha parentes, ia passar o Verão inteiro no colégio. Só podia contar com a generosidade de algum benfeitor que o recebesse pelo menos no feriado de 15 de Agosto. Para ele era já como um irmão. Poderia deixá-lo sozinho? Por outro lado, não era de desprezar alguma lira que fosse engrossar aquele pequeno tesouro. Os dois rapazes precisavam de dinheiro.

– Está bem, tio – aceitou. – vou ter consigo quando quiser.

O tio Ettore, ficou Giovânni a saber quando começou a trabalhar no armazém, fornecia o colégio de atalhados, lençóis e cobertores. Artigos de má qualidade com os quais, como muitas vezes acontece, obtinha ganhos notáveis. Eram lençóis com defeito, fronhas mal cozidas, toalhas cuja trama não era perfeita.

No armazém havia artigos ainda piores, que eram em parte oferecidos a instituições de beneficência e em parte revendidos ao farrapeiro. Essa mercadoria não era sequer inventariada e estava arrumada, com um aspecto mais ou menos ordenado, num vão de escada. Foi aquela mercadoria que fez nascer em Giovânni a idéia de incrementar os seus modestos ganhos, implicando na operação, que seria aperfeiçoada em conjunto, o seu amigo Ângelo.

De Baggio, o amigo vinha até à cidade todos os dias e encontrava-se com Giovânni ao meio-dia, quando o armazém fechava e o tio ia almoçar a um restaurante próximo.

Giovânni enfiava debaixo da camisa um certo número de peças, não demasiadas para não levantar suspeitas, e entregava-as a Ângelo que, no caminho de regresso, parava nas casas de lavoura para as vender. Era artigo de refugio, mas tinha a marca prestigiada dos têxteis Oldani e as camponesas

deixavam-se conquistar.

Aquilo que ganhavam com aquele pequeno comércio era equitativamente dividido entre os dois rapazes que, em cada encontro, elaboravam projectos grandiosos para o futuro.

Um dia Ângelo mostrou a Giovânni o caderno que tinha recebido no Natal. Havia uma página inteira cheia de números.

– O que é isso? – perguntou Giovânni.

– É o nosso dinheiro – respondeu Ângelo. – Também calculei os juros que poderíamos receber se pudéssemos depositá-lo num banco – explicou.

– E por que não fazemos isso?

– Não é possível. Somos menores. Iam pensar que roubámos – explicou o amigo. – Mas temos o teu tio. Podias entregá-lo a ele.

Giovânni lembrou-se da mãe, que tinha confiado a fortuna inteira ao Sr. Colombo. E tinha sido um desastre. Essa experiência ensinara-o a desconfiar de toda a gente.

– O meu tio ia pensar a mesma coisa. E, para além disso, eu já não acredito em ninguém.

– Então só nos resta o nosso esconderijo – concluiu Ângelo. E acrescentou: – O dinheiro não ganha mofo. Mais dia, menos dia, há-de chegar uma boa ocasião.

Os dois rapazes passeavam pelas ruas do centro, onde muitos palácios estavam fechados: os senhores estavam de férias em Brianza. Mas as casas pobres fervilhavam de gente exausta de calor e de cansaço. Percorriam as ruelas do Bottonuto onde, apesar daquele calor intenso, havia esquinas húmidas e fedorentas. Renunciavam ao prazer de um gelado oferecido por um vendedor ambulante para não se privarem do pouco dinheiro que teriam de gastar.

Na via San Damiano, da ponte delle Sirenette, observavam uma barçaça que transportava grandes rolos de papel para impressão.

– Olha, um dia quero ser muito rico, para ter a minha barçaça e poder comprar aquele papel todo para imprimir o meu jornal disse Giovânni.

– Eu já me contentava com um lugar seguro, com um bom salário, como o que recebem os empregados de um banco. Deve ser bom ter um emprego onde se pode contar dinheiro todo o dia.

Sonhar não custava nada e fazia-os felizes. Mas, mais uma vez, o destino tratou de os devolver aos carris de uma amarga realidade.

Aproximava-se o fim das férias e o regresso ao colégio. Giovânni, aproveitando o intervalo do meio-dia, como sempre, estava por baixo da escada do armazém a encher a camisa de panos de refugo quando sentiu, como uma dentada, um apertão na orelha.

Levantou-se de um salto, com o coração num tumulto e a vista turva por causa da dor. Era a tia Maria, que o olhava com ódio e não largava a presa.

– Ladrão! Apanhei-te! Pensavas que ninguém dava conta? E, enquanto com uma mão continuava a martirizar-lhe a orelha,

com a outra remexia-lhe no peito, fazendo aparecer as peças, uma a uma.

– Ladrão! – repetiu, a gritar, ao mesmo tempo que o arrastava para a loja.

Giovânni estava tão aterrorizado que acabou por molhar as calças; e enquanto ela, vermelha de cólera, o empurrava, ele ia regando o chão com chichi.

– Ora aqui está ele, o patife. A serpente que andaste a chocar no seio! – gritou, voltando-se para o marido. – Olha, olha para aqui – disse, enquanto atirava para cima do balcão alguns metros de pano mal tecido.

A tia regressara uns dias mais cedo e, enquanto os filhos e a bagagem desciam da carruagem, ela entrou no armazém com o marido para ir buscar as chaves do apartamento.

Apanhou o sobrinho em flagrante.

Ettore Oldani deu um profundo suspiro. Já tinha dado conta algum tempo atrás que o rapaz tirava algumas peças de refugo, mas deixara-o continuar. Nunca tinha roubado um tostão da gaveta, nem se tinha apropriado de mercadoria vendável.

– Está pronto para a cadeia! – gritou a mulher, que finalmente largou a orelha de Giovânni e lhe deu uma estalada com toda a violência de que foi capaz.

Giovânni, desta vez, não deixou a alma enfraquecer com os insultos.

– Puta! – gritou, procurando espaço para fugir. Mas a mulher travou-lhe a passagem.

– Tu daqui não sais, porque eu vou denunciar-te, sua peste sibilou.

Foi então que o tio puxou com maus modos o braço da mulher.

– Sai daí – ordenou-lhe com a pacatez habitual. – São só farrapos. Estás a perceber? Até parece que te roubou a honra.

Giovânni já tinha fugido.

Foi a correr ter com Ângelo, que o esperava na esquina da via Laghetto. Estava pálido, com a respiração ofegante e os olhos cheios de lágrimas.

– Acabou-se – disse. – Se calhar nem me continuam a pagar a mensalidade do colégio. – E explicou o que tinha acontecido. Ou, pelo menos, tentou explicar, porque sentia por dentro uma grande vontade de chorar e de invocar a mãe.

Ângelo não encontrava palavras para confortar o companheiro. Disse-lhe apenas: – Não te preocupes. Se te mandarem embora, eu vou contigo. Mas entretanto vamos regressar a Baggio.

Ninguém o mandou embora, a mensalidade continuou a ser pontualmente paga, mas o tio Ettore nunca mais apareceu.

Quando já quase todos os rapazes tinham regressado ao colégio e as aulas recomeçaram, Giovânni deu conta, ao controlar o esconderijo, que o seu pequeno tesouro, amalhado com tanta canseira, tantos medos e tantas privações, tinha desaparecido.

Se aceitarmos em silêncio o facto de termos sido roubados, a seguir temos de aceitar tudo – comentou Giovânni. Foi um dos mais pequenos, que tinha observado tudo sem ser visto, a revelar a identidade do ladrão.

– É grande. Não vais conseguir levar a melhor sobre ele replicou Ângelo, referindo-se ao autor do furto.

– Nem que fosse o rei, ou Deus em pessoa. O que é meu é meu! E ninguém mo pode tirar. Era a minha reserva para os momentos piores e não posso permitir que um ladrão qualquer ma tire. Por isso decidi fazer-lhe frente – disse Giovânni.

Estava mais do que nunca determinado a levar a cabo o seu propósito e Ângelo percebeu que não o devia deixar sozinho, até porque o ladrão era um aluno de dezoito anos, grande e forte como um homem adulto, enquanto que Giovânni tinha apenas onze anos.

– Deixa-me ao menos ajudar-te – ofereceu-se.

– Tenho isto comigo – disse Giovânni, fazendo saltar na mão uma navalha de ponta e mola.

– Onde é que a arranjaste? – perguntou Ângelo, dividido entre a surpresa e a admiração. No colégio era expressamente proibido ter objectos cortantes de qualquer espécie. Todos os rapazes gostariam de possuir uma navalha como aquela.

– É cá comigo – respondeu Giovânni, enquanto fechava a arma e se dirigia ao refeitório. Ângelo lembrou-se de o ter perdido

de vista quando os rapazes tinham saído para o pátio à hora do recreio, logo a seguir ao almoço.

percebeu que Giovânni tinha conseguido os seus intentos quando ouviu o grito de terror do ladrão, que saiu para o pátio a correr e a tapar com a mão uma face ensanguentada.

Vieram os professores e os alunos. Levaram o ferido para a enfermaria e dali, com uma maca, para a urgência do hospital.

Giovânni, muito direito à porta do colégio, olhou para a maca que se afastava. Era uma espécie de liteira montada em duas rodas, empurrada por dois homens, com uma cobertura de pano e cortinas de tecido acastanhado que esvoaçavam com a corrida. Meteu a mão no bolso e fez tilintar as suas moedas. Agora que as tinha recuperado, sentia-se melhor.

A participação do casamento dizia assim: Ettore Oldani e a esposa, Maria Rivolta, participam aos amigos e parentes a notícia do casamento de seu filho Onofrio com Teresa Lovati, filha do Eng. Carlo Lovati e da sua esposa Emilia Maggi, e a sua partida para o campo. Havia também uma data: Milão, 1 de Maio de 1911.

Portanto, o filho mais velho do tio Ettore, o seu primo Onofrio que, segundo os seus cálculos, andava pelos vinte e dois anos, tinha-se casado.

Ele, Giovânni, era um parente ao qual a participação não tinha sido enviada. Era apenas o aprendiz do tipógrafo Fábio Motta e, no balcão da tipografia, traçava com uma mão segura, em caracteres ondulantes, o texto da participação.

Tinha dezasseis anos e, desde Julho do ano anterior, tendo deixado o colégio, trabalhava na prestigiada tipografia do Sr. Motta, na central via San Raffaele. Giovânni gostava do cheiro do chumbo, do papel e das tintas, e do ruído das máquinas tipográficas. Tinha adquirido habilidade na composição manual dos textos e na combinação destes com as matrizes em que se fazia a paginação.

Para a participação que estava a compor tinha encontrado uma matriz que reproduzia frisos de folhas e flores estilizadas que se entrançavam com uma fita na qual estava escrito, em latim, ubi tu gaius, ego gaia. Tinha a certeza de que a tia Maria ia apreciar muito aquele trabalho. Não que quisesse fazer uma coisa de que ela gostasse, tanto mais que a mulher nunca mais o tinha querido ver desde aquele longínquo dia em que a tinha insultado, mas pelo prazer de paginar a cara dela enquanto se pavoneava entre os parentes que lhe gabariam o gosto requintado.

As pessoas que se enfeitavam com penas de pavão tornavam-se extremamente grotescas aos seus olhos, e ele sentia a necessidade de achar grotescos, e portanto desprezíveis, todos aqueles que, de alguma forma, o tinham ofendido. Este prazer subtil e um pouco maligno em desprezar era a sua vingança em relação ao ambiente de onde provinha e que o tinha posto de lado.

– És mesmo bom, Giovânni – disse o Sr. Motta, ao ver a composição que ele tinha executado com tanto cuidado. – Ainda me roubas o trabalho. Há poucos jovens, hoje em dia, com tanta vontade de fazer as coisas como tu.

O que ele tinha não era vontade, era raiva.

Aquele posto de trabalho devia-o ao tio, que era amigo íntimo do Sr. Motta. E isso era mais uma dívida de gratidão que digeria mal.

– Um dia hei-de pagar todas as minhas dívidas – disse uma vez ao tio, e aquele senhor pomposo de grandes bigodes não imaginava quanta frustração havia por trás daquela promessa solene. Um dia ainda te vou mostrar quem sou, gostaria de acrescentar. O tio abanou a cabeça. Giovânni era filho da sua irmã, impetuoso e precipitado como ela. Duvidava que alguma vez dali saísse alguma coisa de bom.

Era sábado, dia de pagamento, e ele recebeu do patrão um aumento inesperado: duas liras e cinquenta a mais. Não era muito, mas era, em qualquer caso, um sinal da estima que o Sr. Motta tinha por ele.

À noite encontrou-se com Ângelo na leitaria da via Orefici, em frente a uma chávena de leite onde mergulhavam duas fatias douradas de polenta.

– Esta semana posso dar-te dez liras – disse Giovânni, cheio de orgulho, a pensar no seu pequeno capital depositado no Banco del Monte, onde Ângelo trabalhava como caixa.

Os dois rapazes dividiam o mesmo quarto em casa de uma viúva na via Dante. Pagavam vinte liras por mês. Ângelo ganhava trinta liras por semana e Giovânni vinte e cinco, depois deste último aumento. Poupano o mais que podiam, tinham conseguido juntar quinhentas liras cada um, um pecúlio de fazer inveja a muitas mães de família que empenhavam a aliança ou os brincos para poderem sobreviver.

Giovânni entregava a Ângelo, ao fim de cada semana, o dinheiro poupano em sete árduos dias de economia, e na segunda-feira o amigo depositava naquele banco as suas poupanças. A experiência tinha-lhes ensinado a ambos os riscos de esconder o dinheiro debaixo do colchão.

– O meu patrão tenciona vender uma velha máquina de impressão – disse Giovânni. – Pede duas mil liras – acrescentou.

– E então? – perguntou o amigo, devorando com avidez uma colherada de polenta.

– Era bom se eu a pudesse comprar. Quero montar uma tipografia por minha conta. Já percebi que a trabalhar por conta de outros não há maneira de ganhar dinheiro.

– Tu continuas a ter nos olhos aquela barcaça que transportava rolos de papel para impressão – brincou Ângelo. – Pois bem, ainda vamos ter de trabalhar mais três anos para atingir essa quantia – calculou.

– O Sr. Motta vai vendê-la agora, e não daqui a três anos insistiu o rapaz. – Será que tu consegues arranjar um empréstimo no banco?

Ângelo pareceu reflectir sobre aquela proposta. – Nunca me vão dar mil liras. E depois, raciocina. Se queres uma máquina tipográfica, precisas de ter também um sítio para a pores. E arrendar um espaço fica caro.

Giovânni não replicou. As objecções do amigo eram pertinentes. Porém, sentia que aquele era o caminho a seguir e o instinto dizia-lhe que em breve alguma coisa ia acontecer e modificar o curso da sua vida.

Tinha umas tranças brilhantes e negras. O rosto era branco e redondo. A boca vermelha e pequena como um morango. E os olhos grandes, escuros e doces. Chamava-se Veralda. Era a única filha do Sr. Motta.

Chegava ao meio-dia à tipografia, mandada pela mãe, transportando o cesto que continha o almoço para o pai e para os operários: pão de centeio, queijo e vinho aguada.

Ao sábado havia uma fatia de carne para cada um.

Por cima do vestido trazia um grande avental de algodão às flores e calçava umas chinelas com a parte de cima em cetim e umas meias de algodão branco.

Giovânni observava de soslaio o tornozelo fino que surgia ao fundo da saia comprida e ela, que tinha quinze anos, lançava-lhe olhares assassinos. Porque aquele jovem operário era uma flor. Alto, magro, com um rosto severo iluminado por um olhar muito azul, tinha traços aristocratas, e Veralda imaginava-o vestido de oficial do exército, porque achava que o avental de fustão cinzento imposto pelo pai não lhe fazia justiça.

Quando chegava a Primavera, os operários sentavam-se nas escadas, fora da tipografia, e ali almoçavam. Ela servia primeiro o pai e depois, um a um, os outros operários.

Ele era o último.

– Muito obrigado, signorina Veralda – dizia Giovânni ao receber a sua parte do almoço.

– Não tem de quê, signor Giovânni – respondia ela, baixando o olhar sombreado por umas longas pestanas escuras.

Sentia-se atraído pelo pescoço branco e esguio da rapariga e por aquele volume que adivinhava por baixo do peito do avental.

O patrão e os outros operários reparavam naquele jogo de olhares, mas não diziam nada.

Um dia, em vez de Veralda apareceu a signora Motta, a mãe. Ninguém comentou, mas era claro que o patrão queria pôr fim àquelas maliciosas trocas de olhares.

Giovânni trabalhava com ar taciturno. Está-se mesmo a ver, pensou, que estou apanhado por ela. E experimentava aquele sentimento como uma fraqueza indigna da sua pessoa.

à noite adormecia a pensar em Veralda e de manhã ia trabalhar perguntando a si mesmo se naquele dia teria a sorte de a voltar a ver. Mas as suas esperanças eram regularmente frustradas.

Um domingo resolveu dar uma volta nas proximidades da tipografia, porque tinha a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, a rapariga havia de sair para ir à missa e assim, às escondidas, poderia olhar para ela à vontade.

E viu-a. Os senhores Motta saíram de casa com Veralda e com a avó. A rapariga estava mais pálida do que de costume e caminhava ao lado da mãe, com o olhar pousado no chão. Giovânni sentiu apertar-se-lhe o coração.

Aquilo não era um capricho. Era amor.

Na segunda-feira seguinte, ao fim do dia, demorou mais um bocado a acabar o trabalho, de forma a que todos os operários fossem saindo e ficasse apenas o patrão na tipografia.

– Preciso de lhe falar – começou, atrapalhado, tentando aclarar a voz.

– Vamos lá ouvir – disse o homem, com ar severo. Já sabia onde o rapaz queria chegar.

– Queria pedir-lhe autorização para conversar com a sua filha – disse, maldizendo-se por não saber encontrar as palavras certas para apresentar o seu pedido de forma conveniente.

– A resposta é não. Não te dou autorização – respondeu o homem, olhando-o pela primeira vez, ao fim de dois anos, desde que o conhecia, com má vontade.

– Eu sei muito bem que não estou à altura da sua filha – admitiu Giovânni com humildade. – Ainda não – acrescentou. E prosseguiu: – Mas prometo-lhe que um dia a hei-de cobrir de ouro, a signorina Veralda.

– Então espera por esse dia para fazeres o teu pedido – concluiu Motta, com um sorriso de compaixão. – Agora trata de trabalhar. Tens dezassete anos, a boca ainda suja do leite da tua mãe e, pelo que me parece, a cabeça cheia de fantasias.

Naquela noite, em vez de regressar a casa, Giovânni seguiu o caminho de Bottonuto. Entrou naquelas vielas sujas, repletas de miséria, subiu a escada malcheirosa de uma casa velha e bateu à porta de Angiolina.

Angiolina não tinha ainda trinta anos. Giovânni nunca estivera antes com nenhuma mulher, e conhecia-a só por ter ouvido os outros operários falarem dela.

– Eu tenho dinheiro – disse, assim que ela abriu a porta.

Angiolina tinha uma cabeça grande, com os cabelos despenteados, um corpo que se adivinhava robusto por baixo da camisa branca, e uma voz rouca quando falou para lhe dizer: – Acho bem. Eu não dou nada de graça.

Depois ficou a observá-lo da cabeça aos pés, aprovando-o com um meio sorriso. Giovânni respirou um cheiro sensual de pó-de-arroz e de cama. Sentia o coração na garganta.

– É a primeira vez, não é? – perguntou ela.

Giovânni engoliu em seco, envergonhado por ter de o admitir.

– Vieste bater a boa porta – disse ela, mais mansa. – Vais ver como gostas; não é para me gabar, mas sou uma pessoa que faz o seu trabalho com seriedade. E depois não vou com qualquer um precisou, enquanto começava a despejar água de um jarro de ferro esmaltado para dentro de uma bacia branca. – Agora despe-te, e depois anda aqui para eu te lavar.

Naquele momento, Giovânni sentiu vontade de fugir; mas Angiolina, para além de prostituta, era

também boa psicóloga, e percebeu bem o seu estado de espírito. Aproximou-se dele e começou a despi-lo com a ternura de uma mãe. Ele respirava o perfume do seu corpo e deixava-a actuar.

– Oh, meu Jesus! Foi generoso contigo, o bom Deus! – exclamou a mulher, quando viu manifestar-se o desejo do rapaz. – Então

não é que havia nesta cidade um rapaz com esta graça de Deus e eu não sabia – sorriu, admirada. Depois empurrou-o em direcção à cama e disse: – Agora fica sossegado.

Não penses em nada e deixa isto comigo.

No fim, pegou com relutância no dinheiro que Giovânni lhe deu. – Não sei se te fiz um favor a ti, ou se foste tu que me fizeste um favor a mim. Mas podes vir quando quiseres, mesmo sem dinheiro. Palavra de Angiolina. – Ao regressar a casa, Giovânni pensou: Ora bem, agora já não sou um menino com os lábios sujos de leite. Agora sou um homem e como homem tenho de começar a agir.

No dia seguinte, quando se apresentou na tipografia, o patrão chamou-o e disse-lhe: – Tens aqui uma carta de recomendação. Nesta casa, como bem entendes, não podes continuar a trabalhar. E tenho pena, porque és um óptimo operário.

– Eu também tenho pena – replicou Giovânni, sem pestanejar. – E agradeço-lhe por tudo aquilo que me ensinou. Mas os meus propósitos em relação à sua filha não mudaram.

Eu vou voltar. E da próxima vez já não me vai dizer que não.

Angiola Camurati tinha sido encaminhada para a prostituição por uma mãe cautelosa que gostava muito dela. Chamava-se Amalia e era uma profissional conscienciosa.

Conhecia o direito e o avesso daquele ofício, mas à filha, que via desabrochar forte e perfumada como uma flor, quis ensinar também a moralidade daquela profissão, antiga como o mundo. – Chamam-nos mulheres de má vida – dizia-lhe –, e têm razão. Porque muitas de nós fazem as coisas muito mal. Uma prostituta honesta deve estar sempre de boa saúde e, quando não está bem, deve evitar qualquer contacto com o cliente. Mas deve também ter a certeza de que ele é saudável e por isso deve sempre lavá-lo e observar com atenção o instrumento, que deve ser liso e brilhante, compacto e enxuto. Uma prostituta honesta nunca se deve apaixonar, nem fazer o seu trabalho por prazer, mas apenas por dever. Amor é dor. Uma prostituta honesta arranja a sua clientela e conserva-a bem, comportando-se correctamente para não roubar ninguém.

Uma prostituta honesta não pinta a cara, lava-se todos os dias e mantém à distância percevejos, piolhos e pulgas. Lembra-te de confiar a Deus, todas as noites, a tua alma, e de não seres avara de esmolas. Finalmente, não deves ir para a rua chamar os clientes, mas deves deixar que sejam eles a vir ter contigo. Manda-os embora se estiverem bêbedos ou sujos, ou se forem demasiado velhos, porque só te iam arranjar problemas. E não tenhas medo de que estas limitações todas te limitem também a clientela. Um serviço bom e discreto é a melhor propaganda.

Amalia Camurati morreu aos cinquenta anos de febre reumática. Apagou-se na sua cama, assistida por Angiolina, que guardou aqueles ensinamentos como um tesouro.

Giovânni Rovesti, apesar de ser muito novo, apercebeu-se de que aquela mulher, até aí desconhecida, o podia ajudar. Tinha intuído as suas qualidades e a sua inteligência sensata. Por isso, uma noite foi ter com ela, levou-lhe de prenda um xaile de lã e passou com ela a noite inteira.

– Minha Angiola, minha Angiolina, preciso que me faças um grande favor. Se calhar até mais do que um. E não podes pedir dinheiro. Pelo menos, ainda não. Prometo-te que vais sair de Bottonuto em breve, muito em breve, e que vais ter um apartamento na via San Damiano, e uma empregada, e uma carruagem só para ti disse Giovânni, enquanto lhe acariciava os seios.

Estavam na cama, depois de uma noite de amor, exaustos e felizes. Para estar com o rapaz, que lhe proporcionava ondas de calor e vibrações entre o coração e o cérebro, a mulher tinha recusado muitos

clientes. Agora escutava-o e punha a funcionar as antenas da suspeita.

– Estou a ouvir – disse, olhando em volta naquele pobre quarto que era todo o seu reino e do qual, no entanto, era dona: a cama, as duas cadeiras, a cómoda e o banco, o aquecedor de ferro fundido, as painéis de alumínio e as chávenas de porcelana, o bacio de louça, o jarro e a bacia de ferro esmaltado, e espelho lapidado e uma mesa onde nunca faltava alguma coisa de comer. Naquele momento, aquelas promessas fabulosas deixavam-na confusa.

– Tens de te vestir à senhora, sem arrebiques nem pinturas, e pentear esses cabelos mal arranjados para ires jantar comigo esta noite. Vamos ter um conviva muito importante e tens de ser simpática com ele – explicou-lhe.

– Simpática até que ponto? – indagou. – E essa pessoa quem é?

– É o vereador Comozzi. Uma pessoa muito influente. Ele vai fazer-me um favor e eu far-lhe-ei outro. Vai fazer-me uma encomenda para que eu imprima para a Câmara de Milão tudo o que for avisos e decretos. E tu... bem, já percebeste – acrescentou.

– Claro que percebi, seu filho da puta. Eu sou uma mulher livre e tu queres usar-me como moeda de troca. Muito obrigada,

não aceito – respondeu ela, agressiva, ao mesmo tempo que o tirava da cama e o ameaçava com a mão. – Eu sou uma mulher nesta. Aqui dou e aqui recebo. E tu queres que eu me ofereça em troca de promessas: vais ver... vais fazer... vais ser... – protestou, mais indignada consigo própria do que com Giovânni.

– Angiola, Angiolina querida – disse ele, a sorrir, daquela maneira irresistível que lhe derretia o coração e lhe forçava a vontade – Tu tens o dom da inteligência e, portanto, raciocina. O vereador Comozzi é um homem importante. É ele quem decide a que tipografia é que se entrega tudo aquilo que a Câmara tem para imprimir.

Até este momento foi a empresa tipográfica Stucchi e Ceretti que fez esse trabalho: anúncios, manifestos, comunicados e notificações. Uma montanha de trabalho, Angiolina, que tu nem imaginas. E um lucro enorme, mesmo praticando preços dez por cento mais baixos dos da Stucchi e Ceretti. Eu preciso daquela encomenda, percebes? Basta um sim do vereador Comozzi e eu pago as minhas dívidas todas e fico rico. Quanto à maneira de o fazer dizer que sim, minha Angiolina, és tu que tens de pensar nisso.

– Assim, quando ficares rico, podes sempre dizer que deves a tua fortuna a uma como eu – disse ela, com ironia, mas já vencida.

Agora é minha. Paguei-a por inteiro e é minha, a "romanina". – Giovânni ria-se, com um riso infantil que o transportava aos anos da primeira infância, quando era um menino rico e mimado.

Abraçou Ângelo e Angiolina. – São vocês os meus anjos disse, enquanto abria com cuidado uma garrafa de champanhe, a primeira da sua vida.

Ângelo Gelmi tinha tido também a sua parte na concretização daquela operação. O banco, de facto, não confiando em Giovânni Rovesti, tinha-lhe emprestado o dinheiro directamente a ele que, na qualidade de empregado muito estimado, apesar de ser ainda jovem, não deixaria de liquidar pontualmente a dívida, tanto mais que, todos os meses, lhe era retirado do vencimento metade desse valor.

Agora, finalmente, aquela estupenda máquina tipográfica adquirida pela firma Nebiolo de Turim estava ali, na sala da meia cave de uma casa popular na via Dante, a mesma onde os dois rapazes continuavam a viver, num regime de rigorosa economia.

– Sabes o que te digo, Ângelo? – acrescentou o rapaz, enquanto servia o champanhe no copo que o amigo lhe estendia.

– Sofri tanto nestes meses por causa da dívida que contraí que, juro por Deus, não quero contrair mais dívidas para o resto da minha vida.

– Fazes mal! – respondeu Ângelo, que tinha uma mentalidade diferente. – Estás a ver como foi útil teres-te endividado? Sabes

quantos anos ias ter ainda de economizar para poderes ter a tua "romanina"? As dívidas, ou algumas dívidas, dão jeito – concluiu, erguendo o copo para brindar com ele e com Angiolina.

– Eu não ando a estudar contabilidade – justificou-se Giovânni, referindo-se aos cursos nocturnos que Ângelo frequentava com grande sacrifício e sucesso. Queria subir alguns degraus no banco, que pretendia favorecer os jovens de talento.

– Lembras-te do romance sobre os três mosqueteiros? Estudámo-lo no colégio – disse Ângelo.

– Claro que me lembro. Alexandre Dumas, um dos meus autores preferidos – respondeu Giovânni.

– Pois olha, a mim parece-me que nós somos os três mosqueteiros. Um por todos e todos por um! – declamou Ângelo, erguendo o copo.

– Tenho muita pena de quebrar o encanto deste brinde, mas tenho mesmo de vos deixar, rapazes. O meu Comozzi está à minha espera – disse Angiolina que, em poucos meses, tinha sofrido uma transformação radical. Agora usava um corpete de varas, uma saia comprida com uma ligeira cauda, uma camisa de colarinho alto e apertado, cheia de rendas e pregas, um casaco de lã com uma grande gola e um chapéu de aba larga. Estava bonita e elegante. E sabia-o. Atirou-lhes um beijo com a ponta dos dedos e desapareceu.

– Está a ficar com ar de cocotte – comentou Ângelo.

Mas Giovânni já tinha o pensamento em outro lugar. – Quero imprimir os romances de Dumas – declarou. – Foste tu que me deste essa idéia, quando falaste dos três mosqueteiros. Não há direitos de autor, e aquilo que ganhar é tudo meu. Já estou a ver a capa: Alexandre Dumas, Os Três Mosqueteiros, Giovânni Rovesti Editores.

– Tem cuidado, Giovânni. Precisas de o mandar traduzir, porque a tradução que existe não te pertence. E depois, quando estiver impresso, não é como com os teus papelinhos, que metes num carro e entregas. Tens de o distribuir nas livrarias, e não só nas de Milão – avisou o amigo.

Mas ele, Giovânni Rovesti, seguia agora aquela idéia e não se deteria perante nenhuma dificuldade. Ângelo pensava e ele sonhava.

– Vai ser precisa uma marca, um sinal, um símbolo que distinga a minha edição das outras. Agora levantei voo e, como uma andorinha, não pouse na terra até ter atingido a minha meta.

Porém, foi a guerra que veio interromper o seu voo. Giovânni teve de partir para a frente.

Também Ângelo foi obrigado a ir para a guerra. Mas quando regressou encontrou ainda o seu lugar no banco, para além de uma promoção facilitada por uma medalha de mérito. Giovânni, porém, teve de recomeçar do zero.

Recordava ainda as palavras do Presidente da Câmara socialista, Caldara, pronunciadas na véspera da sua partida para a frente: "Na vida dos povos, a guerra é a maior tragédia, maior do que as iras incoercíveis da Natureza no mar, no ar e nas vísceras da Terra. Ela exige um rito de seriedade e de reflexão. "

Giovânni teve três anos para reflectir e tratar seriamente de salvar a vida.

Regressou a Milão em Novembro de 1918 e, enquanto a cidade delirava pelo fim vitorioso de um grande massacre, Giovânni abraçou Ângelo, que tinha sido ferido pouco depois do início do conflito e declarado inválido. Encontrou-se com ele e com Angiolina na cave da via Dante. Havia três homens a trabalhar.

– E estes quem são? – perguntou Giovânni aos dois amigos.

– São os teus operários – respondeu a mulher, que não conseguia conter a alegria. – Enquanto tu combatias, eu tentei pôr a funcionar a tua "romanina". – Entregou-lhe um registo. – Estão aqui as contas das despesas e dos lucros.

– E aqui está o movimento bancário do teu capital – acrescentou Ângelo, entregando-lhe uma pasta.

– Vocês estão a dizer-me que, enquanto eu pensava estar a zero, a minha tipografia continuou a trabalhar? – Giovânni estava estupefacto.

– Foi ela – disse Ângelo, enquanto apontava um dedo acusador na direcção de Angiolina. Não tinha sido publicado nenhum livro, mas imprimiam-se a um ritmo intenso naquela oficina prospectos publicitários, rótulos para vinhos e licores, capas de discos e cartazes para os teatros.

– Angiola, Angiolina querida! – Giovânni abraçou-a, comovido. Não conseguia acreditar que aquela mulher, que até há poucos anos tinha exercido com dignidade a profissão mais antiga do mundo, no bairro mais sórdido da cidade, tivesse de repente revelado um tal talento empresarial.

– Mas dá uma vista de olhos às contas. Fiel ao meu princípio de não fazer nunca nada por nada, vais ver que me recompensei a mim própria. Espero que estejas de acordo com o meu pagamento mensal – disse-lhe.

– Pagaste-te um bom salário – disse ele, em tom de brincadeira, ao verificar as contas. Depois acrescentou: – Aconteça o que acontecer, vais continuar a recebê-lo enquanto eu viver. – E cumpriu a promessa. Quando se tornou um nome importante no mundo editorial, Angiolina foi a primeira de uma longa lista de pessoas a quem Rovesti enviava um cheque mensal. Cada uma dessas pessoas tinha uma história que, de uma forma ou de outra, se tinha cruzado com a sua. Mas ele nunca deu explicações a ninguém. Eram assuntos particulares.

– Eu não sou rico, mas acho que tenho finalmente direito a uma casa e a roupa decente – disse depois, dirigindo-se a Ângelo.

– Quanto posso gastar?

– Não muito, uma vez que a Angiolina encomendou uma nova máquina tipográfica – respondeu o amigo. – Para já, vais ser meu hóspede. Tenho um apartamento na via Orefici e há lugar para ti.

No dia seguinte, lavado e vestido com roupas novas, Giovânni saiu com uma meta bem definida: a casa do tipógrafo Motta. Não tinha esquecido Veralda e estava mais decidido do que nunca a pedi-la em casamento.

Atravessou a piazza dela Scala. Era a hora do aperitivo, e em frente ao Cova paravam as carruagens das senhoras elegantes, que

aproveitavam aquele intervalo para se encontrarem com os amigos no célebre café.

Foi então que viu Angiolina descer de uma carruagem puxada por uma soberba parelha. Segurava pela trela um galgo de olhar lânguido.

Ela viu-o e sorriu-lhe. – Onde é que vais, assim tão engravatado? – brincou, com um ar frívolo.

– É um segredo. Ainda me vou permitir este dia de férias respondeu. – Mas tu é que não me disseste nada de ti. Ainda estás como Comozzi?

– Isso é uma história acabada. Agora sou a amiga do conde Mapelli – sussurrou-lhe com ar de cumplicidade. – Ontem não tive tempo de te falar sobre isso. Anda jantar hoje a minha casa. Agora moro na via Borgospesso – disse-lhe, estendendo-lhe a mão enluvada para que lha beijasse.

Giovânni ficou a olhar para ela, encantado, enquanto ela entrava pela porta do café Cova.

Comprou então um grande ramo de cravos da Riviera numa florista da via Santa Margherita e depois foi tocar à porta do seu velho mestre e patrão.

Foi o próprio Sr. Motta quem veio abrir.

Giovânni, embaraçado, tirou o chapéu para o cumprimentar.

– Estou aqui, Sr. Motta, por causa daquela conversa que tivemos há alguns anos, a propósito da signorina Veralda – começou.

– Entra – convidou ele, e desta vez não o olhou de lado, como tinha acontecido no último encontro.

– Trouxe estas flores para a sua esposa – disse, estendendo-lhe os cravos.

A mulher do tipógrafo foi ao encontro dele, a limpar as mãos no avental. – Giovânni! Que belo homem te fizeste! Quantos anos tens? – perguntou.

– Vinte e três, minha senhora – respondeu. Olhava em volta, a procura da rapariga de tranças negras que lhe tinha roubado o coração.

– Se estás à procura da Veralda – disse o Sr. Motta, – ela não está cá.

– Casou-se há um ano – disse a mãe. E ao dizer isto tinha uma certa tristeza no olhar.

O sino da igreja espalhou o toque da ave-maria. Giovânni afastou a cortina da janela do quarto e olhou para baixo, para o pátio deserto. Estava ansioso e impaciente.

Tinha-se submetido a uma cuidadosa toilette usando, pela primeira vez na vida, uma água-de-colónia, como o barbeiro lhe tinha aconselhado.

Durante a tarde tinha descido por duas vezes para recomendar à porteira que deixasse o portão entreaberto, para que a senhora não precisasse de tocar. A mulher não conseguiu reprimir um sorriso de cumplicidade; tinha-lhe passado a ferro com muito cuidado a camisa que ele ia vestir naquela ocasião, engomando punhos e colarinho.

Verificou também se a sala estava em ordem.

Giovânni tinha comprado flores frescas, que ela colocara nos móveis e em cima da mesa. E havia também vermute num tabuleiro, com uns pequenos cálices de cristal, e docinhos de massa de amêndoa.

Quando as badaladas do sino, espalhando-se no ar, se apagaram na melancolia do fim de tarde e ele, do seu posto de observação atrás dos vidros, não a viu chegar, sentiu-se invadido pela angústia. Ela não ia aparecer. Sabia-o, sentia-o. Recordou o primeiro encontro, quando se apresentou à frente dela no momento em que ia a sair de casa de manhã para fazer as compras do dia.

– Giovânni! – exclamou, com aquela voz tão doce que parecia um acorde de harpa. Reconheceu-o imediatamente, apesar da grande mudança operada pelos anos e pela nova situação económica.

Ele segurou entre as suas a mão que ela lhe estendia e beijou-a, sentindo um delicado perfume de alfazema.

– Por que te casaste? – perguntou-lhe imediatamente. Voltava a vê-la ao fim de tantos anos e achava-a ainda mais bonita. As tranças negras tinham dado lugar a um penteado volumoso que lhe emoldurava um rosto suavíssimo e triste. Tornara-se ainda mais desejável. A sua boca de morango fechou-se num sorriso pálido.

– Porque o meu pai decidiu assim – explicou.

Giovânni sabia que Veralda se tinha casado com um homem importante, proprietário, com mais dois irmãos, de uma grande indústria têxtil no Norte. Moravam em Milão, em todo o primeiro andar de um palácio em Foro Bonaparte.

– Eu queria-te para mim.

– Eu sei – respondeu, corando. – Eu também te queria.

– Ainda te quero – disse ele, devorando-a com aqueles olhos azuis que lhe faziam ferver o sangue. – Podias ter-te oposto censurou-a.

– Ele é muito rico. Era isso que o meu pai desejava para mim – justificou-se.

– Eu vou tornar-me num homem muito mais rico do que ele.

– Não podemos fazer nada. Calhou assim, Giovânni. Tenho pena. Nem tu sabes quanta – suspirou.

– Há alguma coisa que não vai bem? – perguntou-lhe. Sentia que havia qualquer coisa de errado

naquela união. Tinha-o pressentido pela expressão da signora Motta e ainda se apercebia melhor naquele momento, nos olhos tristes de Veralda.

– Agora vamos ter de nos despedir. E é melhor não nos voltarmos a ver – rematou ela, evitando responder às perguntas daquele lindíssimo homem apaixonado.

Mas não considerou a pertinácia de Giovânni Rovesti. Ele arranjou maneira de voltar a encontrar-se com ela e, aos poucos, ao longo de muitas semanas, a verdade veio à tona.

– Eu ainda sou virgem, como no dia em que me casei – acabou por confessar Veralda, muito corada, certa vez em que ele a surpreendeu a passear no parque com um cachorro pela trela.

– Impotente? – Giovânni sentia-se ofendido e feliz ao mesmo tempo.

– Impotente – anuiu Veralda..

– Temos de consultar um advogado imediatamente. Veralda isso é a nossa sorte! Anulas o teu casamento e podemos casar-nos os dois.

– O meu marido não vai consentir. E se fosse obrigado a aceitar, era capaz de se vingar. É um homem que me mete medo.

– Eu sei perfeitamente que ele tem relações importantes e que nos podia fazer mal. E também tenho medo. Tenho sempre medo. Já te tinha dito isso? Tenho medo desde que era pequeno, quando me arrancaram de minha casa para me meterem num colégio, e tive medo na guerra, de cada vez que tinha de combater. Também tenho medo agora.

Mas nós vamos conseguir.

Desde que tinha começado o processo para a anulação do casamento, Veralda encontrava-se raramente com Giovânni, e sempre às escondidas, porque o marido a mandava seguir.

Foi obrigada a sofrer interrogatórios humilhantes por parte dos advogados, que exigiram até uma consulta ginecológica para atestar a sua virgindade. Entretanto, tinha voltado a viver com os pais.

Naquele tranquilo domingo de Primavera, Giovânni esperava a sua visita, a primeira depois de muitos dias, e temia que tivesse acontecido alguma coisa que a impedisse de ir ter com ele.

– vou ter contigo à hora da ave-maria – prometeu ela. Giovânni morava num pequeno apartamento na via del Gesù.

Tinha-o arrendado pouco tempo antes e mobilado o melhor que pôde, empenhando todo o seu capital na aquisição de uma sede com mais prestígio para a sua nova editora.

A nova sede ficava num pequeno edifício perto da Porta Venezia. A meia cave era inteiramente ocupada pela tipografia, enquanto o rés-do-chão funcionava como depósito e armazém. No primeiro andar ficavam os escritórios. Entre funcionários e empregados, tinha quinze pessoas a trabalhar para ele. Mas em breve precisaria de contratar mais pessoal, porque o trabalho aumentava constantemente. Quando tivesse possibilidades para isso, compraria também uma casa.

Ângelo Gelmi tentou convencê-lo a pedir um empréstimo ao banco para a comprar imediatamente, mas ele opôs-se. – Eu jurei. Nunca mais contraio dívidas. – Conhecendo-o como o conhecia, não insistiu.

– Estou aqui, Giovânni – disse Veralda, agarrando-o pelos ombros.

Ele estremeceu. E virou-se para olhar para ela.

Tinha à sua frente uma senhora, meiga, fantástica, com o rosto tapado por um véu. Giovânni apertou-a nos braços. – Não te vi chegar – disse.

E com os dedos que lhe tremiam levantou o véu e tirou-lhe o chapéu. Veralda sorria-lhe.

Ele despenteou-lhe os cabelos e cobriu-a de beijos. Ela escondeu o rosto no ombro dele e, encostando-lhe os lábios ao ouvido, murmurou: – Finalmente, podemos.

Giovânni sentiu um arrepio. – Podemos mesmo? – perguntou, ainda receoso de lhe fazer algum mal.

Esperavam por aquele momento havia meses.

– A impotência do meu marido foi finalmente comprovada e a minha virgindade garantida com carimbos e assinaturas ilustres em páginas e páginas de actas – garantiu-lhe.

Assim, naquele sereníssimo fim de tarde de Primavera, Veralda tornou-se sua mulher.

Passaram ainda dois anos antes que a anulação do vínculo conjugal se consumasse. E nesses dois anos aquele amor, feito de encontros clandestinos, cresceu desmedidamente.

Ninguém, nem mesmo os pais de Veralda, sabiam da sua ligação com o jovem editor.

Uma vez em que Giovânni, não resistindo ao prazer de lhe dar um presente, lhe ofereceu um alfinete de ouro e rubis em forma de borboleta, teve de se aconselhar durante muito tempo com o ourives antes de fazer aquela escolha, porque aos olhos dos outros não podia parecer uma jóia, mas apenas um artigo elegante de bijutaria requintada.

Depois Veralda ficou grávida.

– Há quanto tempo é que sabes? – perguntou Giovânni.

– Há uma semana. E não conseguia arranjar coragem para te dizer – admitiu ela.

– Temos de casar imediatamente – decidiu Giovânni.

– Eu só estou livre há duas semanas. Vão dizer que armámos esta confusão...

– Podem dizer aquilo que quiserem. Eu agora vou casar contigo. Este nosso filho tem de ter os mesmos direitos de todas as crianças: em primeiro lugar, um pai e uma mãe casados como deve ser.

Foi um casamento celebrado de madrugada, quase às escondidas, na presença de um sacerdote amigo. As testemunhas foram o Sr. Motta, que agora estava satisfeito por dar a mão da filha a Giovânni, e Ângelo Gelmi, que ofereceu aos noivos um fantástico automóvel Fiat azul, último modelo, o 519 de quatro lugares.

Giovânni comprou uma casa, um grande apartamento no corso Venezia, oferecendo a Veralda um fundo ilimitado para o decorar.

Ângelo tinha passado a director do Banco del Monte e Giovânni, como se não lhe bastasse ser editor, tinha adquirido uma grande loja, na mesma rua, que transformou em livraria. A primeira livraria Rovesti e a mais bonita da cidade.

No casamento esteve também Angiolina Camurati, que agora toda a gente tratava por Titti e que tinha conquistado um lugar no mundo frívolo dos salões. Estava com o conde Mapelli que, pelo amor que lhe tinha e pela recente viuvez, se considerava agora seu namorado oficial. E ela, Titti, tinha a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, acabariam por se casar.

Assim, umas horas depois, encontraram-se todos para o copo-d'água em casa de Giovânni e Veralda, e os dois companheiros de colégio e a ex-prostituta evocaram os tempos passados.

– Lembram-se dos três mosqueteiros? – disse Ângelo que, apesar de ser ainda jovem, começava a ganhar alguma barriga.

– Aos três mosqueteiros! – exclamou Angiolina, erguendo a taça de champanhe.

– Posso saber a que é que estão a brindar? – perguntou Veralda, cujo olhar ia ficando cada vez mais lânguido devido à maternidade incipiente.

– à noiva – respondeu Giovânni, dando-lhe um beijo. Nunca na sua vida contaria à mulher a verdade sobre a sua história com a bela Titti.

– Sr. Rovesti, está ali uma senhora à sua procura – anunciou um criado, contratado pouco antes.

– Eu hoje não estou para ninguém – disse o editor. Não queria ser desmancha-prazeres naquele clima alegre e feliz.

– A senhora insiste. Está à espera na entrada.

Foi assim que Giovânni se deparou, na sua bela casa, com a tia Maria Oldani. Tinha envelhecido e

ostentava um olhar suplicante. Giovânni levou-a para uma pequena sala e fechou a porta.

– O que se passa, tia? – perguntou, indo directamente ao assunto.

– Tens de nos ajudar. És a última pessoa a quem eu pensava dirigir-me em caso de necessidade. Para dizer a verdade, nunca na minha vida, antes deste momento, pensei que alguma vez ia precisar de alguém. Mas, da maneira que as coisas estão agora, só tu nos podes salvar – disse.

Giovânni não conseguiu sentir nenhuma alegria perante aquele acto de submissão. – Explique-se – pediu-lhe, recordando a bondade severa do tio, a quem devia as mensalidades do colégio e muitas pequenas liras de prata que tinham sido o seu primeiro, pequeno tesouro.

– Trata-se do meu filho, do Onofrio. Encheu-se de dívidas confessou ela.

Voltou-lhe à idéia a tipografia do Sr. Motta e a participação de casamento com a signorina Teresa Lovati.

A tia contou-lhe a triste história de um filho irresponsável que, apesar daquele casamento precoce, não ganhara juízo. Pelo contrário, tinha entrado em partidas perigosas nas mesas de jogo e também nos bastidores dos café-chantant, delapidando o seu património e o da mulher.

– Se tu não nos ajudares, temos de vender o armazém de tecidos para podermos pagar as dívidas.

Uma vez, muitos anos atrás, quando era ainda um rapazinho, tinha dito ao tio: "Eu hei-de pagar todas as minhas dívidas." Pois bem, a sorte colocava-o perante o seu compromisso.

– Sossegue o tio – disse, para a confortar. – Diga-lhe que fale com o meu advogado – acrescentou, entregando-lhe um cartão de visita. – Ele tratará de resolver o problema.

O primo foi interditado. Giovânni pagou todas as suas dívidas e nunca deixou que o tio, mesmo quando restabeleceu a sua vida, lhe restituísse o dinheiro.

– Que Deus te abençoe e te dê toda a felicidade que mereces – disse-lhe o tio Ettore quando tudo se resolveu.

E tudo levou a crer que o bom Deus tivesse satisfeito aquele desejo. Porque, sete meses depois do casamento, Veralda deu à luz uma fantástica menina, a quem deram o nome de Maria Carlotta.

Veralda chorou as lágrimas exaustas de todas as parturientes e Giovânni comoveu-se. Maria Carlotta era linda, lindíssima. E crescia como uma flor. Veralda era uma mulher fantástica e uma mãe maravilhosa. E Giovânni tornava-se cada dia mais importante.

Quando Maria Carlotta fez três anos, Giovânni comprou na via Serbelloni um palácio do século dezanove. Tinham-se instalado poucos dias antes quando a menina adoeceu.

Um mês depois morreu de poliomielite.

A seguir tiveram mais dois filhos: António e Anna. Mas nenhum lhe fez cantar o coração como Maria Carlotta.

Quando ia já avançado nos anos e o filho teve uma menina da segunda mulher, Giovânni encontrou nos traços daquela criança lindíssima uma extraordinária parecença com a sua primeira filha. Quis que se chamasse Maria Carlotta, e preferiu-a a todos os outros porque, tal como a sua menina, era terna e doce e fazia-lhe lembrar Veralda.

1975

Estavam todos sentados em volta da grande mesa de carvalho, uma mesa de jantar de tampo maciço que combinava perfeitamente com o resto da sala, austero e elegante.

Nas paredes brancas sobressaíam alguns retratos a óleo onde figuravam homens de rosto severo. Olhando bem para esses homens, havia uma certa semelhança entre eles e o notário, Aristide Visentini, que estava sentado à cabeceira e presidia à reunião dos herdeiros Rovesti.

Visentini era o último representante de uma família de notários e o seu escritório, na via del Giardini, em Milão, tratava havia muito tempo dos interesses de Giovânni Rovesti. Visentini era da idade de António, o filho mais velho do editor; tinham frequentado juntos o Liceu Parini, quarenta anos antes. Agora aproximavam-se ambos dos sessenta anos. Enquanto o notário era um homem satisfeito, em perfeita forma, e disfarçava bem a perseguição dos anos, António, que estava sentado à sua direita, tinha sido primeiro um rapaz frustrado e depois um homem infeliz. Agora apresentava o aspecto de um velho maltratado que arrancava com dificuldade em direcção ao fim dos seus dias, atacado por um número impreciso de doenças e, sobretudo, por uma inexistente vontade de viver.

O pai, o grande Giovânni Rovesti, tinha morrido dois dias antes, e António decidira já o seu próprio futuro: deixar a editora em boas mãos, e, portanto, mais fortes do que as suas, e retirar-se para o palácio de Veneza, a dois passos da Vendramin Calergi, onde ficava o casino, o seu último vício que não era sequer muito secreto.

Tinha uma grande dificuldade em manter quaisquer relações com as pessoas, e o desejo de lutar na editora tinha enfraquecido ao longo dos anos, até acabar por desaparecer.

A herança paterna dar-lhe-ia a possibilidade de viver à sua maneira durante o tempo que lhe restasse.

Maria Carlotta estava sentada entre ele e Sônia. Tinha sido imposto à menina um vestido de tafetá preto que a tornava mais triste, enquanto o tailleur de linho negro sublinhava a beleza agressiva da mãe, Sônia, que tinha sido uma manequim de sucesso e era uma das mulheres mais belas e mais faladas nos salões importantes.

Aos trinta e seis anos conseguia ainda ostentar um físico extraordinário e os seus cabelos, acobreados e fartos, emolduravam um rosto belíssimo. Trazia nas orelhas uns brincos de pérolas negras e diamantes, e umas pérolas idênticas acariciavam-lhe o pescoço comprido e fino. Usava um perfume intenso e muito caro que tinha adoptado nos anos da primeira juventude, quando vivia louca de amor por Giulio de Bros, que não queria saber dela. Desde aí trazia-os aos dois na pele: a recordação de Giulio e aquele perfume.

Aquela essência tão intensa incomodava Pietro Rovesti, que estava sentado ao lado de Sônia. Pietro acabava de fazer trinta anos e era filho de António e de Federica Franci, a primeira mulher.

Pietro tinha ficado sempre muito ligado à mãe, ao mesmo tempo que nutria por Sônia uma espécie de intolerância que raiava o desprezo. Em frente a eles estava Anna, a segunda filha do editor desaparecido. Herdara do pai uma vontade de ferro.

Também Anna Rovesti detestava Sônia, a intrusa; na verdade, detestava tudo e todos e tinha arranjado uma alcunha para cada um: Sônia era a pega e Maria Carlotta a pequena bastarda, porque nascera quando o irmão estava ainda casado com Federica. António era Einstein. O sobrinho Pietro, o licenciado; havia também um enorme desprezo nesta última atribuição. Não se salvava nem sequer o marido, o Eng. Franco Falconeri, que estava sentado ao seu lado. Tinha sido despromovido de engenheiro a mestre-de-obras. Anna já se esquecera das loucuras que fizera para conseguir casar com ele quando era um dos homens mais bonitos e mais brilhantes de Milão; ele acabou finalmente por capitular pelo cansaço, e também para viver tranquilo até ao fim dos seus dias encostado à fortuna dos Rovesti.

Dos juízos cortantes de Anna salvavam-se, com alguma dificuldade, Patrizia, a filha mais velha, e Giovânni, o mais novo. Eram dois óptimos filhos, esmagados pelo autoritarismo materno, que tinha feito da rapariga uma dona de casa e do rapaz um empresário falhado.

Todos os herdeiros Rovesti estavam reunidos em volta daquela mesa para ouvir a leitura do testamento do velho editor. O notário começou a ler com uma voz clara as palavras que o avô tinha escrito pelo seu punho, no seu próprio papel de carta, uma semana antes de morrer.

"com este testamento disponho assim os meus bens: deixo a editora aos meus dois filhos, António e

Anna, em partes iguais... E a eles deixou igualmente o palácio de Milão da via Serbelloni. "

A família escutava distraidamente as disposições testamentárias que seguiam exactamente a repartição de que sempre se tinha falado. Não havia alterações substanciais.

A reserva de caça era atribuída ao neto Giovânni e a villa de Stresa à sua irmã Patrizia, ambos filhos de Anna Rovesti e de Franco Falconeri. O iate Capriccio e a villa de Porto Rotondo cabiam a Pietro. A Sônia e António era destinado o palácio de Veneza, enquanto que à última, muito amada neta, tocava a sua "romanina", a máquina tipográfica que marcara o início da fortuna de Rovesti.

Esta doação simbólica, há muito tempo anunciada, era interpretada como uma bizzaria do velho, que sempre atribuía àquela máquina um valor particular.

Sônia já imaginava festas luxuosas na moldura mundana da cidade que mais amava: Veneza. Anna tinha em mente um plano para expulsar do palácio da família aquele inútil irmão António. Pietro pensava nos convidados poderosos que poderia levar a bordo do Capriccio. António, com a sua vocação de renúncia, perguntava apenas a si mesmo onde teria o pai arranjado a força para escrever páginas e páginas de testamento a uma semana do fim.

"Todas as jóias da minha mulher Veralda" – continuava o documento, "serão divididas em partes iguais, conforme a avaliação que delas fizer o joalheiro Roberto Cortesini, entre a minha filha Anna e a minha nora Sônia. com excepção do conjunto de turquesas e brilhantes, que deixo à minha ex-nora Federica Franci, mãe de Pietro, a qual receberá também um oitavo das obrigações depositadas no Banco de Crédito... "

O notário prosseguia a leitura do testamento, onde eram também lembrados com um livro, um quadro ou uma quantia em dinheiro, amigos conhecidos e desconhecidos, parentes, empregados e muitas outras pessoas que os herdeiros nunca tinham ouvido mencionar. E, para cada um, Rovesti tivera um pensamento afectuoso.

Enquanto o notário lia, Pietro recordou a última reunião de família, no sábado de Páscoa. Estavam já no fim do almoço. O criado serviu o champanhe com a sobremesa.

O velho ergueu o copo e fez um brinde, sorridente.

– Brindo a todos vós, bando de cabrões. Refiro-me aos machos, como é evidente. – O velho sorria com ar de vencedor.

Fez-se silêncio na sala de jantar, e os criados retiraram-se discretamente. – A mim já não me resta muito tempo para viver, mas devo dizer-vos que, devido à vossa ambição e à vossa superficialidade, séreis capazes de fazer em pedaços tudo aquilo que eu construí com tanto esforço. – à volta do velho cruzaram-se olhares cheios de ódio no mais absoluto silêncio. – Mas não se aflijam muito. Por muitos desastres que provoquem, e vão ser muitos quando eu já cá não estiver, não vão conseguir desbaratar tudo aquilo que eu edifiquei.

Levou o copo aos lábios, bebeu um trago e foi acometido por um ataque de tosse.

António, Pietro e Giovânni esperaram que fosse um enfarte, até porque os destinatários da invectiva eram claramente eles próprios. Não precisaram de esperar muito.

O velho morreu a meio do mês de Agosto. Finalmente, tinham as mãos livres. Poderiam reestruturar a empresa e torná-la a editora líder na Europa, ou pelo menos era essa a ilusão que tinham criado.

– Nove de Agosto de mil novecentos e setenta e cinco. Segue-se a assinatura: Giovânni Rovesti – concluiu o notário, fechando a pasta que continha o testamento.

à excepção de Maria Carlotta, que estava a fazer um colar com os agrafos contidos numa caixa de plástico que encontrou em cima da mesa, todos os interessados se tinham apercebido de que o testamento não fazia referência à parte mais consistente da herança: mil biliões de liras depositadas num banco suíço, em Lugano.

Anna Rovesti levantou-se de um salto, interpretando o pensamento de todos eles. – E os mil biliões?

– perguntou, olhando em volta para ter a certeza de que todos entendiam a importância daquela pergunta.

Giovânni, Patrizia, Sonia, António e Pietro dirigiram ao notário Visentini uma muda, desesperada invocação, esperando uma resposta, enquanto Maria Carlotta continuava a enfiar uns agrafos nos outros.

O notário encolheu os ombros e abanou a cabeça. – Não sei o que dizer. Aqui – indicou o documento, – não há qualquer referência a isso.

– Mil biliões – interveio Pietro, com um ar seguro. – E seriam divididos em partes iguais entre o meu pai e a tia Anna.

– Giovânni Rovesti nunca fez nada por acaso – disse Anna, agitada, continuando em pé. – Não me venham dizer que foi um banal esquecimento.

– Podem contactar o banco onde essa importância está depositada – aconselhou o notário.

Eram seis horas da tarde do dia dezassete de Agosto, e o banco estava fechado.

Seguiram-se telefonemas ansiosos à procura do director, que estava de férias e foi localizado com dificuldade.

Era já noite quando o batalhão dos herdeiros Rovesti saiu do escritório do notário, na via del Giardino. Maria Carlotta ergueu os olhos ao céu e reparou que as estrelas estavam mais brilhantes e mais próximas. Parecia-lhe que lhe piscavam o olho, galhofeiras, como fazia o avô quando exprimia os seus juízos cortantes sobre os membros da família. Estava cansada e aborrecida e sentia uma grande vontade de ficar sozinha. Foi a primeira a entrar no luxuoso automóvel dos pais que, tal como os outros, não se esforçavam por esconder o desapontamento e a raiva impotente.

De manhã, durante o funeral, tinham mostrado a toda a gente a sua dor por aquela "perda irreparável", com uma expressão composta e cheia de dignidade, adaptada às exéquias solenes.

Agora a consternação era autêntica e profunda: os mil biliões tinham desaparecido, uma fortuna que se desvanecera no vazio.

As pesquisas sumárias da tarde tinham revelado que o capital fora transferido de Lugano para o Panamá. Isso acontecera dois

anos atrás quando o avô exercia ainda a sua actividade. Do Panamá, os mil biliões tinham partido para o Union Bank, em Londres" mas nunca láh chegaram. Volatilizaram-se entre o Panamá e a Inglaterra.

Maria Carlotta, por amor de Deus, vê se te consegues lembrar. Só estavas tu em Milão com o avô. Antes de morrer. Foi ele que te quis aqui. Lembras-te? Alguma coisa deves ter visto. Ou ouvido. Deve ter falado contigo. Deve ter-te dito alguma coisa.

Sônia estava ajoelhada ao lado da cama da filha, a implorar um sinal, uma palavra ou, pelo menos, um mínimo de participação. Vestia ainda o tailleur de linho preto.

As pérolas de Kyshu tinham a macieza brilhante de um desejo. Maria Carlotta gostava das pérolas da mãe, não pelo seu valor intrínseco, mas pela luz que emanavam.

A família tinha regressado a casa umas horas antes. Os criados esperavam para servir o jantar e a menina fora literalmente capturada por Silia, que lhe tinha mandado servir a refeição no quarto. Maria Carlotta atirou-se às costeletas, comeu uma boa quantidade, recusou a salada e encheu-se de gelado de morango. Recusou-se a tomar banho e enfiou-se imediatamente na cama a ver um programa de desenhos animados transmitido por um canal privado. Da sala de jantar, que ficava exactamente por baixo do seu quarto, no rés-do-chão, chegavam até ela as vozes excitadas dos parentes.

Destacava-se do coro a voz estridente da tia Anna; também Pietro e Giovânni se faziam ouvir. De vez em quando chegava-lhe igualmente a voz da mãe. Maria Carlotta pensou que deviam estar a discutir sobre o desaparecimento de todos aqueles biliões, um drama que não a tocava.

De repente, distinguiu a voz do pai num "Chega!" gritado com toda a força. Pouco depois reconheceu o som dos seus passos no corredor do andar de cima, seguido pelo tic tic inconfundível das sandálias de

salto alto da mãe, que estava agora ajoelhada ao pé da cama dela, a suplicar uma palavra ou um sinal.

Maria Carlotta olhava-a em silêncio e sentiu-se envolvida por uma neblina aveludada e sombria. Pensava nos poemas que gostava de escrever, nos que lia, recordou a cintilação das estrelas no céu. Essas eram as coisas importantes para ela. A família era uma realidade que não lhe dizia respeito. Não se reconhecia naquele grupo, que sentia estranho e distante dela.

Tinha experimentado apenas um ligeiro mal-estar pela morte do avô. Agora sentia-se incomodada com a presença da mãe, que tinha interrompido o seu programa preferido para a obrigar a falar dos biliões do avô, um assunto que para ela não tinha qualquer significado.

– Por favor, Maria Carlotta, diz-me alguma coisa. – Sônia tinha os olhos cheios de lágrimas. Não era tanto o mutismo da filha que a feria, mas o seu olhar hostil e cheio de desprezo.

Ninguém ignorava que Maria Carlotta tinha ido com o avô à editora no feriado de 15 de Agosto. Sabia-se que Giovânni Rovesti tinha conversado durante muito tempo com a neta predilecta, mas ela não tinha nada para dizer. Ou não queria falar.

– Lá em baixo, na sala de jantar – lamentou-se Sônia –, estão todos convencidos de que o avô te revelou um segredo. Se sabes alguma coisa, por que não falas comigo?

Eu sou a tua mãe.

O perfume de Sônia provocava na pequena um ligeiro sinal de perturbação, que evocava recordações distantes, recuperadas nas zonas mais profundas da memória e que se dissolviam imediatamente. Permanecia, porém, um profundo sentimento de solidão e de abandono.

Daquela névoa de veludo emergia uma sequência que lhe provocava uma imensa dor: a mãe debruçada sobre ela e, logo a seguir, de costas, a sair do seu quarto em bicos de pés, deixando-a sozinha com a Menina.

– A minha menina – dizia Maria Carlotta, – tem a cara escura e as mãos ásperas e pesadas como madeira tosca.

Mas gostava da sua Ina, ignorante e severa: preferia-a sempre à desagradável solidão. Se chorava, a Ina fechava-a no quarto de vestir, às escuras, onde a sua imaginação produzia sombras assustadoras que a aterrorizavam. Então aninhava-se no chão, dobrava-se sobre si própria e deixava de chorar, petrificada pelo medo. Quando a Ina abria a porta, derramando no interior uma cascata de luz, Carlotta seguia-a, dócil como um cachorro.

Muitas vezes a mãe voltava a meio da noite, ou com a primeira luz da manhã, e passava por ali para lhe dar um beijo, deixando no quarto aquele perfume pelo qual a menina sentia uma repulsa instintiva. Se ia ter com ela durante o dia, esperava que a deixasse só rapidamente, para se abandonar, sem que ninguém a incomodasse, às suas meditações, que lhe permitiam refugiar-se numa total indiferença, sem emoções e sem sofrimento.

– O que é que se passa? – perguntou Sônia.

– É o teu perfume – respondeu, sem a olhar nos olhos.

– O que tens, minha pequenina? O que foi? – insistiu Sônia.

– É que a tua presença me incomoda. O teu perfume faz-me dores de cabeça. – Tinha uma voz agradável, segura, e rejeitava a mãe, pela qual se sentia rejeitada. Mas não sentia dor. Tinha voltado a cair na sua apatia.

– Estás a falar com a tua mãe – disse Sônia, sentida.

– Por isso tento ser sincera – respondeu a sorrir.

Havia qualquer coisa no olhar de Maria Carlotta que lembrava a Sônia ela própria quando era criança. Também ela tinha sentido a mesma aversão pela mãe, mas nunca tinha ousado dizer-lho. No entanto, ontem como hoje, continuava a achar que estava do lado da razão. Mas que infância tinha sido a

sua? Não tinha nada e desejava tudo, enquanto Maria Carlotta tinha tudo e não desejava nada.

Levantou-se com dificuldade, com o olhar oblíquo de quem recebeu um murro no estômago. Recolheu os pedaços do seu autocontrolo, que na verdade não era muito, e disse: – Amanhã voltamos a falar sobre isto, está bem? – Aquela filha indecifrável escondeu a cabeça por baixo da almofada. Era um sinal inequívoco. Fosse o que fosse que lhe perguntasse naquele momento, Maria Carlotta não responderia.

Sônia não pensava agora nos mil biliões do sogro, volatilizados na transferência do Panamá para Londres, e dos quais esperava

uma parte substancial, mas sim na vulnerabilidade daquela filha distante de tudo e de todos, impenetrável e hostil.

– Boa-noite, minha filha – disse baixinho.

Maria Carlotta não respondeu. Sônia ia sair do quarto quando reparou que, pousada na alcatifa cor-de-rosa, havia uma pasta preta. Pegou nela. Era pesada. Observou-a à luz do candeeiro; era uma pasta Gucci que só podia ser aberta por quem conhecesse a combinação.

– E isto o que é? – perguntou.

– É do avô – respondeu Maria Carlotta de debaixo da almofada. Depois corrigiu: – Era do avô, foi ele que ma deu.

Sônia corou, esperando que naquela pasta houvesse uma pista relativamente a todos aqueles biliões.

– Sabes abri-la?

– Não sei.

– Posso levá-la? – Estava decidida a verificar o seu conteúdo.

– Se quiseres – disse a pequena.

Sônia apagou a luz e saiu com a pasta. Anna estava em frente à porta.

– Estás sempre a bisbilhotar – disse Sônia, agressiva.

Anna Rovesti, não era segredo para ninguém, bisbilhotava e remexia por todo o lado; nem sequer os cestos de papéis escapavam às suas inspecções. Interceptava as conversas telefónicas e desconfiava de toda a gente. E toda a gente tinha medo dela. Apenas Sônia lhe fazia frente.

– Estou em minha casa e posso bisbilhotar o que me apetecer e onde quiser – declarou, assumindo uma atitude de desafio. – Não te esqueças de que eu sou uma Rovesti.

Tu és apenas uma hóspede – provocou Anna.

Sônia tinha menos vinte anos do que ela e era muito mais bonita. Anna olhou para a cunhada com o rancor acumulado ao longo dos anos e que só agora, morto o pai, ousava manifestar abertamente.

Sônia observou o rosto de Anna, sulcado por uma apertada rede de rugas, mais evidentes nas zonas em que os músculos faciais tinham perdido força. Comparou a sua própria beleza intacta com a da cunhada, que aparentava mal os seus cinquenta e cinco anos,

e constatou, mais uma vez, a parecença de Anna com o pai, Giovanni Rovesti. Esta reflexão enterneceu Sônia, que tinha gostado do sogro com um afecto substancialmente sincero e baseado numa estima recíproca.

– Eu sou uma Rovesti – repetiu Anna.

– Mas isso não te autoriza a chatear mais do que a conta – replicou, com uma brutalidade que não admitia réplicas.

– Assim já te reconheço. E reconheço as tuas raízes. Finalmente és tu própria.

– Vai directa ao assunto – pediu Sônia.

– Essa pasta de onde veio? – perguntou-lhe. Sônia tinha duas alternativas: ou mandá-la àquela parte, com o resultado de provocar uma discussão, ou aceitar o confronto, que não excluía arrogância e golpes

baixos. Deixou a cunhada perplexa com um sorriso luminoso.

– Estiveste a bisbilhotar, por isso já sabes de onde veio. Vamos ter com o António. Esta pasta foi entregue pelo pai à Maria Carlotta. O António há-de arranjar maneira de a abrir.

António estava no quarto do pai e soluçava sentado na cama. Não era a primeira vez que Sônia o via chorar. No entanto, continuava a sentir um íntimo mal-estar perante as lágrimas daquele homem, aparentemente forte, que em tempos tinha acalentado o projecto de se tornar um grande homem de negócios.

– Podemos voltar noutra altura. Ou então encontramos-nos na sala, mais tarde – propôs ao marido.

– Não – interveio Anna com brutalidade. – Temos de falar agora. Aqui. Imediatamente. – Arrancou literalmente a pasta das mãos da cunhada e pousou-a na cama. – Abre-a – disse ao irmão.

Sônia explicou brevemente ao marido como tinha chegado à posse da pasta.

– É da pequena... Se o pai lha deu a ela... – hesitou António, – não é correcto; se calhar não devíamos... – balbuciou, indeciso como sempre.

António não tinha nada em comum com Giovânni Rovesti. E nem sequer se parecia com a mãe, a dinâmica Veralda, mulher

enérgica e determinada que reservara toda a sua ternura para o papel de esposa e de mãe.

António nunca se deixara verdadeiramente envolver no trabalho da empresa familiar. Assim que entrou na editora, decidiu que antes queria sofrer do que lutar. Faltavam-lhe garra e vontade. No organigrama da empresa era editor-chefe. Na realidade, tratava-se apenas de um cargo formal. Por isso se sentiu aliviado quando o filho, Pietro, e o sobrinho, Giovânni Falconeri, manifestaram o desejo de assumir cargos de responsabilidade.

Anna pegou num abre-cartas que estava em cima da mesa ao lado da cama. – Abro-o eu, este objecto misterioso – decidiu.

– E como ninguém sabe a combinação de uma tal charada, vamos rebentar com esta maldita fechadura.

A operação resultou ao fim de várias tentativas. A mala abriu-se e revelou o seu conteúdo: duas pesadas chaves inglesas, polidas e brilhantes.

– O que é que isto significa? – perguntou Anna, lívida, olhando alternadamente para o irmão e para a cunhada, que estavam imobilizados pelo espanto. – E a tua filha não sabe nada, como é evidente – acrescentou, furiosa. Tinha agarrado numa das chaves inglesas e agitava-a, ameaçadora, por baixo do nariz de Sônia.

Sônia levou uma mão à boca na tentativa de conter uma gargalhada que mesmo assim irrompeu, jovem, sincera e libertadora.

Anna olhou-a, perplexa, e por um momento pensou que a dor pode causar reacções imprevisíveis.

António, que tinha ainda os olhos inchados de lágrimas, foi contagiado pela gargalhada da mulher e deixou também escapar um ruidoso ataque de riso.

– O que é que tem assim tanta graça? – sibilou Anna, furibunda.

– O nosso pai era realmente um grande homem – reconheceu António. – As brincadeiras dele deixavam marca. Mas desta vez superou-se a si próprio. Eu acho que, se é que de lá de cima se consegue ver alguma coisa, também ele está a dar umas gargalhadas loucas.

Anna começava a aperceber-se da situação e os seus pequenos olhos azuis pareciam ter aumentado com a surpresa.

– Tu achas que estas chaves inglesas estão de alguma forma ligadas ao desaparecimento dos mil biliões de liras? – Tinha perdido toda a carga agressiva e, pela primeira vez, parecia deprimida.

– Eu não sei, mas estamos perante uma caça ao tesouro ou, se preferires, um enigma de difícil

interpretação – concluiu António.

– Quem sabe se algum dia vamos conseguir decifrá-lo. Mas talvez já cá não esteja quando isso acontecer. E o que acontecer depois de mim deixa-me completamente indiferente.

– Anda, vamos embora – interveio Sônia, estendendo-lhe uma mão. Sentia uma grande piedade por aquele homem abúlico e acabado que vivia ao seu lado.

Sônia voltou a fechar a pasta depois de ter arrumado dentro dela as duas chaves inglesas.

– Isto é da minha filha – afirmou com decisão –, e sou eu que a vou guardar.

Sônia não conseguia sequer vagamente imaginar o nexu que podia existir, se é que existia, entre as chaves inglesas e os mil biliões. Mas queria para si a pasta e o seu conteúdo, antes de mais para causar despeito à cunhada. E, a julgar pelo olhar que esta lhe lançou, percebeu que tinha acertado no alvo.

1988

Florio! Florio! – gritou o Dr. Michele Profumo, enquanto abanava furiosamente uma folha azulada de papel de carta. A voz de barítono, cheia de fumo e de névoa, ultrapassou o espaço exíguo do gabinete, no quarto andar do Palácio da Justiça e, através da porta engordurada de madeira escura, penetrou na sala ao lado onde o secretário, Antonino Florio, tinha acabado de tomar o segundo café do dia. Estava a saborear um cigarro na santa paz, enquanto passava os olhos pelos títulos do seu jornal favorito.

Aquele já quer que eu comece mal o dia, pensou, dobrando o jornal enquanto aspirava avidamente aquilo que restava do cigarro, arriscando-se a queimar os lábios e os dedos. Antonino Florio abandonou a secretária, barreira intransponível de papéis, e entrou no gabinete do magistrado. Mandou para trás todos os insultos que lhe vieram à cabeça. Tinha sido incomodado no momento mais sagrado do dia, quando faltavam ainda dez minutos para o início do horário de trabalho.

– Aqui estou, doutor – disse, ao mesmo tempo que empurrava para cima os óculos de lentes bifocais que tendiam a escorregar-lhe para a ponta do nariz comprido e adunco como o das bruxas.

O jovem magistrado Michele Profumo, vestido com algumas Pretensões de elegância, olhava para o secretário, que pertencia à velha escola e tinha passado a vida inteira entre poeira e papéis amarrotados, acabando por ficar, ao longo do tempo, todo cinzento, da ponta dos cabelos à ponta dos pés.

– O que vem a ser isto? – berrou, enquanto agitava o papel azulado como se fosse uma bandeira.

Florio olhou com um ar imperturbável aquele homem jovem cheio de furores, e comentou: – A carta anónima do costume suponho.

– Resposta exacta – respondeu o outro, irónico. – Mas eu gostava de saber quando é que esta história vai acabar – acrescentou, ao mesmo tempo que dava na fórmica verde da mesa uma pancada tão violenta que fez estremecer os vidros sujos da janela.

O sol de Março, coado pelo nevoeiro matinal e pelos vidros que não eram lavados há um tempo imemorial, encontrou uma abertura, revelando a poeira iridescente que iluminava uma ficus beniamina, que entristecia no suposto cache-pot de plástico branco a imitar porcelana.

O secretário observou aqueles pontinhos luminosos que rodopiavam como um pequeno universo e, por um instante, perguntou a si próprio se também naquela constelação dourada existiria vida. Mas a vida real era naquelas salas com os bons, os maus, polícias e ladrões, ricos e pobres, réus e juizes que pretendiam um atendimento fora de horas ou uma resposta impossível a uma pergunta idiota.

– Então? – perguntou o magistrado, que continuava a abanar a folha de papel azulado. Berrar com o secretário era o seu modo de reagir quando tacteava no vazio de uma investigação sem ver solução nenhuma.

Florio não queria guerra, porque estava convencido de que ninguém ganha as batalhas. Não devia pronunciar-se sobre grandes questões, nem afrontar problemas de vida ou de morte. Devia pura e simplesmente encontrar uma resposta aceitável que agradasse ao magistrado. – às vezes são as cartas anónimas que nos indicam o caminho certo – sentenciou. E depois esperou pela reacção do seu superior.

Michele Profumo, felizmente, ficou mais calmo, sentou-se à secretária e dedicou um longo olhar àquele maldito papel.

– É a última de uma longa série – recordou.

– As cartas anónimas, neste país, são um desporto nacional generalizou o secretário que, em tantos anos, as tinha visto de todas as cores e feitios.

– Claro, é verdade – admitiu o Dr. Profumo.

As mensagens anónimas a que se referia eram todas rigorosamente iguais: o mesmo texto, papel idêntico, a mesma grafia, uma letra de imprensa trémula. O informador anónimo tinha feito a sua aparição depois de o magistrado ter começado a investigação sobre a situação da editora Rovesti e sobre o desaparecimento dos mil biliões de liras.

Florio pegou no papel que o magistrado lhe estendia e leu o texto: "Por que insistem em não interrogar Maria Carlotta Rovesti? É a única que conhece a verdade. "

Maria Carlotta tinha dezassete anos quando o império do avô foi sacudido por uma tempestade de dívidas. Ela, como todos os herdeiros, achou-se de um dia para o outro sem nada nas mãos. A partir desse momento, começara para os Rovesti um calvário de interrogatórios, de investigações patrimoniais, de convocatórias. Tinham passado treze anos sobre a morte do velho e a história, em vez de esmorecer, tinha-se complicado posteriormente.

No momento da falência, Maria Carlotta não tinha sido envolvida no processo por ser menor. Posteriormente não foi ouvida porque era completamente estranha aos acontecimentos.

Agora que os Rovesti tinham perdido a editora e cedido grande parte das propriedades para pagar as dívidas, Maria Carlotta era uma peça ainda menos importante do que antes. Então, por que razão, durante meses, o magistrado continuava a receber a mesma carta anónima que solicitava o interrogatório da rapariga?

O Dr. Profumo hesitava em convocá-la com base numa acusação anónima, porque um amigo íntimo dos Rovesti lhe tinha falado da sua frágil personalidade.

– É uma rapariga inocente e atormentada – disse-lhe. – Ouve-a apenas se não te restar alternativa, mas não te esqueças de que ela tem um equilíbrio psicológico precário.

Se puderes, não fales com ela.

Tinha sido o professor Giulio de Bros, insigne jurista e seu professor de Direito na Universidade, a dar-lhe aquele conselho. A integridade moral do docente nem se punha em questão. Tinha-se falado muito dele no tempo em que tivera uma história de amor com Sônia Rovesti, segunda mulher de António e mãe de Maria Carlotta.

Giulio de Bros passara, havia algum tempo, os sessenta anos mas continuava a ser um homem cheio de fascínio, por quem muitas alunas se apaixonavam. Nunca se tinha casado, e aquela opção de vida suscitara bastantes mexericos. As vozes mais insistentes defendiam que estava ainda ligado a Sônia, com quem tinha tido aquela história que remontava à primeira juventude dela. Mas era apenas um mexerico.

– Então? – perguntou o secretário, segurando no ar o papel da missiva.

– Então, vou juntá-la às outras – decidiu Profumo, pegando na carta e enfiando-a na terceira gaveta da secretária, dentro de uma pasta de plástico. – Qual será o próximo passo? – perguntou depois, dirigindo-se ao homem cinzento e indiferente que tinha à frente.

– Esperar – sugeriu Florio, com um desinteresse gelado.

às vezes o magistrado sentia uma espécie de inveja em relação àquele colaborador que tinha, havia muito tempo, a cor da burocracia. Seguiu escrupulosamente as disposições recebidas e nunca se deixava envolver. Entrava na vida das pessoas para delas registrar o bem e o mal com uma segurança fria, e catalogava os factos. Para ele, a herança Rovesti, e o facto de treze anos antes ter suscitado tanto clamor, era um assunto absolutamente desprovido de interesse. No entanto, o mistério dos mil biliões desaparecidos depois da morte do velho era apaixonante. O magistrado recordou algumas histórias de tesouros escondidos: decididamente, os tesouros não têm nada a ver com o nosso tempo, pensou. Acreditava sinceramente nos interesses políticos, nos golpes baixos, nos conluios económicos, nas manobras sujas e nas vinganças sórdidas.

Mas não nos tesouros escondidos.

– Sendo assim, voltamos ao ponto de partida – concluiu Profumo.

– Parece que sim.

– Esperava que me desse uma opinião. Uma possível chave de interpretação.

– E se a jovem Rovesti soubesse, de facto, onde foram parar os mil biliões do avô?

O magistrado arregalou os olhos. Finalmente, Florio exprimia uma opinião.

– Talvez – continuou – tenha confessado a alguém. Tentar não custa nada.

O magistrado estava cada vez mais espantado.

– Tanto mais que agora já não se trata de uma menina – notou.

Michele Profumo só conhecia Maria Carlotta através das reportagens fotográficas realizadas primeiro no funeral do avô e depois no do pai. Em ambas as ocasiões aparecia entre o irmão, Pietro, e Sônia, aquela mãe lindíssima. As imagens mostravam uma rapariga igualmente bonita, com uma classe inquestionável, e seguramente infeliz.

– Inocente e atormentada – comentou o magistrado. – Vamos mandar uma comunicação para Veneza. A seguir, com as devidas precauções, vamos ouvi-la.

– Uma pega! És uma grandessíssima pega! – gritou Sônia e Para Sublimar a autenticidade do seu desprezo e a profundidade da sua raiva, atingiu-a ao mesmo tempo com uma estalada que a fez cambalear. Carlotta levou uma mão à face esbofetada e sentiu a ardência do gelo. Não era aquele gesto violento, aquela agressão inesperada que a fazia sofrer. Era o veneno que a mãe tinha colocado naquela invectiva: juíza impiedosa e obtusa que não tinha em conta a psicologia de Maria Carlotta, os seus tormentos.

A rapariga dedicou à mãe um sorriso amargo. – Vejam lá de que púlpito vem o sermão – replicou, com uma voz que mal se ouvia. – Nunca te terias casado com o meu pai se não fosses a pega que és – acrescentou.

A mulher passou as mãos pelos cabelos longos e ergueu os olhos para observar a filha que, pela primeira vez, aos vinte e três anos, com uma síntese vulgar mas seguramente eficaz, dizia aquilo que pensava dela.

Maria Carlotta deixou-se cair na cadeira estofada por baixo da grande janela que dava para a calle del Rosa. O tráfico no Canal Grande produzia um ruído incomodativo.

Era a primeira vez que respondia à letra, pois normalmente deixava andar. Mas aquela bofetada provocara nela uma reacção imprevista. Maria Carlotta sabia que o elemento que tinha desencadeado a cólera materna não fora o anuncio da sua gravidez, mas o facto de o pai ser Maxi Solman, "fotógrafo inteligente" e incompreendido que se aguentava com

alguma dificuldade, traduzindo esporadicamente em imagens sofisticadas a filosofia de alguns jornais de prestígio.

– Vais ter de abortar – sentenciou Sônia.

– Nem pensar nisso – desafiou a filha.

E naquele momento tinham partido para os insultos e a estalada. Tinha passado uma semana depois daquele dia e Maria Carlotta recordava aquela cena desagradável enquanto a gôndola a transportava para a outra margem.

A rapariga observou a fachada do antigo palácio Mazzon, a sua casa, que se espelhava, trémula, nas águas encrespadas pelo vento e pela passagem dos vaporetti. Apesar de alguns dos proprietários anteriores terem efectuado restauros pouco apropriados, o edifício, com aquelas bonitas janelas em ogiva, constituía ainda um esplêndido exemplo de arquitectura gótica, enriquecida no exterior pelos arcos do pátio do primeiro andar, muito semelhantes aos do palácio Ducal. Giovânni Rovesti tinha-o adquirido no início dos anos cinquenta, tinha-o restaurado e deixara-o em herança a Sônia. Mãe e filha tinham-se instalado definitivamente no palácio Mazzon depois da morte de António Rovesti, cinco anos antes. Era uma residência rica de história e de histórias: desde Alvisè Mazzon, que o construíra, a Sônia Brenna Rovesti, a actual proprietária.

Maria Carlotta observava aquela bela casa que vinha ao seu encontro, demonstrando sinais de uma nova degradação. A porta de água estava a apodrecer, os degraus do pequeno embarcadouro começavam a afundar. A humidade do nível da água subia até ao primeiro andar. E a degradação exterior era só um pálido reflexo da interior, onde os pavimentos entortavam, os estuques esfarelavam e os preciosos frescos iam desbotando sob o mofo dos séculos. Para pôr o palácio em condições era preciso aquele enorme capital que os Rovesti tinham perdido em pouquíssimos anos numa louca empresa editorial.

Quando o velho Rovesti morreu, deixou uma herança que compreendia, para além da editora, casas, palácios, terrenos e importantes participações em diversas empresas espalhadas pelo mundo. Em poucos anos, tudo foi perdido.

A única que no meio daquele desastre conservara intacta a herança do avô era mesmo ela, Maria Carlotta, até porque a máquina tipográfica que o avô lhe deixara tinha um inestimável valor simbólico, mas nenhum valor intrínseco.

Agora a "romanina" estava ali, no vestíbulo do palácio Mazzon: bela, luzidia e inútil.

Coitado do avô, pensou Maria Carlotta, deixou-me o seu fetiche, o seu amuleto, a raiz do seu império.

Regressava a casa depois de ter acompanhado Maxi, o namorado, ao piazzale Roma. Ele tinha de ir a Milão, onde conseguira um trabalho fotográfico para a Style, uma das mais prestigiadas revistas de moda. Ela queria ir com ele, mas ele não quis. – vou estar fora uns dias. Ligo-te assim que chegar. – E despediu-se bruscamente.

Maxi era um americano extravagante, cheio de comportamentos caprichosos que Maria Carlotta considerava divinos, até porque ele era muito bonito.

Andavam juntos havia quase um ano e ela considerava-se em pleno direito a sua companheira. Foi o primeiro homem da sua vida.

Ele rira-se como um louco perante a virgindade da rapariga. Ela deixou-se amar: da primeira vez, dominada pelo medo do sexo, mas em seguida atraída por aquela relação agradável, que a fazia sentir-se menos só e menos assustada.

– Pega! – O insulto da mãe continuava a queimá-la. Maria Carlotta considerava que a mãe era uma mulher que olhava os homens e as coisas essencialmente sob o ponto de vista patrimonial. O aspecto físico, a sensibilidade e a inteligência eram elementos secundários. O génio pelintra não lhe agradava.

Quando chegaram ao outro lado, o gondoleiro estendeu-lhe a mão para a ajudar a descer. A rapariga percorreu o passadiço até à margem, apertando nos ombros a capa de lã verde debruada a raposa. E chegou rapidamente à rua estreita que ladeava o palácio Mazzon.

Era o fim da tarde. O toque dos sinos espalhava-se no ar. Maria Carlotta estava só e sentia-se caminhar à beira de um abismo, atraída e assustada por aquela vertigem que a chamava. Virou a esquina, percorreu o caminho de pedra que atravessava o jardim e entrou no vestíbulo do palácio, onde pairavam os últimos raios do sol poente. Sentou-se no banco que estava encostado à parede da entrada. No encosto de madeira pintada sobressaía o brasão dos Mazzon. Estava exausta e o seu coração galopava como um cavalo enlouquecido.

No centro do átrio, a "romanina" do avô era a patética testemunha de um naufrágio que tinha transferido para novos patrões, mais hábeis e menos sonhadores, a editora Rovesti que, num tempo muito breve, voltara ao activo.

De repente, Maria Carlotta sentiu-se observada. Ergueu os olhos e apercebeu-se de que havia ali duas pessoas que estavam a olhar para ela. Eram um homem e uma mulher, cujas silhuetas se desenhavam em contraluz no arco de acesso à escadaria de mármore.

Ela era jovem, loira, engraçada e provavelmente americana.

Ele era velho, elegante e seguramente arquitecto, pelo menos a julgar pela roupa, inspirada num refinado e dispendioso estilo informal.

A última jóia do património Rovesti ia mudar de dono. Sônia, depois de ter vendido as peças mais importantes da decoração e grande parte das jóias para tentar a fortuna que sistematicamente lhe fugia nas mesas do casino, estava agora a vender o palácio inteiro, já carregado de pesadas hipotecas. O desconhecido aproximou-se dela.

– Signorina Rovesti, suponho – disse com uma delicadeza melada, cruzando o seu olhar com o de Carlotta, gélido. Depois, indicando a mulher que estava ao lado dele, acrescentou: – Mrs. Teddy Reinhold. Gostava de a conhecer. Tem sérias intenções de adquirir este palácio...

Maria Carlotta interrompeu o monólogo do presumível arquitecto voltando-lhe as costas, após o que se dirigiu à escadaria num passo rápido. O desastre da família Rovesti deixava-a indiferente. A perda daquele palácio, pelo contrário, transtornava-a. No corredor do andar de cima encontrou Silia, a velha criada da mãe.

– Onde é que está a mãe?

– No cabeleireiro – respondeu a mulher, solícita.

Um clássico da Sônia, pensou a rapariga. Caminhavam para a ruína total, e a mãe não arranjava nada melhor para fazer do que ir ao cabeleireiro.

– Há sempre os mil biliões do teu avô – repetia a mãe, com a Certeza de que, mais cedo ou mais tarde, o dinheiro acabaria por

aparecer. E esta convicção fornecia-lhe um álibi para aquelas despesas loucas e para as perdas no casino.

Maria Carlotta entrou no quarto, atirou-se para cima da cama e chorou. – Mãe – sussurrou –, por que é que nunca estás quando eu te procuro?

Levantou-se, tirou a capa e olhou em volta. Aquele quarto cheio de florzinhas e pequenas nuvens rosadas nunca lhe tinha pertencido, mas era o seu quarto. Havia uma casa de banho, uma sala e um escritório. Durante quanto tempo seria ainda dela aquele apartamento pequeno e tranquilo no palácio Mazzon? Era a única realidade à qual se sentia ligada, um refúgio, uma toca onde se sentia protegida. E tinha tanta necessidade de certezas, para ela e para a criatura que trazia no ventre. Um filho dela, concebido com amor. Mas o pai, Maxi Solman, depois de ter brincado com os seus sentimentos mais intensos e mais profundos, tinha-a deixado só. Toda a gente a tinha abandonado, nem sequer Maxi estava ao seu lado no momento em que tinha mais necessidade de ajuda. Sempre fora assim. Onde estavam todos os amigos de outros tempos, pródigos de presentes e de afecto? Tinham-se dispersado como um bando de pássaros assustados. Criara-se um vazio à volta dela: ministros, actores, gente da finança, da sociedade,

armadores e empresários, mulheres ricas e lindíssimas, homens fascinantes e cultos, tinham-se eclipsado todos. Ela e a mãe eram uma jangada à deriva. E, no entanto, Sônia comportava-se com um optimismo insano, continuando a viver a mesma vida de sempre.

Maria Carlotta estendeu a mão em direcção ao telefone e marcou um número de Roma. Atendeu Pietro, o irmão, com a voz empastada pelo álcool.

– Estiveste outra vez a beber – constatou, já que conhecia bem o vício do irmão.

– Irmãzinha – respondeu ele, ao reconhecê-la. Havia vinte anos de diferença entre eles e ela, mais do que um irmão, considerava-o um pai.

– Pietro – disse, a chorar –, estou na fossa.

– Se é que isso te pode consolar, também eu estou na mesma incómoda situação.

A rapariga riu-se no meio das lágrimas. – Escolhi a pessoa certa – disse. – Podemos fazer uma associação.

– Agora já te reconheço – replicou ele.

Pietro Rovesti, depois de ter sido o jovem editor mais importante de Itália, e um dos primeiros da Europa, tinha perdido tudo na tentativa de realizar projectos colossais com uma superficialidade infantil, mas aconselhado por colaboradores ávidos que souberam abandonar o barco antes da tempestade. Em poucos anos perdeu tudo, incluindo as filhas e a mulher, que se apressou a abandoná-lo depois da catástrofe. No entanto, arranjou forças para recomeçar.

– A minha mãe vai vender o palácio – anunciou Maria Carlotta. – Não temos nem mais um tostão.

– A tua mãe até era capaz de vender a alma. Se a tivesse. Nunca tinha havido um bom relacionamento entre Pietro Rovesti e Sônia Brenna, a segunda mulher do pai.

O que nunca o impedira de considerar Maria Carlotta como uma verdadeira irmã. Era uma rapariga atormentada, volúvel e estranha, com uma grande tendência para exagerar as coisas.

– O que vai ser de mim?

– Será que queres mesmo resolver todos os teus problemas com um telefonema? Encontramo-nos um destes dias e discutimos esse assunto. – O álcool levava-o normalmente a dar bons conselhos.

– Mas eu estou grávida.

– Eu não – brincou Pietro.

– Já sabias? – insistiu.

– Não. Tens a certeza?

– Tenho. E o Maxi foi para fora.

– Espera que ele volte.

– Incomodei-te?

– Não. Mas agora vamos fazer uma pausa e adiar a discussão Para um dia em que estejamos menos deprimidos.

Estava farto da conversa e Carlotta percebeu isso. – Okay, mano. Obrigada pela preciosa sugestão – disse, e desligou o telefone.

Procurou numa gaveta da escrivaninha e encontrou um charro. Sentou-se no sofá ao lado da janela, acendeu-o e aspirou avidamente O fumo. Sentiu uma queimadela aguda no peito, ao mesmo tempo que a cabeça ficava mais leve e os pensamentos se tornavam menos sombrios.

– Maria Carlotta, precisa de alguma coisa? – perguntou a velha e fiel Silia, atrás da porta fechada.

– Estou bem e não preciso de nada – respondeu, enquanto aquele cheiro áspero e penetrante a envolvia como uma nuvem.

Lembrou-se de Maxi, do seu estúdio de grandes janelas por cima de uma antiga casa do outro lado da ponte da Academia. Pensou que aquele estúdio era um bom sítio para esperar o homem que amava. O

palácio onde ainda vivia com a mãe já não era praticamente seu. Pertencia ao passado. Enquanto que o estúdio de Maxi representava o presente e o futuro. Deixou que o charro se consumisse num grande cinzeiro. Vestiu a capa e saiu. Tinha vontade de correr e, efectivamente, corria em direcção a um mundo de coisas concretas, de afectos desinteressados e de projectos para o futuro. Galgou, ofegante, as escadas até ao quarto andar, onde ficava a porta do estúdio, da qual tinha a chave. Bastou uma volta na fechadura para abrir a porta.

Típico do Maxi, pensou com ternura, viver com a idêia de que os outros são como ele: honestos e leais. Os ladrões, segundo ele, eram uma invenção da civilização.

Pairava no estúdio o cheiro dos líquidos para a revelação e fixação das fotografias. E havia também no ar o cheiro de Maxi, que se tornava mais intenso à medida que ela se aproximava da parede do fundo onde, por trás de um biombo, ficava a cama. Pelas altas janelas em arco entrava a claridade do luar.

"Ligo-te assim que chegar", prometera-lhe. Mas Carlotta ia esperar por ele ali, no seu ninho, na sua cama. Naquela que seria a casa deles. A casa do filho deles.

Para Maxi ia ser uma revelação, porque Maria Carlotta ainda não lhe tinha falado da gravidez. Agora que os exames tinham afastado qualquer dúvida, podia comunicar-lhe a notícia.

A rapariga passou para o outro lado do biombo. Maxi estava ali, na grande cama de lençóis azuis, com os cabelos loiros despenteados, o corpo nu que ela tanto amava e o olhar atónito com aquela visita inesperada.

– Mas que raio estás tu aqui a fazer? – Falou rapidamente, no seu slang de Idaho, feito de monossílabos duros que ela tinha

aprendido a perceber durante os longos meses de duração daquela história. – Queria fazer-te uma surpresa – justificou-se, conservando no olhar uma fixidez desesperada.

– E afinal fui eu que ta fiz a ti – respondeu ele a sorrir, com um cinismo de que ela não o supunha capaz.

Maxi não estava sozinho naquela grande cama: uma rapariga de cor nua, bonita, arregalava perante a recém-chegada uns olhos negros e brilhantes como bagos de uva.

Maxi tinha-a enganado, traído, amando e possuindo aquela mulher na mesma cama em que tinham concebido o filho que agora crescia dentro dela. Carlotta sentiu-se feia, ridícula, humilhada e rejeitada.

– Por que fizeste isto? – perguntou-lhe, com uma voz muito calma.

– Porque me apeteceu – respondeu, desafiando-a, e prosseguiu: – Escuta bem, grande senhora. Surgiu-te uma esplêndida oportunidade, e tu agarraste-a logo. Foi bonito, mas agora chegaste ao fim da linha. Tens de sair – concluiu Maxi, enquanto enfiava um roupão de seda.

Ela já conhecia este tipo de traições e de abandonos. Cambaleou por causa de uma súbita vertigem e caiu para trás. O biombo amorteceu a queda, batendo no chão com muito barulho. Depois recuperou o equilíbrio e apercebeu-se de que estava a correr desesperadamente no meio da noite.

Pietro Rovesti tirou os óculos com uma pesada armação de tartaruga, e com um gesto que lhe era habitual passou a palma da mão pelos olhos, que lhe ardiam. Conhecia a razão daquele incómodo: cansaço e bourbon. Pousou os óculos em cima da secretária e deixou-se cair contra as costas do cadeirão.

Estava a passar uns dias infames: os franceses que tinham aceitado financiar com ele a encenação do seu último trabalho teatral, perante a obra terminada fizeram marcha-atrás, deixando-o sozinho a fazer frente a um compromisso económico. Os críticos que tinha convidado para a antestreia de uma peça, na qual tinha depositado grande parte das suas esperanças e do seu dinheiro, tinham-se retirado com sorrisinhos de circunstância e apertos de mão de consolação.

Aquele espectáculo ia ser um fiasco e não ia recuperar sequer um terço do capital investido.

No entanto, não tinha sido uma má idéia a de encenar o Bei Ami de Maupassant numa versão moderna, transferindo as personagens e as situações para o cenário de uma Roma cheia de intrigas.

A direcção tinha sido confiada a Jasmine de la Roche, que assinara já obras de grande responsabilidade social e cultural. Pietro tinha a certeza de que aquela mulher ia tratar o melhor possível as personagens tiradas do célebre romance.

– Cabrões! – Jasmine ficou furiosa com a forma negativa como decorrera aquele encontro com a imprensa. Tinha um alto conceito de si própria e do seu trabalho. – Cabrões! – repetiu. – Apenas sinceros – murmurou Pietro, resignado.

– Queres dizer que a minha obra não está à altura das anteriores? – desafiou-o. Era uma mulher pequena e esguia, de uma magreza tão acentuada que parecia doente, mas os seus grandes olhos negros brilhavam e reflectiam astúcia e criatividade.

Pietro voltou a pôr os óculos, apoiou as mãos no tampo da secretária e fitou-a intensamente.

– Então, o que é que me respondes?

O homem suspirou como se estivesse finalmente decidido a esvaziar o saco. – Queres a verdade? – perguntou.

– Estou à espera há uma hora.

Pietro estava imóvel, mas parecia um grande macaco pronto para saltar sobre a mulher.

– Então ouve bem – disse, apontando contra ela o indicador da mão direita. – És insuportável, tanto na vida como no trabalho. Sempre fizeste perder fortunas aos produtores de cinema e de teatro. E eu quis dar esta cabeçada antes de me aperceber de que tu és o maior bluffdo espectáculo mundial.

Jasmine acendeu-se de repente como uma lâmpada. – Que grande mentecapto me saíste – sibilou.

– Exactamente – replicou Pietro. – Os teus filmes nunca chegam ao grande público. Achas que és o Fellini e és só a mais odiosa mistificação da história do cinema e do teatro.

Jasmine explodiu como a rolha de uma garrafa de champanhe e atirou à cara de Pietro o whisky e o gelo contidos num grande copo de cristal. – Não passas de um clamoroso imbecil – acusou-o.

– Imbecil e inepto. Cretino e alcoolizado. És frouxo, como o resto da família – continuou. – Hoje queres uma coisa e amanhã deita-la fora. Mas o teatro não é o parque de diversões com que sonhavas em criança. Não tens opiniões. És o bobo dos teus próprios cortesãos. Mas, sobretudo, nunca conhecestes, não conheces e nunca conhecerás a inexprimível voluptuosidade de um acto criativo. Queres uma coisa porque alguém te diz que é interessante e um Minuto depois mudas de idéia porque outra pessoa afirma o contrário. Nem sequer soubeste escolher uma mulher. Casaste-te com a primeira pega que não cedeu imediatamente à tua beleza e ao teu

fascínio, só porque mirava a herança do teu avô. E tu não percebeste. Foi por isso que quando ela viu o dinheiro a voar como folhas ao vento te deixou ficar e levou com ela aquilo que restava. – Estava à porta, e olhava-o com a fúria de um animal ferido.

Pietro continuava imóvel à secretária. Um pranto silencioso encheu-lhe os olhos de lágrimas, como a um menino perdido no escuro.

– O meu Bei Ami é uma grande obra – continuou Jasmine agressiva. – E daqui a cem anos ainda se há-de falar dele.

– Os críticos não pensam como tu – respondeu Pietro, irónico.

– Porque tu lhes permites – acusou ela. – O teu avô tinha-os metido logo nos eixos. Tenho cinquenta anos – continuou Jasmine – e fiz tudo o que podia para dar o melhor de mim. O Bei Ami é a minha obra-prima. O tempo vai acabar por me dar razão, enquanto tu... Tu vais ser recordado pelas idiotices que fizeste.

Jasmine saiu e bateu a porta. Pietro, por sua vez, voltou para casa muito tarde nessa noite. Ficou ali sozinho, a chorar como uma criança no teatro deserto. Pela primeira vez, de repente, com mais de

quarenta anos, encontrou nas lágrimas alívio e consolo. Chorava as lágrimas de toda a vida, de esplendores e misérias, de falhanços elaborados, de tortuosas manobras económicas que em poucos anos o tinham arruinado.

Pietro estava só no apartamento que ocupava no último andar de um palácio antigo da via delPOca. A legião de criados da sua infância estava reduzida a uma mulher-a-dias e a um empregado, que era também motorista e tratava igualmente do jardim suspenso onde floriam azáleas brancas e roxas, roseiras e lilases. Era uma coisa muito agradável à vista, mas nada que fizesse lembrar o parque sumptuoso da via Serbelloni em Milão, vendido à tia Ana, juntamente com o palácio, na inútil tentativa de salvar a editora da falência.

Foi até à cozinha, uma divisão ampla, asséptica e ultramoderna onde se destacava um gigantesco frigorífico americano capaz de conter comida para uma família de dez pessoas. Abriu-o, pegou na taça do gelo e encheu um copo largo e baixo. Depois foi à sala e pegou sem hesitações na garrafa de bourbon. Misturou o gelo com a bebida cor de âmbar e depois pôs no prato do gira-discos o Adagio de Albinoni.

A seguir aproximou-se de uma mesa pequena onde estava pousada, numa moldura de prata, uma fotografia de Manuela com as sacia.

– vou brindar a ti – disse –, galdéria. E sobretudo vou brindar a vós, minhas meninas ternas e inocentes.

O telefone tocou. Pietro atendeu e reconheceu imediatamente a voz de Maria Carlotta. Sentia que tinha alguma afinidade com aquela meia-irmã devido àquele tipo particular de solidariedade que se estabelece entre portadores do mesmo mal: a depressão. Naquele momento estavam ambos desesperados. Pietro gostaria de a poder ajudar. Mas o que podia ele fazer por aquela rapariga perdida? Maria Carlotta, ao fim de contas, tinha o tempo a seu favor. Tinha apenas vinte e três anos e toda a vida pela frente para voltar à superfície. Estava firmemente convencido de que Sônia, intriguista como era, ia conseguir capturar para ela o marido certo: suficientemente rico para poder resolver os problemas económicos e suficientemente sensível para amparar aquela fragilidade psicológica. Mas ele, Pietro Rovesti, o que podia fazer?

Tinha perdido o património que, quando o avô morrera, parecia ser ilimitado. Tinha perdido casas, palácios e uma gloriosa empresa editorial. E, no entanto, era ainda fabulosamente rico, porque os mil biliões do avô, misteriosamente desaparecidos de um banco suíço, um dia acabariam por aparecer. Havia anos que pagava a investigadores privados para conseguir aquilo: voltar à posse da fortuna de Giovânni Rovesti. Um tesouro como aquele não podia ter derretido como neve ao sol. Aquela fortuna estava em algum lugar, bem escondida, e esperava havia treze anos que alguém a encontrasse.

Estendeu-se no sofá, sem pensar no copo que tinha na mão. Bourbon e gelo encharcaram o tapete. As últimas notas do Adagio de Albinoni sublinharam o seu desespero enquanto adormecia. O último pensamento foi para Maria Carlotta. Serei o seu paladino, pensou, antes de resvalar no sono.

Paolo Montecchi saiu do Danieli e parou na Riva degli Schiavoni. O sol brilhava sobre o mármore branco da ponte, à sua esquerda, e soprava um vento frio. As transparências primaveris tinham-no induzido em erro. Levantou a gola da gabardina clara, apertada com um cinto largo, e enterrou o chapéu na cabeça para que não voasse. Voltou-se por um instante para contemplar a elegância simples da fachada do hotel, do século XV, com varandinhas brancas no estilo gótico veneziano.

Havia qualquer coisa, naquele dia, na cidade mais inverosímil do mundo, que lhe provocava um profundo mal-estar; e as gôndolas, que deslizavam silenciosas, faziam-no pensar em aventuras criminosas no rumor das águas dos canais. Era como se um sinistro presságio emanasse das cores delicadas daquela manhã de Março. Paolo afastou aqueles pensamentos tristes, que não tinham nenhuma justificação. Não estava em Veneza para ir à procura do tempo ou dos sonhos perdidos, nem com a

romântica intenção de acariciar fantasmas. Tinha apenas um encontro de trabalho. Devia encontrar-se com Maria Carlotta em frente ao Conservatório Benedetto Marcello, onde ela estudava violino. Tinha um programa preciso: ia convidá-la para almoçar no Harry's Dolci, com a firme intenção de a convencer a trabalhar para ele. A assinatura de Maria Carlotta Rovesti conferiria interesse e prestígio aos trabalhos sobre moda e aos inquéritos jornalísticos, alimentando conversas, inflamando as crónicas mundanas e provocando invejas.

Dirigiu-se ao campo San Moisč. Aos quarenta e cinco anos, Montecchi considerava a vida um happening a inventar e a movimentar dia a dia, um espectáculo ininterrupto no qual intervinha com a inteligência e o instinto do histrião em benefício dos leigos, que excitava e divertia com imprevisíveis golpes de teatro.

pensava e agia em função dessa plateia, que não poupava aplausos e consensos ao criador de manchetes de sucesso.

Os seus olhos escuros e quietos humedeceram sob aquele vento cortante e a rua assumiu os contornos flutuantes de uma imagem reflectida na água. Os raros caminhantes eram figuras imprecisas no ar cristalino. Paolo experimentou interiormente uma sensação semelhante ao borbulhar do champanhe acabado de servir. Era o estado de tensão que geralmente o ajudava a superar uma prova importante. A rapariga com quem se ia encontrar era uma pessoa difícil, e ele sabia-o, mas contava muito com a sua própria capacidade de persuasão.

Maria Carlotta era a vertente mais delicada de um complexo familiar que se tinha já fragmentado havia algum tempo. A mais jovem herdeira do velho, do grande editor; aquele encontro podia ser uma ocasião extraordinária para o jornalista. A marca Rovesti era ainda um rótulo prestigiado de um império editorial salvo à beira do precipício. Era um nome importante, uma senha para as famílias mais exclusivas, a chave para entrar nos ambientes mais reservados e aí recolher anedotas, mexericos e notícias capazes de aumentar a já considerável tiragem da Style, o semanário feminino em que Paolo tinha pegado, agonizante, e que em pouco tempo levava ao sucesso.

A assinatura de Carlotta Rovesti podia acarretar biliões, entre vendas e publicidade.

O homem passou sobre os olhos um lenço de cambraia que cheirava a água-de-colónia, recuperando uma correcta visão das coisas, como o efeito instantâneo do limpa pára-brisas. Desceu da ponte de San Maurizio e as absides góticas de Santo Stefano apareceram-lhe em toda a sua complicada e espantosa elegância. Paolo amava Parma, a sua cidade, adorava Milão, lugar da sua afirmação, mas sentia-se loucamente apaixonado por Veneza, cortesã refinada e misteriosa, capaz de seduzir com os seus encantos, de surpreender com as suas intrigas, de assombrar com a sua capacidade de envelhecer continuando jovem. Quem sabe se os filhos dos meus filhos ainda vão conseguir ver esta magnificência, deu por si a pensar, e teve a sensação de se encontrar num estúdio abandonado depois da rodagem de um filme, ou numa cidade de fantasmas, uma maravilha que apenas seria capaz de sobreviver na memória. "É o destino da beleza que tem a respiração imperceptível de uma flor que morre. Todas as coisas belas acabam", murmurou, entrando na calle dello Spezier.

A idéia da beleza que esmorece precocemente acompanhava-o desde sempre, tingindo de melancolia os seus momentos mais belos, como durante aquele breve percurso que o separava, provavelmente, de um óptimo negócio. Havia uma aguçada sensibilidade feminina por detrás da firmeza viril de Paolo, uma excitabilidade que produzia as flutuações emotivas de que nasciam as suas melhores intuições.

– És mais lunático do que uma mulher – dizia-lhe Stelio, o marido da mãe, que o considerava como um filho. Stelio era director de uma escola. Crescido no mito da Itália fascista, achava que um homem, para ser encarado como tal, devia ter um temperamento decidido. As oscilações de Paolo, tão difíceis de interpretar, deixavam-no pouco à vontade. Paolo intuía, por detrás do comportamento sobranceiro do padrasto, o afecto que o homem nutria por ele, e o seu juízo não o feria.

A capacidade que Paolo tinha de ver para além da fachada levava os outros a considerá-lo um

homem astuto, bafejado pela sorte. Na realidade, as suas escolhas eram o resultado de um complexo trabalho interior, o efeito de um sofisticado mecanismo psicológico sobre o qual baseava a sua criatividade. Só ele conhecia o emaranhado de emoções, por vezes dolorosas, que esta sensibilidade lhe transmitia. Uma sensibilidade de tipo feminino que fascinava as mulheres e criava, entre ele e elas, uma espécie de cumplicidade, que levava as mulheres com as quais tinha tido alguma relação a continuarem muito ligadas a ele mesmo depois de a história de amor ter acabado. Tinha sido também assim com Sônia Rovesti. Primeiro amaram-se e depois ficaram indissolúvelmente amigos. E era em nome dessa amizade que Sônia se tinha dirigido a ele. Paolo tinha voado em seu auxílio não só por ser quem era mas também porque, em relação a Maria Carlotta, sentia a solidariedade do parentesco. Considerava a rapariga como uma sobrinha, porque achava que era filho do falecido editor. Um filho rejeitado, talvez. Mas Paolo não tinha a certeza absoluta sobre essa rejeição: Giovânni Rovesti tinha-o tornado cúmplice, só a ele, de uma parte do seu segredo. Um segredo que valia mil biliões de liras.

Por que o tinha feito? Havia já treze anos que os herdeiros discutiam em volta do grande mistério da herança desaparecida como piões enlouquecidos. Ele, para respeitar a vontade do velho editor, continuava calado. Mas seria realmente essa a vontade de Rovesti? Não estava implícito o convite a participar na caça ao tesouro, partindo de uma posição de vantagem sobre os outros herdeiros? O velho nunca confiara nada ao acaso. Paolo procurava havia tempo um indício que o conduzisse na direcção certa, a desejada por Giovânni Rovesti. Ele era o único, entre os seus herdeiros, que não tinha herdado nada; mas era também o único a saber que a fortuna de mil biliões de liras tinha sido transmutada em diamantes. O que teria o velho feito com eles? Paolo Montecchi tinha assistido como testemunha neutral ao desastre da editora e ao esbanjamento de capital que tinha empobrecido aquela grande família. Na nova organização da editora tinha reforçado o seu poder, e dirigia agora com sucesso três publicações importantes. Suspeitava, como toda a gente, que Maria Carlotta conhecia a chave para abrir a porta sobre o mistério daquela grande herança, mas, como toda a gente, sabia que a rapariga se recusava a falar, ou que fingia nada saber.

O apelo de Sônia, no sentido de envolver a filha no mundo do jornalismo, podia transformar-se numa boa ocasião para seguir a pista correcta. A paciência, para além da tenacidade, era a sua melhor arma.

Sônia tinha dado sinais de vida alguns dias antes, durante a reunião de redacção de quinta-feira. Foi a secretária quem lhe passou a chamada. – Desculpa, Paolo – disse-lhe a sua eficiente colaboradora –, a signora Rovesti insiste em falar contigo imediatamente. Ő que é que faço?

– Podes passar – respondeu com o grunhido das piores ocasiões. Não admitia ser incomodado durante a reunião de redacção.

Ouviu durante uns quinze segundos, depois despediu-se e desligou. A seguir olhou em volta, com um olhar aparentemente distraído, e abandonou a reunião sem dizer uma palavra.

Encontrou-se com Sônia no Grand Hotel, na via Manzoni onde ela ficava nas raras vezes em que ia a Milão, desde que a família tinha sido obrigada a vender o palácio da via Serbelloni.

– Preciso de ti – disse-lhe, ao mesmo tempo que o abraçava pondo naquele gesto uma grande ternura. – A minha filha precisa de ti – acrescentou. Havia qualquer coisa de teatral naquela entoação, mas Paolo apercebeu-se do alcance real das emoções e dos sentimentos de Sônia. A preocupação relativamente à filha era autêntica.

– Eu acho que se a Maria Carlotta conseguisse arranjar um trabalho gratificante se sentiria mais segura. – Por trás daquela observação banal, Paolo tinha-se apercebido da apreensão sincera da mãe.

– Entendes o que eu quero dizer?

Nasceu assim a idêia de criar com a última dos Rovesti uma assinatura jornalística de prestígio. Maria Carlotta era bonita como a mãe, ingénua como o pai, orgulhosa como o avô e profundamente

infeliz por excesso de insegurança e por falta de motivações reais para a sua vida.

Paolo entrou na luminosidade clara de Campo Pisani no momento em que o sino da igreja de Santo Stefano anunciava a uma hora. O vento tinha caído, e no ar plácido o eco do sino espalhava-se em largas ondas concêntricas, ao mesmo tempo que iam nascendo outros sons: acordes de violino e de violoncelo saíam das janelas altas do palácio Pisani, a sede do conservatório. O homem olhou para a fachada daquele palácio imponente, revestido a pedra clara, e parou, intimidado. Os jovens, em pequenos grupos, estavam parados a conversar em altas vozes no seu delicioso dialecto veneziano em frente ao grande portão aberto. Ergueu ainda o olhar em direcção à varanda por cima da entrada, de onde provinham acordes desordenados e alegres, como crianças que saem da escola a correr. E, no entanto, a sua extraordinária sensibilidade captou naquela alegria anárquica uma nota de tristeza. Sentiu-se pouco à vontade e procurou no meio daqueles jovens o rosto familiar de Maria Carlotta. Pareceu-lhe reconhecê-la numa silhueta esguia, de jeans, blusão de carneiro e gorro de lã azul. Depois a rapariga voltou-se e revelou um rapaz de barba e bigode num rosto muito meigo de nazareno.

Paolo entrou no portão para se afastar da pequena praça, onde se sentia desconfortável. No átrio admirou a perspectiva dos pátios

focados, apesar da elegância das colunas, pela altura do edifício. As cabeças dos antigos imperadores romanos colocadas por cima dos arcos do primeiro pátio fixavam nele os seus olhos apagados. Havia o sentido da tragédia naquelas órbitas cegas. No ar saltavam sons em liberdade. Depois, súbita e inexplicavelmente, instalou-se um silêncio carregado de expectativa. Paolo ouviu o eco dos seus passos no empedrado e voltou-se em direcção à entrada. Pela escadaria que nascia na penumbra do pórtico viu descer alguns homens de bata branca; transportavam uma maca e avançaram rapidamente em direcção à saída. Ficou imóvel. No ar vibrou um último, um diabólico acorde de violino, semelhante a um esgar. Rostos de jovens assomaram às janelas altas e algumas vozes irromperam no átrio. Quando passaram ao seu lado, Paolo reconheceu, deitado na maca, o corpo imóvel de Maria Carlotta Rovesti. Trazia umas jeans desbotadas e uma camisola vermelha. Os cabelos negros e macios caíam-lhe nos ombros como se tivessem sido acabados de pentear. Paolo aproximou-se, inclinou-se sobre ela e pegou-lhe numa mão. Viu as ligaduras apertadas, encharcadas de sangue, que lhe envolviam os pulsos. O rosto da rapariga tinha a perfeição diáfana de uma escultura de alabastro.

Bibi e Poupette, os dois bassets que dormiam aninhados no tapete, ao lado da cama, acordaram de repente, ao mesmo tempo, esticando os focinhos aguçados e curiosos em direcção à porta. Depois começaram a abanar a cauda com força, bocejaram, emitindo um grunhido satisfeito, e sacudiram vigorosamente o corpo para manifestar a sua alegria. O grande puxador de latão da porta desceu e no vão luminoso perfilou-se a silhueta esguia de uma velha que transportava o tabuleiro do pequeno-almoço.

Os cães deram a volta à cama e, sempre a abanar alegremente a cauda, foram ao encontro da mulher e improvisaram uma espécie de dança de agradecimento, um frenético, silencioso ritual feito de saltinhos, de pequenos movimentos e de lambidelas.

– Quietos, cachorros, estejam quietos – pediu a velha em voz baixa, enquanto pousava o tabuleiro numa pequena mesa com embutidos em forma de meia-lua.

Bibi e Poupette foram atraídos pela voz indolente da dona e voltaram para junto da cama, tapada com uma cascata de tule cor de alfazema que o sol iluminou ao irromper pela janela depois de aberta a persiana.

– Bibi, Poupette, venez ici – chamou uma voz feminina enrouquecida pelo sono, ao mesmo tempo que os bassets começavam a rosnar e a abrir uma passagem através da cortina. Misturaram os corpos escuros e macios com a seda dos lençóis, enquanto cheiravam freneticamente a cabeça e os cabelos da mulher, que enterrou o rosto na almofada de penas. Pela janela aberta entrou o rumor ligeiro de uma gôndola e a voz forte do gondoleiro que

pedia passagem.

as velhas janelas foram fechadas e voltou o silêncio. – Como é que está o tempo, Silia? – perguntou a voz ensonada. – Está sol. O vento acalmou – respondeu a velha, enquanto atravessava de novo o quarto. O sol iluminava a cama de estilo império, encimada por um grande dossel de onde pendiam as cortinas de tule, dois cadeirões de braços sustidos por monstros alados e um toucador de grandes dimensões com colunas trabalhadas em bronze dourado. Havia também uma cómoda de gavetões e mesinhas da mesma época cobertas com pequenos objectos de prata e fotografias em molduras de ouro e pedras.

Sobre a cómoda, um relógio de pêndulo em bronze dourado e mármore negro deu uma badalada suave.

– Que horas são? – perguntou a mesma voz, da cama.

– É uma hora da tarde. Ou melhor – precisou a velha –, faltam dez minutos para a uma. – O relógio, desde sempre, estava dez minutos adiantado. Entretanto, Silia tinha-se debruçado para apanhar pacientemente do tapete as peças de roupa espalhadas aqui e ali: lingerie delicada bordada à mão, meias de seda, um vestido de noite em crepe de chine negro, uma capa de raposa, umas luvas de cetim. A tapeçaria de seda cor de mel reflectia claridade nos pontos em que era atingida por uma lâmina de sol.

– Novidades? – perguntou ainda a voz, que tinha agora assumido um tom modulado, meigo e decidido.

– As coisas do costume, signora – respondeu Silia, aproximando-se da cama. – O jardineiro podou as rosas. Abriram algumas flores hoje de manhã. Chegou um convite para a inauguração da exposição dos Fenícios no palácio Grassi. E a menina, esta noite, não veio para casa. – Tinha o tom monótono e sinceramente apaixonado de quem recita um rosário. A sua voz calorosa era a de uma mulher habituada a rezar e a acreditar nas orações. Puxou um cordão de seda e as cortinas do dossel correram numa calha invisível, como se fossem de um palco, mostrando Sônia Brenna, viúva de António Rovesti, e os dois bassets.

Ex–manequim, ex–amante por conta, ex–protagonista da grande valsa mundana, aos cinquenta anos Sônia tinha jogado todas as

suas cartas. A mão caprichosa do destino, ajudada pela sua irresistível capacidade de sedução, depois de a ter pescado na sombra cinzenta de uma condição pequeno–burguesa, erguendo–a muito alto e fazendo dela uma first lady mimada, adulada, cortejada, desejada e poderosa, abandonara–a bruscamente. Agora Sônia Brenna esbracejava num ocaso sem esplendor, abandonada pelos aduladores de outros tempos, escarnecida por quem antes lhe fazia a corte e possuída pelo demónio do jogo.

Sentou–se na cama, completamente acordada, e passou a mão pelos cabelos volumosos, outrora flamejantes e agora baços das pinturas excessivas. Penteou–os com os dedos e prendeu–os atrás da orelha, revelando a pálida cicatriz de um lifting recente. Soltou um suspiro que mais parecia um soluço.

– Eu sei que a menina não veio para casa esta noite – disse, ao mesmo tempo que se levantava. Em pé, ao lado de Silia, tinha mais um palmo do que ela. Era decididamente alta, e a exígua túnica de seda revelava um corpo ainda invejável. A mão experiente de um dos maiores cirurgiões estéticos tinha feito parar o tempo naquele rosto estranho e lindíssimo.

Sônia pegou no roupão de cetim branco que a mulher lhe estendia e vestiu–o.

– A menina – repetiu, entre a ironia e a tristeza. Ela e a velha criada eram as únicas que continuavam a tratá–la assim. Ao regressar do casino, de madrugada, Sônia tinha ido ao quarto da filha e encontrara a cama intacta. Noutra altura, esse facto não a teria preocupado. Ainda antes de fazer dezasseis anos, Maria Carlotta tinha–a habituado às transgressões; e a de passar a noite em casas estranhas não era das mais duras de suportar. Era justo que fizesse as suas experiências. Mas desde que sabia que a sua menina estava grávida, Sônia vivia numa angústia dolorosa. A lembrança da filha era um tormento que não lhe

dava tréguas.

Também ela tinha sido uma rapariga difícil. Também ela, como Maria Carlotta, tinha ficado grávida sem um marido. Mas ela tinha garra, sabia o que queria, enquanto que a filha, tão frágil, tão indefesa, tão difícil e tão desprovida de motivações, era um ramo no meio da tempestade.

Quando, uma semana antes, soubera da sua gravidez, por um instante tinha sentido alguma satisfação. – E ele quem é? – perguntou, cheia de esperança.

– Maxi Solman – respondeu a rapariga, fitando-a com uns olhos inexpressivos. Maria Carlotta fora sempre sincera até à crueldade. Ela deu-lhe então uma bofetada. Depois voou para Milão e foi ter com Irene. Irene, a vidente.

Irene, a amiga de confiança. Irene, último reduto. Irene lia o passado, o presente e o futuro nas cartas e nas linhas da mão, mas sobretudo intuía o futuro entrelaçando as suas mãos de longos dedos esguios e pele escura com as mãos do interlocutor, à procura da verdade. Só então pronunciava o seu resposno, numa voz baixa e monocórdica, como se estivesse em transe.

Há quantos anos a frequentava Sônia? Tinha recorrido a ela pela primeira vez com dezoito anos. Agora tinha cinquenta. Irene era velha, forte e parecia imortal. Nos seus olhos muito negros e profundos brilhava uma luz cheia de vivacidade. Tinha uma expressão firme e uns lábios sem sorriso. – A Carlotta está grávida começou Sônia, enquanto se refugiava nos braços ternos e fortes de Irene. Ela consultou o taro sem manifestar nenhuma emoção. Depois agarrou nas mãos de Sônia e, apertando-as entre as suas, disse: – Tens de ser forte.

– Porquê? – perguntou, assustada.

– Vais ter de passar umas provas duríssimas.

– O que é que tu vês?

– Uma dor muito grande.

– Mas não se pode evitar?

– Não se pode fazer nada contra o destino – sentenciou a mulher.

– És uma velha mentirosa – disse Sônia, revoltada. – Explica-te! – ordenou-lhe.

– Os dias que estão para vir vão-se explicar por si mesmos.

– Ajuda-me, Irene – suplicou-lhe.

– Não te posso ajudar. Nem posso ajudar a tua filha. Não venhas mais ter comigo – acrescentou. – Só posso ser profetisa de desgraças.

– Profetisa de idiotices, é o que tu és! – insultou-a, e foi-se embora.

– Bem gostava que fosse verdade – rebateu a vidente, em Voz baixa.

Sônia decidiu então dar um sentido à vida da filha. E, por instinto, sentia que Maria Carlotta precisava de trabalhar. Já chegava daquele estudo inconsistente do violino, já chegava de más companhias, já chegava de solidão veneziana. Ia ter com ela a Veneza depois de pedir ajuda a Paolo Montecchi.

Sônia olhou para o relógio de pêndulo em bronze dourado e mármore negro. Marcava a uma e dez, ou seja, a uma da tarde exactamente. àquela hora, Maria Carlotta ia encontrar-se com Paolo. No entanto, Sônia sentia-se mais inquieta e preocupada do que nunca. Aquela apreensão começou quando, ao regressar do casino, não a encontrou; Sônia tomou então duas pastilhas para conseguir adormecer. Em breve Paolo ia dar sinais de vida.

– Eu sei que a menina não ficou aqui esta noite – repetiu, enquanto atravessava o quarto, descalça, e se dirigia à casa de banho.

– Mas a partir de hoje alguma coisa vai mudar na vida dela – continuou, quando passou ao lado da criada fiel. Sem parar, tocou-lhe no ombro num gesto de instintiva ternura.

Não havia segredos entre Odersilia Prandini, a Silia, há trinta anos ao seu serviço, e Sônia Brenna, que fazia parte da família Rovesti havia mais de vinte. Silia olhou para ela e sorriu. Sônia foi à casa de banho e começou a massajar energicamente as gengivas com a escova, depois de ter aberto a torneira dourada do lavatório.

Foi o ruído da água que abafou as pancadas insistentes na porta, e por isso Sônia, ao erguer o rosto, viu a imagem de Silia reflectida no espelho. Estava pálida e com a expressão ausente de quem perdeu o contacto com a realidade.

Sônia baixou os olhos por um instante e depois voltou a olhar para o espelho, esperando não ver outra vez a imagem da velha. Mas Silia continuava ali, imóvel.

– O que foi? – perguntou, com uma voz alterada pela emoção.

– A... a menina – balbuciou a criada, incapaz de controlar uma tremura em todo o corpo.

– Desembucha e fala – ordenou. Ao fim de dias e dias de angústia, sentia-se inexplicavelmente lúcida e calma. – O que foi que aconteceu à minha filha?

– Cortou as veias no balneário do conservatório – gaguejou a velha, e logo a seguir tapou a boca com a mão, como se quisesse parar aquela coisa atroz que acabava de dizer. Sônia estava petrificada em frente ao lavatório. Bibi e Poupette aninharam-se aos pés dela.

Recordou as palavras de Irene: "Tens de ser forte. Vais ter de passar umas provas duríssimas." Era então àquilo que a vidente se referia?

Devagar, voltou-se para a criada. Tinha ainda na mão a escova de dentes.

Sorriu, a abanar a cabeça. – Não é verdade. Não pode ser verdade! – disse, com calma.

Os olhos aquosos de Silia estavam cheios de lágrimas.

– Por que é que ela havia de fazer uma coisa dessas? – perguntou Sônia.

– Era uma menina solitária. E tinha medo de viver – disse Silia brevemente, com o rosto banhado pelo choro.

– Eu também fui uma menina solitária – disse Sônia, enquanto saía da casa de banho e regressava ao quarto. – E depois fui uma mulher solitária e agora sou uma velha solitária. Também eu tive medo de viver... – acrescentou, ao mesmo tempo que se aproximava da janela e contemplava o céu límpido.

– A Maria Carlotta acumulou muitas derrotas e desilusões sussurrou Silia, como se estivesse a iniciar as orações fúnebres.

– Derrotas e desilusões foram o meu pão de cada dia – retorquiu Sônia. Depois deixou-se cair numa cadeira, por baixo da janela, incapaz de se mexer e de sentir qualquer dor, de gritar ou de chorar. Apenas conseguiu recordar uma manhã quente de Verão, quando era ainda uma menina de seis anos.

ONTEM

Sônia respirou o cheiro da taberna, que tinha a fragrância dos vinhos e dos licores, do aroma de café, do fedor a tabaco e dos eflúvios provenientes da cozinha.

Aquele era o odor familiar que tinha passado toda a vida, o ar que respirava desde que tinha memória. O ar e o cheiro da sua família e da sua terra. Trepou ao banco que ficava ao lado da "gaveta do dinheiro", por trás do balcão. Escalar aquele banco era uma coisa que não devia fazer, e ela sabia—o, mas era a única maneira de chegar, na prateleira das garrafas, à caixinha de giz, colocada ao lado dos baralhos de cartas. O pai de Sônia escondia os paus de giz e as cartas para não ficarem à mão dos clientes. Escolheu também uma pequena lousa entre aquelas que os jogadores usavam para marcar os pontos dos seus conflituosos jogos de cartas, assinalados por insultos recíprocos e blasfémias ferozes, lançados mais por hábito do que por maldade. Depois desceu do banco e caminhou pelo estrado de madeira em direcção à saída do balcão. Os pais não tinham muito tempo para se ocuparem dela. Passou ao lado da máquina de café, e livrou-se por pouco de bater com a cabeça na gaveta sempre aberta onde se despejavam os restos de pó. Saiu do balcão e olhou em volta.

Numa mesa de canto estavam alguns clientes idosos. Conversavam em voz baixa a propósito de uma notícia que tinha saído no *Corriere della Sera*.

— A bomba atómica? — questionou um deles, com uma cara espantada e o crânio liso como uma bola de bilhar, indicando um artigo no jornal que o outro tinha na mão.

— É a arma secreta que destrói uma cidade de cada vez — comentou o outro, de bigodes brancos e compridos.

— Será possível? — replicou o primeiro, incrédulo, abanando energicamente a cabeça.

— É isso que está aqui escrito — explicou o outro, indicando a primeira página.

— Mas então a guerra não acabou? — objectou o primeiro.

— Em Itália acabou — precisou o dos bigodes compridos, ao mesmo tempo que esfregava um fósforo de cozinha na caixa amarela para acender um glorioso e maltratado resto de charuto. O cheiro do tabaco espalhou-se no ar e o fumo branco e denso aproximou-se de uma lâmina de sol que cortava a sala. — Em Itália — repetiu, assumindo a expressão de alguém que sabe muito —, mas o mundo é grande!

O outro consolou-se ao pensar que Hiroshima ficava longe e que ali tinha acabado o medo.

Apareceu o pai de Sônia e pousou na mesa uma garrafa de vinho gaseificado e copos. Numa prateleira reinava um monumental rádio Marelli, que naquele momento transmitia canções.

"Fiorellin del prato", cantava, com apaixonado fervor, um intérprete invisível, "messenger d'amore, bacia la bocca que non ho maibaciato... "1

Sônia pensou naquela florzinha que devia assumir a tarefa de beijar uma boca desconhecida, associou-a à notícia da bomba que destrói uma cidade e sentiu na garganta aquele fumo de charuto, que era a única coisa verdadeiramente desagradável daquela quente e límpida manhã de Agosto. Uma tosse irritante sacudiu-lhe o peito, fazendo-lhe lacrimejar os olhos. O pai envolveu-a num olhar afectuoso e apreensivo. Tinha uns olhos pequenos e indiferentes a tudo, que tinham visto passar sem lampejos de participação até as maiores atrocidades da guerra mas que, por vezes, se enchiam de ternura quando olhava para ela.

1. Florzinha do prado, mensageira de amor, beija a boca que eu nunca beijei. (N. da T.)

Chamava-se António Brenna, mas toda a gente o tratava por Bre, um diminutivo que se adaptava à sua figura diminuta e ao carácter taciturno. Sabia ser irónico e mordaz, mas essa capacidade era sufocada

pelo medo de desagradar.

Por isso limitava-se a testá-la quando se concedia uma partida de cartas. A sua inteligência matemática fazia dele um parceiro muito requisitado e um Adversário temível. à sua maneira era um sonhador, e assumia nas fantasias, que tirava do cinema e dos livros de aventuras, a coragem intrépida dos cavaleiros sem mácula e sem medo. A realidade, pelo contrário, aterrava-o, impondo-lhe aquela mansidão que não dependia apenas da bondade da alma, mas do receio de ser derrubado. Tinha uma bela voz de tenor e sabia cantar velhas canções. às vezes, sobretudo em festas, exhibia-se, acompanhado pelo acordeão, e Sônia, encantada, ficava a ouvi-lo cheia de admiração.

A mãe de Sônia tinha a imponência hostil e a agressividade aguda de uma catedral gótica, a severidade e a determinação de um militar de carreira e um autoritarismo lúcido e impiedoso que o nome, Bambina (2), exaltava por contraste.

A signora Bambina estava a limpar o pó de uma vitrina que continha as louças melhores, que se usavam para os banquetes. A louça normal, a de uso diário para a refeição frugal dos empregados e dos operários de duas fábricas vizinhas, estava no armário da cozinha. A mãe trazia um vestido de seda cor-de-rosa de florzinhas cinzentas e pretas de que Sônia gostava muito e que ela martirizava por baixo de um pequeno avental de peito azul celeste. A mulher esfregava energicamente a prateleira de vidro e aquele movimento rítmico fazia-lhe tremer o ventre, que se salientava por baixo do avental. Sônia fixou o olhar naquela barriga trepidante e sentiu algum mal-estar.

Então afastou o olhar e viu Mário, o carvoeiro, um cliente habitual da taberna que tinha o hábito desagradável, se lhe passasse distraidamente ao lado, de lhe dar um beliscão nas nádegas. Sentia esse gesto como uma agressão, e por isso evitava cuidadosamente aquele homem desagradável. Uma vez, a chorar, falou no assunto aos pais, esperando que proibissem o carvoeiro de voltar à taberna e de a incomodar.

2. Menina, em português. (N. da T.)

Porém, apenas lhe disseram: – Não vês que é a brincar? realmente se te incomoda assim tanto, passa longe dele. E vais ver que ele não vai atrás de ti.

Aquela tentativa de minimizar a questão aumentou-lhe o terror e o sentimento de abandono perante um perigo que, instintivamente, sentia pesar sobre ela. Mário, o carvoeiro, era um homem pequeno como o pai, mas tinha uma cara de lobo que exprimia uma força animalesca. Estava sempre sujo, negro, tinha uns olhos pequenos e ardentes como tições e grandes bigodes pretos. Também as mãos e as unhas eram negras, assim como a camisa e as calças que usava. O seu armazém, que ficava mesmo ao lado da taberna, era uma gruta sombria cheia de carvão, de lenha e de gatos que viviam no meio dos montes de lenha e se multiplicavam.

Sônia decidiu ir até à porta e escolheu atentamente um percurso fora do alcance do homem preto, a olhar de lado, convencida de que, se não olhasse para ele, ele também não a via. No entanto, quando julgou estar a salvo, imobilizou-se, aterrada. O carvoeiro tinha voltado a atacar, não com um beliscão, mas com um som animalesco semelhante ao uivo raivoso de um gato quando ataca. O coração da rapariga começou a bater furiosamente. Sônia virou-se na direcção daquele ruído obscuro e viu o carvoeiro a olhar para ela e a sorrir, ostentando uns dentes branquíssimos e fortes por baixo do bigode negro. – Eh? – fez o homem.

A pequena saiu e sentou-se no degrau de pedra da taberna à espera que o seu pequeno coração enlouquecido se acalmasse. Eram dez horas da manhã e o sol já ia alto.

O asfalto do passeio reverberava calor, apesar da protecção do toldo que mantinha na sombra a

entrada do estabelecimento. Pousou a lousa nos joelhos e, com o giz, começou a traçar um desenho com uma mão segura.

O eléctrico verde de duas carruagens, proveniente de Milão e com destino a Gorgonzola, chegou a chiar e a tocar a campainha. Era um espectáculo alegre que interrompia a monotonia da aldeia. Desde que a guerra tinha acabado, o eléctrico voltara a passar regularmente, quatro vezes por dia e, em Cologno, parava exactamente em frente à taberna dos Brenna, assinalada por um vistoso letreiro que dizia: Trattoria Sant'Antonio.

Saíram várias pessoas: uns caixeiros–viajantes acalorados, com as amostras metidas numas malas em mau estado, que se riam duma história que um deles acabara de contar, uma mulher vestida de luto, que avançou rapidamente pelo caminho do cemitério, e o pároco, que tinha ido ao arcebispado, na cidade, onde, pelo menos a julgar pelo seu rosto comprido e azedo, não tinham tomado em consideração os seus pedidos. O eléctrico voltou a partir e a rua ficou novamente deserta ao sol. Naquele momento, Sônia viu a "menina da frente". Tinha pensado nela com este sobrenome desde a primeira vez que a vira, apesar de saber perfeitamente que se chamava Loredana, que tinha seis anos como ela e que, naquele Outono, iam juntas para a escola. Sônia esperava com ansiedade aquele dia, do qual os pais falavam com solenidade, para poder finalmente encontrar a "menina da frente".

Achava que Loredana era um nome lindíssimo, sobretudo comparado com o dela, que considerava banal e sem graça. O pai tinha–o retirado de um romance russo do século XIX, que falava de um crime e do inevitável castigo.

Gostava de tudo o que era da menina que morava do outro lado da rua e a quem nunca tinha dirigido a palavra: dos longos caracóis loiros cuidadosamente penteados – que comparava com os seus cabelos avermelhados e lisos como fios de erva que a mãe prendia à pressa, todas as manhãs, num rabo–de–cavalo esticado – da pele branca como leite, das faces rechonchudas e rosadas como as de uma boneca e dos vários vestidos coloridos e sempre impecavelmente passados a ferro.

Sônia, pelo contrário, tinha a pele cor de azeitona, uma cara angulosa, as maçãs do rosto altas, uns imensos olhos de âmbar e um nariz extravagante que ela detestava.

"A menina da frente" estava sentada no degrau de pedra de um outro estabelecimento, que ostentava o prestigioso letreiro de Caffè Sport, frequentado por adeptos de futebol e de ciclismo que, à noite, se envolviam em intermináveis partidas de bilhar. àquela hora o Caffè Sport ficava na sombra, e Loredana transmitia uma agradável sensação de frescura enquanto vestia a sua boneca preferida. A mãe de Loredana apareceu à porta. Era uma senhora loira, agradável e com bons modos, calçava uns sapatos de salto vertiginoso e trazia um vestidinho azul e branco. Falou com a filha e sorriu–lhe, ao mesmo tempo que lhe oferecia um caramelo. Sônia sorriu à "menina da frente", que olhou para ela e lhe devolveu o sorriso, e depois inclinou–se sobre a lousa e recomeçou a desenhar: uma pequena igreja com o campanário inclinado e um sol simpático e sorridente.

Brilhava um belíssimo sol de Agosto, ninguém a incomodava. estava sentada com a sua lousa em frente à porta da taberna e, no entanto, sentiu que o seu pequeno coração se dilatava até quase lhe doer e foi tomada por uma súbita necessidade de chorar. A saciedade de amor que via no olhar azul e tranquilo de Loredana fazia–a sentir–se sozinha e diferente, suscitando nela o desejo de uma mãe afectuosa e pródiga de ofertas. A signora Bambina nunca lhe ofereceria um caramelo. Justificava–se com a afirmação de que os doces estragam os dentes. E era, de resto, uma verdade científica, que no entanto excluía um gesto afectuoso que teria contribuído para o equilíbrio psicológico da filha.

Também os sorrisos, em casa dos Brenna, se trocavam com parcimónia. Não ficava bem a uma menina sorrir demasiado, sobretudo a Loredana, dizia a mãe.

– Tu não deves ser amiga dela – disse–lhe a mãe, a signora Bambina, excluindo qualquer possível oposição.

– Porquê? – perguntava Sônia, com os olhos muito abertos.

– Porque a mãe dela não é uma pessoa de bem.

com aquela sentença sem apelo tinha sido rejeitado, algum tempo antes, o pedido de Sônia para poder brincar com Loredana. A rua continuava a dividir as duas meninas como uma intransponível linha de fronteira.

Sônia não sabia o que queria dizer não ser uma pessoa de bem. Para ela, a senhora da frente era uma mãe afectuosa que punha um cuidado talvez excessivo na maneira de pentear os caracóis da filha, de lhe vestir roupas encantadoras e de lhe sorrir quando lhe oferecia caramelos. Loredana não tinha pai, e isso era uma coisa que toda a gente sabia na aldeia. Mas que diferença podia fazer ter um pai ou não ter? Ela nunca tinha dado conta de que tinha um pai, uma vez que a mãe decidia por toda a gente.

De repente começou a chorar, e as lágrimas reprimidas durante tanto tempo foram libertadas por um soluço. Pôs-se em pé de um salto, como uma mola, atirou para o chão a lousa, que se partiu ao meio, entrou no estabelecimento a correr, foi até à cozinha, passou

ao lado da signora Gilda, a cozinheira gorda e malcheirosa que estava a mexer a comida nas panelas por entre vapores quentes de legumes e de carne, passou a porta que dava para a cave e foi invadida pela frescura que reinava no subterrâneo da velha casa. A temperatura do ar, acompanhada pelo cheiro acre do vinho, conservado em pipas ao longo de uma parede escurecida pelos anos e pelo mofo, derramou sobre ela como um calmante. As lágrimas turvavam-lhe o olhar e tropeçou no primeiro de uma longa fila de garrafões pousados no chão. Alguns despedaçaram-se, espalhando pelo chão uma cascata de bolinhas de chumbo que serviam para limpar o tanino que se depositava no fundo das garrafas. Era um desastre irremediável e ela sabia como aquilo ia acabar: iam obrigá-la a apanhar os pedaços de vidro e as bolinhas de chumbo, até à última; e era realmente um trabalho enfadonho.

Trepou a um banco com três pernas e, fazendo força com as duas mãos, conseguiu abrir um pouco a torneira da pipa, da qual saiu um fio amarelado e fresco. Sônia pôs-se por baixo da torneira com a boca bem aberta e bebeu alguns goles. Depois desceu do banco e apercebeu-se de que se sentia melhor. Tinha-lhe passado a vontade de chorar e estava com sono. Era realmente agradável o clima da cave. Através de um postigo, mesmo por cima dela, chegavam os ruídos da rua, e admirou-se ao verificar que um raio de sol podia transformar uma teia de aranha cheia de pó num desenho luminoso e lindíssimo, feito de milhares de pontinhos iridescentes. A um canto estava pousada uma grande saca rectangular de serapilheira forrada de crina, com pegas compridas, que o pai usava para fazer as entregas de vinho ao domicílio. Deitou-se lá dentro como se estivesse num berço, num ninho onde se sentiu protegida e invulnerável. O desespero atenuou-se até desaparecer completamente e foi invadida por uma agradável sensação de bem-estar. Enroscou-se sobre si mesma, meteu o polegar na boca e começou a chupar lentamente, como quando era pequena, sentindo um imenso prazer, ao mesmo tempo que os maus pensamentos se desvaneciam num sono tranquilo.

Alguma coisa de áspero se tinha insinuado no interior das coxas e em volta dela, e ao cheiro acre e húmido da cave tinha-se sobreposto um fedor que ela conhecia bem: de carvão e de lenha para queimar, um odor animal. Sônia abriu os olhos, paralisada pelo terror: a cara de lobo de Mário dominava-a, com os olhos como tições ardentes, a respiração ofegante e sincopada e a mão ávida que lhe remexia nas partes mais íntimas. A rapariga abriu a boca para gritar, mas não lhe saiu nenhum som, até porque o homem tinha sido suficientemente esperto para lhe tapar a boca com a outra mão.

– Porta-te bem, que eu não te faço mal – sussurrou. No meio de todo aquele negro sobressaía a brancura de um sorriso animalesco.

Sônia recordou um pequeno melro que tinha encontrado na Primavera junto a uma moita de sabugueiro, no campo que ficava por trás da casa. Tinha uma asa ferida e, enquanto o segurava delicadamente na mão, sentiu bater o coração da ave. Agora sentia-se como aquele pequeno melro nas mãos do homem negro que respirava em cima dela, louco de desejo.

– Porta-te bem – repetia em voz baixa. – Eu não te vou beliscar o rabo.

Foi assim que a signora Bambina os surpreendeu, aparecendo por detrás deles.

O carvoeiro encolheu-se, aterrorizado. – Eu não estava a fazer nada – tentou justificar-se, pronto para implorar piedade.

A mulher lançou um olhar rápido às calças do homem, meio desabotoadas, que não conseguiam esconder a sua excitação.

– Isso vais dizê-lo à polícia – replicou, ameaçadora.

O carvoeiro arranjou-se e fugiu. Sônia fechou os olhos, criando a ilusão de que, quando os abrisse de novo, ia sorrir de alívio porque aquilo que tinha acontecido pertencia a um sonho. Um sonho mau.

– Aquela rapariga vai-nos dar muitas dores de cabeça – profetizou a mãe. – Atrai os homens como o mel atrai as moscas.

O marido, que estava a tirar os sapatos, ergueu para ela um olhar carregado de ironia.

– Estás a brincar? – perguntou.

– A brincar! Mas será que não te apercebeste de nada?

– De que é que me devia ter apercebido? – replicou ele, enquanto massajava os pés doridos de cansaço.

– Eu digo-te de quê – começou a mulher a contar, baixando o tom de voz. – A miúda é quente – revelou. – Muito quente.

– Não digas heresias – opôs-se o marido, acompanhando as palavras com um gesto decidido. – Como é que se pode dizer de uma miúda de seis anos se ela é quente ou fria? Ainda bem que estava ligeiramente embriagada e não percebeu nada – continuou. – Tenho a certeza de que nem sequer se lembra daquilo que aconteceu.

Sônia estava deitada na sua pequena cama e ouvia os pais a discutir em voz baixa, mas não suficientemente baixa para não ser ouvida no quarto ao lado, que era um misto de armazém de bebidas e sala de estar, onde ela dormia.

Sônia estava acordada, seguia o diálogo dos pais e lembrava-se de tudo, porque nunca estivera embriagada. Recordou o rosto aterrado do homem negro, a expressão fria e severa da mãe que os observava aos dois e voltou a ouvir aquela voz cortante que lhe ordenava: – E tu, puxa a saia para baixo!

A rapariga sentou-se e teve uma tontura, ao mesmo tempo que um mal-estar doloroso se apoderou dela. Vomitou na cesta das entregas ao domicílio e a mãe nem sequer deu conta disso, ocupada como estava a enxotar o carvoeiro que, ao lado dela, parecia pequeno e frágil. Foi o pai quem pegou nela ao colo e a levou para o quarto.

A mãe despiu-a, meteu-a numa tina de água tépida e esfregou-lhe energicamente todo o corpo com uma esponja impregnada de sabão de Marselha. Não lhe perguntou nada e o pai também não falou com ela.

– Sabe, sabe muito bem o que aconteceu – continuou a mãe, com malícia. – Se ela não lhe tivesse feito sinal para a seguir, aquele Porcalhão do carvoeiro não tinha ido atrás dela até à cave.

– E quem foi que disse isso?

– Foi ele que disse. O Mário.

– E tu acreditas nessa história? Acreditas num porco daqueles? Quando lhe dava beliscões, ela chorava com medo – lembrou? o pai. – E tu sempre levaste aquilo na brincadeira – acusou-a ele.

– Mas eu digo-te que a miúda é quente. Quando os apanhei ele fazia as coisas à vontade dele, e ela nem bufava.

– Estava assustada. Olhei para ela e fez-me lembrar a cara do professor Mazzoni quando, no dia vinte e cinco de Abril, os camaradas o apanharam lá ao fundo, atrás do sítio onde se joga a malha. Tinha

o rosto assustado do animal sem saída. O rosto da nossa filha.

Sônia só percebia em parte o significado daquele diálogo. Algumas palavras fugiam-lhe, mas concordava com a mãe num aspecto: ela estava quente, muito quente, tão quente que a cabeça lhe ardia e estava quase a estourar.

– Não podemos falar disto com ninguém – recomendou a signora Bambina ao marido. – A roupa suja lava-se em casa.

– E o carvoeiro? – perguntou o marido.

– Há-de pagar. Eu trato de resolver o problema de uma vez por todas.

Um súbito cansaço fez cair a pequena num estado de profundo torpor. Enquanto mergulhava lentamente naquela densidade viscosa, viu a imagem fresca de Loredana no lado sombrio da rua, com os caracóis loiros bem penteados e o vestidinho às flores e a mãe que lhe sorria ao oferecer-lhe um caramelo. Depois entrou na escuridão da gruta do carvoeiro e sentiu a sua mão forte que a sufocava; gritou mais uma vez, mas não lhe saiu nenhum som da boca, só a dor pelo ultraje sofrido e pela solidão em que se debatia.

O médico veio vê-la porque tinha febre alta e delirava. Deram-lhe quinino e obrigaram-na a beber limonada. Aquela permanência na gruta escura do delírio durou dois dias. Voltou à realidade durante um temporal. Foi um trovão que a acordou. Abriu os olhos e viu as cortinas de renda da janela a flutuar no ar fresco que lhe acariciou a face. No céu azulado brilharam relâmpagos, aos quais se seguiram uns fortes trovões. Sônia respirou com prazer o perfume da terra molhada. Da rua chegou-lhe o som metálico do eléctrico do fim da tarde e o ruído da água no empedrado. Virou a cabeça e, pela porta aberta, viu o pai que, sentado na cama, levantara os olhos do livro que estava a ler e olhava agora para ela. A mãe estava a espalhar um creme no rosto em frente ao espelho do toucador. Tinha perdido parte da sua agressividade naquele comportamento frívolo, dentro de uma comprida camisa de seda azul-celeste aos folhos no lugar das mangas. Sônia via-a de perfil, num enquadramento que lhe realçava o ventre, e aquela imagem renovou-lhe a sensação de mal-estar.

– A pequena está acordada – disse o pai, enquanto se levantava da cama e ia até junto dela. Também a mãe se levantou e se aproximou dela, pondo-lhe uma mão na testa num gesto terno e insólito.

– Como estás, Sônia? – perguntou o pai, atento. Trazia só as calças do pijama. Em tronco nu, parecia ainda mais vulnerável: as faces encovadas, o nariz afilado, os ombros caídos e a pele flácida sobre um tórax muito magro.

Virou-se para a mulher. – Não fala – observou, referindo-se à menina que o fitava, muda.

– É porque não tem nada para dizer – foi a justificação da mãe.

– Parece-me estranha – insistiu o homem.

– Acredito. Esteve com febre durante dois dias.

Sônia não tinha pensamentos nem palavras. No deserto da sua memória havia apenas a recordação de uma manhã de sol, da menina dos caracóis loiros que brincava com a boneca do outro lado da rua, e depois a escuridão de uma caverna cheia de medos.

– Tens sede? – perguntou o pai, preocupado, enquanto se sentava na beira da pequena cama e lhe acariciava uma face.

Sônia olhou para ele com os olhos arregalados e não respondeu.

– Sônia, deixa-me ouvir-te falar – ordenou a signora bambina que, pela primeira vez, sentia vacilar as suas próprias certezas, deixando finalmente transparecer uma luz de humanidade no rosto e no olhar.

Sônia abriu a boca, fez um esforço para responder, mas não conseguiu articular nenhum som. Os pais olharam-se, aflitos e assustados, ao darem conta de que a filha tinha ficado muda.

– A menina está em estado de choque – diagnosticou o médico.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou a mãe.

– Quer dizer que apanhou uma pancada.

– Ninguém lhe bateu – defendeu-se a mãe, alterada.

– Eu também não disse isso – replicou, irritado. – Na minha opinião, teve uma emoção repentina e violenta que a perturbou profundamente.

Sônia olhou com atenção para o Dr. Osti, que conhecia e temia desde sempre, porque quando lá ia enfiava-lhe na boca o cabo de uma colher para lhe observar a garganta e isso magoava-a. Também naquela ocasião repetiu o processo e, para ver melhor, usou também uma lanterna de bolso.

– Tens de dizer aaaaah! – insistiu várias vezes.

Ela fez os possíveis para satisfazer aquele pedido, ficou vermelha por causa do esforço, mas apenas lhe saiu um sibilo afónico da garganta. Por isso o velho médico da família retomou a observação com a lanterna, depois auscultou-a e apalpou-a com os dedos. Por fim expressou o seu diagnóstico.

– A vossa filha apanhou um susto muito grande – repetiu, enquanto se afastava da marquesa para se sentar por trás da secretária de metal. Era um velho bonito, com os cabelos prateados e uns olhos muito vivos. Não sorria muitas vezes, mas era uma boa pessoa em quem toda a gente podia confiar.

A mulher voltou a vestir a filha e foi ao encontro do médico, que a mandou sentar numa cadeira em frente a ele.

– Se o senhor o diz, é porque é verdade – disse ela.

– E você não sabe de nada – provocou, olhando-a fixamente, enquanto alisava a comprida barba grisalha. Fiel à tradição fascista, continuava a tratar toda a gente por você. Estava convencido de que Mussolini tinha sido um homem justo, traído por pretorianos infames que tinham levado a Itália à ruína.

– Eu não sei de nada – mentiu despidoradamente a signora Bambina.

– Mas eu, pelo contrário, estou convencido de que sabe e não me quer dizer. Desde que me chamaram por causa daquele febrão, aparentemente sem motivo, que estou convencido disso. – Tinha umas olheiras pesadas por baixo dos olhos claros e penetrantes. Aquele olhar também fizera frente ao insignificante pelotão de exaltados, até à véspera escondidos nos seus refúgios, que à última hora descobriram a chama sagrada do antifascismo e que no dia 25 de Abril irromperam naquele mesmo consultório com a intenção de lhe fazer pagar o passado fascista. Mas ele olhou-os com a franca

intensidade com que agora olhava para a signora Bambina e eles retiraram-se em boa ordem em frente ao homem que os tinha tratado e lhes tinha tratado os filhos e as mulheres. Mas a signora Bambina não se deixou atrapalhar. Considerava-se, e era, uma esposa fiel e uma mãe justa" a quem competia defender por todos os meios o bom-nome da família Brenna. Era o confronto de duas filosofias, o confronto entre duas pessoas que consideram estar do lado da razão e que estão dispostas a tudo para a defender.

– Se a pequena apanhou um susto, nós não sabemos – repetiu a mulher, aguentando o olhar firme do médico.

– Então, minha cara senhora – concluiu o Dr. Osti, acariciando os cabelos de Sônia –, não volte a trazê-la aqui.

– E o que devo fazer? – implorou a mãe.

– Leve-a a Lourdes – liquidou-a, certo como estava de que a mulher mentia.

Tognino esperava-a em frente à porta da taberna.

– O que disse o doutor? – perguntou.

– Disse que ela não tem nada. Isto, assim como veio, há-de passar. – Esta última frase traduzia a sua convicção pessoal.

– Se não tem nada, por que é que não fala?

– Diz que é do estado de choque.

Tognino olhou para a mulher como se ela tivesse enlouquecido. – Vê se não me fazes irritar.

– É verdade. Quer dizer que o medo que ela apanhou lhe tirou a fala. O choque é um medo muito grande.

– E tu contaste–lhe aquilo que aconteceu? – perguntou, preocupado.

– Isso nunca! – rebateu ela, escandalizada.

– E se ela não voltar a falar?

– Ela vai falar. Está sã como um pêro. É isso que conta.

– Pode ser, mas esta história não me convence – objectou, conformado em seguir como sempre os esquemas impostos pela mulher.

Um grande calor sufocava a aldeia. No estabelecimento, a ventoinha recentemente instalada combatia sem esperanças aquela batalha desigual contra o calor e as moscas.

A signora Bambina foi atrás do balcão, sentou-se em frente à gaveta do dinheiro" e pôs-se a contar o apuro daquelas poucas horas de ausência, enquanto Sônia estava já sentada com a lousa com o giz no degrau de pedra fora da taberna.

Estava aparentemente serena, como se nunca na vida lhe tivesse acontecido nada. Nem sequer tinha reparado que Mário, o carvoeiro, tinha desaparecido. Era como se nunca tivesse existido.

Viu Loredana no passeio em frente, à porta do Caffé Sport aninhada num degrau de pedra, a pintar com lápis de cor um caderno de desenhos. Desta vez Sônia não lhe sorriu. Olhou-a primeiro com hostilidade, e depois sentiu em relação a ela um ódio feroz. E não havia razão nenhuma para isso. Toda a sua admiração por Loredana se tinha transformado em desprezo e o amor passara a ódio. Movida por um impulso incontável, atravessou a rua com um passo decidido e foi direita a ela, que a olhou primeiro admirada e depois aniquilada pela surpresa quando Sônia lhe arrancou da mão o caderno, fazendo-o em pedaços, e se aplicou a calcar com todas as suas forças os lápis de cor novos em folha.

– Os meus Stahilo! O meu caderno! – murmurou Loredana, antes de cair ao chão, brutalmente empurrada por Sônia, que regressou imediatamente com um passo desenvolto à sua taberna, seguida pelos gritos lancinantes da menina agredida.

Por uma vez, a signora Bambina desceu, como ela dizia, ao ponto de pedir desculpa, e ofereceu-se para pagar os prejuízos.

– Coisas de crianças – disse a mãe de Loredana, para não dar muita importância ao assunto. – Elas vão fazer as pazes depressa – sorriu.

– É melhor que tudo continue como dantes, visto o resultado que deu – decidiu a mulher, recuperando naquele momento a antiga segurança.

Tognino aproximou-se de Sônia e pegou-lhe no braço. – Quero dar-te um presente – disse.

A pequena olhou para ele com muita atenção. – O que achas se eu te der um cachorrinho?

Sônia arregalou os olhos e sorriu. Sem que ela tivesse dado conta, muita coisa tinha mudado na sua vida e na atitude dos pais que, em vez de a castigarem por aquilo que ela tinha feito, a premiavam, dando-lhe a realizar um sonho a que já tinha renunciado definitivamente: um cachorrinho.

– Vais tê-lo muito em breve – prometeu o pai que, pela primeira vez, tomava uma decisão autónoma e parecia disposto a defendê-la.

No dia seguinte foi acordada por uma coisa fresca junto da cara. Abriu os olhos e encontrou ao lado um cachorro negro, a tremer e a cheirá-la com um narizinho húmido.

– Só tem três meses – disse o pai, orgulhoso da promessa mantida. – É um basset. Gostas?

Sônia assentiu.

– Tens de lhe dar um nome. Como é que lhe queres chamar?

– Bobi – respondeu a menina. – vou chamar-lhe Bobi – repetiu, como se nunca tivesse deixado de

falar.

A signorina Adele Chirico observou com satisfação as meninas de bata branca e os rapazes de bata preta sentados nas carteiras num silêncio perfeito. Levantou-se, desceu do estrado onde estava assente a secretária e, a bambolear-se nos saltos altos e finos, dirigiu-se ao quadro. Sônia tinha uma espécie de veneração por aquela professora que tinha um cheiro a pó-de-arroz e água-de-colônia, os lábios pintados de carmesim, as unhas vermelhas e os vestidos de cores vivas aos quais não renunciava nem sequer durante a estação fria. Sônia amava a beleza sorridente da professora: os seios grandes, a cintura estreita, as nádegas redondas sobre as quais os vestidos se ajustavam, o ventre plano quase metido para dentro, as pernas compridas e fortes e o rosto ligeiramente equídeo mas luminoso de inteligência e vitalidade. Sônia amava também aquele sotaque meridional e as histórias infinitas que sabia contar com aquela cadência musical. E não se tratava apenas de aventuras lendárias ou de episódios comoventes retirados dos livros. A signorina Chirico também contava às suas alunas do primeiro ano episódios de quando ela era uma rapariga recém-formada, professora em Reggio Calábria numa escola de onde se via o mar: muitas vezes, no Verão, quando acabavam as aulas, ia para a praia com as alunas e tomavam banho juntas naquelas magníficas águas límpidas. Sônia nunca tinha visto o mar e começava a suspeitar de que fosse uma invenção dos adultos, como o Pai Natal, o Capuchinho Vermelho

ou o País dos Brinquedos. Mas agora que a professora confirmava, por experiência própria, a existência daquela imensa extensão de lua azul e transparente da qual não se via o fim, achou que a sinorina Chirico e as meninas a quem tinha dado aulas naquela cidade distante deviam ser criaturas especiais. Devia ser muito bom ter assim tanta confiança com a professora, a ponto de poder tomar banho com ela. Uma vez ouviu definir a professora como uma solteirona de quarenta anos. Mas não deu importância, conquistada como estava pelas histórias daquela narradora incansável e fascinante.

O episódio que mais a fazia entrar em êxtase era o da signorina Chirico, jovem estudante a passear em Aspromonte com as irmãs, quando se atrasou numa nascente para matar a sede. Enquanto bebia aquela água fresca que brotava da rocha, viu o brilho de uma lâmina ao sol, e logo a seguir um vulto masculino inclinado sobre ela.

Por um instante, a rapariga, que tinha ouvido histórias de malfeitores e de agressões, sentiu-se perdida, mas o jovem sorriu-lhe, dizendo: "Assim consegue beber melhor", ao mesmo tempo que pôs a lâmina por baixo do jorro da água, de forma a criar um repuxo como se fosse uma fonte. Era um pastor lindíssimo que depois dividiu com elas, as meninas da cidade, pão, queijo e cebolas, à sombra de grandes arbustos de giesta.

Mas aquela que tinha começado não era propriamente uma manhã dedicada às histórias.

– Agora que aprendemos a escrever todas as vogais e algumas consoantes – começou a professora, ao lado do quadro –, vamos começar a escrever algumas palavras. Hoje vou ensinar-vos a escrever duas palavras muito importantes e muito bonitas, que ocupam um lugar de primeira linha na vida de cada um de nós.

Os alunos ouviam-na com atenção.

– Essas duas palavras são – prosseguiu, enquanto ia escrevendo no quadro com uma letra bonita – mãe e casa.

No murmúrio de aprovação que se seguiu, Sônia levantou-se e, inexplicavelmente, foi até à janela. Tinha-a acometido, irresistível, o desejo de ir embora.

– Sônia, volta já para o teu lugar – disse a professora, com firmeza.

A rapariga obedeceu e sentou-se com as mãos atrás das costas. Todos os alunos, com maior ou menor dificuldade, se empenharam em copiar para o caderno as palavras escritas no quadro; apenas Sônia continuava a manter a sua posição de espera forçada.

– Sônia, por que não escreves? – perguntou a professora, que tinha regressado à secretária, tentando desdramatizar a reacção da aluna.

– Porque não gosto destas palavras – respondeu ela, com uma simplicidade desarmante.

A signorina Chirico chamou-a para junto dela. Tinha percebido, desde o início do ano, que Sônia era uma menina estranha, diferente das outras, e ficava muitas vezes junto dela.

– Não gostas da tua casa? – perguntou.

– Não sei se gosto ou se não gosto – hesitou.

– É assim tão difícil responder?

– Sim, porque eu não tenho uma casa.

A professora sabia muito bem que não era verdade. Conhecia Tognino e a signora Bambina e sabia qual era a sua actividade. Quando o eléctrico para Milão se atrasava, ela entrava no estabelecimento para tomar um cappuccino ou um café.

– Tens mesmo a certeza, de não teres uma casa? – insistiu, com uma voz paciente.

– Tenho a certeza.

– Então onde vives? – sorriu.

– Na taberna. Numa taberna cheia de estranhos que bebem, comem e jogam cartas. E só eles é que contam.

A professora fez sinal de que tinha entendido.

– E a mãe? Também não tens uma mãe?

– Sim, mãe eu tenho – respondeu Sônia, depois de um longo momento de hesitação.

– E então?

– Não gosto do nome mãe – afirmou, decidida.

– Então diz-me duas palavras de que gostes – rematou a professora.

Um sorriso iluminou o rosto bonito da rapariga e os seus olhos cor de âmbar encheram-se de luz.

– Bobi – disse. – Bobi é uma palavra de que eu gosto. E outra palavra de que gosto é cão.

Então volta para o teu lugar e copia-as – disse a mulher, entregando-lhe um papel em que tinha escrito as palavras Bobby e cão...

Viu Sônia regressar ao seu lugar com um passo vitorioso e decidiu abordar com a signora Brenna o problema daquela menina diferente. Tocou a campainha para o recreio e os alunos saíram a correr e a falar alto para o pequeno pátio da escola, delimitado por grandes árvores onde se viam ainda as últimas folhas avermelhadas. A área estava protegida por uma rede metálica por trás da qual Bobi esperava pacientemente que acabassem as aulas.

– Olá, cãozinho – disse a pequena, aproximando-se e enfiando os dedos por entre as malhas da rede para lhe fazer uma festa. O cachorro ganiu de prazer, enquanto abanava a cauda muito esticada. O animal acompanhava-a à escola e esperava em frente ao pequeno edifício quando as aulas acabavam. Durante o intervalo das dez, enquanto todas as crianças brincavam, ela ficava encostada à rede a falar com o cão. Dividiam merenda e afecto.

Sônia desembrulhou o pão-de-leite cortado ao meio, barrado com manteiga e polvilhado de açúcar que a mãe lhe tinha preparado, e ofereceu a Bobi a primeira dentada.

– Hoje escrevi o teu nome no meu caderno – informou-o, enquanto o animal, depois de ter engolido o primeiro pedaço, reclamava, com o focinho esticado, os olhos vivos e a cauda a abanar, um suplemento daquele pão de que tanto gostava. O orgulho de Sônia, feliz por ter inaugurado o caderno com o nome dele, deixava-o completamente indiferente.

As crianças brincavam sem prestar atenção ao espectáculo da menina e do cão, ao qual já estavam habituados. Os professores, sentados num banco, mantinham distraidamente os alunos debaixo de olho,

enquanto continuavam a conversar entre eles. A signorina Chirico observava aquela sua aluna difícil sem a perder nunca de vista. Pensou que a guerra tinha produzido muitos estragos nas casas e nas pessoas, mas tinha a certeza de que o tempo acabaria por sanar as feridas materiais e as psicológicas.

A reconstrução seria lenta mas imparável: também a pequena Sônia acabaria por reencontrar o seu equilíbrio. Entretanto, a menina brincava tranquilamente com o cão.

– Oh, olha, olha, o pintainho da professora! – disse Loredana, provocatória, ao passar por ela. Ostentava numa mão um bolo coberto de pasta de amêndoa. Desde que tinha sofrido aquela agressão injusta, Loredana detestava Sônia e não perdia uma oportunidade para a picar. Loredana andava sempre muito elegante e bem arranjada e a sua melhor arma era a ironia, que desesperava Sônia, mal vestida, agressiva e lesta de mente e de mão.

Por isso, quando Loredana, noutros tempos amada e depois subitamente detestada, passou por ela, Sônia deu-lhe um encontrão no braço e fez voar o bolo, que acabou no meio do pó. Depois baixou-se e atirou os bocados ao cão.

– Chega assim, ou queres que te dê o resto? – ameaçou-a logo a seguir.

Loredana, desta vez, não estava disposta a deixar-se ficar. – A minha mãe diz que eu devo ter pena de ti – reagiu.

– Ai diz? – replicou Sônia, pronta para atacar.

– E também diz que tu és assim pálida, feia e má porque tens bichas – reforçou, sempre a sorrir e a abanar ligeiramente a cabeça de modo a que os seus esplêndidos caracóis loiros ondeassem.

Sônia achava que era feia, mas ouvi-lo dizer àquela parva era insuportável. – Isso de eu ter bichas é mentira – defendeu-se. Mas que tu não tens um pai é verdade – contra-atacou, pronta para passar a vias de facto. Também ela repetia aquilo que tinha ouvido dizer.

– É melhor não ter pai do que ter um pai trapaceiro como tu. Sônia acusou o toque. Não sabia o que queria dizer trapaceiro, e provavelmente Loredana também não sabia, repetindo apenas como um papagaio as palavras que ouvia em casa. Mas ambas tinham a certeza de que se tratava de uma ofensa, e grave.

– Tu só falas porque tens uma língua na boca – respondeu Sônia, para ganhar tempo, à procura de uma chave para decifrar aquela palavra odiosa.

– Eu falo porque sei – disse Loredana, imitando o comportamento de uma pessoa adulta, e acrescentou: – Sei eu e sabe toda a gente na aldeia.

– Toda a gente, quem?

– Toda a gente.

Sônia fez o gesto de a mandar àquela parte. – Dizes cada disparate que era capaz de fazer parar o eléctrico.

– Até as pedras sabem que o Mário carvoeiro ficou na miséria por culpa do teu pai. – Do meu pai?

Bobi estava entretido com o último pedaço de bolo que, finalmente, conseguiu engolir.

– O teu pai – desafiou a outra – conseguiu até tirar-lhe a loja.

Sônia sentiu-se perdida naquela escuridão estranha. Mas de que estaria Loredana a falar?

– O Mário carvoeiro? – perguntou, admirada, como se estivesse a pronunciar aquele nome pela primeira vez.

– Olhem para ela – replicou a outra, como se estivesse a chamar testemunhas invisíveis com um gesto teatral. – Agora faz de conta que caiu das nuvens. – Era perfeita na imitação de uma mulher adulta. – Então queres convencer-me de que a loja do Mário carvoeiro não ficava ao lado da tua taberna?

– Ao lado da minha taberna fica o pomar. E nunca lá estive outra coisa – afirmou Sônia, abanando a cabeça com um ar de comiseração. Mas depois achou que estava a ser demasiado magnânima com aquela

espécie de borboleta presunçosa e cheia de fantasias, pelo que, atirando-se a ela, lhe despenteou os caracóis loiros e a atirou ao chão poeirento com um empurrão, fazendo-a guinchar como um pássaro ferido.

– O teu recreio acabou aqui – interveio a professora, que agarrou Sônia por um braço e a empurrou para dentro da escola.

– Volta para a sala imediatamente. Depois conversamos.

A signorina Chirico acompanhou Sônia a casa precisamente à hora em que o estabelecimento estava repleto de gente e o casal Brenna não tinha tempo de atender a filha nem a professora.

Esta avaliou a situação por um instante, e traduziu numa proposta insólita as conclusões a que tinha chegado. Queria absolutamente compreender qual era o drama que existia por trás do comportamento de uma menina que ela considerava particularmente inteligente e sensível.

Indicou Sônia à signora Bambina, que vinha a sair da cozinha com uma travessa de carne cozida. – Importa-se que eu a leve hoje comigo para minha casa?

– E não é muito incómodo? – aceitou a mãe, que parecia não estar à espera de outra coisa. – Só que, se levar a minha filha, tem de levar também o cão. São inseparáveis como gémeos siameses.

Sônia dedicou à signorina Chirico um radioso sorriso de reconhecimento. Foi assim que, pela primeira vez, a menina apanhou o eléctrico verde e foi a Milão.

Não viu muito da cidade durante o percurso: casas esventradas que relacionou com os bombardeamentos que a tinham aterrorizado, e operários que carregavam entulho em velhos camiões para o levarem sabe-se lá para onde. Havia muitos automóveis a circular, uns alimentados a metano e outros que andavam a gás de carvão, como lhe explicou a signorina Chirico. Os primeiros tinham duas botijas no tejadilho, e os segundos uma espécie de fornalha fixada atrás. É claro que Milão era uma cidade cheia de coisas para ver e de gente atarefada.

Sônia admirou sobretudo o palácio da via Settembrini, onde vivia a professora, e classificou-o entre os monumentos históricos da cidade. Era um edifício sólido, elegante, de pedra cinzenta, que a dominava com a sua imponência. O átrio tinha o pavimento em mármore luzidio e uma grade de ferro forjado que dava para um fresco pátio que ficava na sombra.

Havia escadas e também um grande ascensor de madeira brilhante. A signorina Chirico carregou no botão com o número três e a cabina parou no andar indicado.

– Chegámos – anunciou a professora a uma Sônia de olhos arregalados perante tantas novidades. Sentia-se como a Alice no País das Maravilhas.

A signorina Chirico fê-la entrar num apartamento que lhe pareceu muito elegante, com uma sala de estar em que havia um sofá, uns cadeirões com panos de renda nos braços, quadros nas paredes e muitos livros alinhados num móvel que parecia feito de propósito para aquele efeito. Sônia não falou muito, envolvida como estava em todas aquelas novidades que a faziam tão feliz. Também Bobi estava satisfeito. Quando à noite a professora lhe preparou uma

cama no sofá pareceu-lhe tocar o céu com um dedo. O seu ultimo pensamento antes de adormecer, foi que a palavra "professora" era um PenSamento lindísSimo para escrever no caderno.

Sônia estava sentada, muito compenetrada, no banco de madeira brilhante do eléctrico, tinha o livro no colo e entretanto ia repetindo mentalmente os célebres versos de Cecco Angiolieri: S'i' fosse foco, ardere' l mondo'... Gostava daquela declaração de revolta contra os homens, o mundo, a natureza e a família. Tinha feito daquele poeta de Siena o ídolo dos seus anos de juventude e enchia o espírito e o coração com aqueles sonetos blasfemos, irreverentes e sarcásticos. Dizia o professor de literatura que o cinismo verbal de Angiolieri devia ser considerado e avaliado no âmbito de uma tradição retórica muito difundida na Idade Média. Mais do que retórica, pensava Sônia, esta é a verdade no estado puro!

Gostaria, tal como o poeta, de ser papa ou imperador para castigar, mas sobretudo gostaria de ser a morte: "Se eu fosse morte, iria ter com o meu pai", murmurava imperceptivelmente, "e com a minha mãe", acrescentava, adulterando aqueles versos impiedosos, "se eu fosse vida, fugiria deles..." Depois arrependia-se das suas fantasias ferozes e tentava, em vão, apagá-las. Pensou em outras coisas, nos dez anos que tinham já passado desde que, no primeiro ano da escola primária, tinha sido convidada pela signorina Chirico para o apartamento da via Settembrini. Pensou no trágico fim daquela professora tão amada, fulminada por um ataque cardíaco em Setembro de 1948. Morreu durante o sono e os alunos pousaram um grande ramo de flores na campa.

1. Se eu fosse fogo, queimaria o mundo. (N. da T.)

Restava-lhe Bobi, que vivia ainda, apesar de manifestar sinais de velhice. Recebia-a sempre com alegria no regresso da escola, mas tinha aprendido a esperá-la na paragem do eléctrico em frente à taberna, porque não a podia seguir até ao centro de Milão.

No eléctrico havia pessoas que a conheciam e a olhavam com admiração e respeito. No fundo, aquela rapariga de rosto estranho e corpo ainda não amadurecido, apesar dos dezasseis anos já feitos, tão bem vestida, tão educada, tão estudiosa, sempre debruçada sobre os livros durante o trajecto, era a única da aldeia que frequentava a escola das Ursulinas. Andava no segundo ano do magistério e era a melhor aluna da turma.

Ninguém podia imaginar que sob aquele aspecto irrepreensível se escondia uma índole rebelde, um espírito inquieto, uma rapariga profundamente infeliz, uma alma exacerbada por um conflito insanável e perpétuo com os pais, nos quais não se reconhecia. Tinha escolhido o magistério em memória da signorina Chirico, mas os métodos de ensino não eram aqueles que pensava e a própria escola era diferente daquilo que tinha imaginado; de qualquer maneira, sempre era melhor do que os esquemas e os ritmos impostos pela signora Bambina que, com o passar dos anos, se tornara cada vez mais intransigente, autoritária e insuportável.

– É muito quente – continuava a lamentar-se com o marido a propósito da filha. – Olha para os rapazes que entram no estabelecimento como se os quisesse comer.

Tognino anuí-a e fitava-a com os seus olhos tristes e resignados. Tinha aprendido a considerar como um evangelho as palavras da mulher: sempre era melhor do que assumir a responsabilidade de a contradizer. E depois, sendo uma mulher de bom senso e de intuito seguro, podia até ter razão.

Teria Sônia herdado as inquietações obscuras da avó?

António Brenna detinha-se por muito tempo, sem ser visto, a observar uma velha fotografia cor de sépia da mãe, que guardava ciosamente na carteira. Era a imagem de uma mulher que conservava ainda os traços da adolescência, o rosto liso, um nariz altivo sem ser feio, uns lábios macios e bem desenhados, maçãs do rosto altas e o cabelo apanhado no cimo da cabeça.

Tognino procurava analogias de sangue e de carácter entre a filha e a mãe, que se pareciam como duas gotas de água. Por fim o homem convenciera-se de que a mulher tinha razão ao considerar que a filha, pouco mais do que uma criança, era uma devoradora de homens. Não se comportara também assim a sua mãe? O pai tinha ingerido mais chifres do que sopas e tratava-a com desprezo. Tognino, que amava apaixonadamente a mãe, sofria quando era objecto dos olhares maliciosos e dos comentários obscenos dos homens que encontrava. E agora Sônia.

– A única solução é arranjar-lhe depressa um marido – sugeria o homem.

– Assim que acabar a escola, quando fizer dezoito anos, arranjam os meios de a casar – concordava a mulher, sossegada com a cumplicidade do marido. – Mas entretanto não a podemos perder de vista.

Não a perder de vista significava exercer um impiedoso controlo policial, submetendo a sistemáticas investigações diárias livros e cadernos para descobrir indícios de alguma intriga amorosa que poderia prejudicar aqueles planos. Nos projectos da mulher havia um casamento interessante com o filho dos Porta, os donos da tabacaria, que contribuiria para a consolidação da fortuna patrimonial dos Brenna que possuíam, para além da taberna, a loja de frutas e verduras que em tempos tinha sido a carvoaria de um certo Mário, misteriosamente desaparecido depois de ter cedido o negócio a Tognino, uma drogaria e dois apartamentos num prédio de construção recente mesmo na estrada principal para Milão.

Sônia desconhecia estas maquinações, e a intolerância materna, que chegava ao ponto de a proibir de participar num passeio da escola, exasperava-a. Por isso se refugiava em Cecco Angiolieri, que lhe oferecia as palavras da vingança e da rebelião.

Precisamente naquela manhã, antes de sair, tinha discutido selvaticamente com a mãe porque queria passar a tarde em casa de Virginia, uma colega de escola que morava em Milão, e ela lho proibira, ordenando-lhe que regressasse pontualmente a casa no fim das aulas.

O eléctrico chegou ao fim da linha a tocar a campainha pelo meio do trânsito. Tinham desaparecido as viaturas a metano e apareceram os Seiscento, um tipo de carro que gostaria de possuir e continuava a ser um sonho, como a liberdade que desejava mais que qualquer outra coisa no mundo.

Sonia levantou-se, meteu debaixo do braço os livros apertados numa fita de borracha e pôs-se na fila para descer. Trazia uma saia azul de pregas e uma blusa de flanela azul-clara com uma fita a rodear o colarinho. Calçava sapatos rasos cor de pele. Era mais alta que a média das raparigas da sua idade e conservava da adolescência qualquer coisa de imaturo e de agressivo. Tinha os cabelos apanhados numa trança grande que lhe descia pelas costas.

Atravessou a rua e seguiu pelo corso Venezia em direcção à escola das Ursulinas. Entretanto ia revendo mentalmente a matéria de Italiano, pois estava decidida a deixar-se interrogar e a ter uma boa nota. Ser a melhor aluna da turma era a única maneira de se impor num ambiente onde prevalecia a lei do dinheiro. Era essa a razão que tinha levado a mãe a gastar aquela quantia para a mandar estudar: fazer ver à gente da aldeia, para além de estar convencida de que as religiosas controlavam a moral das alunas e influenciavam o seu comportamento. Quanto a controlar, controlavam; mas o seu conceito de moralidade consistia em olhar com desconfiança as meias de nylon, em proibir o bâton e o verniz das unhas e em denunciar as alunas que chegavam à escola na companhia de rapazes. O cinismo e o egoísmo, os pequenos vexames que as raparigas mais arrogantes faziam passar com sorridente sadismo as mais vulneráveis não tinham nada a ver com o tipo de moralidade prevista dentro das paredes do Instituto. Sônia detestava a escola, as freiras e as colegas. Excepto uma: Virginia, a filha dos porteiros de um palácio na via Bigli, animados por um desejo frenético de promoção social idêntico àquele que possuía a signora Bambina. Sônia e Virginia encontraram-se no corredor antes de entrarem na sala de aula.

– Vens hoje a minha casa? – perguntou Virginia, ansiosa.

– Claro – respondeu Sônia, com uma segurança adquirida naquele instante.

– Deixou-te? – retorquiu a amiga, espantada.

– Não. Não me deixou.

– E então?

– Então não faz mal. Eu hoje vou a tua casa – sentenciou.

– E depois?

– Depois, logo se vê – concluiu Sônia ao entrar na sala de aula.

Sônia e Virginia viraram a esquina da via Manzoni e percorreram a via Bigli seguidas pelo eco dos seus passos, que tinham a alegria e a graça da juventude. Uma faixa azulada de céu parecia suspensa e era acentuada pela elegância compacta dos palácios.

– O palácio de Bros é aquele ali em baixo – explicou Virgínia, indicando um edifício sólido, mais baixo em relação aos outros, que culminava com um pátio onde crescia, viçosa, uma videira canadiana.

As duas raparigas transpuseram a entrada. Sônia reparou que havia, no pátio, duas riscas de granito no empedrado: noutros tempos, era aí que pousavam as rodas das carroças. Havia um tecto em painéis de madeira e um portão interior de ferro forjado rematado em cima por umas pontas de lança em latão brilhante. Dentro do grande pátio existia uma construção mais baixa com portas de vidro no rés-do-chão, um primeiro andar com varanda e, por cima, um terraço florido. Comparou mentalmente a casa da signorina Chirico, a antiga professora, com o palácio da via Bigli e concluiu que, decididamente, perdia naquele confronto. Esta era uma casa nobre, perante a qual se sentiu atraída e assustada.

– Olha que ali não se pode entrar – preveniu Virgínia, quando viu a amiga contemplar com olhos sonhadores a construção que se erguia para além do portão.

Sônia anuiu e recordou que a amiga era apenas a filha dos porteiros do palácio de Bros e que a sua meta era a portaria.

– Nós moramos aqui – disse Virgínia, indicando o cubículo de vidro à esquerda do átrio.

– Isto não é um palácio! – exclamou, extasiada. – É a residência do rei! – O melhor é esqueceres isso – replicou Virgínia, sensata.

Sônia pensou nos pais, na taberna onde tinha nascido e crescido, na aldeia onde vivia e que começava a estender-se, correndo ao encontro da cidade pela qual seria brevemente absorvida, transformando-se numa periferia esquelética. Era um burgo cheio de gente que Sônia detestava. Até a igreja barroca, o edifício mais bonito, assumia os contornos daquela fastidiosa mediocridade.

Ela procurava horizontes mais vastos que tivessem a grandiosidade do palácio da via Bigli. A beleza era uma necessidade, uma maneira de acalmar a raiva; e a riqueza culta e refinada era um dos seus sonhos inconfessados.

– Isto significa viver como se deve – disse a Virgínia, seguindo-a de má vontade em direcção à casa dos porteiros cuja porta, ao abrir-se, accionou uma campainha que emitiu um toque ligeiro, de convento.

– Quem é? – perguntou uma voz de mulher, que veio da cozinha juntamente com um apetitoso perfume de minestrone.

– Sou eu, mãe. A Sônia veio comigo – respondeu a rapariga.

– Vão para o teu quarto. Eu chamo-vos quando o almoço estiver pronto – disse a mulher.

Sônia entreviu dois braços magros que lidavam com uma panela invisível. Naquelas poucas palavras e naqueles gestos banais reconheceu a modéstia da sua existência, que era acentuada pelo confronto com aquela sumptuosa residência.

Virgínia, apesar de pertencer a uma família mais pobre do que a de Sônia, tinha um quatinho só para ela, enquanto que esta tinha de se contentar com uma cama por trás de um biombo, na sala que fazia as vezes de armazém, no andar por cima da taberna.

Sônia fez estas comparações e sentiu-se invadida por um certo desconforto. Aquela que devia ser uma grande evasão estava a naufragar na melancolia dos confrontos que acentuavam a mediocridade da sua vida.

– Quem são esses de Bros? – perguntou impetuosamente, devorada pela necessidade de saber, de reconstruir através das histórias da amiga as personagens que podiam permitir-se viver num palácio como aquele.

As duas raparigas sentaram-se na cama. O pequeno quarto de Virgínia estava perfeitamente em ordem.

– São uns doidos – confessou Virgínia. – Os ricos são todos doidos – acrescentou. – E avarentos, ainda por cima. Tu nem imaginas como é a avareza da velha – comentou.

– E tu sabes que a velha, todas as noites, manda lavar a cadela no bidé? Depois leva-a com ela para

a cama. – Virgínia optou por seguir a via da bisbilhotice, abandonando o tema da avareza que acabava de tocar.

– O que é que isso tem a ver com a avareza? – perguntou Sônia.

– Provavelmente, nada. Mas são muito avarentos – rematou a outra. – Mas agora ouve esta. – Aproximou-se da mesinha, aos pés da cama, onde estava pousado um gramofone; a prateleira que ficava por baixo estava cheia de discos.

Não estava interessada em falar dos de Bros, preferia pôr a amiga a ouvir as canções e os trechos musicais de que mais gostava.

– Ouve esta – insistiu Virginia, enquanto punha no prato um pesado setenta e oito rotações –, e diz-me se não é linda. É *Sing In The Rain*, cantada por Gene Kelly.

– A canção evocou as imagens de uma América fantástica, moderna e grandiosa, descrita pelos filmes musicais de Hollywood que faziam furor em todo o mundo.

– Virgínia, o portão! – Era a voz da mãe que se ouvia da cozinha. Depois assomou à porta do quarto. Era uma mulher seca e acabada, minúscula e nervosa, com as mangas da bata arregaçadas, deixando à vista os braços brancos, cheios de farinha. – E desliga essa geringonça, por amor de Deus – intimou-a, dissipando o fluir de um desejo.

Virginia transformou-se, num instante, de estudante sonhadora em colaboradora diligente. Levantou o braço do gramofone, interrompendo a música, e precipitou-se em direcção ao átrio. Sônia foi atrás dela, mas parou atrás da porta de vidro. Viu a amiga abrir o portão, ao mesmo tempo que o ronco do motor de um Alfa branco ecoava no átrio. O carro deslizou em direcção ao pátio interior. Sônia teve apenas alguns segundos para imprimir na memória o perfil do homem ao volante: um rosto aristocrático, a prega arrogante

entre os lábios, um irónico olhar azul, cabelos curtos, negros e encaracolados. Virgínia, depois de ter fechado o portão, foi ter com ela.

– Até parece que viste a Nossa Senhora – comentou, com uma ironia sorridente.

– Quem é? – perguntou Sônia, em êxtase.

– É o Giulio de Bros. Em casa chamam-lhe o advogado. É o filho mais novo da senhora – explicou Virgínia.

Sônia tinha dezasseis anos e achava que o amor era uma palavra inventada pelos poetas, mas em poucos minutos relacionou esse termo com as perturbações e a languidez que a tinham feito esquecer todo o cinzento e toda a mediocridade que tinha à volta. Sentiu que se tinha apaixonado e deixou-se envolver pela plenitude daquele sentimento desconhecido. Depois pensou que estava demasiado distante e demasiado em baixo para aspirar a Giulio de Bros.

– Ainda estás a sonhar? – brincou Virgínia, que era uma rapariga concreta e que se deixava sempre guiar pelo seu inato bom senso.

Sônia olhou-a bem nos olhos, ao mesmo tempo que a expressão se lhe tornava firme e determinada.

– Estás enganada – replicou. – Estou a elaborar projectos para o futuro.

Parecia calma e decidida. O projecto chamava-se Giulio de Bros. Naquele momento só queria saber tudo sobre ele, devorada como estava pelo desejo de entrar na sua vida.

– É com este homem que eu vou casar – disse, com um ar absorto.

– Tens a certeza de que estás bem? – perguntou Virginia, que começou a duvidar do equilíbrio mental da amiga.

– Nunca estive tão bem como neste momento – disse ela, para a sossegar.

– Então és doida – concluiu a rapariga.

– Doida, pois claro. Um ingrediente essencial para ficar em sintonia com os ricos. Que são doidos.

Para me elevar ao nível deles. Para além da loucura, é preciso riqueza. Eu um dia vou ser muito rica.

Virginia arregalou os olhos e pousou a mão na testa de Sônia Para ver se tinha febre. Estava fresca como uma rosa. E sorridente.

– Vamos comer – propôs, sabendo que a mãe as ia chamar mas sobretudo para evitar que Sônia continuasse a perturbá-la com aquelas brincadeiras e aquelas invenções.

Foi ao fim da tarde que Sônia desceu do eléctrico. O pai estava à espera dela na paragem. Pela forma como a olhou, percebeu que era um sicário doutrinado pelo cabecilha: a mãe. Apertou contra o peito os livros escolares, como se com aquele gesto pudesse defender-se do mal-estar que lhe provocava aquele homem ali à espera.

– Onde está o Bobí – perguntou-lhe. Era a primeira vez que o cão não estava à espera dela na paragem. Quando Sônia voltava da cidade, o basset já não se entregava às frenéticas contorções dos primeiros anos, exibindo-se apenas em alguns saltos acrobáticos de boas-vindas antes de retomar a compostura de um cachorro velho e sensato.

O pai respondeu-lhe com duas bofetadas secas e pesadas. Era a primeira vez que lhe punha a mão. Sônia corou, mais pela vergonha do que pelas estaladas. O que a ofendia era a afronta sofrida perante os olhares de toda a gente. – E agora vai para casa, depressa disse o homem, avançando à frente dela em direcção à taberna, do outro lado da rua.

Sônia tinha ousado desafiar a mãe, que a tinha proibido de passar a tarde na cidade, em casa de Virgínia e, como retaliação, tinha imposto ao marido que a esbofeteasse diante de toda a gente. – A vida é um comboio que tem de andar sobre os carris da obediência – sentenciava a signora Bambina. – E não admite erros. Nem desvios.

Até àquele dia, Sônia sempre aceitara os esquemas impostos, sobretudo para evitar a visão daquele ventre balofo que lhe causava medo e mal-estar.

Seguiu o pai apenas para se furtar aos olhares detestáveis e maliciosos das pessoas. Algumas mulheres começavam já a tecer, como se deduzia pelos seus sorrisos irónicos, uma história maldosa. E enquanto ela tentava fugir rapidamente daquele palco onde interpretava o papel da rapariga da aldeia mal comportada e um pouco perversa, recordou todos os ultrajes sofridos na infância, na adolescência e agora que era quase uma mulher. Os seus algozes como sempre, "o casal Brenna". Era assim que Sônia, com a devida distância, definia os pais.

Atravessou a taberna, trespassada pelos olhares curiosos dos clientes. Depois refugiou-se na cozinha. Aquele espaço não tinha mudado muito desde que ela era pequena. A signora Gilda tinha sido substituída por um cozinheiro, o frigorífico pequeno tinha dado lugar a um outro maior e havia muito mais trabalho, porque ia lá muita gente jantar, sobretudo no Verão.

Na cozinha só estava a mãe. Dispunha com um cuidado meticuloso fatias de presunto e pickles numa travessa. Bobi apareceu sabe-se lá de onde e começou a representar, velho como estava, uma espécie de dança de agradecimento em volta de Sônia. O cão tinha sido fechado na cozinha para a irritar. Ela atirou com os livros para cima da mesa, debruçou-se para lhe fazer festas e começou a chorar. O cão lambeu-lhe as faces inundadas de lágrimas.

– Não há razão nenhuma para chorar – disse a mãe, sem levantar os olhos da travessa que estava já inteiramente coberta de fatias de presunto e pickles. – Desobedeceste e o teu pai castigou-te.

Aquelas palavras hipócritas foram o detonador que fez explodir toda a raiva que tinha acumulado em anos de tirania grosseira.

Levantou-se de repente e pôs-se à frente da mãe, que insistia em não olhar para ela.

– Foste tu que me castigaste – começou. – Tu mandaste o teu marido envergonhar-me em frente a toda a gente. Tu, que me detestas. E eu não sei porquê. Tu, que queres entrar na minha vida com essa cabeça

cheia de princípios absurdos. Eu não te quero. Não te quero a ti, nem quero a tua cabeça oca. Eu vou sair desta casa. Repito: vou-me embora. Percebeste bem?

Sônia tinha levantado a voz, que tinha um tom decididamente agressivo. Bobi, assustado, atirou-se para o chão e foi-se enfiar num canto, entre a parede e o frigorífico.

A signora Bambina não se descompôs. Ergueu finalmente a cabeça, o suficiente para lançar à filha um olhar cheio de ironia e de sarcasmo.

– Saíste mesmo àquela tua avó – disse. – Talvez a culpa nem seja tua, mas o resultado é o mesmo. Eu tenho o dever de defender o bom nome do teu pai.

– O que é que sugeres para defender esta grande família? que comportamento é que eu devo assumir? – gritou Sônia, a soluçar.

– Acho que chegou o momento de te arranjar um marido. A mãe descobria finalmente o jogo, enquanto observava, satisfeita, a travessa que já estava pronta. – E assim mesmo – suspirou – um marido é que resolvia o problema. E temos de fazer as coisas depressa, apesar de eu reconhecer que te podíamos casar só daqui a alguns anos. Mas o meu medo – continuou – é que tu não consigas chegar virgem ao altar.

– Casar-me? – murmurou Sônia, ao mesmo tempo que limpava as lágrimas. – Ao altar? – acrescentou, levantando o tom de voz. – Mas será que enlouqueceste? – gritou, com todas as suas forças.

– Estás a ver como ficou bonito? – perguntou a mãe, convidando a filha a admirar o prato da entrada. Estava gélida, impenetrável, segura das suas convicções absolutas, com as quais se sentia protegida como numa fortaleza.

– Perguntei-te se enlouqueceste! – repetiu a rapariga, que tinha já amadurecido a certeza de que a mãe era uma antagonista desleal, pronta para a atacar à traição.

Sônia não tinha confiança nenhuma naquela mulher de ventre gelatinoso e olhar de gelo que se assumia como a guardiã de todas as virtudes.

– Sou tua mãe – disse finalmente, olhando-a nos olhos. E tenho de ter bom senso também por ti. Eu e o teu pai decidimos arranjar-te um marido só quando acabasses os estudos. Mas a tua conduta obriga-nos a antecipar o prazo. Não vais chegar a ser professora, mas levas a tua virgindade em dote. Pelo menos, assim o espero.

Em poucos minutos, as bofetadas do pai e os delírios maternos tinham apagado a recordação das horas passadas com Virgínia.

Desapareceu a tarde na via Bigli, dissolveu-se o palácio dos de Bros, assim como a canção de Gene Kelly, as conversas picantes com a amiga, a visão e o sonho de um amor arrebatador com Giulio de Bros. Sônia voltou a ser uma rapariga da aldeia cheia de medos e de incertezas, de solidão e de desespero.

Subiu a correr a escada de ferro em caracol, que ressoou profundamente, e refugiou-se na sua cama, por trás do biombo, na sala

de caixas de bebidas, sacos de café, pacotes de açúcar e copos e pratos de reserva.

E Bobi, o basset fiel, seguiu-a, mais tranquilo com o silêncio que ria agora, mas perturbado pela tensão que havia ainda no ar. e Sônia abraçou-o e o cão cheirou-lhe as lágrimas e ganiu, quase como se quisesse consolá-la.

Surgiram nela muitos pensamentos contraditórios, mas no meio daquela confusão houve uma certeza que ganhou forma: ia fugir daquela taberna, daquele mundo em que não se reconhecia. Ia fugir para longe daquela mãe que talvez não a detestasse, mas que efectivamente se comportava de uma forma detestável.

Lembrou-se de que no dia seguinte a esperava na escola um teste de Latim e que ainda não estava preparada. Mas que sentido fazia estudar, se a signora Bambina não queria que ela continuasse na escola? Pensou no casamento imposto pelos pais. E, para além do mais, com quem ia ter de se casar? Mas que coisa teria tramado aquela mulher às escondidas? Sentiu-se como uma marioneta que age e fala só

porque alguém puxa os fios e lhe dá uma voz. Quis morrer. Aquilo que a mãe pretendia dela era intolerável e imoral.

– Sinto muito – desculpou-se o pai, sentado na beira da cama. Sônia escondeu a cabeça na travesseira para não o ver. – A tua mãe e eu estivemos preocupadíssimos todo o dia – tentou justificar-se.

– Até telefonámos para a escola a saber de ti.

– Estava em casa da Virginia Crippa – precisou. – E a tua mulher estava farta de saber. – Descobriu de repente a cabeça e encontrou-se face a face com aquele homem pequeno, doce e cheio de medos, que lhe tinha batido como batem os fracos para demonstrar que são fortes. Sônia teve vergonha por ele.

– A tua mãe tinha-te proibido de ficares fora todo o dia – disse Tognino. – Tinha a certeza de que lhe ias obedecer. – Havia um tom acalorado naquelas palavras.

Sônia lembrou-se de Don Abbondio, uma célebre personagem de Manzoni que tinha conhecido quando estudou, na escola, promessi sposi. O pai parecia-se muito com ele.

– Não quero continuar a obedecer – replicou. – Já me cansei das imposições dela e da tua passividade. Para ti, aquilo que ela diz ou faz é palavra do Evangelho. Vives na sombra dela e até aceitas pôr-me as mãos em cima em frente a toda a gente para não a contrariar – desabafou.

– Já te pedi desculpa por te ter batido. Tu não pediste desculpa por teres desobedecido. E não me parece que tu, aos dezasseis anos, tenhas o direito de criticar as decisões da tua mãe.

Sônia sentou-se na cama e abraçou-o, a chorar. Bobi insinuou-se entre eles para receber a sua parte de ternura. Naquele momento, a rapariga lembrou-se de que a mãe nunca a tinha abraçado.

– Diz que não quer que eu continue a estudar – murmurou – Diz que tenho de me casar. Percebes isto? – Não ousou referir-se à conversa sobre a virgindade.

– Vais continuar na escola – sossegou-a. – Prometo-te. E hás-de casar quando o Senhor quiser. Mas não deves confundir com ódio o amor da tua mãe. E não a podes condenar por querer para ti o melhor da vida – insistiu o homem, comovido com a dor da filha.

– Claro – mentiu Sônia. No fundo do coração, sabia que nem o pai nem os outros a podiam entender. Quando António Brenna falava do melhor da vida, referia-se à situação de algumas raparigas da aldeia, que a mãe considerava exemplos a imitar e que Sônia, pelo contrário, detestava. Por exemplo, Letizia, a filha da leiteira, com bigode mas não tão feia como a mãe, que depois de acabar os estudos se tinha casado com o filho dos Passoni, proprietários de uma fábrica de termómetros. Aos vinte anos, Letizia era uma "dona de casa abastada".

Sônia via-a, às vezes, a sacudir da janela os tapetes do quarto, com a cabeça cheia de ganchos e as unhas pintadas de vermelho. Leitora incansável, Sônia via em Letizia Passoni uma espécie de Madame Bovary: uma personagem que ela achava detestável. Não era assim que imaginava o futuro.

E as palavras da mãe, que glorificavam Letizia como um brilhante exemplo de rapariga bem-comportada, com a cabeça em cima dos ombros, ainda a tornavam mais odiosa aos seus olhos. Mas como poderia ela explicar tudo aquilo ao pai?

– Por que é que eu não posso, de vez em quando, passar uma tarde em casa de uma colega da escola? – Queria avaliar a consistência real daquela transgressão.

– A cidade é vasta e terrível – tentou explicar o pai –, cheia de risos e de tentações. Tu ainda és muito pequena para a enfrentares sozinha.

Sônia apercebeu-se de que havia alguma verdade nas palavras do pai. Mais do que vasta e terrível, porém, a ela parecia-lhe que a cidade era enorme e lindíssima, e tentava-a com o luxo dos palácios, a elegância dos vestidos das mulheres, o fascínio dos homens. Era muito agradável deixar-se tentar. Era um mundo cheio de insídias, mas era o mundo no qual acabaria por entrar. Naquela confusão de

sentimentos e de humilhações sofridas, de sonhos e de desejos, aquela era a única certeza. – E se eu convidasse a Virginia para vir aqui de vez em quando, achas que a mãe ia aceitar? – perguntou.

– Acho que sim – respondeu o pai.

Assim nasceu uma sólida amizade. Sônia conseguiu passar outras tardes na cidade e deu-se conta de que aqueles momentos de liberdade, em certo sentido, aumentavam as suas frustrações, apesar de contribuírem para esclarecer o mistério de um homem fantástico por quem se tinha apaixonado loucamente. Sônia conseguiu saber tudo, ou quase, de Giulio de Bros, e decidiu que aquele ia ser o homem da sua vida. – O mais importante está feito – comentou, um dia, em frente ao espelho, satisfeita consigo própria. – O que é preciso agora é encontrar a maneira e o momento certo para ele ficar a saber.

Que maravilha! – exclamou Sônia, olhando em volta, fascinada com tanta grandeza. Era a primeira vez que via um atelier de alta-costura e deu por si a compará-lo com uma catedral da elegância. Havia alguma coisa de mágico no amplo salão revestido de espelhos com molduras rococó.

Sônia fez umas piruetas em frente a um grande espelho e a sua imagem multiplicou-se, reflectindo-se em todos os espelhos com um efeito mágico. Pensou que tinha ido parar ao meio de um conto de fadas.

Virgínia olhou para ela com admiração. Gostava de ser como Sônia, que na rua fazia virar homens e mulheres: os primeiros com olhares gulosos, as segundas com uma espécie de admiração e inveja. Porque Sônia era lindíssima, de uma beleza soberba e fora do vulgar.

Ela, pelo contrário, era minúscula e pálida, mas não se sentia em competição com a amiga. Sentia-se satisfeita, no entanto, com aquela beleza e aquela elegância inata, que de qualquer maneira se reflectiam também nela.

O mês de Junho chegava ao fim e o Verão que começava espalhava no ar o perfume das tílias. As raparigas usavam saias amplas apertadas na cintura com faixas largas que faziam sobressair a flexibilidade do corpo, camisas de colarinho desabotoado, e penteavam-se como Brigitte Bardot, que tinha inventado o "rabo-de-cavalo".

A signora Bambina fugia às imposições da moda, obrigando

a filha a usar saias compridas porque não era recomendável que uma rapariga decente se mostrasse mais do que devia. O mesmo podia dizer Para os sapatos, que eram baixos e sem tacão. Os cabelos, lisos e densos, de um bonito castanho acobreado, caíam-lhe nos ombros, seguros por uma bandetele. A pele cor de âmbar punha nas maçãs do rosto um tom rosa dourado que nenhum cosmético lhe conseguiria dar. O nariz altivo, levemente aquilino, parecia feito para valorizar os grandes olhos amendoados. A testa curva e os lábios bem desenhados conferiam-lhe um perfil muito particular, qualquer coisa de aristocrático que chamava a atenção.

A Sônia feia, que invejava a "menina da frente" por causa dos caracóis dourados, tinha-se tornado uma maravilha. Mas tanto esplendor deixava ansioso o casal Brenna, sobre quem pendia a obrigação de tutelar a moral da filha, indissolvelmente ligada à sua virgindade. Os pais de Sônia não tinham dúvidas: a filha tinha herdado as características da avó paterna, que tinha sido bonita, ativa e inquieta.

Aperceberam-se de que Sônia tinha ganho asas e que, mais cedo ou mais tarde, acabaria por levantar voo. Era irrelevante que a mãe lhe impusesse vestidos discretos, que a proibisse de se pintar, de usar brincos, de ir a festas e de falar com rapazes. A barreira que a signora Bambina tinha construído à volta dela tinha o céu como tecto, um céu aberto e luminoso. A educação severa que deveria transformar Sônia numa rapariga reprimida tinha, pelo contrário, produzido uma rebelde que preferia tudo aquilo que a mãe detestava.

– Pára de sonhar – disse Virginia, chamando-a à realidade.

– Isto não é o palácio de Versailles. É só o salão da Lidia Mantovani – E tu és uma intrusa, uma clandestina que vai ser posta fora se não tiver o bom senso de sair.

– Virginia estava preocupada com aquelas piruetas de Sônia. Achava que, se fossem apanhadas a brincar no salão da grande costureira, no mínimo seriam postas na rua.

– Não tenhas medo – disse Sônia. – Não sou nenhuma ladra nem estou a estragar nada – continuou, enquanto pegava numa grande écharpe de seda abandonada numa poltrona e a punha à volta dos ombros.

– É meia-noite, Cinderela! O encanto está quase a acabar – avisou Virginia. – E pára de sonhar. Só viemos aqui fazer um recado.

Ninguém te autorizou a usar essas coisas. Se se rasgam ou se sujam, nunca mais vamos ter dinheiro para as pagar.

O atelier de Lidia Mantovani ocupava todo o primeiro andar do palácio adjacente à residência dos de Bros. A empregada Carla de Bros tinha pedido a Virginia para lhe fazer um pequeno favor: levar um embrulho à modista. Sônia, que estava com ela acompanhou-a.

As duas raparigas passavam muitas tardes juntas a fazer revisões de todas as matérias, porque se aproximavam os exames finais.

às vezes acontecia, como naquela tarde, que lhes fosse confiada alguma tarefa que representava um parêntesis de descontração naquele duro programa de estudo.

– vou levar-te a ver o atelier de costura mais importante de Milão – prometeu-lhe Virginia, desencadeando uma adesão alegre e imediata.

– Fantástico! – exclamou Sônia, assim que transpuseram o portão de entrada do palácio.

– É o atelier da Lidia Mantovani – disse baixinho Virginia, como se aquilo fosse um grande segredo.

– Imagina que um vestido feito por ela pode custar meio milhão.

E até mais, se for um vestido de noite.

Sônia ficou estupefacta. com meio milhão, o pai fornecia a taberna de vinho durante um ano.

– Devem ser uma maravilha, esses vestidos – observou. Achas que se eu usasse um vestido desses o Giulio de Bros reparava em mim?

Riam baixinho, enquanto subiam a escadaria com um corrimão de veludo que conduzia ao atelier. Tinham passado dois anos depois do primeiro, fulgurante encontro com o homem dos seus sonhos, e aquela recordação continuava aninhada no coração da rapariga. Giulio de Bros vivia nos seus pensamentos, apesar de não poder ter esperanças de o voltar a ver, porque ensinava numa universidade qualquer dos Estados Unidos. Era essa a versão de Virginia. Mas havia outra coisa que o tornava mais desejável aos seus olhos: tinha fama de grande amante. As mulheres que se revezavam no seu apartamento durante as breves estadias em Milão eram numerosas. Os empregados falavam na portaria das grandes cenas míticas que a mãe de Giulio, Carla de Bros, lhe fazia de cada

vez que conseguia encontrá-lo. Aquela oposição não era motivada por uma questão de moral. Não tinha nada contra as senhoras que frequentavam o quarto dele, mas a propensão do filho mais novo para as aventuras fáceis lançava uma grande sombra sobre o projecto de casamento de Giulio com Serena Zuccoli. A família Zuccoli era proprietária da homónima empresa têxtil, em Varese, com cotação na Bolsa.

– A velha está furibunda – contava Virginia –, porque o advogado não quer mesmo saber daquilo para nada.

– Ainda bem – replicava Sônia, com um suspiro e um sorriso de alívio.

– Achas que está à tua espera? – perguntava a amiga, escarninha.

– Não. Eu é que estou à espera dele e tenho-o debaixo de olho. Se casasse com outra eu ia morrer de dor. – Fazia uma careta de pranto fingido, depois desatava a rir e Virginia ria com ela. Era uma maneira de fazer regressar aos carris do bom senso uma grande ilusão juvenil.

– Anda lá, responde – insistiu Sônia, que continuava a fazer piruetas em frente aos espelhos. – Se eu

tivesse um vestido assim, achas que o Giulio reparava em mim?

– Até sem um modelo de meio milhão o teu Giulio reparava em ti – interveio uma voz de mulher, que arrastava os erres. Não és o tipo de rapariga que passa despercebida.

Sônia não precisou de se virar. Imobilizou-se em frente ao espelho que, para além da sua, reflectia a imagem de uma senhora não muito alta e magra, num perigoso equilíbrio sobre uns vertiginosos saltos afiados. Tinha cabelos loiros e uns vistosos óculos de míope com uma armação de strass.

– Pedimos muita desculpa... signora... Mantovani. Nós... já vamos embora. Tínhamos uma encomenda para si... da parte da signora... de Bros. – Virginia gaguejava e só se queria enfiar num buraco por ter sido surpreendida no meio daquela brincadeira.

– Não é preciso ficares assim atrapalhada, minha querida disse a mulher, para a tranquilizar, apesar de não estar nada preocupada com o facto de Virginia ter corado daquela maneira nem com a aflição em que a rapariga se encontrava. Liquidou-a com uma

pancadinha na face. – Mas tu, quem és? – Era uma mulher despachada e ia directamente ao assunto.

– Sou uma colega de escola da Virgínia – respondeu Sonia, enquanto tirava dos ombros a écharpe de seda. Agora sentia-se arrependida por não ter seguido os conselhos da amiga.

– Como te chamas? – perguntou, aproximando-se dela. Sônia achou que a mulher devia já ter passado os quarenta anos, por causa das rugas que lhe sulcavam o colo, parcialmente escondidas por um colar duplo de pérolas grandes. Ostentava também duas pérolas enormes nos anelares das mãos gorduchas.

– Sônia – respondeu finalmente, com uma voz calma. O medo já tinha sido exorcizado. – Chamo-me Sônia Brenna – repetiu.

– É um nome lindíssimo – observou a mulher, que abriu os lábios pesados num sorriso. – Um nome que parece feito à medida para ti. Um nome russo que se difundiu também entre nós nos fins do século XIX. A protagonista de O Tio Vânia de Tchekhov. Já para não falar da Sônia de Crime e Castigo. – Queria surpreendê-la com a sua cultura e tinha conseguido. – Sabias?

– Não – respondeu a rapariga a sorrir, satisfeita.

– E depois é um nome que te fica lindamente – continuou.

– Um nome russo com esse teu rosto ligeiramente mongol. E o corpo... realmente encantador. – Falava com um ar pensativo, como se estivesse a observar uma obra de arte e quisesse enumerar todos os aspectos notáveis. – És uma maravilha – acrescentou, movendo os braços como se estivesse a desenhar no ar um modelo para Sônia.

Sônia, que tinha sentido o coração enlouquecer porque fora apanhada em flagrante, tendo em cima dos ombros uma peça de roupa que não era sua, corou ao sentir-se objecto de um inquérito inesperado e embaraçoso.

– Peço desculpa, signora, mas não a amarrotei – justificou-se, indicando a écharpe, e deu alguns passos em direcção a Virgínia que, sem que a senhora notasse, pedia com o olhar à amiga que interrompesse aquela conversa.

– Não não não não – disse a signora Mantovani, bloqueando-a com um gesto imperioso. – Volta a pôr aquela écharpe e deixa ver como ficas.

Sônia teve a suspeita de que a mulher estava a fazer pouco dela.

– Nós temos de estudar – tentou justificar-se. – Só interrompemos o trabalho para vir aqui entregar esta encomenda. É que amanhã começam os exames.

– Como queiras, mas antes volta a pôr aquela écharpe de seda ordenou a modista.

Sônia envolveu-se naquela nuvem de tecido com gestos apressados e um pouco desajeitados, enquanto lançava olhares implorantes a Virginia para que arranjasse uma maneira de a salvar daquela situação. A mulher aproximou-se da rapariga e, com dedos leves, compôs-lhe a écharpe em cima dos

ombros.

– Agora deixa-me ver como caminhas – ordenou, e foi-se sentar numa poltrona do outro lado do salão. – Então, ouves-me ou não?

Sônia obedeceu, apesar de a obediência não ser o seu forte. Desta vez tinha feito a vontade à modista, porque aquela mulher pequena lhe dava ordens agradáveis. Passada a aflição do primeiro momento, a rapariga recuperou a sua desenvoltura.

– Então, queres caminhar? – disse Lidia. Sônia começou a caminhar com o seu passo altivo.

– Tão rígida não – corrigiu-a. – Mais solta. Mais natural. E mexe ligeiramente as ancas. Assim é de mais. Uma manequim não abana o traseiro. Nunca.

Virginia arregalava os olhos perante aquela cena. Começava a compreender o que estava a acontecer a Sônia e assustou-se. – Temos de ir embora, Sônia – quase implorou, apesar de saber que a amiga não lhe ia dar ouvidos.

– Aprendes depressa – interveio Lidia Mantovani. Os seus olhos míopes brilharam por trás das lentes espessas. – Mas, sobretudo, tens classe.

Como única resposta, Sônia tirou a écharpe e deixou-a escorregar com um gesto cansado até aos pés. Surpreendendo até Virginia, disse: – Tenho mesmo de ir embora.

– Formidável! – exclamou a modista. – vou fazer de ti manequim – acrescentou, enquanto se levantava e ia ao encontro dela. – Tens estilo e classe para dar e vender.

Sônia, que parecia ter percebido tudo, sorriu-lhe. Tinha a certeza de que aquele encontro casual seria o prelúdio de uma ópera que ela, Sônia Brenna, iria interpretar no papel da personagem

principal. Lidia Mantovani, como era evidente, andava à caça de manequins e a rapariga tinha uma necessidade desesperada de evasão. A grande costureira podia ser um instrumento para realizar seu projecto.

– Mas o estilo e a classe não chegam para passar nos exames interveio Sônia, sem a sombra sequer da timidez inicial. – É preciso estudar.

– Falamos a mesma língua, nós as duas – replicou a modista cheia de entusiasmo. Recusou a mão que a rapariga lhe estendia e apertou-a num abraço caloroso. – Liga-me quando quiseres concluiu.

Lidia Mantovani tinha a certeza de que aquela rapariga cheia de carácter iria ter com ela um dia.

Proíbo-lhe que interfira na vida da minha filha. A nossa família é uma família honrada. – A signora Bambina tinha ensaiado durante horas aquele preâmbulo, que podia também transformar-se numa conclusão. Finalmente tinha dito o que pensava "àquela tal costureira". Era uma mulher que não tinha medo nem sequer do diabo, quanto mais daquela espécie de boneca cheia de importância. Enquanto pronunciava o seu veredicto, a mulher continuava a fitar Lidia Mantovani como se lhe quisesse pegar fogo. E, de facto, era exactamente aquilo que ela gostaria de fazer, se tivesse poderes para isso, para ver desaparecer aquela mulher pintada como uma bailarina antes de entrar em cena. Os homens da taberna falavam muitas vezes, em voz alta, de casas de tolerância. A personagem repetidamente descrita, a patroa, tinha as características físicas da mulher que tinha à frente, dizia de si para si a signora Bambina.

– A senhora não passa de uma mulherzinha da aldeia – reagiu a modista.

– E a senhora – replicou energicamente a outra –, é uma criatura sem escrúpulos. Mas eu não lhe vou permitir que ponha as mãos na minha filha.

– Está a arrancar as asas àquela borboleta maravilhosa que é a Sônia – acusou-a a modista, com um tom melodramático e um estafado lugar-comum. – O Senhor deu à sua filha o dom da natureza. A senhora quer deitar ao lixo esta dádiva de Deus?

Aquilo que as duas mulheres estavam a manusear não era um florete, mas um sabre, com o qual desferiam fendentes terríveis.

– Eu não estou a deitar nada ao lixo – afirmou a signora Bambina. – Eu estou a tentar salvá-la.

– E eu estou a tentar levá-la ao sucesso. Sabe o que é o sucesso?

– É uma coisa com que muita gente sonha, mas que poucos conseguem. Mas muitas destas raparigas acabam nas camas das casas de passe. – A signora Bambina não se deixava seduzir pelas cintilações do salão.

Lidia Mantovani estava envolvida num diálogo odioso, sem saída, que lhe transmitia uma sensação de impotência e a fazia arrastar ainda mais os erres.

Quando Sônia, depois dos exames, falou à mãe sobre as propostas de Lidia Mantovani, ouviu uma resposta evasiva: – Não te preocupes. Eu trato disso.

No dia seguinte, a signora Bambina alugou um automóvel com condutor na garagem da aldeia e caiu como um furacão no atelier da via Bigli.

Os empregados do atelier abandonaram os seus postos de trabalho na grande sala que dava para o pátio interior e transferiram-se para o gabinete de provas próximo do salão, para assim poderem seguir aquele encontro.

A signora Brenna vestia um tailleur de seda florida, muito esticado na barriga, e tinha desenterrado da escrivaninha do quarto os ouros que o marido lhe oferecera em vinte anos de casamento. Aquelas jóias estavam ao nível, na sua avaliação pessoal, das pérolas da modista que, de resto, não lhe agradavam. As jóias deviam ser em ouro. O ouro pesado e luzidio que fazia rebentar de inveja os vizinhos. Ela, adornada daquela maneira, sentia-se protegida e capaz de defender as razões de uma mãe contra a intrusão de Lidia Mantovani que, com as suas ilusões, punha em perigo o seu antigo projecto.

Queria, para a filha, aquilo que não tinha conseguido para ela: ser considerada a mulher mais rica e respeitada da aldeia. com esta perspectiva tinha trabalhado até ao embrutecimento, economizando todos os centavos para investir de uma forma sensata e previdente em lojas e apartamentos.

Tinha também vigiado a educação escolar e moral da filha, fazendo-a chegar aos dezoito anos virgem e com um diploma de professora. Agora, para completar aquela obra, tinha de a casar com Aldo Porta, o filho mais velho dos donos da tabacaria, recentemente regressado do serviço militar. Aldo, único filho rapaz, acrescentaria o património de Sônia, para além da tabacaria, seis apartamentos num prédio de construção recente e seis hectares de terreno para construção no limite de Milão.

Na sua posição, com o projecto que tinha em mente, podia lidar de igual para igual com aquela mulher pequena e desagradável, tão antipática como as pérolas que trazia.

Aquele "mulherzinha da aldeia", pronunciado com o tom de um insulto, teve como efeito imediato a reacção furiosa da signora Bambina.

– Não vai ser a uma oportunista como a senhora que eu vou entregar a minha filha – replicou com firmeza. – A Sônia é menor e enquanto não fizer vinte e um anos vai fazer aquilo que eu decidir. Por isso já a aviso: deixe a minha filha sossegada se não quer ir parar com esse grande rabo ao meio do chão.

– Confirmo a minha primeira opinião: não passa de uma mulherzinha da aldeia. – Abanou a cabeça e preparou-se para sair.

– Espere aí, sua costureira de uma figa – gritou a signora Bambina; e, descrevendo um grande arco com o braço, atingiu a modista em plena face com a carteira. Os óculos voaram e a mulher, que já tinha alguma dificuldade em manter o equilíbrio por causa daqueles saltos vertiginosos, foi parar ao chão. A alcatifa macia amorteceu o impacto, mas não a impediu de ficar numa posição humilhante, que a mortificava ainda mais por saber que o pessoal tinha assistido àquela cena sem ser visto e que daí poderiam nascer muitos mexericos. A signora Bambina saiu de seguida, batendo com a porta atrás de si.

– Coitadinha da minha boneca. Mas como foi que isto aconteceu? – perguntou, aproximando-se dela, um sujeito alto, magro, agradável, próximo dos cinquenta anos, com a expressão firme e segura de um

homem do mundo.

Depois de Lidia ter composto a saia que lhe descobria as pernas, revelando uma roupa interior de seda cor de marfim, o homem

conseguiu levantá-la. Estava vermelha, congestionada pelo esforço e pela vergonha; e desatou num pranto.

– Só agora é que chegas? – censurou-o. – Não podias ter comparecido um momento mais cedo, comandante? – continuou agressiva, a choramingar como uma menina mimada.

Depois, voltando-se para a porta por trás da qual estavam escondidos os seus colaboradores, como aves de rapina, gritou: – Sei perfeitamente que estão aí atrás, mas a partir do momento em que sou eu que vos pago são obrigados a retomar o vosso trabalho. – Ouvia-se um burburinho frenético.

O comandante era o marido de Lidia Mantovani e o faz-tudo do atelier. Depois de ter ajudado a mulher a pôr-se em pé, apanhou os óculos, que não tinham ficado danificados, bafejou as lentes e começou a limpá-las com um lenço imaculado. Ela estava furibunda.

– Só queria saber onde te metes a toda a hora – agrediu-o com raiva.

– Minha querida – justificou-se o comandante –, eu já te tinha dito que ia ao contabilista.

– Mas que contabilista – atacou, sempre a choramingar.

– Mandei-te procurar e tu não estavas lá. Reza ao teu Deus para eu não te apanhar com a boca na botija, tu e aquela puta que levas para a cama enquanto eu estou aqui a dar cabo das costas, e vais ver o que te acontece.

Gennaro Soriano, napolitano de Pozzuoli, vangloriava-se de ter comandado, durante a última guerra, um batalhão de assalto na frente russa. Daquela recordação inventada, porque, na realidade, Gennaro não tinha saído de Milão, ficara-lhe a graduação. Por isso, para toda a gente, continuava a ser o comandante.

Na realidade, não comandava ninguém, nem a si próprio. Era Lidia que dispunha dele a seu bel-prazer, considerando-o um mordomo a tempo inteiro. Ele encarregava-se do sector administrativo, mas fazia também as vezes, quando era preciso, de motorista, moço de recados e galante conversador.

O comandante gostava pouco de trabalhar e muito de mulheres. Lidia estava ao corrente de algumas das suas relações, sabia e tolerava. Era uma mulher prática, concreta, e deixava que o marido saísse dos eixos de vez em quando, em troca da devoção e da capacidade

administrativa que demonstrava. O napolitano era um pequeno génio com os números e conseguia equilibrar o orçamento, apesar de manter uma prima-dona que gostava muito de peles e de jóias. Lidia não podia aceitar aquela situação. Mulheres, sim, todas as que ele quisesse, mas por conta não. Era aquele o pacto, que contemplava a sua liberdade de fornicar com as manequins que, por interesse ou por vocação, ou por ambas as coisas, gostavam de fazer esse jogo com ele. Uma coisa é a aventura, mais ou menos dispendiosa, e outra coisa é manter uma amante.

Foi aqui que se desencadeou a guerra. Enquanto Lidia Mantovani e Gennaro Soriano se trucidavam com insultos, a signora Brenna, a abanar-se com um lenço por causa do forte calor que se fazia sentir, regressava a casa no automóvel de aluguer, já mais calma e satisfeita por ter repostas as coisas nos seus lugares. A situação tinha-se virado a seu favor. Neste equilíbrio reencontrado havia, porém, um elemento negativo: uma dor surda e contínua no estômago.

Naquela noite a taberna ia estar fechada para os clientes, porque ela estava a preparar um jantar em grande para a família Porta. Era preciso que Sônia ficasse noiva do jovem Aldo o mais depressa possível. Nesse momento, todas as engrenagens daquele mecanismo complicado funcionariam na perfeição. Mas a signora Bambina fez as contas sem a filha. Sônia tinha em mente um projecto completamente diferente.

Nas traseiras da taberna, por baixo do alpendre, tinha sido posta uma mesa sumptuosa. A signora

Brenna tirou de uma arca antiga uma das melhores peças do seu enxoval: uma toalha de linho da Flandres bordada à mão. Depois havia os talheres de prata e dois castiçais também de prata, os pratos de porcelana, um serviço para trinta e seis pessoas, e os copos de cristal Baccarat, três para cada comensal. Tudo estava preparado em função de uma aproximação entre Sônia e Aldo.

A comida era simples e genuína, e os vinhos frescos e leves. Presunto com figos e melão, chicória fresca com cogumelos e lascas de queijo, rosbife com molho de limão e, para acabar, salada de frutas com gelado de morango.

Havia até um pretexto, ou melhor, dois, para justificar o encontro entre os dois jovens. Oficialmente, aquele jantar opíparo fora organizado para festejar o diploma de Sônia e a inauguração do primeiro supermercado da aldeia. Um espaço não muito grande mas bem organizado, de forma a ter de tudo um pouco: desde os produtos alimentares aos detergentes. Tinham-lhe posto o nome de BrePor Market, a partir do nome dos dois proprietários: António Brenna e Massimo Porta. A loja disparou de repente. Ocupava todo o rés-do-chão de uma antiga casa restaurada. Aquele início brilhante tinha superado as previsões mais optimistas: o tabaqueiro e o taberneiro tinham investido bem os seus capitais. De qualquer maneira, o casal Brenna, poupado por vocação, não teria ostentado tanto luxo se não tivesse um projecto preciso: o noivado de Sônia com Aldo. Aquela encenação pretendia ser uma demonstração do seu bem-estar económico, da sua riqueza. Também Sônia devia entender que a fusão dos capitais das duas famílias lhe permitiria viver como uma senhora, e que o seu nome seria objecto de invejas e admiração.

Como é evidente, Sônia estava completamente às escuras quanto a estas maquinações. Tinha passado os exames de uma forma brilhante, mas a leitura nas pautas daquelas notas fantásticas tinha-a deixado quase indiferente; ao contrário de Virgínia, que tinha lido e relido os oitos e os noves que pareciam reflectir-se no seu rosto, iluminando uma expressão de beatitude.

– E agora? – perguntou Virgínia.

– Agora, o quê?

– Já temos o diploma. Mas agora... ou seja, depois, o que é que vamos fazer?

– Tu vais ser professora – prognosticou Sônia, com segurança. – Eu vou ser manequim da Lidia Mantovani. A melhor.

– Estás assim tão entusiasmada com aquele trabalho?

– A idéia não me desagrada – explicou Sônia. – vou dizer-te sinceramente que tenciono seguir este caminho por que é o único que me vai levar ao Giulio de Bros.

Aquele homem bonito, elegante e rico continuava nos seus pensamentos, mesmo quando arregalava os olhos perante a riqueza da mesa que a mãe tinha posto.

De onde foi que saíram estas pratas, estes cristais? – perguntou-lhe.

– De nossa casa – respondeu a mulher, com um sorriso satisfeito.

– Então somos ricos – constatou Sônia, perplexa.

– É claro. Só me espanta que tu ainda não tivesses dado conta respondeu a signora Bambina com ironia.

– Como é que eu podia dar conta se nós vivíamos como uns pedintes? – observou Sônia. – Eu durmo por trás de um biombo num espaço que serve de armazém. E tu há anos que me arranjas o mesmo casaco. Nunca fomos de férias porque tu dizes que não podemos gastar. Pela mesma razão, nem sequer temos um carro. E agora venho descobrir este esplendor – disse, indicando a mesa posta.

– Dinheiro líquido – precisou a mãe –, temos pouco. Está tudo investido. Mas possuímos uma fortuna considerável. Agora já ficas a saber – confiou-lhe a mãe, com um sorriso forçado, envenenado pela dor de estômago que se tornava cada vez mais insistente.

– Ricos e tacanhas – replicou Sônia, irritada, fazendo mentalmente uma lista de todas as coisas que gostaria de ter tido e que a mãe lhe recusara ao longo dos anos.

– Isto é tudo teu, Sônia – disse a mãe. – Quando te casares vais ter um dote grandioso. Serás uma verdadeira senhora.

No espírito de Sônia surgiu de novo a imagem odiosa de Letizia, a filha da leiteira, com a sua fabriqueta de termómetros, os ganchos na cabeça e o marido cavalheiro e trabalhador. Pensou na vida que a esperava e experimentou uma sensação de angústia. Conseguiria ela escapar àquela obtusa mediocridade dos abastados da aldeia?

Sônia não falou durante todo o jantar, sem se esforçar por esconder o seu mau humor, respondeu com monossílabos às perguntas dos senhores Porta e não dedicou a mínima atenção ao jovem Aldo que, por sua vez, a devorava com os olhos. Ela conhecia-o bem, aquele rapaz, e achava-o tão previsível e insuportavelmente aborrecido como o fato cinzento que trazia vestido. Olhou com desprezo as duas irmãs de Aldo, ainda miúdas, que se tornariam seguramente mulheres petulantes e insuportáveis como o irmão.

O casal Brenna fez o melhor que pôde para animar o jantar. O pai foi um vulcão de comentários espirituosos, a mãe dispensou os sorrisos que tinha poupado durante toda a vida. Mas toda a gente se deu conta de que já não valia a pena esperar um casamento entre os dois jovens. Só a signora Brenna, teimosa como era, não renunciava a considerar possível o seu sonho. – Canta-nos qualquer coisa, Tognino – disse ao marido, na tentativa de alegrar a atmosfera.

– Força, queremos ouvir uma canção bonita – insistiu Massimo Porta.

O acordeão estava mesmo à mão, pois alguém o tinha posto em cima de uma mesinha pensando que, no fim do jantar, Tognino Brenna, acompanhado pelo instrumento, cantaria o seu cavalo de batalha: "Una furtiva lacrima" do Elisir d'amore de Gaetano Cappocci. Mas António Brenna, naquela noite, não estava com veia para exhibições canoras.

Pela expressão de Sônia, percebia toda a infelicidade que lhe ia na alma, e não tinha nenhuma vontade de cantar nem de tocar.

– Anda lá, Tognino, não te faças rogado – incitou a mulher. O homem olhou para a filha, que lhe sorriu e lhe fez um sinal de encorajamento. Pegou no acordeão e tocou alguns acordes antes de entoar o seu tema preferido. A sua voz de tenor espalhou-se pelo alpendre e foi directa ao coração dos comensais, envolvendo-os naquela melodia sentimental.

Sônia sentiu uma infinita ternura pelo pai. Recordou a violência injustificada e a mortificação causada pelas duas estaladas que tinha apanhado alguns anos antes, mas veio-lhe também à ideia o dia em que ele lhe tinha oferecido Bobi. Bobi já não existia. Tinha morrido dois anos antes com um ataque de coração. Quando o velho basset, com um extremo suspiro, partiu para sempre, Sônia e o pai estavam junto dele.

– Foi um bom cachorro – disse Tognino, afagando-lhe o focinho. – Único e irrepetível – acrescentou ela, a soluçar.

– Eu arranjo-te outro – tentou consolá-la.

– Agora não, pai. Eu não aguentava.

– Quando tu quiseres – disse o homem, que compreendia a dor da filha.

Bobi foi enterrado na faixa de prado, para além do alpendre, que tinha sobrevivido à invasão e à especulação imobiliária, mesmo por trás da casa dos Brenna.

Enquanto aquelas notas se perdiam na noite festiva, naquela faixa de prado onde palpitavam pirilampos inquietos como estrelas, Sônia recordou todo o bem e todo o mal daquele pequeno homem, sempre em equilíbrio entre os extremos: meigo e agressivo, compreensivo e intolerante, corajoso e

cobarde, e interrOgou-se sobre os seus sentimentos em relação ao pai.

Quando, no meio de aplausos, António Brenna voltou a pousar o acordeão em cima da mesinha, a Sônia pareceu-lhe ver uma lágrima furtiva, como a daquela ária, brilhar nos olhos do pai. Naquele momento deu-se conta de que gostava muito dele. Levantou-se de repente e refugiou-se na taberna deserta, com as grades descidas. Foi até à parte de trás do balcão, onde ficavam as prateleiras das bebidas. As lousas e os paus de giz dos jogadores estavam no sítio. A rapariga pegou numa lousa e, sentada no banco alto em frente à caixa, começou a desenhar uma pequena igreja com um campanário inclinado e um sol sorridente. Subitamente apagou o sol, desenhou uma nuvem e encheu aquele pequeno céu com chuva e lágrimas. Por baixo daquele estranho desenho escreveu: para o pai.

Saiu de casa e apanhou a correr o último eléctrico para a cidade.

Eu sabia que tu ias voltar – disse Lidia Mantovani, correndo ao encontro dela com passinhos saltitantes. Trazia um vestido de seda negra, de bom corte, muito elegante.

Sônia experimentou uma sensação embaraçosa entre os braços daquela mulher que até há um momento atrás representava a salvação da mediocridade cinzenta de onde vinha.

– A minha mãe vai pintar o diabo a quatro quando descobrir que eu fugi – disse, ofegante pela corrida e pela emoção, enquanto tentava libertar-se daquele abraço que a incomodava e lhe provocava uma sensação de mal-estar. Tinha conseguido saltar o fosso, mas ainda não sabia o que ia encontrar na outra margem.

Pensou na signora Bambina, que certamente tentaria minimizar e justificar o comportamento da filha. Parecia-lhe ouvir a mãe dizer aos convidados: – Está cansada.

Estudou muito para passar brilhantemente nos exames. Temos de a entender. Está um pouco esgotada.

A signora Brenna continuaria a sorrir. Depois, logo que se despedisse dos Porta, ia subir a correr para lhe fazer frente e para lhe perguntar as razões daquele comportamento.

Mas quando não a encontrasse ia começar a crucificar o marido. Viu o pai observar o desenho que lhe tinha dedicado e compreender que a filha tinha ido embora. Mas para onde?

– A tua mãe já pintou o diabo a quatro, aqui, hoje de manhã revelou a modista. – Seja como for, acho que lhe debes telefonar e dizer onde estás – sugeriu.

Sônia arregalou os grandes olhos cor de âmbar. Procurava algo que a ajudasse a compreender qual ia ser o seu futuro, agora que tinha cortado, com aquela fuga, o cordão umbilical que até aquele dia, bem ou mal, a mantivera ligada aos pais.

– Vai pintar o diabo a quatro – repetiu Sônia, fechada no seu próprio desespero.

– Seguiste o teu instinto e a tua vocação – justificou-a uma mulher que estava sentada, tranquila e muito direita, num canto da sala adjacente ao grande salão dos desfiles. – Não tens razão para te preocupares.

Só então Sônia se apercebeu da sua presença. Olhou para ela. Era uma figura indefinível sobre o fundo de lírios de uma tapeçaria dourada, de França. Estava vestida de amarelo. Sobressaíam nela as pernas compridas, finas, as grandes mãos de dedos esguios, o rosto oval, um grande nariz, grandes lábios, grandes olhos. Os cabelos de prata estavam muito apertados na nuca. Dos lóbulos das orelhas, minúsculos como os de uma menina, pendiam cachos de pedras, corais e jades que tocavam o longo pescoço fino. A voz era profunda, pacata e persuasiva.

Por um instante, Sônia não percebeu se a mulher tinha falado com ela ou com Lidia. Depois reparou no olhar firme que a enquadrava e não teve mais dúvidas.

– Eles vão ficar muito aflitos por minha causa – disse, incluindo também a mãe naquele sentimento novo que se parecia muito com a ternura.

– Nesse caso – continuou a desconhecida, – são eles que têm um problema. – Falava com uma voz

pacata e sorria-lhe com um ar amigável.

– É a Irene – disse a modista. – A famosa Irene.

Tinha o mesmo rosto da Nossa Senhora com o Menino que estava pendurada, numa moldura dourada, por cima da cama da mãe, pensou Sônia, e sentiu-se protegida e mais tranquila, como se a mulher tivesse umas grandes asas por baixo das quais se podia refugiar.

Voltou-lhe à idéia a professora, a signorina Chirico. Tinha sido a única pessoa, quando era pequena, a dar-lhe segurança. Irene exercia sobre ela um efeito análogo. Parecia que aquela criatura misteriosa sabia tudo dela, da sua vida, dos seus tormentos e das suas predilecções.

– O que é que eu devo fazer? – perguntou-lhe, enquanto ia ao encontro dela.

– Aquilo que achares correcto – respondeu Irene.

Sônia começava a perceber que a sua fuga de casa era uma atitude insensata.

– Tenho de voltar para casa. Esta fuga não faz sentido – comentou. – O que faz sentido é demonstrar-lhes que tenciono viver a vida que eu escolher. Mas vai ser difícil convencer a minha mãe.

– Vais conseguir, se realmente é isso que queres – observou Irene.

– O comandante leva-te – decidiu então Lidia.

– Eu vou com ela – interveio Irene, levantando-se. Era tão alta como Sônia. Podia ter uns quarenta anos. Vestia como uma camponesa: saia comprida, uma blusa de mangas arregaçadas e um xaile de franjas compridas. Emanava um perfume de erva acabada de cortar.

Sônia não conseguia classificá-la: não parecia rica, mas também não tinha aspecto de pobre. Não era certamente uma das clientes endinheiradas de Lidia Mantovani.

Mas quem seria aquela "famosa Irene" Sônia não ousava fazer perguntas, até porque a sua curiosidade passava para segundo plano em relação ao drama que estava a viver e à batalha que se preparava para travar com os pais.

– Vamos lá, pequena – disse Irene, ao mesmo tempo que lhe rodeava os ombros com um braço e a embrulhava no seu xaile, precisamente como se a quisesse meter debaixo da asa.

O carro que a ia levar a casa era um Jaguar cinzento. Sônia viu a mão do comandante pousar na perna de Irene.

– Tu não tens emenda – disse ela, cortante.

– É mais forte do que eu – admitiu o homem, voltando a pôr a mão no volante.

– Tenta com todas – prosseguiu, virando-se para Sônia. Também há-de tentar contigo. E claro que às vezes lhe corre bem.

No mundo onde tinha ido parar, as regras eram diferentes das que lhe tinham sido inculcadas em casa.

– Também está ligada à moda? – tentou a rapariga, dirigindo-se a Irene. – Eu trato sobretudo de viver. E é uma tarefa que não é nada fácil, garanto-te.

– Diz-lhe que és uma bruxa – interveio Gennaro bonano.

– Sou uma bruxa – admitiu a mulher, despreocupadamente.

– As bruxas não existem – murmurou Sônia, que começava a acreditar que era o alvo de um embuste. E a confiança que tinha depositado naquela mulher vacilou.

– Ela é a única excepção – replicou o homem. – Lê o passado e o futuro. Prepara filtros mágicos e, se não gostar de ti, até te deita mau-olhado. – Entre o sério e o brincalhão, emergia o carácter napolitano do comandante. – Deitou-mo a mim – continuou.

– Admite, víbora, que não podes comigo. – Ela deu uma gargalhada animada. Virou-se para Sônia e a rapariga viu os seus olhos verdes brilharem e os lábios abertos sobre uma coroa de dentes imaculados.

– É uma quiromante, então – sintetizou, com o entusiasmo de quem finalmente descobre um mistério.

– É isso que dizem os outros.

– Então pode adivinhar o meu futuro – disse a rapariga.

– Está sossegada, pequena – rebateu a mulher com a sua voz forte e pacata. – Aprende a olhar para dentro de ti própria. O teu futuro ainda está longe. O que tens é de enfrentar o presente, onde se esconde uma grande dor – acrescentou, ao mesmo tempo que lhe apertava uma mão e lhe transmitia uma sensação de força e de confiança.

Não, a mulher não estava a brincar com ela; estava, pelo contrário, a ajudá-la a superar uma prova difícil.

– Eu moro aqui – disse Sônia, assim que chegaram perto de casa.

O carro encostou ao passeio.

– De que dor é que fala? – perguntou finalmente, sem se decidir a sair do carro.

– Não sei, pequena. É só uma sensação – respondeu Irene. Apertou-lhe mais uma vez a mão. A rapariga e a mulher saíram do Jaguar. Sônia viu o pai encostado ao muro da taberna. Fumava um cigarro, e a ponta avermelhada consumia-se na escuridão.

– Trouxe-lhe a Sônia – disse Irene a António Brenna. – uma criatura preciosa e rara. Trate-a com o respeito que lhe merece – acrescentou, e deu a Sônia uma pancadinha na face.

Ela viu-a regressar ao automóvel e esperou que arrancassem antes de se aproximar do pai.

– Foi uma fuga de nada, como vês – disse-lhe.

António Brenna apagou o cigarro esmagando-o com o sapato. Abriu os braços e Sônia refugiou-se neles. Depois ergueu o olhar para o pai e viu que estava a chorar.

– Gosto tanto de ti, pai. Mas a minha vida está noutra lugar.

– Eu sei – disse o homem. – Só que agora temos um problema. A tua mãe está doente.

Foram dias cruéis. A signora Bambina tinha sido internada numa clínica de Milão, onde foi operada.

– Abriram e fecharam – explicou António Brenna aos parentes e aos amigos.

– Está condenada – sintetizou a signora Porta a toda a gente que na aldeia lhe pedia notícias.

O grande ventre da mãe, que a Sônia incutira desde sempre uma espécie de embaraço, continha havia bastante tempo um fibroma a que ela nunca tinha dado importância.

Tinha-lhe sido dito, efectivamente, que a única cura possível era uma intervenção cirúrgica, mas a mulher nunca aceitou que "lhe pusessem os ferros em cima". Assim, o fibroma transformou-se num monstro cruel que invadiu todo o abdómen. Agora estava a morrer, e para aliviar o seu sofrimento, que era atroz, davam-lhe doses maciças de morfina.

Sônia recordou as palavras de Irene: – Tens de ser forte. Há uma grande dor na tua vida. – Era exactamente assim.

Muitas vezes, ao longo dos anos, quando as relações com a mãe se tornavam mais tensas e a sua rebelião relativamente ao autoritarismo materno se acentuava perigosamente, Sônia concebera pensamentos de morte sobre aquela mulher insensível e obtusa.

Agora que ela se apagava no meio de dores atrozes, Sônia considerava de maneira diferente a personalidade e o modelo de vida da mãe, que tinha lutado incansavelmente, dia após dia, para acumular riqueza e "honradez" para lhe oferecer a ela, a única filha,

para lhe assegurar um futuro confortável e uma condição brilhante. Só agora Sônia começava a compreendê-la e, pela primeira vez, tinha a impressão de estar perto da mãe, por quem se tinha sentido rejeitada e que, por sua vez, tinha rejeitado. Tinha vontade de estar com a mãe e gostaria de recomeçar uma nova vida junto dela.

Ao apertar-lhe a mão descarnada, deu-se conta de que tinha dado voz aos seus pensamentos, e a signora Bambina respondeu-lhe com um sorriso.

– Não me vais perder – disse com uma voz muito débil. – Se percebeste o amor que te tenho,

havemos de viver sempre juntas. Eu vou estar sempre contigo.

Sônia anuiu entre lágrimas, perturbada pela compreensão e por um afecto generoso que nunca imaginaria que pudesse existir nela. Gostaria de poder voltar atrás para engolir pensamentos, palavras e comportamentos hostis. E, como não podia apagar o passado, vivia um presente atormentado. Quase nunca saía do quarto da mãe. Assistia-a noite e dia.

Considerava tolos os projectos que tinha acalentado. A paixão por Giulio de Bros, a idêia de vir a ser manequim, o sonho de palácios, vida mundana, sucesso, tudo aquilo que a tinha levado a fugir esboroava-se perante a única realidade que contava: a doença, a dor, a resignação corajosa da mãe que enfrentava com dignidade as sombras da noite.

Lidia Mantovani assumira os contornos de uma figura grotesca, enquanto a mãe, da comparação com ela, saía largamente vencedora.

– Já fiz testamento. Aos vinte e um anos, ou até antes, se te casares – confiou-lhe –, vais herdar tudo aquilo que me pertence: as pratas, as jóias e os apartamentos.

– Mas eu não sei o que hei-de fazer com os teus apartamentos. É a ti que eu quero – disse Sônia, e começou a chorar. – Agora que te encontrei, não te quero perder.

Se te fores embora, o que vai ser de mim? – perguntou-lhe, profundamente perturbada.

– Olha para dentro de ti própria. E lembra-te daquilo que te ensinei.

Sônia lembrou-se de que Irene lhe tinha dado o mesmo conselho.

– O que é isso de olhar para dentro? – perguntou. – É uma coisa que não consigo compreender.

– Mais cedo ou mais tarde – rebateu a mãe –, vais compreender. Tem sempre cuidado com a solidez dos sentimentos e das coisas. Porque o importante é ser, não parecer.

– Sim, mãe – replicou Sônia, que continuava a não perceber.

– Acho que descobri um bom marido para ti – disse a mulher.

– Um marido para mim? – Sônia enxugou as lágrimas.

– Sabes muito bem que estou a falar do Aldo Porta. É um rapaz sólido, direito. com bons sentimentos e que gosta de ti. – A intenção de um sorriso apagou-se numa escura capa de dor. A mulher começou a lamentar-se insistentemente com a voz fina e desesperada de uma criança que quer a mãe.

Sônia agarrou-se à campainha. Quando a enfermeira apareceu, falou-lhe com agressividade. – Estou a chamar por si há meia hora. A minha mãe está muito mal, não vê?

Dê-lhe já morfina – ordenou.

A enfermeira olhou para ela impassível, preparando-se para intervir. Mas a mãe opôs-se. – Agora não – implorou, olhando para Sônia. – Ainda tenho de falar contigo...

dizer-te, finalmente, tudo aquilo que não tive tempo de te contar mais cedo.

A signora Bambina morreu naquele mesmo dia, logo a seguir ao pôr-do-sol, ao mesmo tempo que no céu se acendia uma pálida lua com uma estrelinha por cima e no ar de Verão esvoaçavam os últimos pássaros à procura de um refúgio.

Foi sepultada no cemitério da aldeia, ao fundo de uma longa alameda de ciprestes. As grades da taberna ficaram descidas durante três dias em sinal de luto. Sônia e o pai passaram muitas horas sentados a uma mesa, no estabelecimento fechado e vazio. Ele entretinha-se com paciências de cartas e a filha fazia-lhe companhia, vieram amigos e parentes testemunhar a sua dor. Veio Virgínia.

Sônia disse-lhe: – com a minha mãe partiu também uma parte de mim. Acabou o tempo dos sonhos de olhos abertos. Acho que não nos vamos voltar a ver – sentenciou, sem se preocupar com a consternação da amiga.

Veio Aldo Porta lembrar-lhe, também em nome da mãe, que sua casa estava sempre aberta. Estava confuso, um bocado atrapalhado e com um olhar de adoração.

– Eu vou a tua casa – disse. – Ficas a saber que prometi à minha mãe, à hora da morte, que me casava contigo se tu mo pedisses.

O rapaz corou de emoção. – Queres ser minha mulher? – perguntou-lhe. – Na verdade, tencionava fazer-te esta pergunta de outra maneira.

– Quero ser tua mulher – confirmou Sônia com frieza. – meu pai fica a viver connosco – acrescentou.

Era Setembro quando Sônia foi acompanhada ao altar pelo pai e passou a ser a signora Porta. Sem luxos, sem alegria, sem grande copo-d'água.

António Brenna ofereceu aos noivos um Fiat 1100 azul, no qual partiram para Roma. Sônia quis passar a primeira noite de casada no hotel Massimo d'Azeglio, onde o pai e a mãe tinham estado também na viagem de núpcias.

Sônia viu o rapaz aproximar-se dela e aquilo que leu no seu olhar causou-lhe uma sensação de desconforto. Estavam no quarto daquele grande hotel em Roma que, a julgar pelas tapeçarias, já tinha conhecido melhores tempos. Apesar da limpeza da roupa de cama e da eficiência do pessoal, de facto, respirava-se ali um ar de declínio.

Ela vestia uma camisa de noite de nylon azul e Aldo um pijama às riscas azuis e cinzentas. Estavam exaustos por causa daquela viagem interminável e cansativa. Sônia tinha-se esforçado por sentir interesse pelas histórias do marido e tinha descoberto, consternada, que não conseguia entrar nos esquemas e na mentalidade de Aldo.

Durante o mês de namoro tinha estado ocupada com mil e uma coisas banais, mas também divertidas, que a tinham ajudado a superar a dor pela perda da mãe. Tinha aberto dois grandes baús que continham o luxuoso enxoval que a mãe preparara para ela: lençóis de linho bordados à mão, toalhas adamascadas com entalhes de renda, camisas de seda e roupões tão bonitos que não tinha tido a coragem de os levar na mala, onde se podiam estragar.

com o seu pai e com a mãe de Aldo foram a Brianza escolher os móveis para decorar uma pequena moradia dos Porta que passava a ser a sua casa. Mas até a escolha de um quarto ou de uma cozinha mostrava a divergência de gostos entre os dois jovens. à noite, antes de se deitar na pequena cama desengonçada por trás do biombo, Sônia dialogava com uma fotografia da mãe quando era nova.

– Estou a fazer tudo como tu querias, mãe? – perguntava, esquecendo-se de que só poderia encontrar a resposta em si mesma. Aldo era um rapaz muito direito e apenas tentara conseguir alguns beijos, mas perante a atitude esquiva de Sônia acabou por desistir, para não a contrariar. Teria a vida inteira para amar como desejava.

Agora, naquele quarto de hotel, chegara finalmente o tão esperado momento. Sônia, que havia anos parecia ter esquecido aquele tremendo episódio do carvoeiro, quando era pequena, lembrou-se de repente de todos os pormenores daquela experiência horrível e reencontrou no olhar do marido a expressão animalesca do agressor. Instintivamente agarrou numa almofada, tentando defender-se do legítimo ataque que agora era inevitável. Sônia era realmente muito bonita e Aldo, mais do que nunca decidido a possuí-la, sentou-se ao lado dela. O rapaz tinha a boca seca e a cabeça cheia de pensamentos emaranhados aos quais não conseguia dar voz. Sônia fechou os olhos e dos abismos da consciência reemergiu um cheiro a carvão e a lenha, e um fedor de animal selvagem que lhe apertava a garganta.

Aldo insinuou-lhe uma mão entre as coxas e ela voltou a sentir a mão áspera e ávida do carvoeiro que lhe mexia na intimidade mais secreta. A cara de lobo de Mário, os olhos acesos como tições ardentes e a respiração ofegante e entrecortada desabavam novamente sobre ela.

Sônia abriu a boca para dar voz à sua desesperada necessidade de ajuda, mas não produziu nenhum som. Perante o terror daqueles olhos arregalados, Aldo retraiu-se, por sua vez, assustado.

– O que foi, querida? – perguntou-lhe o marido, interrogando-se também a si próprio. – Não... não te

fiz nada – balbuciou, confuso.

A mulher continuava a fitá-lo com um olhar alucinado. – Queres que pare? – perguntou, quase a suplicar." Ela não respondeu. Aldo não tinha muita experiência em matéria de mulheres: tinha tido relações com duas raparigas da aldeia nos bancos do velho Carocha, mas tratara-se mais de acrobacias eróticas do que de verdadeiros amplexos.

Durante o serviço militar teve uma relação com a filha do dono de uma estalagem numa pequena aldeia de montanha no Veneto. As três raparigas tinham-se deliciado, enquanto pronunciavam firmíssimos "não, não faças isso". Sonia não negava e não gemia. Olhou para ela, e o desejo voltou a estender-se. A vontade que tinha dela não consentia mais adiamentos. Tirou-lhe a almofada, a que Sônia continuava abraçada, e atirou-se para cima dela com o ardor dos seus vinte anos. Então a rapariga gritou. Foi um grito lancinante de animal trespassado até à morte. Aldo retraiu-se, aterrado. Havia o seu sémen e sangue dela no lençol. Aldo pensou que alguém viria ali bater à porta se ela não interrompesse aquele grito sem fim. Para a chamar à realidade, deu-lhe uma bofetada e ela calou-se finalmente.

Depois Sônia falou, ofegante. – O Mário, o carvoeiro – disse, com uma voz quebrada, – O Mário, o carvoeiro – continuou a dizer. Voltou a pegar na almofada por baixo da qual escondeu a cabeça e chorou silenciosamente.

Quantos anos tinham já passado depois daquele dia? Como era possível que ela se tivesse esquecido de tudo? Recordou o pátio da escola e Loredana que lhe dizia: – É melhor não ter pai do que ter um pai trapaceiro como tu. Toda a gente sabe que o Mário carvoeiro ficou na miséria por causa do teu pai. Até lhe conseguiu tirar a loja.

Todos aqueles pensamentos recuperados do passado fervilhavam agora na sua cabeça. A agressão de Aldo tinha trazido à tona episódios esquecidos durante anos. Loredana dizia a verdade. Tinham-se perdido todos os vestígios do carvoeiro e da loja, mas a responsabilidade daquele desaparecimento não era do pai; Sônia teve a certeza de que tinha sido a mãe a castigar o homem, tirando daí também uma vantagem económica.

– Sônia, não estás bem? – perguntou Aldo, passando-lhe uma mão no ombro.

Ela destapou a cara e olhou-o com uma expressão pacata, consciente, quase serena.

– Não é nada. Estou bem – tentou tranquilizá-lo.

– Assustaste-me – replicou Aldo. – Primeiro aquele grito selvagem. Depois o Mário, o carvoeiro. Repetiste este nome três vezes. O que quer dizer?

– Nada. Não aconteceu nada. Só me quero lavar – respondeu, enquanto se sentava na cama.

– Para primeira vez, não foi lá grande coisa – observou – Não é? – Para primeira vez, acho que aconteceu tudo – disse indicando o estado miserável do lençol e da camisa de noite. – Pode ser que corra melhor da próxima vez – insistiu Aldo que não estava muito convencido.

– Pode ser – suspirou Sônia, sabendo que não ia haver próxima vez. O sexo era mesmo uma coisa suja, pensou. A mãe tinha razão.

Por baixo do jacto violento do chuveiro recomeçou a chorar. Era infeliz, a mais infeliz das mulheres, como tinha sido a mais infeliz das crianças. Mas havia de aprender a conviver com aquela infelicidade, tentando extrair dela, dos momentos de alegria, o máximo prazer.

O abdómen estava inchado, esticado como um tambor. A dor era cada vez mais forte. O médico tinha-lhe receitado injeções de Buscopan, com o diagnóstico de uma colite hepática. Mas em vinte e quatro horas a situação piorara.

– Pai. Quero o meu pai – lamentou-se, com uma voz débil.

– Estou aqui, Sônia – disse António Brenna, que estava ali sentado havia muito tempo. – Estou aqui – repetiu, indo até junto dela.

– Manda-o embora – sussurrou ela, indicando o marido que, até àquele momento, tinha ficado ao lado dela, desesperado por não lhe poder aliviar o sofrimento.

– Tenta estar sossegada – suplicou-lhe o pai.

– Pai. Tenho a mesma doença da mãe. Acho que vou morrer.

– Muito em breve esta doença que te faz sofrer não vai passar de uma má recordação.

Sônia tinha umas olheiras azuladas que lhe marcavam o rosto bonito e o pai olhou para ela e sentiu o coração apertado. Conteve as lágrimas com dificuldade. Não, não podia ser assim. Sônia era uma rapariga, a sua vida estava ainda a começar. – Nem penses nessas coisas – pediu-lhe. – Eu estou convencido de que o Dr. Poli não percebeu nada da tua doença. É preciso chamar imediatamente um médico mais competente – disse. Pensava na mulher que, se ainda estivesse com eles, já teria tomado uma decisão.

António Brenna olhou em volta, desesperado. Para lá das cortinas de renda branca viu os ramos esqueléticos de uma magnólia. pensou no arbusto de buxo que entristecia na campa da mulher e, Apesar do calor que envolvia o quarto, estremeceu.

Era um quarto bonito, forrado de papel azul. Também azul, com ramagens brilhantes, eram a coberta de cetim da cama e forro dos cadeirões. Era azul o fundo dos tapetes ao lado da cama com arabescos e flores cor-de-rosa, folhas verde-pálido e botões cor de nata. A cama era de latão brilhante, assim como os candeeiros das duas mesas-de-cabeceira.

Ao lado da janela, Aldo olhava para o jardim branco de geada e interrogava-se sobre a doença de Sônia e sobre a vida deles. Não era assim que tinha imaginado o futuro com a rapariga mais rica e mais bonita da aldeia. Doença à parte. Ele queria-a em casa, a viver como uma senhora. Mas Sônia passava os dias na taberna do pai e entretinha-se na cozinha como a mãe tinha feito. Na taberna, que entretanto tinha assumido as características de um restaurante típico, divertia-se a colaborar com o cozinheiro na preparação da comida, apercebendo-se de que aquele trabalho criativo lhe dava uma alegria imensa.

Também António Brenna se espantava pelo facto de a filha, que ainda não tinha vinte anos, que sempre tinha sido rebelde e hipercrítica relativamente à mãe, ter começado a imitá-la em tudo.

– Pai, lembrei-me do Mário, o carvoeiro – disse-lhe um dia em que estavam os dois sentados na cozinha. Estavam a tomar um café e ela fumava um cigarro. Fumar fazia-a sentir-se mais segura.

– Já passaram tantos anos – disse o pai, tentando não dar importância a um episódio que tinha relegado para o meio das coisas desagradáveis e que eram para esquecer.

– Era um tarado. Não é assim? – insistiu Sônia. Tinha regressado da viagem de núpcias havia alguns dias e não parecia realmente feliz.

– Mas não te fez mal – disse o pai, e corou. – Fisicamente, quero eu dizer. – Era uma história de que se envergonhava, apesar de não ter culpa nenhuma. – Julgava que ao fim de tantos anos já te tivesses esquecido.

– É verdade. Já me tinha esquecido – admitiu. – Voltou-me à idéia na noite de núpcias. – Era um tema difícil. Sobretudo, sentia-se

embaraçada por falar sobre o assunto com o pai, para quem o sexo sempre tinha sido tabu. – De cada vez que o Aldo reivindica os Seus direitos conjugais – confessou –, a cara dele sobrepõe-se a Mário, o carvoeiro. É uma sensação terrível.

António gostaria de se poder enfiar num buraco com aquele embaraço. Blasfemou contra o destino que lhe tinha levado a mulher. Ela sabia desenrascar-se nas situações mais escabrosas. Ela saberia o que fazer e o que dizer. O doce Tognino, pelo contrário, tinha simples e dolorosamente compreendido que Sônia nunca seria uma boa esposa para ninguém.

– Isso passa – replicou, como se fosse uma banalidade. – De qualquer maneira, o carvoeiro foi castigado como merecia pela tua mãe.

– O que foi que lhe aconteceu?

– Não sei muito bem. Só sei que a tua mãe ameaçou denunciá-lo. Ele tinha mulher e filhos. Por isso foi-se embora e nós comprámos o estabelecimento. A tua mãe eliminou a loja dele da face da terra.

Sônia raciocinou sobre aquelas palavras secas que escondiam uma realidade complexa: o medo do escândalo tinha obrigado o carvoeiro a vender o estabelecimento à signora Bambina por um preço irrisório. Desaparecido ele e o seu antro de carvão, o casal Brenna acreditou que tinha apagado para sempre a recordação de uma história desagradável.

– Eu não aceito ter relações com o meu marido – confessou ao pai, corando.

– Isso passa – replicou mais uma vez António Brenna.

Mas não passou. Até podia, por respeito à vontade materna, aceitar dormir por baixo do mesmo tecto de Aldo, mas não na mesma cama.

– Pai, leva-me ao hospital – suplicou Sônia.

Aldo virou-se para ela, alarmado. Olhou para o sogro, que anuiu.

– Chama uma ambulância – ordenou secamente ao rapaz. Já. – Depois debruçou-se sobre a filha e sussurrou: – Vais ficar boa depressa. Garanto-te.

O médico que a observou na urgência do hospital de Niguarda mandou chamar o ginecologista. A partir daquele momento foi uma sequência frenética de exames, de consultas, de injecções. Por fim, o ginecologista sentenciou: – A senhora tem de ser operada imediatamente.

– De que é que se trata? – perguntou o pai.

– É um quisto no ovário. Isso parece confirmado – esclareceu o médico, com uma cortesia insólita. – Depois há umas complicações a nível peritoneal. Tenho de intervir imediatamente para descobrir o que é que está ali dentro.

Sônia tinha chegado ao hospital por volta do meio-dia. às três horas da tarde saía da sala de operações. Queixava-se sob a acção da anestesia, que começava a perder efeito. Quando abriu os olhos pela primeira vez, viu flutuar, numa névoa dolorosa, o pai, Aldo e a sogra. Uma enfermeira empurrava a maca onde estava deitada ao longo de um corredor tenuemente iluminado. Aquele deslizar lento fê-la pensar numa viagem para o desconhecido. Seria aquilo a morte?

Sentiu a mão do pai na sua. E ouviu a voz de Aldo perguntar: – Como é que ela está?

– Está bem, está bem – respondeu uma voz feminina, forte e clara. Talvez uma enfermeira. – Agora vamos levá-la para o serviço – acrescentou. – Depois o Professor Bignardi explica-lhes melhor.

Sônia caiu num torpor oprimente. Quando acordou, ouviu vozes aos pés da cama.

– Salvámo-la por milagre. Uma hora mais tarde e tinha o peritoneu perfurado. Era uma gravidez extra-uterina – explicou uma voz masculina, cheia de certezas. – Quem foi que diagnosticou uma colite?

António Brenna disse qualquer coisa, mas Sônia não conseguiu perceber o sentido daquela resposta. Naquela alternância entre lucidez e torpor, captava algumas palavras mas não era capaz de as traduzir em pensamentos. Tinha percebido apenas que fora agarrada à beira de um precipício, mas que nunca mais ia poder ter filhos.

– Prova este. Tem um recheio de amêndoas e creme de café – sugeriu Virginia, indicando na caixinha azul um bombom em forma de barquinho.

– Devias provar o meu. Tem cereja e licor por dentro – rebateu Sônia, com os lábios sujos de chocolate, a boca cheia e uma expressão extasiada. Estava pálida, tinha emagrecido muito e umas olheiras profundas faziam parecer maiores os seus olhos cor de âmbar.

– Olha que o chocolate faz-te mal – avisou António Brenna, que tinha assomado à porta do quarto trazendo num tabuleiro um copo cheio de sumo de laranja. – Tens mas é de beber isto. Não ouviste o que te disse o médico? – O tom era severo, mas no fundo sentia-se feliz por ver finalmente regressar o sorriso ao rosto sofredor da filha.

Sônia tinha tido alta do hospital havia alguns dias e decidira instalar-se em casa do pai. Agarrou-se a um pretexto vacilante: o marido e os sogros não iam ter tempo para tratar dela, que devia ainda ficar na cama durante muitos dias. Na realidade, não queria voltar a viver com o marido.

Tinha conseguido regressar à sua velha caminha confortável por trás do biombo.

António aceitou como uma bênção a escolha de Sônia, que estava agora sentada na cama, por baixo de um edredão quente e leve, com os ombros protegidos por uma liseuse que tinha sido da mãe. Apesar do estado de prostração em que se encontrava, ao lado de Virgínia sentia-se ainda uma rapariga.

– É um enfermeiro diligente e muito chato – disse à amiga a sorrir, referindo-se ao pai, que a enchia de vitamina C.

António Brenna já tinha saído. Tinha de regressar ao estabelecimento para dar as instruções necessárias aos dois empregados, ao cozinheiro e aos ajudantes. A Trattoria Sant'António tinha-se tornado famosa pela sua cozinha regional e, sobretudo à noite, atraía clientes dos arredores.

– Gostas de ser professora? – perguntou Sônia.

– Ainda não sei – respondeu Virgínia. – Para já só estou a fazer substituições. Tenho de concorrer para conseguir um lugar.

– Virgínia não tinha mudado muito desde os tempos da escola. Continuava pálida e miúda, e nos seus olhos pequenos e escuros já não havia a luz alegre de outros tempos.

– Não é bom estar no meio das crianças? – insistiu Sônia.

– Há crianças adoráveis e outras detestáveis – explicou a amiga, com muita sinceridade. – E depois acho que tudo aquilo que aprendemos na escola serve para pouco.

Estes miúdos são diferentes daquilo que eu imaginava. Não sei muito bem como lidar com eles – replicou, ao mesmo tempo que uma lágrima se preparava para a trair.

– O que é que se passa, Virgínia? – perguntou Sônia, com ternura, pegando-lhe na mão.

– Apaixonei-me – confessou a rapariga.

– Quem é ele? – perguntou Sônia, cheia de curiosidade.

– É um professor. O primeiro homem que me fez a corte. E eu caí como uma pêra madura.

– E não estás contente?

– É casado – confessou, de olhos baixos, com um fio de voz.

– Santo Deus! – foi tudo aquilo que Sônia conseguiu dizer.

– Fui para a cama com ele – continuou Virgínia, quase a comer as palavras.

– Não acredito! – Sônia apertou mais a liseuse à volta dos ombros.

– E agora estou grávida – revelou por fim, e desatou num pranto.

– Não é possível! – exclamou Sônia.

– Vou-me matar. É a única solução que me resta – concluiu, no meio das lágrimas.

– Acho bem – respondeu Sônia, irónica. – Uma coisinha, muito boa é atirares-te para debaixo do comboio.

– Errei e tenho de pagar.

– Mas não digas disparates. Errar, erraste. Porque não há nada mais nojento do que ir para a cama com um homem – afirmou, Com base na sua experiência.

– Eu não achei assim tão nojento – precisou Virgínia, que enxugou as lágrimas e olhou para ela com surpresa. – Eu gostei muito. E se ouvir o desejo que nasce dentro de mim quando o vejo, garanto-te que, com todas as chatices que já tenho, ainda me apetece.

– E queres matar-te?

– Passava sem isso. Mas a questão é que se não me mato eu, matam-me os meus pais – disse, com um

arrepio seguido por um longo suspiro.

– E ele? O que é que ele diz?

– Ele é um miserável. Está aterrado porque eu sou menor. A única coisa que me soube dizer foi que ele, de cada vez que estivemos juntos, esteve muito atento. Quis dar-me a entender que o filho não é dele – concluiu Virginia, a soluçar outra vez.

– E, apesar disso, ainda o desejas?

– Fazia tudo o que ele me pedisse – respondeu sinceramente a rapariga.

– Pobre Virginia – lamentou Sônia. – Estás irremediavelmente apaixonada. Mas eu não te posso deixar morrer. Tens de abortar. Eu tenho dinheiro. Dou-to, e tu fazes aquilo que tens de fazer.

Virginia lançou-se nos braços de Sônia e deu largas ao desespero contido durante tanto tempo.

– Mas não é só pelo facto de ter ficado grávida – tentou explicar. – É que ele agora não quer saber de mim, enquanto que eu ainda o amo. Percebes?

– Percebo que estás completamente apanhada – replicou Sonia, batendo com o indicador na testa para sublinhar aquele estado de confusão mental.

– Falas assim porque tens um marido que te ama.

– Exactamente – replicou Sônia, com sarcasmo.

– Porque perdeste um filho, mas vais ter outras oportunidades para ser mãe.

– Errado.

– O que é que está errado?

– Está errado, e chega – disse Sônia, que não estava com vontade de abrir o livro das confidências.

– De qualquer maneira, és uma mulher casada – reforçou Virgínia, quase com raiva.

– Eu ofereço-te o meu marido de boa vontade – respondeu ela, com uma sinceridade imprevista, deixando a outra perplexa.

– Mas o que é que tu estás a dizer? – perguntou Virginia, assustada.

– Que não sei o que hei-de fazer com o meu marido – replicou brutalmente. – E filhos, felizmente, nunca mais vou poder ter. Mas é uma coisa que não me diz grandemente respeito – precisou Sônia, mais para si própria do que para a amiga. Tinha expressado com aquelas palavras cortantes exactamente aquilo que pensava havia meses e nunca tivera a coragem de admitir.

As duas raparigas estavam a viver, de maneiras diferentes, experiências igualmente trágicas e dolorosas. A realidade era o oposto daquela com que tinham sonhado nos bancos da escola.

– Por que te casaste, se não sentias amor? – perguntou Virginia, assumindo uma expressão magoada.

– Para respeitar um pacto.

– A tua mãe? – indagou Virginia, que começava a perceber. – A minha mãe – confirmou Sônia.

– Foi por isso que vieste outra vez viver para aqui, em vez de ires para a tua casa tão bonita?

– Acho que nunca mais vou viver com o Aldo.

– E ele sabe?

– Talvez imagine. Mas não quer acreditar. Vou ter a família dele toda contra mim. E se calhar o meu pai também. Sabes, Virginia, eu estive quase a morrer. Vi a morte à minha frente, percebes? E naqueles dias de hospital tive condições e tempo para pensar. Tinha a voz inundada de tristeza. – Podia ter chegado ao fim dos meus dias aos dezanove anos, sem nunca ter realmente vivido.

– Mas tu – replicou Virginia –, o que é que entendes por viver?

– Difícil de explicar – respondeu. – Se eu tivesse aquilo que tu tens, era feliz. – Mas tu não és eu. Essa é que é a questão. Os homens são como as impressões digitais: não há duas iguais. Perguntavas-me o que é que eu entendo por viver. Eu digo que viver significa respirar o mundo.

– E depois?

– Nunca há depois. Há só o presente, seja bonito ou seja feio.

– Coitada de ti! Acho mesmo que a tua situação é mais séria do que a minha – admitiu Virginia. – Há sempre um depois que te apresenta a conta por aquilo que fizeste.

Há para mim, a curto prazo. E também vai haver para ti. Também há um depois para o Giulio de Bros. Ainda te lembras do Giulio de Bros?

Aquele nome ressoou na mente de Sônia como uma chicotada que libertou a lembrança de uma paixão tão violenta como absurda. Estava tão longe dela e dos seus pensamentos que, se o visse, talvez não o reconhecesse. Era um homem que mal tinha visto e sobre quem tinha tido longos devaneios, que se desvanecera com as primeiras luzes da madrugada, quando os sonhos acabam.

– Lembro-me – disse Sônia. – Continua assim bonito? perguntou, com um leve toque de ironia.

– Não te sei dizer – respondeu Virginia, surpreendendo-a.

– Porquê? – perguntou Sônia, curiosa.

– Porque desapareceu. De um dia para o outro.

– Se calhar fez uma viagem – disse Sônia.

– Olha que não. Há um grande mistério por trás disso. A signora de Bros chora, mas não fala. Os empregados, pela primeira vez, não sabem de nada. Um grande mistério, é o que te digo concluiu Virginia.

A notícia não lhe causou a impressão que Virginia tinha previsto. Estava a anos-luz de distância de Giulio de Bros e do seu mundo. Ou, pelo menos, era isso que pensava.

Houve sempre uma relação muito estreita entre arte pura e arte aplicada à moda. Era assim no Renascimento e, graças a Dior, é assim ainda agora.

– É uma síntese admirável, que partilho plenamente – elogiou Lidia Mantovani. – Já não se aturava aquele desmazelo dos anos anteriores – acrescentou, antes de levar à boca uma grande garfada de batatas impregnadas de manteiga derretida e cobertas de caviar.

– O Dior podia pôr a desfilar cabos de vassoura, que ninguém dava conta – interveio Brunetta Simoncini, jornalista social, grande especialista em moda, vida mundana e mexericos. – Foi o primeiro a fazer reviver a arte da couture. Todas as costuras são reforçadas com fitas. As saias estão sempre direitas graças à tela. E a cintura tem sempre um cinto incorporado. No atelier de Dior...

O arquitecto Sabelli interrompeu-a.

– Sim, rica – disse com ironia –, todos nós conhecemos as tuas relações parisienses. Christian, Jacques e todos os outros se prostram à tua passagem. E, quando vais para Paris, deixas um vazio insuportável entre nós. E uma grande dor.

– Como tu sabes ser simpático – respondeu Brunetta, a sorrir, lisonjeada.

– Essa dor deve-se apenas ao facto de regressares depois provocou-a. – Eu até me pergunto por que insistes em regressar, já que ficávamos todos muito felizes se soubéssemos que tinhas desamparado a loja.

Brunetta Simoncini, que estava sempre disposta a acreditar em qualquer forma de adulação, tinha caído na armadilha e, pela Primeira vez, sentiu-se pouco à vontade. Odiava o arquitecto com todas as suas forças, e era sinceramente correspondida.

– Quando te referes à loja, devias explicitar a que loja te referes: A tua ou a do Sandro Mereu? – esgrimiu a jornalista.

O jovem arquitecto estava de pé atrás com ela porque, na rubrica que assinava num jornal de grande tiragem, o tinha definido como "companheiro galante de velhas e ricas senhoras. Alegre rapagão, muito dado à mamã e ao trabalho".

A última provocação referia-se inequivocamente à relação entre Mauro e Sandro Mereu. O velho

decorador tinha decidido Proteger aquele arquitecto jovem e brilhante, associando-o ao seu atelier.

Naquela noite estavam reunidos na sala de jantar de Lidia Mantovani para um jantar especial; de resto, os encontros gastronómicos em casa dos Mantovani eram todos especiais. Ninguém se admirou com os golpes de florete que acabavam de reabrir o contencioso entre a jornalista de moda e o arquitecto em ascensão. Ainda estavam no caviar e aquelas eram apenas as primeiras escaramuças. O serão prometia.

Amizade e cumplicidade criavam uma atmosfera um pouco particular. Entre os convidados não havia exactamente uma correspondência celeste de sentimentos amorosos, mas um jogo de massacre mantido por interesses recíprocos. A malignidade e os mexericos eram tolerados dentro de certos limites que ninguém tencionava ultrapassar.

Lidia Mantovani entusiasmava-se quando, a partir das primeiras guerrilhas, se conseguia prever a vivacidade do serão. Acabariam por voar, como nos jantares memoráveis, colheradas de caviar e um ou outro copo precioso. Vulgaridades muito estúpidas, mas que alimentavam a espiral de coscuvilhice e que por vezes entravam na lenda entre as pessoas do meio.

– Brunetta, faz-me um favor. Vê se te acalmas. – O comandante interveio com elegância, ironia e o inconfundível sotaque de cavalheiro napolitano. – E tu, Mauro, apesar de teres apenas um mínimo indispensável de virilidade, comporta-te por uma vez

como um senhor. Ao fim e ao cabo, se a divina Brunetta deixasse de escrever maldades, quem é que ia continuar a ler os artigos dela?

– Certamente não tu, ocupado como andas a ler, nos relatórios do teu detective privado, as sínteses dos feitos eróticos da tua meretriz – provocou a mulher. – Relatórios caríssimos, que ainda por cima não são dedutíveis nos impostos.

O comandante tinha perdido mais uma esplêndida oportunidade para ficar calado, evitando assim as estocadas da mulher. Mas o prazer que sentia com aquele tipo de comentários era irresistível. A sua nova aventura sentimental causava-lhe muitas inquietações e grandes despesas.

Sônia ouvia com a compostura fria, metódica e racional da melhor aluna da turma; aprendera a não se deixar envolver pelo ambiente em que agora tinha de viver. Não se escandalizava com nada. Limitava-se a ouvir. E aprendia a arte de navegar naquele mar de imprevisíveis tempestades. Tinha sido convidada para jantar pela grande costureira, que agora a tinha tomado sob a sua protecção e a queria introduzir na alta sociedade. Lidia considerava aquele jantar uma boa aula de introdução para ela. Brunetta Simoncini tinha-a achado "divina" à primeira vista. Mauro Sabelli Contini definira-a como "radiosa". O conde Pipo Meles de Pratolongo, camareiro secreto do rei no exílio, não se tinha exprimido de nenhuma forma, mas Lidia tinha a certeza matemática de que estava já a elaborar projectos para Sônia Brenna.

O conde Giuseppe Meles, que os amigos tratavam simplesmente por Pipo, era um mestre inimitável a fornecer as "coutadas" dos ricos e dos poderosos. A reserva de belezas naturais era a sua verdadeira indústria, que geria com o empenho do manager e a elegância e o cinismo do homem do mundo. Ceifava o seu trigo no mundo das manequins, das aspirantes a actrizes e das bailarinas. No papel de Pigmalião, ocupava-se da sua educação mundana. Introduzia-as nas melhores casas de Milão, de Roma, de Paris e de Londres, onde cada uma encontrava o seu protector. As mais afortunadas casavam-se. Muitas delas, em troca de favores, limitavam-se a viver uma relação breve e intensa.

O conde Meles, que os inimigos definiam como "grande rufião", tirava da sua actividade de caçador de talentos uma imensa alegria interior, e não recusava os presentes com os quais aquelas meninas, depois de bem instaladas, lhe testemunhavam em concreto o seu reconhecimento. Uma das suas protegidas, que casara graças a ele com um barão inglês, oferecera-lhe nem mais nem menos que uma casa de campo no Kent.

Para o conde Pipo Meles, Sônia era um esplêndido felino que acabaria por abrir caminho no grande

mundo com patadas lentas e mortais.

– O que achas, minha querida, deste jogo para adultos entediados? – perguntou-lhe Pipo. – Chama-se arrancar a pele. Achas divertido?

– Acho-o muito estúpido – respondeu Sônia, com uma sinceridade absoluta. – Ainda não percebi se é um bom romance com um prólogo mau ou um mau conto com um início demente.

– És mais extraordinária do que eu pensava – reconheceu o conde. – Se quiseres, podes desligar – aconselhou-a.

– Não. Estou curiosa com a história. E não vejo a hora de saber a continuação – respondeu, com um sorriso.

Pipo assentiu, agradavelmente surpreendido com aquela rapariga. Tinha classe.

O jantar continuou entre insultos, gargalhadas e grandes banalidades. Sônia foi a primeira a despedir-se. O conde Meles pôs à disposição dela o seu Rolls e o motorista para um feliz regresso a casa. Sônia estava livre e relativamente satisfeita. Tinha-se separado do marido. O naufrágio daquele casamento fornecera à aldeia um excitante ponto de partida para uma infinidade de mexericos.

Os sogros tinham-se atirado contra ela e contra o pai, acusando-os de manobras obscuras que os prejudicaram. Decidiram até deixar de os cumprimentar. O pequeno supermercado que se tinha imposto graças à eficiência dos sócios era o único sector no qual eram obrigados a encontrar-se. Pouco tempo depois, foi vendido por uma quantia considerável.

E assim as relações com aquela inútil nora e com aquele pai desmiolado foram cortadas. Quando, depois, Sônia se tornou manequim, o escândalo assumiu as cores acesas do pecado e da luxúria.

Só Aldo defendia Sônia, garantido a sua moralidade. Mas como poderia explicar aos pais que Sônia tinha medo do sexo e que se tinha negado a uma vida matrimonial normal? Era essa a verdade.

De cada vez que ele se aproximava, ela tremia de medo. Tanto que por fim, decidiu deixar de fazer valer os seus direitos conjugais.

Sônia casara-se para respeitar uma promessa, por um sentido mal entendido do dever. Agora queria recuperar a sua própria liberdade, reservando-se o direito de errar por si mesma. Aldo percebeu e aceitou.

Ela lançou-se então no fulgurante parque de diversões da moda com a determinação do desespero. Vivia entre peças de tafetá, shantung, chiffon, lã, nylon, veludo e linho, entre bainhas, plisse soleil franzidos e godets. Aprendeu a distinguir uns dos outros, sem hesitações, os modelos dos grandes costureiros.

Aprendia a caminhar, a fazer piruetas, a gesticular, a usar com uma desenvoltura elegante as roupas mais sofisticadas. com o seu passo felino tinha já percorrido as passerelles do palácio Pitti e as alamedas dos Jardins de Boboli. E fizera uma importante descoberta: o prazer de regressar à casa de onde poucos anos antes tinha tentado fugir, ao velho quarto por cima da taberna, atulhado de caixas de bebidas e pacotes de café.

O automóvel percorria a uma velocidade moderada a estrada que levava à aldeia. E Sônia recordou a menina que, tantos anos antes, quando andava no primeiro ano da escola primária, se tinha recusado a escrever a palavra casa porque sentia que não tinha casa nenhuma. O tempo mostrava-lhe como se tinha enganado. Lembrou-se também de que não queria escrever a palavra mãe. Sorriu com aquela recordação e viu de novo o rosto da mãe, um rosto de uma extrema doçura. Era a mãe que queria ter tido ou a mãe que tinha tido e não soubera reconhecer? Era uma pergunta que poderia esclarecer muitos aspectos sombrios da sua vida e revelar verdades escondidas. Entretanto, estava a tomar consciência de muitas coisas. Uma delas tinha a ver com aquele trabalho como manequim. Tinha-o desejado com uma obstinação feroz, e agora percebia que não era aquilo o máximo das suas aspirações.

Será por pouco, pensou, enquanto o Rolls do conde Meles encostava ao passeio, mesmo em frente à taberna que tinha as grades descidas.

Lidia Mantovani despedia-se do último dos convidados: Pippo. Então, o que me dizes da minha manequim preferida? Terá vida breve como manequim.

Porque vai dar uma estupenda meretriz. E um dia vamos todos rastejar aos pés dela – respondeu com um sorriso, acompanhando aquelas palavras com pequenos gestos de cabeça.

Era o fim de Fevereiro. Em Milão, cidade cinzenta e compassada, o Carnaval explodiu com uma alegria repentina e desordenada. Era como se um prestidigitador tivesse feito sair de um grandioso cilindro flores de papel, lenços de seda e pombas brancas a voar. As ruas, cobertas com tapetes de papéis coloridos, foram invadidas por máscaras, carros alegóricos e músicas ensurdecedoras, enquanto que nos palácios mais austeros decorriam festas e bailes por entre rios de champanhe e montanhas de doces.

Também os austeros Mandelli abriram os salões do palácio para uma festa temática: a corte dos Borgia. No tema da festa estava implícita a vontade de transgredir.

Havia, nos mais velhos, uma sombra de nostalgia em relação a carnavais antigos de que não se tinha perdido a memória. O Carnaval era um momento em que pecado e penitência tinham a sua grandiosidade.

Sônia fazia par com o conde Pipo Meles e foi a última dos convidados que passaram por baixo do grande arco que dava acesso ao salão de festas.

– Sua Santidade o papa Alessandro VI Borgia e a sua sereníssima filha, a condessa Lucrezia – pronunciou, com uma voz poderosa, um alto dignitário da corte que vestia um fato de brocado cinzento.

Os olhos dos convidados voltaram-se surpreendidos para os dois faustosos personagens e durante alguns segundos caiu o silêncio

naquela sala antiga. Todos admiraram Sônia, a sua beleza puríssima que o rico vestido renascentista exaltava.

– Aqui está a fina flor do grande mundo, minha querida. As mulheres invejam-te. E estes homens eram capazes de perder a Imagem Para te possuírem – sussurrou o conde Meles, inclinando-se para ela.

– Terás apenas a dificuldade da escolha. será que vais saber escolher bem?

– Fica perto de mim e faz-me sinal se achares que estou a perder o meu tempo.

Lidia Mantovani tinha desenhado o vestido de Sonia inspirando-se em parte no retrato da dissoluta Lucrezia e misturando-lhe outros elementos retirados da célebre pintura de Lorenzo Totto, que representa uma cortesã com o mesmo nome.

O resultado, realmente surpreendente, era um vestido de veludo de seda pesado, verde-escuro e vermelho acobreado com bordados em fio dourado e pérolas. Os cabelos, soltos sobre os ombros, estavam seguros por uma grinalda de pérolas e fitas entrelaçadas.

Alguém aplaudiu. àquele aplauso isolado juntaram-se outros, até que a admiração explodiu num unânime reconhecimento da elegância e da classe daquela surpreendente Lucrezia. Aos aplausos seguiu-se o ritmo grave e solene de uma pavana. – Então é você a tal maravilha sobre quem o Pippo efabulava – começou o conde Mandelli, beijando-lhe a mão.

– Bem-vinda à nossa festa – disse a mulher.

Sônia gostou daquele sotaque francês e do olhar triste.

– Qual de nós as duas será a mais infeliz? – sussurrou-lhe, quase como se tivesse que lhe confiar um grande segredo.

A condessa sorriu-lhe. – Pelo menos tu tens a sorte de seres lindíssima – rebateu. – É a emoção que qualquer mulher sem graça gostaria de sentir pelo menos uma vez na vida. Havia qualquer coisa de intensamente sofrido naquela mulher insignificante que fazia com que se sentisse sua amiga. – Tudo

aquilo que Sônia sabia dela vinha das histórias de Pippo Meles. A condessa Mandelli tinha o apelido de Arcanteuil em solteira e era filha

única de um produtor de queijos provençal. Tinha trazido em dote ao conde Mandelli vários biliões, o que permitiu àquela ilustre família milanesa restaurar o palácio da via Gesù e restabelecer as finanças precárias.

– E a senhora tem a sorte de ser particularmente meiga disse Sônia, com uma admiração sincera.

– Querida Valerie, peço-te que me apresentes imediatamente a esta flor extraordinária. – Era uma voz quente, poderosa e rica de vibrações, que se tinha inserido no diálogo entre as duas mulheres interrompendo-o com um certo tom de autoridade. Sônia virou-se e encontrou à sua frente um homem de meia-idade, com uma cabeça leonina, loira, uma barba densa e um corpo maciço que se adivinhava por baixo da veste de seda azul-forte debruada a pele.

– Onorio Savelli – apresentou a condessa. – Ou, se preferires, Leonardo da Vinci – acrescentou, referindo-se ao fato que trazia vestido.

Sônia ligou imediatamente aquele nome com as grandes fábricas de aço Savelli.

O homem pegou-lhe na mão e beijou-a levemente. – Então cá temos finalmente connosco a misteriosa, sensual e desinibida Lucrezia. A madrugada ainda vem longe. Estamos disponíveis para os jogos de amor. – Havia nas palavras daquele homem um longo hábito de comando e, por trás do pretexto do Carnaval, que autoriza todas as brincadeiras, intuía-se que seria capaz de passar imediatamente aos factos se Sônia lhe tivesse fornecido um pretexto.

Ela lançou um olhar implorante à dona da casa, que veio em seu auxílio.

– O Onorio não sabe distinguir as coisas – disse Valerie, para a defender. – Não consegue modular a ironia, que por vezes se torna grosseira e ofensiva.

– É perigoso brincar com os Borgia – comentou Sônia, já mais segura.

– Digamos que a minha Lucrezia se contenta com uma indemnização – propôs Pippo Meles que, entretanto, se tinha aproximado da sua protegida.

– Pode pedir aquilo que quiser – disse Onorio. Enquanto todos eles pensavam numa penitência digna da homenagem cujas vestes Savelli usava, Sônia espantou-os com uma intervenção inesperada.

– Quero o Mandrake – disse.

Ninguém contava com um pedido tão surpreendente.

– O Mandrake é o meu puro-sangue mais bonito – rebateu Onorio, aflito.

– É por isso que o quero – replicou Sônia, secamente. Tenho a sua palavra, mas se quiser considerar tudo isto como uma brincadeira de Carnaval, estou na disposição de esquecer. Sorriu, conferindo àquele pedido o sabor de uma brincadeira inocente.

– Onorio Savelli – afirmou ele, solenemente – só tem uma palavra.

– Então lancemo-nos na vertigem desta dança – disse Sônia a rir, oferecendo-se ao abraço de Pippo Meles.

– Será que te dás conta do valor do Mandrake? – perguntou-lhe ele.

– Não. Só vi a fotografia do cavalo numa revista, no cabeleireiro – explicou a rapariga. – Foi a primeira coisa que me veio à cabeça para travar a agressividade e a petulância daquele Leonardo arrebatador.

Começou a sentir-se perturbada e invejava a desenvoltura das mulheres, que pareciam ligadas entre elas por um fio invisível através do qual passavam frases de circunstância e comentários cortantes. Sônia sentia-se cada vez mais só. Até a dona da casa que, por um momento, fora amável com ela, a tinha, logo de seguida, esquecido. Aproximou-se da mesa das bebidas e pediu champanhe. com um copo na mão sentiu-se menos insegura. Descortinou Pippo Meles, que parecia procurá-la, mas escapou à sua vista e

saiu do salão. Achou-se numa sala de paredes revestidas por tapeçarias de temas mitológicos. As portas, reparou então, ostentavam o brasão da antiga casa milanese. Os painéis de madeira que cobriam o tecto interrompiam-se no centro, onde se formava um grande octógono pintado com uma cena mitológica. As janelas estavam cobertas por Pesadas cortinas de veludo carmesim suspensas de uma rica sanefa de madeira dourada trabalhada. Também ali os numerosos convidados se concentravam em volta de uma comprida mesa coberta por uma toalha de renda veneziana antiga, com centros de flor de fruta, e travessas cheias de requintadas iguarias. e Os criados vestiam coletes de veludo verde e calças carmesins. Todos usavam perucas com franja na testa.

Sônia sentia-se pouco à vontade no meio de tanto luxo e toda aquela gente que não conhecia. O que estou eu aqui a fazer? perguntou a si própria. Por um instante desejou estar na sua velha taberna, na caminha por trás do biombo. Enquanto procurava Pippo Meles, sentiu uma mão tocar-lhe no ombro. Virou-se e encontrou à sua frente uma dama austera de vestido cinzento, com a cabeça coberta por um véu escuro, que lhe sorria.

– Como estás, Sônia? – cumprimentou a senhora, com uma voz muito meiga.

Mais do que pelo aspecto, reconheceu-a pela voz. – Irene! exclamou a rapariga, que sentiu o desejo irresistível de a abraçar.

– Aprendeste a olhar para dentro de ti própria? – Tentei. Continuo a tentar.

– E o que vês?

– Uma grande confusão. Já não pertenço ao mundo de onde venho e ainda não sei para onde estou a ir – explicou Sônia, com amargura.

– Quando se começa a dispor da nossa liberdade pode acontecer que se sinta alguma confusão. Mas tens boas cartas na mão: beleza, inteligência e sensibilidade. Só precisas de aprender o mecanismo do jogo. E jogá-lo com prudência.

– Falta-me a qualidade mais importante para ser uma jogadora: a frieza.

– Não é a frieza, mas sim a sorte, o que faz um bom jogador. Será que vais saber aproveitar a sorte quando ela chegar? Será que vais saber reconhecê-la? – A mulher observava-a intensamente.

– A Irene é que é a vidente. Tem que me dizer se eu vou saber fazê-lo.

– Um homem muito rico e influente acaba de te oferecer um cavalo. Um puro-sangue. Esse presente é o tema da noite. Achas pouco?

– Não acredito em brincadeiras de Carnaval – disse Sônia, tentando retirar importância ao assunto.

– Então fica atenta – aconselhou a vidente. Mas não teve tempo de acabar a frase, porque dois pajens atrevidos pegaram nela nesse momento e arrastaram-na para o salão onde a orquestra tocava um ritmo frenético. Sônia sorriu perante o espectáculo grotesco dos latinos que se lançavam, com os seus fatos luxuosos e incómodos, naquela nova dança desenfreada.

passou um criado ao lado dela e ofereceu-lhe uma taça de champanhe. Sônia pegou nela rapidamente e bebeu um gole antes de prosseguir na inspecção do palácio. Meteu-se por um corredor insolitamente largo, com as paredes revestidas de painéis de seda da Cor da flor-de-lis. Havia jarras valiosas colocadas em consolas barrocas, numa confusão de estilos que criava um efeito agradável.

O rumor da festa sentia-se ali com pouca intensidade e Sônia, ao passar em frente a uma porta entreaberta, ouviu as vozes de um diálogo pacato.

– Não estou a evitar-te, Federica – dizia uma voz de homem.

– E, sobretudo, não me obrigues a justificações piedosas.

– Há meses que não te vejo – replicou uma voz de mulher.

– Sempre que te procurei, negaste-te a falar comigo. Só agora apareces do nada. Onde estavas?

– Sabes muito bem que estive ausente durante muito tempo.

– Mas onde estavas? Em Boston não. "O professor está em Itália", informou-me a tua secretária

americana. "O professor está na Cote d'Azur", disse-me a secretária do teu escritório em Milão. Em Cap Ferrat disseram-me que estavas em Milão. A tua mãe jurou-me que andavas a dar a volta ao mundo. Tens outra mulher: é isso? Diz-me francamente.

Seguiu-se um longo silêncio e depois ouviu-se de novo a voz da mulher, que suplicava: – Giulio, se já não me queres, tem ao menos a coragem de mo dizer.

Naquele momento a porta abriu-se e Sônia encontrou à sua frente um homem que vestia um fato preto com um casaco curto de veludo do qual saía, no colarinho e nos punhos, a renda imaculada de uma camisa. Trazia umas calças justas e tinha na cabeça um barrete que não conseguia esconder os cabelos negros e encaracolados. Os olhos azuis intensos e aquele perfil inesquecível devolveram-lhe à memória o rosto emoldurado na janela de um automóvel potente.

– Giulio de Bros – deixou escapar Sônia, com um movimento de surpresa.

– Cesare Borgia, duque de Valentinois – corrigiu ele. – és a minha dulcíssima Lucrezia. Tocou-lhe na face com o indicador e dedicou-lhe um sorriso difícil que implicava surpresa, cumplicidade, admiração e desejo.

Sônia não teve tempo para responder porque ao lado de Giulio surgiu uma mulher já não muito jovem que Sônia reconheceu imediatamente, porque era uma das clientes de Lidia Mantovani: Federica Rovesti, a lindíssima mulher de António Rovesti, o célebre editor milanês.

– Estava à procura da porta do jardim – justificou-se Sônia, desajeitadamente, corando como uma aluna apanhada em flagrante.

– Federica Rovesti – apresentou Giulio de Bros.

– Carlotta d'Albret, duquesa de Valentinois – precisou ela.

– Irmã do rei de Navarra e esposa legítima de Valentino. Mas estas noções históricas são certamente aborrecidas para uma rapariga da aldeia – disse a mulher, agressiva.

Sônia sentiu na pele e no coração o ódio de Federica.

– Estavas à procura do jardim? – perguntou Giulio.

– Sim. Do... do jardim – balbuciou.

– Então anda comigo – sugeriu ele, a sorrir. Ofereceu-lhe o braço como se Federica Rovesti não existisse e afastaram-se os dois, juntos, dos ecos da festa e do ódio daquela mulher.

Sônia percebeu que estava a tremer. Desde que trabalhava para Lidia Mantovani tinha sido abordada por muitos homens, ricos, fascinantes e generosos, aos quais ficara completamente indiferente. Giulio de Bros, pelo contrário, provocara nela uma doença muito doce que se manifestava com uma tremura quente por baixo da pele que, ao mesmo tempo, a tornava mais débil e mais forte.

Giulio empurrava-a delicadamente ao longo de corredores intermináveis. Sônia recordou as palavras de Virginia: "Tem um monte de mulheres. A mãe desespera-se porque ele não se quer casar. Desapareceu. Está envolvido num mistério. "

Era a última pessoa que esperava encontrar naquela festa. E, no entanto, estava precisamente ao lado dela, e ela voltava a ser a adolescente que tinha sido, com a cabeça cheia de sonhos, apaixonada por um homem que nem sequer sabia da sua existência.

– É este o jardim de que andavas à procura? – perguntou, enquanto abria uma porta de vidros que dava para um canteiro rodeado de sebes de buxo. Sônia estremeceu.

– Está frio, aqui fora – disse, encolhendo-se.

Giulio fechou a porta. Era um palmo mais alto do que ela. Pousou as mãos sobre os seus ombros nus e perguntou-lhe: – Estavas mesmo à procura do jardim?

– Se calhar estava à tua procura – respondeu, como se aquelas palavras fossem pronunciadas por outra pessoa. – Procurei-te durante muito tempo – acrescentou baixinho.

Ele olhou para ela com ar grave.

Sônia adivinhava sobre aqueles lábios a marca dos beijos de outras mulheres e sentiu o tormento do ciúme. Ele deixou escorregar a mão pelas costas dela, puxou-a para si e inclinou-se sobre o rosto da rapariga. Ela respirou o perfume de Giulio, fresco e intenso, tão diferente daquele que sentira no marido, das raras vezes em que tinha deixado que ele se aproximasse dela.

Esperava que ele a beijasse, mas Giulio limitou-se a falar-lhe junto aos lábios: – Senhora, apesar da dor convém-me de vós partir e não julgueis que ao fugir me despoje deste amor – recitou, quase num murmúrio.

– O que é isso? – perguntou, curiosa e desiludida.

– É a canção do duque Valentino. Uma maneira de te dizer aquilo que sinto por ti, minha dulcíssima Lucrezia. – Beijou-lhe levemente a face e afastou-se a cambaleiar ligeiramente.

Por alguns instantes Sônia ficou petrificada, incapaz de qualquer reacção. Depois voltou a correr ao grande salão. Ia à procura de Pippo Meles. Queria ir para casa.

Tinha dentro de si um emaranhado de emoções que não conseguia explicar e sentia-se profundamente infeliz. Que estranho poder tinha aquele homem sobre ela para a deixar tão perturbada? Achou-se no meio da confusão do grande baile, nos braços de um capitão que a arrastou para um chachachá desenfreado.

O conde Meles foi em seu auxílio.

– Leva-me para fora desta barafunda – pediu Sônia.

– Julguei que te estivesse a divertir – observou o homem, paternal e protector como sempre.

– Leva-me embora ou eu começo a gritar – replicou, com raiva.

Antes da meia-noite, Sônia entrou no apartamento de Lidia Mantovani. Em casa tinham ficado apenas Stelio e Madi, um casal de empregados simpáticos e eficientes.

Lidia e o comandante estavam noutra festa.

– Signorina, o quarto de hóspedes está pronto para si – disse Madi, que reparou na sua expressão desnorteada. – Aconteceu alguma coisa? – perguntou, preocupada.

– Está tudo bem – interveio o conde Meles. – Diz ao Stelio para preparar uma das suas célebres tisanas enquanto tu a ajudas a

despir-se. Eu fico aqui à espera – decidiu, dirigindo-se ao bar da sala de estar.

Sônia reapareceu com a cara completamente limpa de maquilhagem. – Trazia um vestido liso em tecido ligeiro, de um bonito verde-esmeralda, e arrastava o seu casaco de vison negro como se fosse um farrapo para limpar o chão.

Deixou-se cair numa poltrona em frente ao amigo, que bebericava um whisky. Stelio veio servir-lhe um chá.

– Não se divertiu na festa, signorina Sônia? – perguntou, solícito.

– As coisas nunca são tão divertidas como imaginamos. Cansei-me – respondeu simpaticamente.

O velho empregado saiu e Pippo perguntou-lhe: – Por que trazes o casaco? Não passas aqui a noite?

– Apetece-me ir ter com o meu pai.

– O que se passa contigo, pequena?

Sônia passou da tristeza a um riso jovial e irreprimível.

– O que é que tem assim tanta graça? – perguntou Pippo, preocupado.

– Ficas cómico assim, fora da festa – respondeu ela, ainda a rir. – Mas se nunca viste um papa do renascimento a bebericar um whisky num cenário de uma casa moderna, não consegues entender!

– Entendo muito mais do que tu podes imaginar. Sou um especialista consciencioso. Um cortêsão profissional – afirmou, com tristeza. – O sistema premeia as especializações.

No meu género, sou um especialista insubstituível nos ambientes onde, a partir de agora, tu vives também. Eu respondi à tua pergunta. Tu, pelo contrário, não me disseste o que se passa contigo. Queres responder ou preferes que descubra sozinho?

– O que me dizes do Giulio de Bros? – perguntou ela, de repente.

O homem pareceu reflectir durante um longo instante. Depois abanou a cabeça em sinal de desaprovação. – Estás a seguir um caminho errado – avisou-a. – Quando foi que o conheceste? imdagou.

– Quando era uma menina e ia estudar para a casa dos porteiros do palácio de Bros.

– Não serve para ti – concluiu.

– Esta noite voltei a vê-lo, ao fim de tantos anos – disse.

– Esquece-o – ordenou Pippo.

– Ele nem sequer sabe que eu existo. Mas quero saber tudo sobre aquele homem. A Federica Rovesti é a amante dele? – Perguntou.

– Ele sempre teve muitas mulheres, mas nunca levou nenhuma a sério. Não penses mais nisso – aconselhou Pippo.

– Isso é outra conversa – disse Sônia, persistente. – Eu fiz-te uma pergunta. O que sabes tu do Giulio de Bros?

– Muito pouco – admitiu. – Frequenta as famílias mais poderosas e importantes. Não faz vida mundana. Fornica e trabalha. Gosta mais de estar em casa. É um hábil jurista para a idade que tem. Encontrei-o numa partida de caça na Boémia. Voltei a vê-lo em Londres, em casa do duque de Marlborough.

– Nunca no café da esquina – comentou Sônia, irónica.

– Há uns meses parece que teve algum problema. Desapareceu de circulação. Estava a tratar de um caso de Máfia, em Roma. Depois desapareceu sem nenhuma explicação.

Isto é o que eu sei. Interessa-te assim tanto? – perguntou, com um ar céptico.

– O suficiente para estar aqui a falar contigo. Mas, uma vez que não sabes nada, posso ir-me embora.

Meles encarregou o motorista de a levar a casa. Quando saiu do Rolls, viu em frente à taberna um camião de transporte de cavalos. O pai, quando a viu chegar, deu um suspiro de alívio.

– Anda cá ver o que é que este tipo quer – pediu-lhe.

Era um homem de uma certa idade, mas tinha um físico pequeno e seco de rapaz.

– Trouxe-lhe o Mandrake – disse. – Venho de mando do comendador Savelli.

Era uma hora da manhã e os últimos resquícios do Carnaval levantavam também na aldeia pó e papéis coloridos. Um grupo de foliões vestidos de mulher atirava talco e serpentinas para cima dos raros transeuntes.

Sônia aproximou-se do camião. Dentro estava um cavalo negro de pêlo luzidio. Olhava para ela com uns olhos tristes. Tinha o

olhar do seu basset quando se encontrava numa situação que não compreendia. Sentiu ternura por aquele animal extraordinário.

– Transmita por favor ao comendador Savelli que lhe agradeço a sua generosa oferta, mas que francamente não posso aceitar.

Desejo-lhe uma boa noite – disse ao homem que estava ao lado do camião. Depois virou-se para o pai: – Vamos para casa, pai. com este frio ainda apanhas uma bronquite.

O homem foi-se embora com Mandrake, enquanto pai e filha entraram no restaurante deserto, onde um grande aquecedor espalhava um calor agradável. Sentaram-se a uma mesa, um em frente ao outro.

– Que história é esta? – perguntou António Brenna, achando que nunca se tinha encontrado numa situação semelhante.

– Qual história? – retorquiu Sônia, fazendo-se desentendida.

– A do cavalo.

– É uma longa história que não tem nada a ver connosco quase se desculpou. Depois continuou: – Uma vez, a minha amiga Virginia disse-me que os ricos são todos doidos.

Tinha razão, pai.

– Como tu mudaste, Sônia! Olho para ti e já não te reconheço. E pergunto a mim mesmo: o que será feito daquela menina rebelde que brincava com o Bobi?

– Talvez o aspecto tenha mudado. Mas cá dentro sou a mesma de sempre – tentou tranquilizá-lo. – Fica aqui ao pé do aquecedor. vou arranjar um leite quente para os dois – disse, a sorrir.

Mentia. Tinha mudado também por dentro. Sobretudo depois do encontro com Giulio de Bros.

Sônia conservara, desde os tempos da escola, o hábito de se levantar cedo. O pai, pelo contrário, exactamente como quando a mulher ainda estava viva, só se levantava por volta das dez horas, porque à noite ficava na taberna até tarde com os clientes mais renitentes em abandonar a conversa, o copo e o jogo de cartas. Só a promessa de se voltarem a encontrar na noite seguinte convencia os mais rebeldes a abandonar a cadeira e a encontrar o caminho de casa.

De manhã era sempre a signora Bambina que, com a ajuda de um empregado, levantava as grades do estabelecimento e depois ia para a cozinha definir a ementa do dia.

Tal como a mãe, naquele primeiro domingo de Quaresma, Sônia desceu às sete horas, serviu os primeiros clientes e depois foi à cozinha verificar o que existia no grande frigorífico.

– Signora, está ali um homem que traz um embrulho para lhe entregar – avisou um dos empregados, que apareceu à porta da cozinha.

– Podes recebê-lo tu – disse ela, prosseguindo o inventário.

– Diz que tem de lho entregar pessoalmente – justificou-se o rapaz de casaco branco.

– Está bem, eu já vou – bufou, contrariada. – Deve ser mais um presente extraordinário.

Encontrou à frente um homem pequeno, de uns sessenta anos, quase completamente calvo, de nariz saliente e lábios finos. Trazia uma

pasta de pele negra e tinha na mão um bloco de recibos. sorriu-lhe delicadamente. – Sou empregado da joalheria de Roberto Cortesini – disse o homem.

– Trago um embrulho para a senhora. – Para mim? – perguntou ela, espantada. – Julgo que se deve tratar de um engano.

– É a signora Sônia Brenna? – – Sou.

– Então não há engano nenhum – afirmou o homem, enquanto pousava a pasta em cima de uma mesa e se preparava para a abrir.

– Deve ser algum mal-entendido – continuou ela, cada vez mais espantada. – Eu não comprei nada nessa joalheria.

– Signora, permita-me que insista – disse o homem, extraindo da bolsa um embrulho largo e chato, confeccionado com papel branco e atado com uma grande fita de seda azul.

Sônia pensou em Giulio de Bros. Quem, se não ele, com a sua aristocrática generosidade, poderia testemunhar-lhe a sua admiração com uma oferta preciosa? A assinatura de Roberto Cortesini estava desde sempre ligada a jóias e a pedras lindíssimas e raras. E Sônia não teve mais dúvidas. Agarrou no embrulho e começou a desapertar a fita.

– Signora – disse o homem, preocupado –, tem que me assinar este talão.

– Um momento – pediu ela, enquanto admirava o estojo de camurça branca. Abriu-o e arregalou os olhos. Bem encaixado em volta de um círculo estava um colar de turquesas ovais, do tamanho de amêndoas, rodeadas de diamantes puríssimos. No centro daquela jóia imponente, uns brincos compridos,

formados por turquesas em gota penduradas num diamante redondo, tão grande como uma avelã.

Havia também um bilhete que Sônia se apressou a ler: "Um cavalo é um presente pouco apropriado. Poderei com isto esperar a tua benevolência, minha tão doce Lucrezia?"

Espero realmente que sim. Onorio Savelli. "

Sônia voltou a meter o bilhete no envelope, fechou o estojo e entregou-o ao homem.

– Pode levar isto embora – ordenou.

O homem olhou para ela, perplexo. Passara a vida a entregar aqueles presentes principescos, e nunca lhe tinha acontecido que o destinatário recusasse uma prenda.

Estava tragicamente desorientado, até porque sabia o valor daquela oferta, que equivalia a um apartamento.

– Signora – disse, assumindo uma expressão indecifrável entre a dignidade ofendida e o vexame profissional. – Eu recebi uma ordem de entrega. Só terá que pegar nesse estojo e assinar o recibo.

– Eu entendo o seu problema, mas não tenciono receber esta jóia.

– A minha filha foi bem clara – interveio António Brenna que surgiu atrás deles. Tinha assistido àquele breve diálogo e contemplado o tesouro contido no estojo.

– Ouviu aquilo que a minha filha disse? – continuou, agressivo.

– Se quer a minha opinião desinteressada – sugeriu o homem –, a coisa mais simples que tem a fazer é aceitar o presente. Há sempre tempo para o restituir. Ou não?

– Foi um prazer conhecê-lo – disse Sônia, a sorrir, encerrando assim a conversa.

Dois criados assistiam à cena e piscavam o olho um ao outro. Na aldeia, Sônia gozava de uma reputação duvidosa e era muitas vezes o centro de comentários maldosos por parte das pessoas que ali viviam.

António Brenna entrou na cozinha e fechou a porta atrás de si. Sônia estava sentada em frente à máquina de escrever para bater a ementa do dia.

O pai observou-a como se a visse pela primeira vez. Era realmente uma bela rapariga. Vestia uma camisola de angora azul e trazia ao pescoço um colar de pérolas que tinha pertencido à mãe. Tinha um rosto limpo, solar. No entanto, havia muitas coisas nela que não batiam certo. Era diferente de todas as raparigas que ele conhecia, tinha relacionamentos discutíveis e comportamentos aristocráticos.

– Ontem à noite, o cavalo. Hoje de manhã, as jóias. Não achas que estás a exagerar? – perguntou o pai, em pé à frente dela, com uma voz áspera e nebulosa que Sônia não lhe conhecia.

A rapariga interrompeu o trabalho e olhou para ele. – Pai, eu hoje já tenho que me chegue. Não comeces tu agora – protestou.

– Mas que vida andas tu a fazer? – perguntou o pai, desesperado. – Sais de dia, voltas para casa quando voltas. Naqueles grandes carros americanos que vão e vêm a toda a hora. Toda a gente fala de ti. Às vezes até tenho vergonha dos risinhos das pessoas quando pronunciam o teu nome. Onde queres chegar? Até quando vais abusar da minha paciência? – disse, com dor e com raiva.

Sônia sentiu-se acometida pela fúria. – Será que percebi bem? perguntou, sabendo que tinha percebido perfeitamente.

– Ouviste muito bem – sublinhou António. – E, se queres, ainda há mais. Ontem à noite disse-te que te achava muito mudada.

Mas a verdade é que foste sempre assim. A tua mãe é que tinha razão em manter-te as rédeas curtas. Se eu tivesse feito a mesma coisa, estavas agora com o teu marido e ninguém teria a ousadia de te oferecer presentes de mulher por conta – berrou, dando um grande murro na mesa.

O homem sereno, doce e resignado que Sônia sempre conhecera tinha dado lugar a um inquisidor impiedoso, que se associava aos juízos da gentalha da aldeia.

– É mesmo isso que pensas?

– É exactamente aquilo que me vai na alma – confirmou o pai, com um tom definitivo.

– Então não tenho alternativa. vou deixar esta casa para sempre – declarou Sônia com uma voz calma, ao mesmo tempo que se levantava e lhe fazia frente.

– É bom que o faças – encorajou-a o pai, já desorientado pela indignação e pela dor. – Poupas-me a mim a tarefa desagradável de te pôr na rua.

– Adeus, pai. E não procures mensagens escritas nas lousas dos jogadores – anunciou com uma voz enraivecida, quebrada por um soluço.

Saiu do estabelecimento, agarrando no casaco de peles à passagem, e passou ao pequeno pátio interior onde estava estacionado o Fiat 600 que adquirira com o dinheiro dos primeiros desfiles. Entrou no carro e partiu para Milão. A antiga taberna Trattoria Sant'António era um capítulo definitivamente encerrado da sua vida.

Sônia, assustada, acendeu de repente o candeeiro da mesa-de-cabeceira e olhou para a intrusa com algum embaraço.

– Lidia, estás louca? De que é que andas à procura? – perguntou, enquanto saltava de dentro dos lençóis e tentava vestir o roupão. Acabou por consegui-lo com alguma dificuldade.

Lidia Mantovani, sentada em cima da cama, completamente nua, olhava-a com os seus pequenos olhos míopes em volta dos quais a maquilhagem começava a desfazer-se em risquinhos azulados.

– Tem piedade de mim, Sônia. Sou uma pobre mulher só e desesperada – choramingou, como uma menina cansada que não consegue adormecer.

– Essas palavras têm o sabor de uma frase feita. Comigo não pega – replicou Sônia. Tinha apertado com força o cinto do roupão de cetim branco. Acendeu um cigarro com as mãos trémulas de raiva e começou a andar para trás e para diante, com passos nervosos, no pequeno quarto decorado, com uma ponta de coqueteria, em tons de rosa e marfim.

– Perdeste completamente a cabeça – declarou, aspirando o fumo. – O que eu gostava de perceber é se és só lésbica ou se és uma lésbica em crise depressiva.

– Deprimida e lésbica – choramingou a modista.

– Grande número – disse Sônia, irónica, não experimentando em relação àquela mulher nem sequer um sentimento de piedade.

– Está calada, por amor de Deus – retorquiu Lidia, alarmada.

O comandante pode ouvir-te. E os empregados também. Não estou a fazer isto. Juro-te. Mas não armes confusão, suplico-te. Continuou a choramingar, enquanto tentava tapar-se com a coberta da cama.

– E eu quero lá saber do teu comandante e dos teus empregados! – disse Sônia, enquanto olhava com repugnância para o corpo nu de Lidia que, sem roupa e sem jóias, se revelava em toda a sua decadente miséria. Sônia deu por si a compará-la a um soufflé mal conseguido ou a uma massa por levedar.

– Que horror – sibilou Sônia, que considerava aquilo que estava a viver como uma experiência nova e desagradável, mas instrutiva, de uma realidade impiedosa que a envolvia.

Lidia Mantovani mudou repentinamente de registo e de tom. – Ouve, minha linda, agora pára com isso – disse, agressiva, ao mesmo tempo que se levantava da cama com uma agilidade insuspeita e se embrulhava no lençol cor-de-rosa. E acrescentou: – Eu gosto de mulheres, assim, jovens como tu. Não é um segredo, mas o importante é salvar as aparências. E não me venhas dizer que tu, lírio imaculado, eras a única que não sabia.

– É exactamente isso que se passa – respondeu Sônia, furiosa.

– Podes apostar em como eu não sabia rigorosamente nada sobre essas tuas estranhas predilecções.

– Pior para ti – replicou Lidia.

– Isso é o que vamos ver – desafiou Sônia. Tinha saído de casa e pedido hospitalidade a Lidia Mantovani com a convicção de encontrar ali um ninho quente e confortável para ordenar as idéias, recuperar as forças e recomeçar do zero. O afastamento da aldeia, da taberna, do pai, da memória da mãe, tudo tinha sido muito doloroso e difícil para ela.

Agora descobria que também a solidariedade humana tem um preço que, mais cedo ou mais tarde, é preciso pagar. Sônia começara a dar-se conta de que a sua agressividade e a sua segurança eram feitas de fragilidades. Possuía ainda a candura das almas simples. Se assim não fosse, teria há muito percebido que Lidia Mantovani queria, para além da manequim, a esplêndida mulher em que ela se tornara.

Por outro lado, nunca ninguém lhe tinha falado sobre aquele aspecto da modista, nem sequer Pippo Meles. Também ele, assim como os outros, tinha como certo que ela sabia e fazia o jogo.

De repente tinha chocado contra uma realidade áspera, desagradável e suja. Naquele momento, se não tivesse queimado as pontes atrás de si, teria seguido o caminho de casa.

Mas que raça de gente era aquela? Homens e mulheres sem princípios, que não punham qualquer limite à sua própria imoralidade. Vieram-lhe à idéia os sorrisos maliciosos das outras manequins quando, nos bastidores dos desfiles, assistiam às ternuras que Lidia lhe dedicava.

– És uma pobre tonta – insultou-a aquela mulher tão pequena, que a mirava com os seus olhinhos míopes. – Podias ter tido o mundo na mão e só vais encontrar um punhado de moscas – disse num falsete ameaçador, enquanto abandonava o quarto de Sônia.

Ela sorriu. Não era exactamente aquele o mundo que queria ter na mão. O sucesso era o seu objectivo principal, mas não o queria conquistar através da cama.

Tirou o roupão e a camisa de noite, vestiu a saia e a camisola azul que trazia quando saía de casa, pôs o casaco de peles pelos ombros e saiu. O Fiat 600 estava estacionado à porta do palácio da via Bigli. Entrou no carro. Eram três horas da manhã. Estava frio. Já não tinha casa, estava sem dinheiro e sem um amigo. Pôs o carro a trabalhar mas não se decidia a arrancar, não sabia para onde ir. Voltou-lhe à idéia a mãe, e foi como uma presença concreta ao seu lado.

– Estás a ver a confusão que eu fui arranjar? Tu até eras bem capaz de me dizer que era inevitável que isto acabasse assim observou, num diálogo imaginário com a mãe. – Mas eu não acho que tenha acabado, mãe. Quero alguma coisa da vida. Não sei o quê, mas quero. – Soluçou, com a cabeça apoiada no volante. O palácio seguinte era o de Bros. E ainda havia Virgínia. Uma Virgínia cada vez mais macilenta e triste que tinha tido a coragem de levar avante a sua gravidez, fazendo frente à opinião dos pais. Esperaria pela manhã e pela abertura do portão para lhe pedir ajuda. A amizade com Virgínia, graças a Deus, era uma amizade verdadeira, a única que lhe restava. – E amanhã logo se vê – disse, resoluta e em voz alta, por entre as lágrimas, a falar consigo própria. Levantou os olhos e viu na esquina um relógio luminoso: marcava as três. O portão, lembrava-se bem, era aberto às sete pela mãe de Virgínia. Aquela espera duraria ainda quatro horas.

Enquanto estava mergulhada nestes cálculos elementares, viu-o chegar, ao fundo da rua, com um passo ligeiramente cambaleante. por cima do smoking vestia um sobretudo negro, desabotoado. A brisa nocturna fazia ondear as orlas da écharpe branca que trazia ao pescoço. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos e os caracóis negros despenteados caíam-lhe sobre a testa. Sônia sentiu o coração saltar, pareceu-lhe que a escuridão se tinha desvanecido para dar lugar a uma aurora radiosa, e naquela luminosidade avançava em direcção a ela o primeiro, único e impossível amor da sua vida: Giulio de Bros.

Enxugou as lágrimas com a palma da mão, saiu do carro e correu ao encontro dele, chamando-o. – Giulio!

Ele parou. – Conhecemo-nos? – perguntou o homem, hesitante e surpreso, à rapariga que tinha ido ter com ele.

– Giulio – repetiu Sônia, desconsolada. Finalmente reconheceu-a, e esboçou um sorriso.

– Lucrezia! – exclamou, apontando-lhe o indicador.

– Lucrezia – confirmou ela.

– Estavas lindíssima.

– Tão linda que agora quase não me reconhecias.

– É provável, uma vez que agora estás ainda mais bonita. – E acrescentou: – Também estás bêbeda? – esperando uma resposta afirmativa.

– Detesto o álcool.

– Já devia ter percebido que és do tipo da menina bem comportada. Não há nada pior do que um bêbedo para uma mulher sóbria – disse, retomando o caminho de casa.

– Mas por que será que de cada vez que te encontro foges de mim? – reagiu com raiva, os olhos cheios de lágrimas.

Giulio virou-se lentamente para ela com um olhar curioso. O que faz uma rapariga de cara lavada, que não bebe, no meio da rua, de noite?

– Uma boa rapariga, sozinha, no meio da rua, de noite, poderia andar à procura de um ombro onde chorar – replicou Sônia, e desatou num pranto.

– Anda comigo, pequena – disse Giulio, abraçando-a com ternura. – Vamos chorar os dois juntos.

O escritório era forrado a veludo moiré vermelho-pálido. As duas estantes, assim como as poltronas e a escrivaninha, eram de estilo Regência. Por cima da lareira havia um pequeno busto em mármore de Cícero. Sônia, aninhada em cima do sofá, acabava de beber outro whisky.

– Acho que estou completamente bêbeda – anunciou. Giulio, enterrado numa poltrona, com a roupa amarrotada e os olhos vermelhos, anuiu com ar grave. – Completamente – concordou.

– E eu a dizer que o álcool me metia nojo – afirmou ela, com uma gargalhada.

– O álcool – explicou ele – pode ser um livre-trânsito temporário para o paraíso. A questão é que ao fim, depois de te ter ajudado, te precipita no inferno.

– Para sempre?

– Para sempre.

Os sapatos de Sônia e a écharpe e o sobretudo de Giulio estavam espalhados pelo chão. Respiravam um ar saturado pelo fumo dos cigarros que fumavam ambos.

– Uma vez eu tive um cão. – Sônia aventurou-se pelas veredas da memória à procura de um ponto de referência. – Era um basset. Chamava-se Bobi – continuou, sem se preocupar mais com o facto de tropeçar nas palavras. – Ajudava-me a viver. Era o meu remédio.

– E depois? – perguntou Giulio. – Depois morreu.

– Eu uma vez também... – Giulio deixou a meio a frase que tinha em mente e apertou os braços da poltrona.

– Tu, o quê? – pediu Sônia.

Giulio evitou a pergunta e disse: – Acho que devíamos dormir um bocado. – Levantou-se primeiro e abriu a janela. A luz da madrugada escorregou pela sala, juntamente com o ar gelado. Como todos os bebedores habituais, Giulio conseguia manter-se num equilíbrio precário. Sônia estremeceu. Pôs-se em pé com dificuldade, encostou-se à janela e olhou para o pátio do palácio, onde um empregado varria o chão. Respirou o ar fresco e claro e foi atacada por uma vertigem, ao mesmo tempo que o estômago se contraía dolorosamente. Voltou-se e olhou para Giulio, enquanto levava uma mão à boca e arregalava os olhos por causa daquilo que estava a acontecer. Ele percebeu imediatamente e escancarou a porta da casa

de banho. Sônia correu para lá. Em poucos minutos, com vômitos atroz, libertou-se do álcool e recuperou alguma lucidez.

Giulio tentou desdramatizar o episódio, estendendo-lhe uma toalha e prestando-lhe assistência com uma ternura quase maternal. Sônia estava demasiado perturbada para reparar na magnificência daquela casa de banho com mármore raiados, torneiras de latão brilhante e cristais de Lalique. E recebeu os cuidados de Giulio com uma espécie de embaraço. Porque não era exactamente assim que tinha sonhado com aquele primeiro encontro.

– Sujei a camisola – constatou, corando de vergonha.

– Tira-a. Mandamo-la lavar e fica como nova – disse ele, enquanto a ajudava a despir-se e lhe oferecia um dos seus quimonos de seda.

Tinham passado poucas horas desde que se tinham encontrado na rua e Sônia já contara a Giulio tudo sobre ela, a sua paixão juvenil por ele, o casamento falhado, as suas aspirações e a abordagem de Lidia, que lhe provocara aquela crise. O álcool ajudara-a a vencer a sua reserva natural, tornando-a loquaz. Sentia-se grata a Giulio por nunca se ter tentado aproveitar da situação.

– Agora vais descansar e em breve estarás outra vez na tua forma mais brilhante – disse ele, a sorrir.
– Vou-te mandar trazer

uma bebida que é remédio santo para uma borracheira solene acrescentou, enquanto a levava até ao quarto.

– Não me deixes só. Nesta casa enorme sinto-me pouco à vontade – protestou debilmente. Agora que tinha recuperado a lucidez, sentia-se uma intrusa na aristocrática residência que durante anos tinha considerado uma meta inatingível. Pensou em Carina de Bros, a terrível senhora autoritária e severa de quem Virginia falava sempre em voz baixa. Tinha a certeza de que, se a surpreen desse naquela cama, a enxotaria como a um insecto enfadonho.

Entrou uma empregada com um vestido de cetim negro sobre o qual sobressaía um avental branco com o peito engomado. com uma naturalidade extrema, cumprimentou Giulio e voltou-se depois para Sônia. – Bom-dia, signorina. – Pousou o copo meio cheio da "bebida milagrosa" na mesa-de-cabeceira e limitou-se a perguntar: – Precisa de mais alguma coisa, signore?

– Desejo que ninguém incomode a signorina até ao meu regresso – disse. – E essa camisola tem que ficar como nova – concluiu.

A mulher anuiu e desapareceu silenciosamente, assim como tinha chegado. Sônia teve a certeza de que muito em breve a notícia sobre uma rapariga no quarto de hóspedes iria chegar à casa da porteira. Virgínia ia ficar a saber, mas nunca poderia imaginar que a rapariga de turno de Giulio de Bros era ela, a sua amiga do peito.

Giulio puxou a manta de vison cinzenta.

– Dorme bem.

Ele tinha o rosto cansado, com olheiras, mas continuava a ser o homem mais belo que Sônia alguma vez vira.

– Onde vais? – perguntou-lhe, com uma voz débil.

– vou para a faculdade. Tenho uma aula às nove. A propósito, – perguntou-lhe –, qual é o teu verdadeiro nome? – Até àquele momento, tinha continuado a chamar-lhe Lucrezia.

– Chamo-me Sônia – respondeu. – Sônia Brenna.

Viu-o hesitar, e depois, sobre aquele rosto cansado, pairou a sombra de um sorriso.

– Sônia Brenna – repetiu Giulio, explodindo numa gargalhada sincera. – Agora percebo tudo. A cidade inteira fala de ti.

– De mim?

És a única mulher que alguma vez recusou uma jóia de cem milhões. Onorio Savelli contou a toda a gente. – Depois despediu-se dela com um sorriso e acrescentou: – Fizeste bem. Cada um tem o seu preço. Mesmo tu. Só que o teu deve ser muito alto. agora o Savelli já ficou a saber.

Sônia acordou porque o veludo uniforme do sono tinha sido quebrado por um rumor tão ligeiro como a respiração e por qualquer coisa húmida que lhe fazia cócegas na face. Abriu os olhos. Aninhado em cima da manta de vison cinzenta estava um pequeno basset negro a abanar a cauda em sinal de alegria. Giulio estava ali também, em pé, junto da cama. Vestia um elegante fato cinzento e observava-a com curiosidade e admiração.

Sônia recuperou lentamente o sentido da realidade. Ao acordar tinha pensado que estava ainda na sua cama, no quarto por cima da taberna, e achava que aquele cão era Bobi. Depois lembrou-se da cama no quarto de hóspedes em casa de Lidia Mantovani. E por fim da noite passada com Giulio a falar sem interrupção.

Agora Giulio estava ali, e sorria-lhe. – Gostas do meu presente? – perguntou, referindo-se ao basset.

– Bobi – sussurrou ela com a voz ainda cheia de sono, enquanto esticava uma mão para tocar no cachorro.

– Como é que estás – perguntou Giulio, passando-lhe uma mão fresca pela testa.

– Estou em óptima forma – mentiu, sentando-se na cama.

– Sabes que horas são?

– Não – respondeu, a esfregar os olhos. Era de facto extraordinariamente bonita e desejável.

– São oito da noite. Dormiste mais ou menos doze horas informou-a.

– Se calhar é por isso que tenho tanta fome – disse ela a sorrir. exprimindo apenas uma mínima parte da felicidade que sentia por dentro.

Giulio acendeu o candeeiro da mesa-de-cabeceira e Sônia, pela primeira vez, viu o quarto onde se encontrava, ao mesmo tempo que o basset começou a explorar, a correr e a cheirar freneticamente o ambiente em que se encontrava. Era um quarto em que predominava o cinzento pérola e o branco nata. A cama ficava encaixada até meio numa alcova forrada de madeira. Um rodapé alto, também de madeira, corria ao longo das paredes e revestia a lareira, por cima da qual estava pendurado um batik(1)

de algodão devidamente emoldurado. Havia duas poltronas revestidas de veludo cinzento pérola e uma mesa rectangular coberta com o mesmo tecido. Em cima da mesa, um candeeiro, os objectos necessários para escrever e um cesto de primulas.

– Então veste-te. Vamos jantar fora – sugeriu Giulio.

Sônia deslizou para fora da cama apertando o quimono de Giulio antes de se inclinar para pegar no irresistível cachorro, que já amava.

Havia um toucador no canto, entre a cama e a porta da casa de banho. Viu a sua própria imagem reflectida.

– Estou monstruosa – exclamou. Apesar dos cabelos despenteados que a tornavam mais jovem do que era, e dos olhos ainda cheios de sono, Sônia tinha uma beleza de tal modo intensa que conseguia até surpreender um homem do mundo como Giulio de Bros.

– Mentirosa e falsa – censurou-a. – Na casa de banho vais encontrar tudo aquilo de que precisas para um restauro adequado. Eu fico à tua espera na sala ao lado – acrescentou, afastando-se.

Sônia foi ao encontro dele e obrigou-o a parar, segurando-o por um braço.

– Giulio – perguntou, com a voz quebrada por novos receios –, por que estás a fazer tudo isto?

– Porque era o que tu querias.

1. Método manual de estampar tecido que consiste em revestir de cera determinadas partes, imergir o

tecido numa solução corante, retirar a camada de cera por fervura e repetir a operação para cada cor que se empregue. (N. da T.)

– Essa não é a resposta correcta.

– Gosto de prestar homenagem à beleza. Quero que as mulheres, as que realmente me agradam, tenham pelo menos uma razão para não me esquecerem tão depressa.

Sônia captou-lhe no olhar uma profunda amargura, como uma pena constante que o impedisse de ficar tranquilo.

– É pegar ou largar – ameaçou, enfiando as mãos naquela meada de cabelos despenteados. O contacto daqueles dedos provocou-lhe um desejo novo, agradável e tormentoso.

Tal como tinha acontecido durante a festa de Carnaval, desejou com todas as suas forças que Giulio a beijasse.

– Amo-te – confessou Sônia. – Sempre te amei. Gosto de ti desde os tempos em que andava atrapalhada com as traduções de latim. Passava os dias e as noites a pensar em ti e a sonhar contigo – acrescentou, com um fio de voz.

– Isso é outra história – interrompeu-a. – Uma história que me vais contar com calma quando estiveres apresentável – concluiu, de um modo quase brusco.

Giulio afastou-se dela como se fosse um perigo e saiu do quarto.

– Vai para o diabo! – gritou ela, enquanto atravessava o quarto em passos largos e batia atrás de si a porta da casa de banho.

Ao mesmo tempo que se lavava, Sônia chorava pela humilhação sofrida. Por que razão continuava Giulio a brincar com ela daquela maneira cruel? E, no entanto, tinha lido o desejo nos seus olhos. Por que continuava então a rejeitá-la, depois de lhe ter dado a ilusão de a querer?

Quando saiu da casa de banho vinha perfeitamente arranjada. Giulio esperava-a e avançou ao seu encontro. Ao chegar junto dela, segurou-lhe o rosto entre as mãos, inclinou-se e beijou-a com ternura e paixão.

Sônia reclinou a cabeça sobre o ombro de Giulio, incapaz de falar.

– Era isto que querias? – perguntou-lhe ternamente.

Sônia não respondeu e deixou-se embalar pelas sensações maravilhosas que experimentava naquele momento que tanto desejara.

Pensou no marido, por quem nunca tinha sentido nada de semelhante. Porque Giulio era o homem da sua vida. Porém, Giulio não a amava; disso tinha perfeita consciência. Mas desejava-a, e isso também era uma certeza.

– Temos mesmo que sair? – perguntou-lhe.

– Estavas esfomeada, não te lembras?

Delicadamente, Giulio tirou-lhe a camisola, que deixou cair aos pés, descobrindo uns seios perfeitos. Inclinou-se para lhe tocar os mamilos erectos com os lábios e depois continuou a despi-la até que Sônia emergiu, nua, em todo o seu esplendor.

Giulio pegou nela e pousou-a na cama. Sônia estava a viver um momento mágico, e uma sensação nunca experimentada possuía-a completamente. Respirava o perfume de Giulio, sentia o seu calor, perscrutava os seus olhos claros e sabia que ele estava a fazer aquilo que ela desejava. Se Giulio a tivesse possuído completamente, o mais provável era que a atmosfera mágica em que estava a viver se dissolvesse imediatamente. Ela não queria ser penetrada e ele parecia ter intuído o seu drama, limitando-se a uns deliciosos jogos eróticos.

Giulio estava nu ao lado dela. E, enquanto a abraçava, cobrindo-a de beijos, Sônia sentiu-o tremer.

Depois um soluço irrompeu-lhe do peito e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Mas tu estás a chorar – disse ela, espantada.

Ele enterrou o rosto naqueles cabelos despenteados e chorou como uma criança.

– Giulio, o que é que se passa? – Sônia estava desnorçada. Ele aproximou os lábios da orelha dela:

– O que se passa é que eu tenho nos braços a mulher mais bonita do mundo e não posso amá-la como gostaria.

Sônia não conseguia compreender. – Estás a oferecer-me exactamente aquilo que eu quero – replicou.

Ele levantou-se de repente e olhou-a quase com ódio. – Vai-te embora, Sônia, sai da minha vida. Na minha vida não há lugar para ti. Não há lugar para mulher nenhuma, porque eu sou impotente – concluiu dramaticamente. Enfiou o roupão e saiu, batendo com a porta.

Sônia sentiu-se precipitar num abismo profundo e assustador.

Era então aquele o segredo de Giulio de Bros. Alguma coisa ou alguém tinha tornado Giulio impotente. Voltou-lhe à idéia a festa de Carnaval, o diálogo nervoso entre Federica Rovesti e Giulio. Ela que o censurava por se ter feito negar durante meses e por ter protagonizado uma fuga inexplicável.

Sônia vestiu o quimono e foi ter com Giulio ao escritório. Aninhou-se aos pés dele em cima de um tapete fofo e pousou-lhe a cabeça nos joelhos.

– O que foi que te fizeram, meu amor? – perguntou-lhe baixinho.

– Foi um acidente – respondeu ele brevemente.

Recordava os mínimos detalhes daquela noite na suíte do Hotel Excelsior de Roma. Recordou a nudez gloriosa de Giada, o leite e o mel da sua pele elástica e os cabelos da cor do sol, a fúria avassaladora de um amplexo que parecia não ter fim. Depois a porta do quarto tinha-se escancarado e duas figuras enormes, de cara escondida num gorro, agrediram-no, imobilizando-o. Giulio estava pregado à cama, enquanto Giada, transtornada pelo terror, gritava desesperadamente.

– Mandem-na calar – ordenou um terceiro homem, saído da sombra.

Giulio reconheceu-o imediatamente. Era Salvo Pennisi, construtor siciliano mafioso, que Giulio tinha acusado de ser o mandante de um bárbaro delito.

Giada foi coberta com um casaco de homem e entregue a um quarto indivíduo.

– Trouxeste um exército atrás de ti – comentou Giulio, com desdém.

O homem aproximou-se da cama com uma expressão calma e terrível.

– Ora aqui está o príncipe do foro. No tribunal faz de cavalheiro sem mancha e sem medo, e na cama compromete a minha filha. – Tinha na voz a ressonância sombria de uma vingança atroz e inexorável. – Porque a Giada é minha filha. A luz dos meus olhos. E não me digas que não sabias.

Giulio não sabia, não podia sequer imaginar a ligação estreita que existia entre Sandro Pennisi e a extraordinária rapariga que naquela noite tinha ido parar, por acaso, à sua cama. Que sentido fazia explicar as circunstâncias? O homem, com os olhos injectados de sangue, nunca teria acreditado nele.

– O que queres agora? – perguntou Giulio. Na sua mente abria caminho a suspeita de que Giada tivesse sido instrumentalizada para ? obrigar a rever a sua posição em alguns processos da máfia. Naquele momento o boss ordenou com um sorriso: – Façam o vosso trabalho, rapazes. – E acrescentou, olhando-o nos olhos: – Que é para este galispo deixar de esgaravatar nos galinheiros dos outros.

O que aconteceu depois foi terrível. Giulio sentiu uma agulha que penetrava numa veia do braço. Depois a escuridão de um sono hipnótico.

Quando emergiu do silêncio estava numa cama de ferro, num quarto despido, e havia um homem que lhe media a pressão, sentia um fogo no escroto, um ardor que se espalhava pelas virilhas, e a dor chegava directamente ao cérebro. Juntamente com a percepção da dor voltou também à superfície a sua última recordação: Salvo Pennisi e os seus homens.

– O que foi que me fizeram? – perguntou Giulio ao desconhecido, certamente um médico, que estava a tratar dele.

– Um trabalho muito feio – respondeu o homem, com a voz cavernosa de uma pessoa fervorosamente dedicada ao rumo e ao álcool, enquanto lhe tirava do braço a faixa do aparelho. Era um homem pequeno, com um rosto apagado, encovado e amarelo de fumador irrecuperável, e uns olhos escuros e salientes.

– O senhor quem é? – perguntou Giulio, que enlouquecia de dor.

– Um médico. Em tempos fui um excelente cirurgião. Depois... cometi um erro. E agora estou aqui. Fiz o melhor que pude com os seus testículos. Daqui por uns dias, quando lhe tirar os pontos, pode ir embora – garantiu, enquanto metia um cigarro nos lábios.

– O que foi que me fizeram? – insistiu Giulio.

– Isso vai ver por si, quando chegar o momento concluiu o cirurgião.

Agora Sônia estava ali, aos seus pés, com um olhar de adoração, carregado de tristeza e de desejo.

– Um acidente muito feio – repetiu Giulio, mecanicamente, quando acabou a história.

– Eu sou o teu remédio, o teu bálsamo milagroso – exclamou Sônia, entusiasmada, após o que acrescentou num sopro: – Não consigo aceitar que me penetrem. É esse o meu segredo. Por favor, meu amor – insistiu Sônia –, deixa-me amar-te.

Giulio ajoelhou-se ao seu lado. O quimono que vestia escorregou até ao chão e ela abandonou a sua nudez límpida em cima do tapete macio, em frente à lareira. Giulio inclinou-se sobre o seu seio e começou a beijá-lo com lábios delicados e quentes, ao mesmo tempo que a mão hesitava numa carícia sobre o púbis sedoso. O coração acelerou e Sônia arqueou o corpo à procura de um contacto mais íntimo e profundo. Giulio insinuou as pontas dos dedos no interior das coxas e com um toque ligeiro, lento mas imparável, atingiu o centro do prazer, primeiro devagar e depois cada vez mais depressa, sem nunca deixar de lhe beijar o seio. Sentiu-a tremer e estremecer por fim. Quando saiu daquela onda longa, colorida e magnética de um orgasmo desconhecido, abandonou-se com a cabeça pousada no ombro dele. Aquilo que Giulio lhe tinha dado era a própria essência do prazer e do amor, uma sensação nova, extraordinária, comovente, total.

– Quero ser amada assim, por ti, toda a vida – disse.

– Nenhuma mulher quer ser amada só assim – replicou ele com amargura.

– Eu quero – replicou Sônia.

– Tens de esquecer que eu existo.

– Isso é impossível, Giulio. Nunca mais te vais libertar de mim.

Irene abriu-lhe a porta de casa e abraçou Sônia com afecto.

– Estava à tua espera – disse.

– A sério? – Sônia tinha o ar inocente e crédulo de uma menina.

– Não te sei dizer como nem porquê, mas há qualquer coisa que me avisa quando uma pessoa querida se aproxima da minha porta.

Irene vestia umas calças de fustão e uma camisola amarela de lã. Tinha o cabelo apanhado numa trança comprida e pesada que lhe descia do lado direito sobre o peito.

Trazia ao pescoço um vistoso colar de âmbar. Sônia reparou que a amiga estava descalça e que tinha uns pés lindíssimos, incrivelmente magros, bem proporcionados apesar daquele comprimento insólito. Nos tornozelos tinha três pulseiras de ouro. – Anda, entra – disse Irene, a sorrir. Era a primeira vez que Sônia ia ter com ela a casa. O vestíbulo recebia luz de uma janela com vidros coloridos de motivos florais. O chão era de uma bonita madeira clara, brilhante. Cheirava a cera e a limpo. Havia plantas altas e muito verdes no canto ao lado da janela e um gato persa de focinho ferozmente severo, imóvel, em cima de um pequeno divã capitonné que ocupava a parede entre as duas portas.

– A sério que não incomodo? – perguntou Sônia, seguindo-a até ao outro lado da porta, que se abria para um corredor iluminado por um candeeiro de vidro. O apartamento de Irene era uma graciosa mansarda num velho palácio liberty, na porta Vittoria.

– Há bocado dei por encerrado o trabalho – sossegou-a. – estava a fazer um chá para duas pessoas.

– Há mais alguma visita? – perguntou a rapariga, curiosa. – Não. Somos só nós as duas, de facto – respondeu.

– E queres que eu acredite que estavas à minha espera? líoje? – insistiu.

– O facto de acreditares ou não acreditares é um problema teu. – Irene era uma desenhadora de moda muito considerada e trabalhava exclusivamente para a Vogue. Era muito requisitada pela sua habilidade, mas era-o ainda mais pela capacidade inata de ler o futuro e o coração das pessoas. Mantinha cuidadosamente separadas a profissão e a vocação. E se alguém lhe sugeria que definisse um preço para os seus poderes paranormais, respondia: – Eu nunca poderia converter em dinheiro uma dádiva de Deus.

Irene conduziu a rapariga até à cozinha, que era ampla e de uma brancura absoluta, com panelas e caçarolas de cobre luzidio penduradas numa prateleira. Havia um sol enorme desenhado nos vidros de uma janela grande de quadrados coloridos.

– Desenho de autor – comentou Sônia. – Foste tu que o pintaste? – perguntou.

– O céu de Milão é tão avarento de sol que eu resolvi fazer um só para meu uso e consumo – brincou Irene, apagando a chama por baixo da chaleira.

Ao lado da janela, em cima de uma mesa antiga de pernas torneadas e carcomidas, coberta com uma toalha muito branca, havia um bule de porcelana e duas chávenas de chá.

– Instala-te – convidou Irene, pondo em infusão uma colherzinha de folhas muito aromáticas. – É jasmim – continuou, ao mesmo tempo que deitava água a ferver sobre o chá e um perfume delicado se espalhava no ar. – Estás fantástica – reconheceu Irene, olhando-a da cabeça aos pés, enquanto servia o chá nas chávenas.

Sônia vestia um vestido liso, cinzento, de manga curta, e trazia ao pescoço o colar de pérolas da mãe. Os cabelos, soltos sobre os ombros, estavam presos com uma fita de seda azul. Tinha uma elegância tão sóbria que poderia passar despercebida. As duas mulheres sentaram-se uma em frente à outra.

– Se quiseres desabafar, estou pronta para te ouvir – acrescentou Irene, saboreando aquela bebida aromática. Estava exactamente como ela gostava: quente e perfumada no ponto certo.

– Não sei por onde começar – confessou. – E nem sequer se quero começar. Sei que estou tremendamente infeliz.

– Isso não é novidade. Se é que te pode consolar, só os imbecis são completamente felizes. Depois, há as pessoas que têm uma verdadeira fé. Os santos. E os portadores de certas formas de loucura. Aparentemente, tens tudo para seres feliz: vives de facto com o homem que amas. Isso é um dado positivo.

– Tu sabes alguma coisa de mim e do Giulio? – perguntou, espantada.

– E sem a cumplicidade dos meus ditos poderes divinatórios – replicou. – Toda a gente sabe. Milão é uma grande aldeia onde se sabe sempre tudo de toda a gente.

Sônia escondeu o rosto entre as mãos, como se quisesse ocultar todos os seus segredos ou procurar a chave para resolver os seus problemas.

– Irene, o que vai ser de mim? – perguntou, olhando bem nos olhos a sua interlocutora. – Só te peço que não me aconselhes a pôr ordem no caos que tenho cá dentro.

Irene dedicou-lhe um olhar intenso, carregado de compreensão e de sinceridade. Pareceu reflectir uns breves instantes antes de se levantar, e depois disse: – Vamos ao meu escritório.

Sônia seguiu-a até uma sala relativamente pequena, muito íntima e recolhida, com o chão coberto por

um tapete de cores muito suaves, em que predominavam tons de azul e rosa. Era também em tons de azul o raiado do papel de parede inglês que revestia as paredes, emoldurado por frisos de flores pequeninas que combinavam com o desenho do tapete. Havia um divã revestido por um pesado e valioso Gobelin. Por cima do divã, uma esplêndida natureza morta do século XVII. Irene foi sentar-se a uma escrivaninha colocada na diagonal em relação à janela. Sônia sentou-se em frente a ela.

– Agora descontraí-te, se puderes – sugeriu Irene, que tirou de uma gaveta da secretária um saquinho de seda cor-de-rosa atado com um pequeno cordão de veludo.

– O que é que estás a fazer? – perguntou Sônia. Irene afagava o saquinho como se ele contivesse o seu coração.

– Estou a aquecer o taro – respondeu-lhe, sem desviar o olhar do saquinho. – Sabes, as cartas estão a descansar há muitos dias. Chegou o momento de as pôr a trabalhar.

– São só cartas – disse Sônia. – Que sentido faz falar em aquecimento e em trabalho e em descanso? Para que é preciso aquecê-las?

Irene pousou na rapariga o seu olhar perscrutador. – São Os Arcanos Maiores. E sabem tudo de ti, minha menina – começou Irene a explicar. – Mas para os pôr a falar é preciso torná-los disponíveis para nós. Eu sento-me nesta posição, com a cabeça voltada para leste, como eram orientadas as igrejas. Desta maneira, a luz da madrugada, durante a celebração da missa, ficava por trás dos fiéis e iluminava quem a celebrava.

Irene abriu o saquinho, tirou de lá um pequeno baralho de taro e dispôs as cartas em cima da mesa com movimentos delicados e precisos.

– Descruza os braços – ordenou, num tom pacato –, descruza as pernas. Tens de eliminar tudo aquilo que te leve a fechares-te em ti própria. Pousa as mãos nos braços da cadeira. – Sônia obedeceu. – Isso. Assim está bem. A tua disponibilidade vai tornar os Arcanos mais eloquentes.

Sônia começava a relaxar, ajudada pela voz quente e leal da amiga. – Sinto-me bem – disse a rapariga, admirada.

– Então vamos continuar – decretou Irene. – Agora pega no baralho.

Sônia obedeceu. Se aquele jogo lhe permitia recuperar alguma serenidade, valia a pena continuar.

– É importante que eu pegue nele? – perguntou Sônia, curiosa.

– Só assim as cartas se organizam e tu as podes influenciar para obteres uma resposta clara. Usa a mão esquerda – sugeriu a vidente. E prosseguiu: – A esquerda é a parte da lua, da sensibilidade, da receptividade.

– E a mão direita? – interrompeu.

– É a mão do sol – respondeu Irene. – Estás a ver, pequena – explicou –, escolhi os Arcanos Maiores para que possam reproduzir certas situações da tua vida.

Irene baralhou as cartas.

– A partir deste momento vais-me dizer um número de cada vez que eu te pedir. E eu vou colocar em cruz, da esquerda para a direita, de cima para baixo e por fim no centro, as cartas que tu achares. Assim vamos ver os prós e os contras, o condicionamento, a solução e finalmente o momento actual.

Irene falava e explicava, olhava para Sônia e dispunha as cartas em cima da mesa.

Começou a ler as cartas: – Ora bem. Isto é o Papa. Uma personagem favorável. Mas a positividade do sinal e da imagem é contrariada pelo Carro, que representa um impulso travado.

– Por quem? – perguntou Sônia.

– Até aqui posso dizer-te que o homem que te ama não pode amar-te como gostaria. Há da parte dele o drama de uma renúncia imposta pelo destino. Por trás da clareza dos seus impulsos há a sombra de um sacrifício enorme.

– Não se pode tentar eliminar essa sombra?

– Não – respondeu tristemente Irene. – O dano provocado por um destino adverso não pode ser remediado. Vejo também o Imperador – suspirou, aliviada. – O Imperador corresponde a um homem poderoso e, quer tu queiras quer não, faz parte do teu futuro. No centro da composição, como podes ver, está o Enamorado.

– O que significa essa carta?

– Significa que estás numa encruzilhada. Significa que tens de escolher.

– O quê?

– Tens de escolher entre um amor impossível, estéril, sem futuro, e um futuro com o Imperador. Os Arcanos Maiores não me dizem mais nada.

– Mas esse Imperador quem é? – quis saber Sônia. Na verdade, através das palavras da vidente, tinha visto Giulio, a sua incapacidade de amar completamente, e o poder do Imperador incómodo, que podia ser Onorio Savelli.

– Podemos tentar descobrir – continuou Irene, pegando em outro saquinho cheio de cartas. – Estes são os Arcanos Menores e definem nos pormenores a tua situação.

Vamos deixar aqui o Imperador e tentemos chamar outras cartas.

Em cima da mesa alinharam-se o três e o nove de ouros, o Cavaleiro e o seis de espadas.

– O que quer dizer? – perguntou Sônia.

– O Cavaleiro é o homem que, neste momento, te quer toda para ele. É rico e poderoso e está disposto a tudo para te conseguir. E vai conseguir.

– Como é que sabes?

– São as cartas que o dizem e que resumem os factos. Está escrito que vai ser assim. Mas também está escrito que o Cavaleiro te vai trair.

– Como Judas? – Sônia tentou brincar, para enxotar um arrepio que lhe correu ao longo da espinha.

– Como Judas – sentenciou a vidente, com uma seriedade que não lhe era habitual. – Agora consegues ver um pouco melhor dentro de ti própria? – perguntou, enquanto voltava a meter ordenadamente as cartas nos respectivos saquinhos.

– Percebo que o Giulio me ama como eu o amo a ele. Este nosso amor é muito tempestuoso. Há uma razão que não te posso dizer e que o condiciona a ele, terrivelmente, mais do que a mim.

O Cavaleiro é o Onorio Savelli. E tu também sabes isso. Está a fazer loucuras para me conquistar. Mas o que é que eu devo fazer? – perguntou, com um ar desesperado.

– Nada – aconselhou Irene.

– Estás a brincar comigo?

– Não – garantiu Irene. – Vive e espera.

– Será que vai acabar bem? – perguntou a rapariga, ansiosa.

Irene envolveu-a no seu olhar intenso. – Vai – respondeu. O bem e o mal, muitas vezes, são só opiniões. Pontos de vista.

Sabes, Sônia, só agora é que dou conta de que sempre desejei uma criança – confessou Virginia, a sorrir. – Não me interessa nada que o pai se tenha portado como um bandido. O que conta, para mim, é este pequenino que vai nascer. Sinto-me mais forte do que aquilo que os outros pensam. Tenho energia para fazer de pai e de mãe.

Virginia, na iminência da maternidade, tinha finalmente desabrochado, revelando uma beleza nova e insuspeita. Tinha o rosto mais redondo e os olhos tinham-se tornado maiores, lânguidos e cintilantes de amor por aquele ser que lhe crescia por dentro. O corpo delgado adquirira uma imponência de estátua.

– E pensar que eu era uma das pessoas que te queriam convencer a abortar – admitiu Sônia, sentindo-

se culpada.

Virginia sorriu-lhe. – Foi uma decisão intensamente sofrida, mas agora dou-me conta de que agi da melhor maneira. Até a minha mãe, que não perde uma missa, queria que eu me livrasse deste peso com medo das pessoas.

– Imagina se as pessoas iam deixar escapar um assunto tão guloso. Precisavam de ter qualquer coisa para dizer.

– Segui o meu instinto. Por outro lado, tenho a certeza de que esta criatura não vai ter uma vida fácil. – E continuou: – Apesar de estarmos em 1960, o papel da mãe solteira não é fácil de representar. com certeza que não vão faltar pessoas para me cortar na casaca. Se queres a verdade sincera, por enquanto não tenho tempo para me ocupar desses pseudomoralistas. Acho que esta criança me está a mudar. Sinto-me mais forte e até mais bonita. – Virgínia riu-se, divertida.

Sônia aprovou, comovida, a análise de Virgínia, e apertou-lhe os ombros num gesto afectuoso e protector.

Passeavam as duas na via Montenapoleone, tendo o cuidado de se manterem na sombra: o sol do Verão, que começava a desabrochar, batia impiedoso.

Virgínia trazia um vestido de algodão pré-mamã aos quadradinhos azuis e brancos. Uma grande fita azul saía da golinha branca de piquet; e brancas eram também as sandálias que calçava com alguma dificuldade, por causa dos líquidos que o corpo começava a reter.

Desde os tempos da escola que Virgínia não se sentia tão próxima da amiga.

– O que dizes a um aperitivo no Cova? – perguntou Sônia.

– Sentadas, de preferência. Não imaginas como pesa este filho. Entraram no Cova e sentaram-se a uma mesa isolada. O café estava cheio de clientes que um criado elegante e eficiente atendia com um profissionalismo sorridente.

As duas amigas, envolvidas nas confidências recíprocas, não se aperceberam dos olhares curiosos e malévolos que lhes foram dirigidos.

– Como é que vai o teu trabalho?

– Agora sou uma professora relativamente satisfeita, tolerante, com horários e programas precisos. Uma vida sem sobressaltos. A única coisa extraordinária é esta criança que cresce dentro de mim, com quem estabeleci um diálogo fantástico e incessante. Mas fala-me de ti. Já te vi mais do que uma vez em fotografias nos jornais mais importantes. Estás contente?

– É uma maravilha. Trabalho com os melhores fotógrafos italianos e estrangeiros – disse Sônia. – Há manequins que bufam, perdem a paciência, não param de repetir que trabalhar cansa. Pessoalmente, não sinto esse cansaço todo. Ser fotografada, devo confessar, satisfaz o meu exibicionismo. Gosto de ser admirada, elogiada.

– Não há mal nenhum nisso. Vi-te na capa da Vogue. Comprei dez exemplares – confessou Virgínia. – E andei a pavonear-me com

as minhas colegas da escola. "É a minha melhor amiga", disse-lhes a todas. Eras a imagem da felicidade, para além da beleza – continuou Virgínia. – Mas olhando bem para ti, não me pareces particularmente feliz. Estás distraída, como se tivesses pensamentos tristes – constatou Virgínia, preocupada.

Sônia tinha-se tornado a capa de revista mais disputada, e esse facto, para além de ganhos notáveis, tinha feito dela uma personalidade de primeiríssimo plano. Vivia num apartamento elegante na via dela Spiga e frequentava os melhores salões, onde Giulio a acompanhava, suscitando as bisbilhotices mais desenfreadas. Daquela ligação com Giulio nascia tudo o que havia de bom e de mau na sua vida. Era uma relação atormentada, arrebatadora e muito problemática.

– Tu conheces-me bem – afirmou Sônia.

– Conheço-te o suficiente para perceber que há alguma coisa que não corre bem – replicou Virginia.

– Dizes isso como se as minhas tristezas dependessem só de mim.

– Provavelmente, dependem do facto de nunca te contentares com aquilo que a vida te oferece – disse

Virginia. E acrescentou: – Querias o Giulio de Bros, e tiveste-o. Não te chega?

– A vida não pára de me dar bofetadas – revelou. – Mas eu não quero falar sobre isso – disse, sombria. – Não é com palavras que eu posso resolver os meus problemas.

Sônia viu Onorio Savelli avançar em direcção a elas. Já o tinha encontrado outras vezes, na companhia de Giulio, e Savelli tinha feito de conta que não a via. Desta vez ia direito a ela.

– Olá, Sônia – cumprimentou. – Espero não incomodar acrescentou, sorrindo para Virginia.

– Realmente, não se importa com o facto de ter interrompido a nossa conversa – rebateu Sônia, secamente. – É verdade, incomodou-nos – sublinhou, tratando-o deliberadamente por você e olhando-nos olhos.

– Vá lá, Sônia, não embirres comigo só porque te amo. Eu sou paciente e sei esperar. Entretanto, podias pelo menos voltar a tratar-me por tu – propôs, com simpatia.

Giulio dissera-lhe que Onorio tinha quarenta e cinco anos, mas

parecia muito mais velho. Tinha os cabelos grisalhos e ralos Por cima de uma testa sulcada por uma rede de pequenas rugas, e olhos pesados. O queixo, largo e saliente, e o físico maciço davam uma sensação de força. Vestia um fato de linho azul um pouco usado, mas de excelente corte.

Sônia reparou que Virginia se estava a levantar para os deixar sós. Deteve-a.

– O comendador Savelli e eu – quis esclarecer – não temos segredos. – E, voltando-se para o homem, acrescentou: – Tudo bem, eu trato-te por tu. Mas não me parece que venhamos a ter outras oportunidades para conversar. – Estava tranquila naquele momento. Plenamente consciente do fascínio que exercia, mas igualmente segura de que aos seus olhos Onorio Savelli não representava nada. – E agora vais-nos desculpar – concluiu, ao mesmo tempo que se levantava e convidava Virginia a fazer a mesma coisa, – mas já estávamos de saída.

Estendeu-lhe a mão, que ele segurou obstinadamente entre as suas. O homem tinha as mãos tépidas, secas e nervosas. E Sônia teve que reconhecer que aquele toque era agradável.

– Queres ser madrinha do meu último petroleiro? – perguntou-lhe. – Vai ser posto no mar até ao fim do mês. Chamei-lhe Sônia Primeira – disse Onorio, enquanto levava a mão dela aos lábios.

A rapariga, experimentou uma emoção violentíssima. Sentiu que lhe faltava o ar. Uma personagem como Onorio Savelli, que recebia no seu palácio de Bergamo, na via Porta Dipinta, o duque de Edimburgo e o barão Rothschild, que almoçava com os príncipes do Mónaco e ia à caça com o duque de Kent, convidava-a para madrinha de um petroleiro que tinha o seu nome. Tinha de decidir imediatamente. Recordou as palavras de Giulio: – O Savelli vai conquistar-te. Toda a gente tem um preço: o teu é alto. – Veio-lhe também à idéia o taro de Irene, que indicava um Cavaleiro imensamente rico e disposto a tudo para a conquistar.

– Suae quisque faber fortunae est – citou Sônia, retirando a mão das de Savelli.

– Eu sei – disse o homem. – Ninguém sabe melhor do que eu de que maneira cada um é o artífice da sua própria sorte.

– Precisamente – replicou Sônia. – Da tua sorte, não da

minha – precisou, desafiando os Arcanos e os prognósticos. Aquilo que me estás a fazer é uma honra grande e imerecida. Demasiado grande para eu poder aceitar.

Pousou em cima da mesa o dinheiro do consumo e saiu, seguida por uma Virginia estarecida.

Sônia levantou os olhos do livro que estava a ler para seguir os movimentos de Bobi, que tinha de

repente levantado o focinho e arrebitado as orelhas. Era evidente que um rumor insólito o tinha posto em alerta. Naquele momento comportava-se como um radar. Virava a cabeça e olhava fixamente em redor com os seus olhos vivos e negros como bagos de uva.

O calor húmido daquele início de Julho era uma abóbada insuportável, mesmo de noite. Sônia tinha aberto completamente as janelas do terraço que dava para a via dela Spiga, na esperança de capturar algum sopro de vento.

Regressara a casa ao fim da tarde, após doze horas de trabalho no estúdio.

Estava realmente cansada, cheia de calor. Bobi, ao vê-la, tinha produzido a sua habitual dança de festejo, que consistia em grunhidos de amor e movimentos e contorções rapidíssimos. O cão era a única presença viva e afectuosa naquela grande casa onde a solidão se instalara. O apartamento era de Giulio. Depois daquele encontro, ele oferecera-lhe as chaves, dizendo: – Foi a minha mãe que o decorou para quando eu decidisse constituir família. Normalmente tem bom gosto. Espero que te agrade.

Aquele alojamento agradou-lhe durante muito tempo. Era uma contínua descoberta, aquela casa sobre os telhados da velha Milão, na esquina entre a via dela Spiga e a via Sant'Andrea. Tinha três salas, um escritório, três quartos com as respectivas casas de banho,

cozinha e um grande terraço florido. Havia móveis Império e objectos Déco, mesinhas do século XVIII e tapetes persas, cadeiras Luís XV, desenhos de Léger e quadros de Duez. Sônia tinha aprendido com Giulio a distinguir os estilos e a apreciá-los.

Saboreou o prazer de tomar o pequeno-almoço com pratos inglesas, de dormir numa cama à la polonaise, coberta com drapeados em chintz, e de ter uma empregada a tempo inteiro que lhe tratava também da roupa. Mas quando tudo isto se tornou rotina, Sônia sentiu-se mais só do que nunca.

Giulio estava nos Estados Unidos e ela atirara-se ao trabalho com afinco, como se do trabalho dependesse toda a sua vida.

O profissionalismo permitira-lhe obter resultados de grande prestígio. O trabalho era tudo, e por breves períodos conseguia afugentar a sua frustração de amante insatisfeita, protagonista de uma história tão envolvente e tão desesperada. Giulio alternava momentos de amor apaixonado com longos períodos de isolamento. Quando decidia regressar, renovava-se uma relação na qual, feitas as contas, o tormento prevalecia sobre o amor.

Antes da sua partida para os Estados Unidos, Sônia conseguiu arrancar-lhe a promessa de umas férias juntos no mês de Agosto, num país no Norte da Europa, longe dos clamores daquela sociedade bisbilhoteira e sofisticada.

Enquanto contava os dias que a separavam do regresso de Giulio, Sônia passava os serões na solidão dourada daquela grande casa, ignorando os convites dos poucos conhecidos que tinham ficado na cidade. E lia, sobretudo romances, sequiosa como estava de histórias de amor que destilavam lágrimas e paixões.

Naquele momento devorava *E Tudo o Vento Levou*, um romance que, não muitos anos atrás, a mãe lhe tinha recusado, defendendo que aquelas histórias lhe iam encher a cabeça de disparates. Reconheceu que na filosofia simples da mãe havia alguma coisa de verdadeiro.

Bobi saltou da cama a ganir e dirigiu-se à entrada, fustigando alegremente o ar com a cauda: quando se mexia para agredir, ficava com a cauda rígida e esticada como um punhal.

Sônia, assustada pelo cão, abandonou o romance e seguiu o animal. Tinha ficado sozinha no edifício, com a excepção do porteiro. Teve medo, apesar de Bobi anunciar uma presença conhecida.

Ela não tinha amigos para além de Giulio que, num telefonema, anunciara o seu regresso a Milão dali a cinco ou seis dias. Bobi gania aninhado em frente à porta de entrada, com o focinho enfiado entre as patas da frente. Sônia, através do olho mágico, explorou a área do patamar sem abrir a porta. Estava deserto. E, no entanto, Bobi continuava a assinalar uma presença.

Sônia ligou ao porteiro. O homem respondeu após alguns instantes, com uma voz ensonada.

– Alguém subiu até minha casa – disse-lhe. – O cão está muito inquieto.

O homem tranquilizou-a, dizendo-lhe que o portão estava fechado, que ele estava a dormir, que não tinha aberto a ninguém e que o sistema de alarme estava calado.

– De qualquer maneira, vou dar uma volta para verificar disse, com a voz ainda empastada de sono. Depois acrescentou: – Não será possível que o Bobi esteja com vontade de sair? Sônia excluiu aquela eventualidade e sentiu a falta da sensação de segurança que lhe dava a casa do pai, na aldeia, onde não havia ruídos suspeitos e o pai dormia no quarto ao lado. Resolveu vestir-se outra vez: umas calças, uma blusa branca e uns sapatos ligeiros.

Sentou-se na sala da entrada, num divã neoclássico, com o cão ao colo, como se estivesse à espera de um acontecimento desconhecido, mas inevitável.

O basset estava tranquilo. Ouvia-se o ruído metálico do elevador que subia lentamente. Depois a campainha da porta.

Sônia estremeceu e do patamar chegou até ela a voz tranquilizante do porteiro. – É o Oscar, signora.

Ela abriu a porta e o homem sorriu-lhe: – Vim dizer-lhe que voltei a dar uma volta e que está tudo sossegado. Pode ficar tranquila.

Nem ela própria soube a razão que a levou a sair. Passava da meia-noite.

– Espere por mim, se faz favor. Resolvi descer consigo. Acho que o Bobi não se importa de dar um passeio suplementar.

Saiu para a noite abafada e meteu-se com o cão por aquelas ruas antigas, mal iluminadas e desertas. O basset farejava o ar e saltitava, feliz, um pouco à frente da dona.

Naquele lento vagar, Sônia tinha entrado na via Bigli e dirigia-se atrás do cão, ao palácio de Bros. Chegou a tempo de ver a mulher que entrava no portão, ao mesmo tempo que um táxi se afastava. Reconheceu-a imediatamente: era Federica Rovesti.

Parou, perplexa e curiosa. com quem iria ter a bonita mulher do editor? Assaltada por uma suspeita, voltou para trás e chegou a casa a correr, precedida por Bobi, que saboreava aquele parêntesis nocturno.

Escancarou a porta do apartamento e agarrou no telefone. Ainda ofegante, marcou o número de Giulio, pedindo a todos os santos que ninguém atendesse.

Mas foi ele próprio que perguntou: – Quem fala? Sônia desligou devagar, sem uma palavra. Foi à cozinha e preparou um copo de leite. Bebeu um gole. Depois foi ao escritório e procurou na agenda de Giulio o número privado de Onorio Savelli, em Milão. O telefone tocou durante muito tempo antes que alguém respondesse. – Estou?

Quem fala? – perguntou uma voz forte e pouco simpática.

– Sônia Brenna – disse.

– Olá, beleza. – O homem mudou de tom imediatamente.

– vou ser madrinha do teu navio. Senti necessidade de te dizer isto. Mas gostava de saber mais alguma coisa. Posso ir agora ter contigo?

Ele não tinha o corpo atlético de Giulio, a sua sensibilidade inata, as maneiras experientes e ternas para identificar os seus pontos mais vulneráveis às carícias e aos beijos. Onorio não a encantou com a doçura das suas efusões, mas perturbou-a com o arrebatamento da paixão e entrou nela com a prepotência do dono. Não tinha a falta de jeito atrapalhada do marido, nem a delicadeza sofrida de Giulio. Era simplesmente uma força da natureza, que dava e recebia em igual medida.

E Sônia, que tinha ido ao encontro dele empurrada pelo ciúme e pelo desespero causados pela traição de Giulio, pronta para o sacrifício de uma relação sem alegria, ficou surpreendida por ter sentido, contra sua vontade, um prazer novo e uma nova percepção daquela noite de amor.

Tinha finalmente exorcizado o fantasma do carvoeiro, que voltara a aparecer durante a primeira noite de núpcias com Aldo e a tinha acompanhado durante meses na relação com Giulio.

Estava tranquila, satisfeita e como que hipnotizada por aquele prazer recente que lhe provocava um arrepio subtil à flor da pele. Onorio acariciou-a, e dentro dela reacendeu-se o desejo já aplacado.

– Não se pode dizer que sejas uma grande amante – foi o juízo de Onorio. – Mas tens estofos de primeira qualidade. E vais aprender – profetizou, com um sorriso de triunfador. – Não se pode dizer que tu tenhas um mínimo de delicadeza, nem sequer o estofos de cavalheiro. Tu nunca vais ser um gentleman – sublinhou Sônia.

– Acho que tens razão. Mas ser cavalheiro comporta uma série imponente de fingimentos sempre iguais e muito aborrecidos. Não, Sônia, eu nunca vou ser um gentleman. Já me chegam os gentlemen que andam atrás de mim a abanar a cauda como cachorros indefesos. Eu nasci pobre e não preciso de agradecer a ninguém a fortuna que acumulei. Conquistei o sucesso com esta – precisou, batendo com um dedo na testa –, e as mulheres com este – acrescentou, referindo-se ao órgão que se dispunha já a uma nova erecção.

Sônia saltou da cama e, nua à frente dele, dominadora, disse-lhe: – A tua vulgaridade não tem realmente limites.

Depois deixou correr os olhos pelos objectos que decoravam aquele quarto, que era uma síntese do mau gosto do homem. A cama era uma espécie de praça de armas de três metros por três, com lençóis de seda negra. As paredes eram forradas a damasco cinzento e ostentavam quadros banais e caríssimos. No meio dos outros todos emergiam dois quadros enormes e horríveis de António Tapies. No canto, uma estupenda Vénus da época greco-romana. O chão estava coberto com pele de carneiro da Pérsia branco leite.

– Meu Deus, que bonita tu és, Sônia. E altiva. Ainda não consigo acreditar que te possuí – disse Onorio, baixinho.

– E tens mesmo a certeza de que me possuíste? – respondeu ela, agressiva, antes de lhe virar as costas para se dirigir à casa de banho.

O compartimento era muito grande; no centro, em vez da banheira, uma pequena piscina cheia de água transmitia ao ambiente um perfume de sândalo. Ao longo das bordas havia um corrimão dourado e o interior era revestido de pequenos azulejos com desenhos azuis e brancos que formavam uma paisagem fluvial.

Sônia mergulhou naquela espécie de paraíso; a água não a deixava afundar e boiava, imóvel, como uma ninfa.

Aquela casa horrível, cheia de obras de arte antigas e de incompreensíveis pinturas modernas, que ocupava os últimos dois andares de um palácio no centro de Milão, reflectia a personalidade do dono: exprimia uma síntese de poder e vulgaridade. – Qual é o gozo de ser rico se não se puder dizê-lo aos outros? – dissera-lhe Onorio, a sorrir, pouco tempo antes. Sônia convenceu-se de que

aquela mistura de poder, vulgaridade e sinceridade transmitia a sensação de grande segurança. Pertencer a Onorio era como falar-se no berço da onipotência. Era uma sensação fantástica.

Deu duas braçadas de costas e depois, com uma pirueta, mergulhou e veio à tona logo a seguir. Deu por ela às voltas com a ideia de Giulio. Recordou-lhe o rosto fantástico, os modos delicados. Pensou uma vez mais naquele drama lacerante que ele carregava com tanta dignidade e percebeu a necessidade que tinha ainda daquele homem extraordinário que era a antítese de Onorio. Ainda gostava dele e, precisamente por isso, sentiu-se ainda mais traída.

Estava ofendida com aquele engano mesquinho. Tinha regressado dos Estados Unidos sem a avisar e ela apanhara-o em casa dele, a meio da noite, Federica Rovesti. Porquê?

Era evidente que aquela história antiga entre eles não tinha ainda terminado. Quantas vezes Giulio e Federica se teriam encontrado sem que ela suspeitasse sequer?

Bateu naquela água onde tinha reconstruído o rosto leal de Giulio.

– Vejo que te estás a divertir – disse Onorio, que tinha ido ter com ela e estava agora sentado na beira da piscina, completamente nu e ostentando os sinais de uma virilidade insaciável.

– Não vens também? – convidou ela, antes de fazer mais uma pirueta na água.

Queria esquecer Giulio, deitar para trás das costas o tormento daquela relação angustiante e vingar-se da sua traição.

Onorio deslizou para o lado dela, pôs-se por baixo e obrigou-a a subir de novo, abraçando-a enquanto a penetrava. Era uma maneira alegre de amar e os gemidos de prazer alternaram-se com o riso.

Saíram da banheira ao mesmo tempo que um empregado, jovem e irrepreensível, lhes estendia as toalhas.

– Ele viu-nos. Viu aquilo que estávamos a fazer. – Sônia corou enquanto transmitia a notícia a Onorio.

– Oh, ele vê tanta coisa que já não faz caso – respondeu ele, para a tranquilizar. – A relação heterossexual, para usar termos apropriados, não o aquece nem o arrefece.

Não é verdade, Checchina, que já nem ligas? – perguntou-lhe.

Se o senhor o diz, deve ser assim mesmo – respondeu com voz de falsete, enquanto esfregava os ombros do dono da casa e deitava a Sônia um olhar cheio de desaprovação.

– Na verdade, chama-se Francesco – explicou Onorio. – A partir de agora esta senhora vai viver connosco. Quando e como quiser – explicou brevemente. – E as ordens dela valem tanto como as minhas.

– com certeza, senhor – replicou Francesco, e desapareceu silenciosamente.

– São os melhores empregados – explicou-lhe Onorio, quando ficaram de novo a sós. – São fiéis e escrupulosos. Não engravidam as empregadas. E tratam dos dramas de amor em solidão.

– Quem foi que disse que eu ia viver nesta casa? – perguntou Sônia, enquanto apertava um roupão macio.

– Fui eu – respondeu, espantado. – Não chega?

– Para mim, não. Sônia virou-lhe as costas e dirigiu-se ao quarto com passos decididos.

– Vá, não te armes em parva – disse Onorio, atrás dela. – Sabes tão bem como eu que és a mulher certa para mim. Não queres que eu acredite que ainda gostas do Giulio de Bros. Em qualquer caso, ele nunca casaria contigo.

– Mas tu, pelo contrário...

– Eu já sou casado. Casei-me com uma dúzia de empresas cotadas na Bolsa. E outras que um eventual divórcio reduziria a um monte de contentores cheios de coisa nenhuma.

– E também tens uma amante.

– Uma história que acabou há um tempo imemoriável – precisou.

Sônia vestia-se com rapidez.

– Foi um prazer, Onorio. Uma noite inesquecível. – Sorriu e estendeu-lhe a mão.

– Espera aí, pequena. Fui ter contigo porque gosto de ti protestou. – Eu quero-te, a sério – acrescentou, baixando a voz.

Sônia recordou o prognóstico de Irene e as palavras de Giulio: "O Savelli vai conquistar-te." Não lhe agradava que o taro, as premonições e o destino decidissem por ela.

– Ouve – reagiu. – Hoje tenho um número massacrante de provas. Falamos disso noutra altura.

Onorio pôs-se à frente dela. – Não – decidiu –, a partir de hoje não trabalhas mais. Eu vou fazer de ti uma das mulheres mais invejadas do mundo. – Sem esperar pela resposta, foi ter com ela junto à porta e

ofereceu-lhe um pequeno estojo.

– Abre – pediu, com orgulho.

Sônia abriu a caixa, que continha a pedra preciosa mais impressionante que alguma vez tinha visto.

Era um diamante com uma lapidação particular, montado em ouro branco, que não era inferior a cinco quilates. O valor daquela pedra superava certamente o do colar de turquesas com o qual tinha tentado seduzi-la da primeira vez.

– O que achas? – perguntou Onorio.

– Engraçado – respondeu Sônia, enquanto voltava a fechar o estojo e o entregava a Onorio.

– Só dizes isso? – perguntou ele, desconcertado. – Fazes alguma idéia do valor desta pedra?

– Acho que sim, mas considero que eu valho muito mais concluiu, antes de lhe virar as costas e sair.

Talvez tivesse arriscado demasiado e não ganhasse nada com isso, mas o facto de ter lido a decepção nos olhos de Onorio Savelli representara para ela um sinal de vitória.

Quando saiu do palácio, viu um motorista de farda azul que mantinha aberta a porta traseira de um Rolls cor de nata com interiores de camurça vermelha.

– Estou à sua disposição. – Quem foi que disse?

– O Sr. Savelli.

– Muito obrigada, mas prefiro caminhar – replicou Sônia, enquanto avançava em direcção ao curso Venezia. Trazia ainda as calças e a blusa branca com que saíra na noite anterior. Tinha de voltar a casa para pegar na mala da maquilhagem e telefonar para o estúdio fotográfico a avisar que estava atrasada.

A porta de casa estava fechada por dentro e teve de tocar a campainha. Sílvia, a governanta que Giulio contratara para ela, tinha, como sempre, deixado a chave na fechadura.

A porta abriu-se e surgiu Giulio, que a olhava com uma expressão carregada de sentimentos contraditórios.

Sônia, sem saber porquê, começou a chorar. Primeiro foram lágrimas silenciosas sobre o seu rosto inocente de menina. Depois desatou a soluçar. Giulio abraçou-a delicadamente.

Após alguns instantes libertou-se daquele abraço e pôs-se à frente dele para o olhar com raiva.

– O que é que estás aqui a fazer? – desafiou.

– Cheguei ontem à noite e a primeira coisa que fiz foi vir ter contigo. Tinhas-me falado pelo telefone na proposta do Onorio de te envolver no baptismo de um novo petroleiro ao qual deu o teu nome. Voltei a pensar nisso precisamente quando o elevador parou neste andar, e não tive coragem para entrar. Disse a mim mesmo que não fazia sentido impedir-te de viveres a tua vida. Fui-me embora.

Giulio era sincero e aquilo explicava a reacção de Bobi, que gania a uma presença amiga.

– Por isso foste-te embora – replicou, recuperando alguma agressividade –, para te consolares a passar a noite com a Federica Rovesti – acusou-o.

– Nem tinha pensado nisso – confessou. – Emborrachámo-nos os dois. Eu a pensar em ti e ela a censurar-me por eu já não a querer.

Sônia, num impulso incontrolável, voltou a refugiar-se nos braços de Giulio e recomeçou a soluçar como uma criança. – Giulio, meu amor, como é que eu fui capaz de te fazer uma coisa destas? explodiu, devorada pelo remorso e pela vergonha.

– Sossega, minha pequenina, minha menina querida – consolou-a. – Não me digas nada – sussurrou-lhe, enquanto a empurrava em direcção ao quarto.

Sentiu-se grata àquele homem que, com mil cuidados, acariciando-a, lhe tirava a roupa e a beijava com ternura.

Sônia enterrou os dedos nos cabelos dele e puxou-o para si, empurrada por um desejo que a levava a reconhecer em Giulio o único verdadeiro homem da sua vida.

– Fiz um cálculo errado – confessou. – Fui tolo ao pensar que te queria para mim.

– Com certeza que não estás a falar a sério – protestou ela, assustada.

– Nós temos que nos separar, ou eu acabo por enlouquecer. Durante esta última viagem pensei muito em nós os dois. A nossa história tem que acabar – afirmou, decidido.

– Não podes estar a falar a sério – tentou, desesperada.

– Que sentido faz iludirmo-nos?

– Isto também é amor – replicou ela com força.

– É sofrimento, Sônia – corrigiu. – Não. Acabaram as noites à procura de um infinito que não pode existir entre nós.

– Fiz amor com o Savelli – revelou Sônia, para o provocar.

A confissão foi um raio que rasgou aquela calma aparente. Giulio enterrou o rosto na almofada e calou-se.

– Giulio, por que não me insultas? Por que não me respondes?

– Porque ele nunca te vai conquistar – disse, levantando-se da cama. – Há uma ligação entre nós que nada nem ninguém poderá nunca dissolver. É esta a verdade. Mas tu tens que viver a tua vida e eu a minha. Pertencemos um ao outro, e para sempre. O nosso sentimento é indestrutível. Mas eu preciso de arranjar coragem para me ir embora.

O ar ainda fresco da manhã invadiu a sala.

– Portanto, Giulio, estás a atirar-me para os braços do Savelli. Percebes isso?

– Fica com ele e que Deus te abençoe. – Entreabriu a porta para sair e Bobi aproveitou para se enfiar dentro do quarto e saltar para cima da cama.

– Giulio – chamou, e desatou a soluçar.

– No escritório, em cima da secretária, está um envelope para ti – disse ele, antes de fechar a porta.

Sônia foi depressa até ao escritório e viu imediatamente em cima da secretária o envelope prometido. Abriu-o e tirou de lá uma série de folhas com selo branco e assinatura reconhecida. Era uma doação: Giulio de Bros oferecia a Sônia Brenna o apartamento da via dela Spiga com tudo aquilo que continha.

– Isto quer dizer que não o volto a ver – explicou Sônia a Silia, a chorar. – O Giulio não me quer – continuou, sentindo dentro de si a depressão do abandono.

– Pobre menina – lamentou Silia com afecto. Silia era uma mulher magra, de quarenta anos, que tinha tomado conta da mãe até que a morte lha levou. Tomar conta dos outros tinha-se tornado para ela uma espécie de vocação. agora tomava como sua a dor de Sônia – Também tu me vais abandonar – disse Sônia, entre soluços.

– Não – sorriu. – Eu vou ficar consigo até quando quiser. Tocou o telefone e Sônia esperou muito tempo antes de se decidir a atender.

Era Onorio Savelli. Quando lhe reconheceu a voz esteve tentada a desligar.

– Quero casar contigo. Levo-te para o México e casamos lá declarou Onorio.

O comandante, o segundo piloto, o cozinheiro de bordo, o mordomo e as duas hospedeiras estavam dispostos como um piquete de honra para saudar condignamente a nova signora Savelli. Sônia tentou imaginar os comentários da tripulação, que a cada mudança de "namorada oficial" era obrigada àquele ritual ridículo. Também o casamento mexicano fazia parte da encenação. Não tinha ilusões em relação àquele homem rico e poderoso, que conseguia tudo e depressa, recorrendo também a uma cenografia que recordava as personagens cinematográficas da época dos telefones brancos (1). O conjunto era tão vistosamente kitsch que até podia agradar.

No fundo, Sônia e Onorio pareciam-se em muitos aspectos. Eram dois seres inquietos, habituados a lutar para atingir metas que, uma vez superadas, os levavam a partir em direcção a outras novas.

Ela não estava apaixonada por Onorio, mas a força que irradiava dele dava-lhe segurança e ajudava-a a sentir-se menos só. Quem sabe o que teria pensado dela o pai, que já não a via há tanto tempo! Tinha deixado Bobi entregue aos cuidados de Silia e, apesar de saber que ele estava em segurança, sentia a falta daquele cachorro caloroso e alegre. De cada vez que partia, deixava alguém de quem sentir saudades.

(1). Símbolo de um tipo de cinema dos anos trinta que retratava ambientes de luxo, social e politicamente não empenhados. (N. da T.)

O interior do avião era assombroso. Onorio conduziu-a até uma pequena sala cujas paredes eram forradas a papel pintado com tema romântico; em tons que iam do rosa ao cinzento, do azul ao amarelo, estava representada uma paisagem de fetos e rosas trepadeiras com restos de colunas dóricas.

– Este papel vem das fábricas francesas de Delincourt. Foi feito há quase cem anos. Precisamente em 1897 – explicou Onorio. avia amplos divãs em semicírculo, cheios com penas e forrados de camurça branca, e pequenas mesas de raiz clara com reentrâncias próprias para pousar os copos. Havia também flores frescas por todo o lado.

O chão estava coberto de peles de carneiro. Sônia tirou os sapatos para saborear aquela macieza e Onorio sorriu perante esse gesto infantil.

– A torre de controlo autoriza a descolagem – avisou o segundo piloto, assomando à porta.

– OK – disse Onorio, que aconselhou imediatamente Sônia a sentar-se no sofá e lhe indicou dois pequenos anéis dourados que apareciam numa fenda entre as almofadas, aos quais estavam ligados os cintos de segurança.

Logo a seguir, o avião começou a mover-se.

Sônia contemplou o perfil do homem que estava sentado ao seu lado. Tinha uma expressão indecifrável, distante e inacessível, por trás da qual mantinha escondidos emoções e pensamentos.

Perguntou a si própria por que razão o mítico Savelli estaria a montar aquele espectáculo aparatoso. Interrogava-se muitas vezes sobre os sentimentos que empurravam os homens para ela, e nunca encontrava uma resposta satisfatória.

Excepto no caso de Giulio. Sônia tinha a certeza de que, sem o drama da impotência, Giulio nunca lhe teria dado importância e aquela relação não se teria tornado tão importante para ambos. Apesar de tudo, continuavam a estar profundamente ligados um ao outro, a tal ponto que Sônia achava que ninguém conseguiria verdadeiramente separá-los.

– Fica tranquila – disse Onorio –, está tudo bem – acrescentou, enquanto a ajudava a desapertar o cinto. O avião estava agora em pleno voo.

– Lê os pensamentos, como a Irene? – perguntou ela, então.

– Só leio os teus. És transparente como a água. – Levantou-se do sofá e convidou-a a segui-lo. – Anda. Vou-te mostrar a minha casa voadora.

A sala de jantar, forrada a mogno, tinha no centro uma grand mesa oval em estilo Directório, o mesmo das cadeiras. Havia dois estupendos Renoir, um em frente ao outro, e mais dois na cabine de Onorio, que era tão bonita como as outras quatro, reservadas aos hóspedes.

Voltaram à sala, onde uma hospedeira empurrava um carrinho bem fornecido de bebidas, desde o champanhe ao sumo de fruta, de pequenas tartes salgadas e de bolinhos.

Sônia olhou através da janela e verificou que o céu cheio de sol tinha a cor do ouro líquido. Em baixo, a extensão azulada do oceano.

– Mas o que estarei eu aqui a fazer, suspensa entre o céu e o mar? – perguntou, cheia de perplexidade.

– Abandonei tudo por tua causa. E mal te conheço. – Aquela reflexão sincera alterou o olhar de Sônia, revelando a preocupação em relação a uma escolha que não dependia tanto da sua vontade como da necessidade de se deixar andar à deriva.

– Estás a ir ao encontro do mundo. Parece-te pouco? Vais tornar-te a minha companheira – tentou animá-la. Meteu-lhe os dedos por entre os cabelos e despenteou-a, como se faz a uma criança.

– Mas que companheira, Onorio! Já tens uma mulher. E eu um marido. Dois casamentos falhados não fazem uma união decente – observou, com amargura.

– É verdade – admitiu ele.

– Já para não falar de outras histórias, de outras ligações continuou Sônia. – Eu não sei se a tua relação com aquela cantora famosa foi uma relação falhada. A minha com o Giulio não foi – acrescentou, sombria.

– Então por que foi que o deixaste para vires comigo?

– Foi ele que me deixou. Se assim não fosse, eu não estaria aqui – declarou friamente.

– Sincera até à brutalidade. És um animal de raça. É disso que eu gosto em ti. Fazes idêa de quantas mulheres estariam dispostas a mentir, a bajular, a rastejar, só para se meterem na minha cama?

– Cada um tem o seu preço – observou Sonia.

– E o teu é certamente muito alto – disse Onorio, a sorrir.

Depois da noite que passaram juntos no apartamento de Milão, Onorio nunca mais tentara ter relações com ela. E Sônia não sabia como interpretar aquele comportamento.

– A verdade é que eu já não sei o que hei-de fazer da minha vida. A única certeza de que disponho é o desejo de encontrar o meu papel, um objectivo, o verdadeiro sentido da minha vida.

– O sentido da tua vida vou ser eu. O teu papel será viveres ao meu lado. Vais-te aperceber rapidamente de que não é uma tarefa fácil. Mas acabarás por aprender.

– Onorio afagou-lhe uma face. – E eu vou-te ensinar muitas coisas. Sobretudo, vou fazer de ti uma prima-dona.

Sônia fechou os olhos e abandonou-se contra o encosto do sofá. Pensou na mãe. A signora Bambina tinha desejado ardentemente um futuro de prima-dona para a filha, mas limitado ao pequeno mundo da aldeia.

Pensou no pai e em Giulio: nenhum dos dois lhe tinha atribuído um papel. O pai aceitara-a por aquilo que era, mas não para além dos limites impostos por uma moral rigorosa. Giulio, no fundo, tinha feito a mesma coisa. Também por isso ela os amava aos dois.

Onorio pegou na mão de Sônia e enfiou-lhe um anel no dedo.

– Este – disse – não podes recusar.

No anular da mão esquerda Sônia viu resplandecer um puríssimo brilhante azul, lapidado em diamante e montado em ouro branco. Era uma pedra digna de uma rainha.

– Nesta fase, sou obrigada a aceitar – brincou, para esconder o embaraço provocado por aquele presente maravilhoso. Concluiu para si própria que Pippo Meles a tinha introduzido com método e profissionalismo na roda grande e exclusiva da alta sociedade.

Avilla, muito branca, encastoadada no verde luxuriante da vegetação aos pés das Montanhas Rochosas, chamava-se "Suerte". A baía de Acapulco recebeu Sônia com um aguaceiro repentino e violento, uma tempestade que amainou em menos de meia hora. E agora o sol brilhava sobre os aloés e sobre as pedras de reflexos negros.

– Coatlique, a deusa da terra, deu-te as boas-vindas – disse Onorio, enquanto saíam do Cadillac branco que os tinha transferido do aeroporto para a base da escadaria que conduzia à porta de entrada da villa.

– É uma espécie de boletim meteorológico? – perguntou Sônia, com ironia.

– Por estes lados é conveniente não subvalorizar o poder dos deuses locais – explicou Onorio.

– Os católicos não estão em maioria aqui? – perguntou Sônia.

– É uma pergunta pertinente – sorriu Onorio. – O facto de serem católicos não os impede de acreditar no deus do fogo, no da terra e no da água. Os deuses podem tudo, no bem e no mal continuou. – Por isso é melhor não os ofender, sobretudo se, como Coatlique, te ofereceram um prodígio – avisou, com ar divertido.

Criados de libré branca, mestiços e crioulos, esperavam-nos no pátio, perfilados por ordem de importância, reproduzindo a mesma

cena de boas-vindas organizada à partida. Havia também duas crianças que foram ao encontro de Sônia e lhe entregaram orquídeas. Ela inclinou-se para lhes agradecer, mas não conseguiu esconder um certo embaraço perante aquele aparato.

– "Suerte". Que nome tão estranho para uma casa – observou, enquanto Onorio a conduzia através do pátio para o interior. Tudo é uma questão de suerte, na vida. Até o facto de tu estares aqui e de eu me estar a preparar para casar contigo.

Entraram numa grande sala, de paredes caiadas e pavimento de azulejos verdes. Havia por todo o lado tapetes macios, almofadas multicolores e estátuas toscas de pedra que reproduziam as divindades pagãs.

– Vai ser um casamento espantoso, vais ver. E já só falta um dia – disse Onorio, muito contente.

– Que sentido faz esperar um dia inteiro por um casamento que é só uma brincadeira? – objectou ela.

– O desejo nunca é uma brincadeira. É preciso respeitar os tempos e os modos para satisfazer um desejo.

– Tens uma maneira estranha de me desejares. Depois daquela noite, não voltou a haver nada entre nós – replicou.

– É a melhor maneira. Quero que tudo seja perfeito e digno de ti – sussurrou. E antes que ela tivesse tempo de responder, acrescentou: – E agora tenho que te deixar.

Tenho umas coisas que fazer na cidade. A Pilar vai-te levar ao teu apartamento.

Sônia aproximou-se da janela a tempo de o ver entrar rapidamente no Cadillac, que arrancou com muito ruído ao longo da alameda do parque.

Encontrou-a ao seu lado, como se ela se tivesse materializado do nada: era uma rapariga índia, de uma beleza extraordinária, que devia ter mais ou menos a sua idade.

Trazia uma saia de cores berrantes e uma blusa branca sem mangas. Usava os cabelos negros apanhados numa trança e tinha os pés descalços.

Observava a hóspede com um misto de ironia e de curiosidade. Fez-lhe sinal para que a seguisse.

Aquilo que mais lhe chamou a atenção, no seu apartamento, foi a cama encerrada dentro de uma cúpula de tule. Era tão acolhedor e tão fresco, e a sua necessidade de repouso de tal forma grande, que, nos poucos minutos que empregou para lhe experimentar a suavidade, Sônia adormeceu.

Sonhou com a mãe. Vestia as roupas de Pilar e era jovem e bonita como ela. Vinha ao seu encontro na alameda de ciprestes que, na aldeia, ia da paragem do eléctrico até ao cemitério. Tinha uma expressão absorta e cansada. Sônia correu ao encontro dela. – Mãe! – chamou. A mulher parou, mas a saia continuava a flutuar sobre as suas pernas como se estivesse ainda a caminhar. – Mãe! – repetiu Sônia, quase a suplicar uma palavra ou um sinal daquele rosto ausente e distante. A mãe, finalmente, olhou para ela. Envolveu-a com um olhar intenso e triste. – Sou a tua filha. Não me reconheces? – perguntou Sônia, angustiada, sem ousar aproximar-se demasiado dela.

A mulher abanou a cabeça e retomou o caminho em direcção a uma meta distante. Sônia foi acordada

por um vago mal-estar. Ali estava Pilar, em pé, junto à cama, a observá-la através da cortina de tule com o mesmo olhar ausente e distante que a mãe tinha no sonho.

– Estavas a espiar-me? – perguntou Sônia, inquieta, saltando da cama.

A rapariga limitou-se a sorrir, ao mesmo tempo que Onorio, que estava parado à porta do quarto havia alguns minutos e tinha assistido à cena, se aproximou de Sônia.

– A Pilar não te pode responder. É muda.

– Sinto muito – disse Sônia. – Estava preocupada com o meu mal-estar e não percebia o drama dela.

– Já está habituada – explicou Onorio. E acrescentou: – Tomei conta dela quando era pequena. Vagueava pelo Rio Bravo do Norte, ferida, esfomeada e só. É uma ameríndia da tribo dos Apaches. E não pôde contar a ninguém a sua história. Chamei-lhe Pilar. É um nome de que eu gosto muito – concluiu Onorio.

Pilar, com uma cautela sorridente, tentou atrair sobre ela a atenção do homem, indicando Sônia.

– Está-me a dizer qualquer coisa de ti – disse Onorio.

A rapariga pousou dois dedos nos lábios e logo a seguir na testa, ao mesmo tempo que, com um gesto da outra mão, indicava os lábios e a testa de Sonia.

– O que é que ela está a dizer? – perguntou, curiosa.

– Podes achar estranho, mas está a dizer que tu também foste com ela?

– Em que sentido?

– No sentido em que não conseguias falar – respondeu o homem, que traduzia os sinais de Pilar. – E acha que a falta de palavras te vinha da mente e do coração.

Sonia olhou-a nos olhos com uma renovada sensação de mal-estar. Por um instante recordou o carvoeiro, os seus modos obscenos e os longos dias de silêncio. Como podia Pilar conhecer o seu pensamento?

– Esta rapariga não sabe o que diz – balbuciou Sônia.

Onorio observou as duas com um ar desconfiado. Depois concluiu: – A Pilar nunca se engana.

Sônia tentou desesperadamente não dar lugar aos pensamentos que cruzavam velozmente o seu espírito. Por um instante, recordou o sonho que acabara de ter e o olhar triste com que a mãe a tinha observado.

Pensou no pai e, de repente, apercebeu-se de que tinha uma necessidade desesperada dele. Sentiu-se profundamente só e distante de qualquer possível certeza, como uma jangada à deriva.

Onorio leu uma grande perturbação no seu rosto e inclinou-se sobre ela com ternura: – Espero-te daqui a meia hora. Antes da chegada dos convidados. Conto contigo para fazeres as honras da casa.

– Que convidados? – perguntou Sônia mecanicamente.

– Já te esqueceste que nos casamos amanhã. Vais ser a convidada de honra nesta espécie de despedida de solteiros.

Havia gente no pátio, quando desceu. E havia luar. No jardim, uma orquestra executava o melhor do seu repertório.

No meio dos convidados reconheceu Federica Rovesti, que arrastava atrás de si o marido, António, o único filho homem de Giovânni Rovesti.

– Querida! querida! querida! – cumprimentou Federica, enquanto lhe lançava os braços ao pescoço.

Sônia retribuiu o abraço, tentando abrandar a afectação da outra.

Como é que estás? – perguntou, acompanhando a pergunta ritual com um sorriso conveniente.

Estou bem, querida. A ti nem vale a pena perguntar. És fantástica. Mas que longo caminho tu percorreste! – Federica tinha uma expressão forçadamente radiante, por trás da qual tentava esconder a inveja que a devorava.

Virou-se para o marido. – Cumprimenta a Sônia, querido – Chamou-o à realidade com o ar e com o tom de uma mãe paciente e resignada que se dirige a um filho complexado.

António Rovesti, fisicamente, parecia-se com Onorio. O mesmo corpo, a mesma calvície, a mesma estatura. Mas enquanto Onorio era uma personalidade vencedora, António era dominado pela insegurança que transparecia de todos os seus comportamentos.

É muito bonita – disse-lhe, olhando-a com admiração.

Outros convidados lhe haviam prestado também homenagem, seguindo o ritual em uso na alta sociedade: cumprimentos de rajada e sorrisos repetidos. Aparentemente, Sônia era a mais adulada, a mais amada; substancialmente, toda a gente pensava que era apenas um esplêndido brinquedo nas mãos de Onorio Savelli. Sônia apercebia-se disso perfeitamente. Assim como sabia que, por detrás daqueles sorrisos estereotipados, havia a untuosidade dos cortesãos que se transformaria em sarcasmo no dia em que Onorio a pusesse na rua. IXTo, no estado actual das coisas, ela ostentava o ceptro real, mas para toda a gente era apenas a nova mulher mantida por Onorio Savelli.

E, feitas as contas, isso acabava por a divertir.

Antonio Rovesti, que tinha a inocência e a perfídia de uma criança, fitava-a continuamente, sem se preocupar com as reacções da mulher.

Coitadinho de ti, pensou Sônia ao olhar para ele, tens mais cornos que jornais.

Comparando a beleza agressiva da mulher com a sua fealdade branda e resignada, podiam em parte justificar-se as transgressões de Federica. Mas só em parte, porque no rosto meigo e sereno de Antonio Havia a marca de uma grande delicadeza de alma que não merecia traições. O lado melhor da sua personalidade era o pior defeito para quem tem de se mexer na esfera do poder, onde tudo é permitido excepto a delicadeza de alma.

– Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Rovesti – cumprimentou nia, com um tom sincero.

– Igualmente – replicou, enquanto procurava aflitivamente a carteira, que extraiu do bolso interior do casaco. – Ouvi muitas vezes falar de si. Admirei também as belas imagens publicadas nos jornais. – Mais do que falar, sussurrava. – Mas mesmo as fotografias mais bonitas não chegam a fazer-lhe justiça. Vista ao perto, assim de cara lavada, é realmente muito bonita. – Uma onda de rubor tingiu-lhe as faces. Estava atrapalhado e nervoso e, na ânsia de pegar num cigarro, que o ajudaria a atenuar a sensação de incomodidade que Sônia lhe comunicava, deixou cair todo o conteúdo do precioso estojo de ouro maciço. Enquanto um empregado recuperava os cigarros, António prendeu nos lábios um deles, que tinha finalmente conseguido apanhar, mas acendeu-o do lado errado e, antes de se aperceber do erro, tinha já inalado uma boa porção daquele fumo nojento aspirado pelo filtro.

– É muito simpático – disse Sônia, enquanto ele tentava dominar um acesso de tosse que lhe alterava a fisionomia.

António meteu a cigarreira no bolso, esperando encerrar, pelo menos naquela noite, o desafio com o azar.

– Sabe, tenho que ser sincero. Eu a estas festas venho de má vontade. Porque me aborreço. E sinto-me deslocado.

– Confidência por confidência, eu também não me sinto muito à vontade – sussurrou Sônia, levada àquela confissão pelo tom confidencial de António Rovesti.

Sônia ofereceu-lhe um dos seus cigarros.

– Quer tentar outra vez? – A voz dela tinha uma nota de particular ternura. – Quer, Sr. Rovesti? – insistiu, estendendo-lhe o maço.

– Trate-me por António, por favor – disse ele, aceitando o cigarro. – Sabe, eu não devia fumar. Por causa do coração acrescentou. – Mas nunca sei o que hei-de fazer às mãos. O cigarro ajuda. Faz-me

sentir menos desajeitado.

Sônia deixou-o, contrariada, mas Onorio reclamava-a imperiosamente e ela seguiu-o.

António Rovesti, aquele homem terno e doce, tinha aberto no seu coração uma brecha de luz.

Tinha chegado à villa Suerte gente de todo o mundo. Alguns, como Savelli, tinham casa em Acapulco, outros estavam alojados nos hotéis mais exclusivos da cidade.

Para festejar o novo par vencedor, como eram chamados Sônia e Onorio, tinham-se deslocado até lá algumas cabeças coroadas, armadores e milionários, actores e actrizes famosos de Hollywood. E ainda industriais, reis do petróleo, escritores e jornalistas sensacionalistas, nobres e bobos, poucos amigos e muitos conhecidos.

Sônia, no centro daquele parque de diversões barulhento, não conseguia sequer pensar, deixando-se apenas arrastar pelas circunstâncias.

Da Cote d'Azur tinha chegado um grande cozinheiro com um batalhão de ajudantes e de empregados para preparar e servir o almoço. No parque foram instaladas mesas redondas para os convidados menos importantes, e uma mesa comprida com vinte lugares para os de maior relevância. Tinha vindo também os responsáveis pelos fantásticos e muito ruidosos fogos-de-artifício, assim como floristas para decorar a casa e o jardim.

Balenciaga enviara uma das suas maiores estilistas com várias malas de vestidos para Sônia. De Nova Iorque, duas empregadas da Tiffany tinham trazido os presentes para os convidados: cigarreiras de ouro para os homens e caixinhas de comprimidos de ouro, esmalte e pedras preciosas para as senhoras.

Um camião descarregara

vinho e muitas garrafas de champanhe Krugg de 1958. Um vaivém contínuo de limusinas trazia ou levava pessoas.

Nesta gigantesca feira, faltava o dono da casa. Tinha literalmente desaparecido.

– Onde está o patrão? – perguntou Sônia à bela Pilar. A rapariga indicou um ponto distante.

– Onde? – insistiu.

Pilar pegou-lhe na mão e levou-a ao escritório de Onorio. Por trás da secretária estava um grande mapa do México. Pilar indicou um ponto entre o Rio Bravo do Norte e Zacatecas.

– O que é que ele foi fazer assim tão longe? – perguntou Sônia.

Pilar encolheu os ombros.

– Até gostava de saber por que razão não me avisou desta viagem, enquanto tu..

Era inútil pedir à fiel Pilar, que destilava devoção pelo patrão, mais esclarecimentos.

Mas quem era, afinal, aquele Onorio Savelli, que em Itália era apenas um homem rico e no México parecia ser quase uma lenda? Por que tinha ele mandado vir gente de todo o mundo para a deixar sozinha no meio daquela multidão barulhenta que não conhecia? Pessoas que, ainda por cima, se alimentavam de inveja, de ódio, de bisbilhotices vulgares, de cumplicidades, de injúrias e de infelicidade luxuosa.

Sônia tinha a certeza de que aquelas personagens, vistas uma a uma, poderiam ser humanamente aceitáveis, mas em grupo tornavam-se impiedosas e perigosas. Pensou no pai e desejou ardentemente ouvir a sua voz. Se lhe telefonasse, para além de frases de circunstância, o que lhe poderia dizer? Em cima da secretária de Onorio havia papel de carta. Pegou num lápis e desenhou numa folha uma pequena igreja com o campanário torto e uns raios de sol que apareciam por detrás de uma nuvem. Por baixo escreveu: "Este pedaço de sol és tu." Dobrou a folha em quatro e meteu-a num envelope, depois de ter escrito o endereço de António Brenna.

Chamou Pilar.

– Esta carta tem que seguir. Imediatamente. – A rapariga anuiu.

Sônia foi até ao quarto e atirou-se para cima da cama, esperando

conseguir conciliar o sono. Sentiu um ruído que a levou a abrir os olhos. Pilar tinha ido ter com ela e sorria-lhe.

Sônia ficou comovida e experimentou um sentimento de profundo reconhecimento em relação àquela rapariga que parecia entender tudo sobre ela. Depois adormeceu.

Pareceu-lhe ter dormido apenas um sono ligeiro, quando sentiu que lhe tocavam delicadamente no ombro. A persiana filtrava a luz de um dia claro. Era Pilar, que tentava convencê-la a levantar-se.

Sônia sentiu que enfrentar os acontecimentos daquele novo dia não lhe dava nenhuma satisfação. Pilar insistia em chamá-la.

– O patrão já voltou? – perguntou Sônia.

A rapariga assentiu, explicando-lhe por gestos que Onorio a esperava no escritório.

– Está bem, eu já vou – disse, com determinação. Acho que vou finalmente dizer àquela espécie de ditador que se pôs a brincar ao homem misterioso aquilo que ele merece.

Sentia-se também humilhada pelo facto de Onorio não ter tentado sequer entrar na sua cama. É certo que não ardia de desejo, mas aquela indiferença deixava-a pouco à vontade.

Vestiu-se rapidamente, sem deixar que Pilar a ajudasse. Percorreu um labirinto de corredores e escancarou com maus modos a porta do escritório de Onorio.

– Venho informar-te de que me vou embora – disse, agressiva. – Estas maneiras de sultão provavelmente estão muito bem para a tua mulher. Ou para as tuas amantes.

Mas para mim não.

Onorio, de calças de sarja e pólo verde, estava apoiado na secretária e parecia divertido com aquele arrebatado exórdio de Sônia. No momento em que esgotou o repertório de acusações, Sônia apercebeu-se de que não estava sozinha com Onorio. Havia mais dois homens sentados a uma mesa a consultar documentos que faziam parte de um dossier.

Não lhe dedicaram a mínima atenção e continuaram a falar em voz baixa entre eles.

Sônia preparava-se para sair quando as palavras de Onorio a bloquearam.

– A carta que escreveste ao teu pai ontem à noite já seguiu com um correio diplomático. Vai recebê-la hoje – disse.

– A ti não te escapa nada, pois não? – provocou.

– Procuo garantir a incolumidade das pessoas que amo – replicou o homem. – E a maneira mais eficaz de as proteger é ter todas as informações que lhes dizem respeito.

– É um método realmente singular – protestou secamente. – Metes o nariz nos meus assuntos mais íntimos e nem sequer te dignas dizer-me onde vais ou o que fazes.

A sensibilidade demonstrada por Onorio ao tratar pessoalmente das cartas para o pai poderia levá-la a uma atitude de reconhecimento, mas não o quis admitir nem para si própria.

– De acordo. Mas se, antes de partires, quiseses ouvir também a minha versão dos factos, acho que te posso fornecer explicações exaustivas.

Sônia deixou correr o olhar de Onorio para os dois homens, que continuavam a falar entre eles, ignorando-a.

– Eu tenho muitos interesses no México – continuou –, sobretudo em minas e plantações de cana-de-açúcar. Queria dar-te um presente que fosse digno de ti. – Sorriu, aproximando-se dos dois homens, que deixaram finalmente de falar e lhe dedicaram todas as suas atenções.

– Apresento-te o advogado José Luis Costa, do meu escritório na Cidade do México. – O homem inclinou-se e sorriu. – E o advogado Wilbur Buck, de Nova Iorque – disse Onorio.

– Vais ter de assinar alguns documentos – continuou Onorio. – Vais tornar-te accionista de algumas minas de prata e proprietária de um apartamento em Nova Iorque.

Sônia sentou-se muito lentamente num divã. Não conseguia ainda entender plenamente o significado daquelas ofertas, mas dava-se conta de que lhe estava a cair em cima uma fortuna substancial. A partir do momento em que estava rotulada com a marca da amante por conta, mais valia entrar no jogo.

No parque iluminado a festa tinha atingido o apogeu. No céu explodia o fogo-de-artifício. Muitos dos convidados dançavam, outros riam, todos conversavam no meio de muito barulho.

Sônia tinha-se afastado para um canto mais escuro do pátio e observava, como testemunha fria, aquela festa sem alma e sem alegria. Ninguém parecia notar a sua ausência, excepto Onorio, que descobrira o seu refúgio e tentava não a perder de vista. Nem mesmo ele, apesar de ser o artífice e o realizador daquela festa, parecia particularmente eufórico. Limitava-se a passar pelo meio das pessoas mais importantes, trocando comentários e sorrisos. Tinha demorado um pouco mais com alguns jornalistas e cortejado algumas senhoras bonitas sem um entusiasmo particular.

Depois foi ter com Sônia.

– Não te estás a divertir – constatou.

– Nem tu – replicou Sônia.

– Vamos ter uma noite fantástica só para nós – garantiu.

– Tu achas?

– Tenho a certeza. – Sorriu, com um ar malicioso.

Afastou-se, deixando-a só. Viu-o falar e abanar a cabeça, satisfeito com os guardas que, naquela noite de festa, tinham organizado um impecável serviço de ordem.

Foi um breve diálogo, antes de continuar o seu caminho em direcção à villa.

Pilar, que apareceu de repente com a ligeireza de uma criatura dos bosques, convidou-a a entrar em casa.

Pouco depois, Sônia estava mergulhada na banheira que era uma grande tina de pedra lisa. A água tinha um aspecto leitoso e cheirava a sândalo. Pilar acrescentou umas gotas de um líquido cor de âmbar cujo perfume fez nascer em Sônia uma espécie de langor, de agradável abandono.

– São magias inças? – brincou, ao sair da banheira.

Pilar sorriu e envolveu-a num amplo lençol de banho, conduzindo-a em direcção à cama.

Entraram no quarto duas jovens crioulas vestidas de branco que começaram a esfregar o corpo da noiva com um unguento que cheirava a gerânios. Tinham braços fortes e mãos delicadas e sabiam manipular o corpo, desfazendo os pontos de tensão.

Sônia estava a descontrair completamente e sentia o prazer de se abandonar àquelas mãos sábias que se agitavam sobre todos os músculos, da ponta dos pés até à testa, ao mesmo tempo que nascia nela uma sensação nova de prazer, difuso e muito doce.

Pilar tinha saído e as duas raparigas tornaram-se mais audazes. Começaram a tocar o interior das coxas com manipulações que envolviam o centro do prazer, produzindo em Sônia uma embriaguez colorida. Mãos ligeiras como voos de borboletas tocavam-lhe os seios, demorando-se nos mamilos. Sônia sentiu-se invadida por um desejo que subia nela em ondas lentas e longas. Começou a mexer-se, seguindo os movimentos das duas raparigas que só naquele momento se retraíram. E ela encontrou Onorio ao seu lado. Recebeu-o dentro dela como se a virilidade daquele homem fosse o maior e o mais esperado dos presentes. Gritou de prazer, dominada e vencida por uma satisfação que tinha a magnificência de uma grande descoberta.

– Era assim que eu te queria – disse Onorio, apertando-a nos seus braços.

O sexo já não era uma coisa suja. Pelo contrário, podia ser a mais gloriosa das sensações: Sônia sabia-o, finalmente.

Sônia saiu do táxi em frente à entrada do edifício de Park Avenue e o motorista, que recebera uma

boa gorjeta, ajudou-a a descarregar os embrulhos de que o porteiro tomou conta.

Era Fevereiro. Os ventos do Atlântico tinham limpo o ar e a elegante geometria dos arranha-céus de Nova Iorque desenhava-se com nitidez no azul rosado do entardecer.

Sônia fechou o casaco de peles para percorrer aquele breve e gelado pedaço de passeio que a separava da tepidez da entrada. Subiu ao décimo segundo andar, acompanhada pelo porteiro, que pousou os embrulhos na mesa do vestíbulo e meteu ao bolso, com um largo sorriso, uma notável gorjeta.

Sônia tinha tomado de assalto durante toda a tarde as lojas da Quinta Avenida para comprar presentes para ela e para os amigos: para Silia, que estava em Nova Iorque com ela, e para Virginia e o seu pequeno Alessandro, que eram seus hóspedes.

Tirou o casaco e entrou na sala. Através da grande janela viu o entardecer, vermelho, com fulgores de chama. Deixou-se cair numa poltrona confortável, agarrou no telefone e pediu uma ligação para Bérghamo. Em Itália eram onze horas da noite e tinha a certeza, de encontrar Onorio em casa àquela hora. E realmente encontrou.

Tinha a voz empastada de sono.

– Desculpa se te acordei – disse ela.

– É sempre um prazer ouvir-te – mentiu, como quase todas as pessoas que são acordadas em pleno sono.

– Queria dizer-te que ontem à noite fui ao concerto dos Beatles– Foi fantástico. Comecei eu também aos gritos, como se fosse uma daquelas adolescentes – contou.

– E quem são esses Bit... Bot...

– É um grupo musical de principiantes que tem tido muito sucesso. Mas tu não te punhas a gritar.

– Eu detesto esses meteoros. Fiquei na Piaff, que vai durar para sempre, enquanto aqueles que tu viste já vão estar esquecidos na Primavera.

– Mas são muito bons. São fantásticos. E tu? Estás-te a divertir? – perguntou Sonia.

– Trabalho, trabalho e mais trabalho.

– Por que não vens ter comigo? A solidão começa a pesar-me.

– Julgava que a Virginia e o pequeno eram uma boa companhia.

– E de facto são. Mas tu fazes-me falta.

– vou ver o que posso fazer.

– E se eu regressasse? – propôs. Houve um longo silêncio – Querido, estás-me a ouvir?

– Sim, sim... Claro que te ouço – respondeu ele, hesitante.

– Então, o que dizes? – insistiu.

– És dona do teu tempo e da tua vida. És livre de ficar ou de voltar – disse Onorio, num tom muito normal.

– Onorio, o que se passa connosco? – perguntou de repente, para tentar desfazer aquela sensação de mal-estar que se tinha criado entre eles havia algum tempo. – De quem é a culpa?

– Talvez minha. Talvez tua. Talvez dos dois. Ou do mundo respondeu laconicamente Onorio.

– Uma resposta óbvia – disse Sônia, a rir. – Exprimes-te como os médicos do Pinóquio: se o doente está vivo significa que não está morto.

– Não me parece razoável abordar um tema tão complexo pelo telefone, a meio da noite – observou.

– Esquece – disse Sônia, sem lhe dar tempo de replicar e sem se despedir. Deixou-se cair com um suspiro contra o encosto macio da poltrona, fechou os olhos e desejou ter sono. Havia já algum tempo que a convivência com Onorio se tinha tornado muito difícil. No palácio de Bérghamo, na via Porta Dipinta, onde Sônia vivia há quatro anos como dona da casa, o ar tinha-se tornado irrespirável. Onorio andava quase sempre fora, por todo o mundo. Quando regressava ficava silencioso e recorria a todos os

pretextos para fugir da companhia dela.

Pouco antes do Natal, durante um fim-de-semana em St. Moritz, ela tinha-se magoado num ombro ao cair mal durante uma descida de esqui. Onorio partiu para o México e deixou-a sozinha forçada a uma semi-imobilidade por causa do gesso.

Regressou em meados de Janeiro, quando ela estava já curada mas voltou a partir para Tóquio uns dias depois, deixando-a novamente só. Não era precisa uma intuição muito especial para perceber que aquele trono de rainha estava a vacilar assustadoramente.

Aos vinte e cinco anos, Sônia tinha-se instalado como protagonista no mundo que em criança espiara da portaria do palácio de Bros.

Tinha tido muita coisa. Ao lado de Onorio fora admitida na corte do xá da Pérsia e almoçara com Margarida de Inglaterra. Tinha sido convidada para o casamento de algumas famílias reais e acompanhado o funeral de John Kennedy.

Aos vinte e cinco anos, possuía uma grande quantidade de acções de minas mexicanas que lhe davam todos os anos avultados rendimentos. Era proprietária de um apartamento em Milão oferecido por Giulio de Bros e de um em Nova Iorque oferecido por Onorio Savelli. Possuía uma soma considerável de francos suíços num banco de Lugano, já para não falar das jóias e dos quadros antigos. Não precisava certamente de trabalhar para viver.

Mas, apesar de tudo, não se sentia realizada. Permanecia nela uma sensação de insatisfação. Não sabia exactamente o que queria, e queria-o imediatamente.

Viver ao lado de Onorio tinha sido, e continuava a ser, uma experiência excitante, tanto mais que com ele tinha descoberto o prazer de fazer amor no sentido mais completo. Agora, porém, o instinto dizia-lhe que a relação com Onorio estava em vias de terminar.

– O que estás a fazer? Estás a dormir? – perguntou uma vizinha ao lado dela, ao mesmo tempo que uma mão leve lhe tocava no braço.

– Sandrino – exclamou Sônia, abrindo os braços para que o menino se pudesse refugiar neles. Provavelmente, se tivesse tido um filho, a sua vida seria diferente.

Mas Sônia não podia ter filhos.

– Estavas a dormir? – repetiu o pequeno, observando-a com olhos curiosos. Uma semana antes tinha decidido pôr alguma distância entre ela e Onorio, para verificar a consistência daquela ligação, e partira para Nova Iorque com Virginia e o filho, que tinham passado a ser, juntamente com o pai, a sua única ligação ao passado.

– Não estava a dormir – respondeu finalmente. – Estava a pensar...

– E quando pensas fechas os olhos?

– Onde está a tua mãe? – perguntou Sônia.

– A minha mãe e a Silia estão na cozinha a fazer ravioli – respondeu. – Ravioli italianos verdadeiros para o jantar. Gostas de ravioli, tia Sônia? – O pequeno tratava-a por tia. Ela e Onorio eram os seus padrinhos de baptismo.

– Imenso. Vamos fazer uma jantarada – prometeu, enquanto se levantava. Dirigiu-se à entrada e fez sinal ao menino para que a seguisse.

Havia, em cima da mesa, embrulhos grandes e pequenos.

– Olha a quantidade de coisas que a tia comprou hoje. Também há prendas para ti. Vamos ver se as consegues encontrar.

Sandrino iniciou a sua caça e aquele jogo simples conseguiu fazê-la esquecer por uns instantes os pensamentos mais tristes.

Tocou o telefone e Sônia atendeu. Reconheceu imediatamente a voz do outro lado do fio. Era Pippo

Meles. Estava a ligar de um grande hotel situado a poucos quarteirões da casa dela.

– O que estás tu a fazer em Nova Iorque? – perguntou ela.

– Negócios – respondeu, de forma evasiva.

– Percebo – rebateu Sônia, que conhecia perfeitamente o tipo de negócios de Meles: mulheres lindíssimas e de grande classe para as alcovas e apartamentos de homens ricos e entediados. – Quem é a bailarina de turno? – indagou, dando um tiro no escuro com excelentes probabilidades de acertar no alvo.

– Quer acredites quer não, não se trata de mulheres, mas de uma excitante proposta de trabalho. A Vogue oferece-me uma rubrica sobre et sei – revelou-lhe. – Vida, morte e milagres, fofocas, amores, vícios e virtudes dos protagonistas da alta sociedade.

– É um tema que ninguém melhor do que tu seria capaz de dissecar e desenvolver. És o único especialista a nível internacional e Até nem sei por que foi que só se lembraram agora – comentou.

– És uma querida – disse o homem. – Vamos jantar osdois, Achas bem?.

Sônia pensou nos ravioli que Silia e Virgínia estavam a preparar para o jantar. – Anda tu a minha casa. Prometo-te uns ravioli ines quecíveis.

– O problema é que não estou sozinho – anunciou. – E Sei muito bem o que perco por renunciar aos teus ravioli.

– Agora já te estou a conhecer: ao teu lado há sempre uma mulher – disse Sônia.

– É apenas uma redactora das páginas culturais da Vogue. Depois hesitou um instante. – E também vai o Fred Winner.

– O joalheiro?

– Exactamente.

Winner era um homem de destaque no domínio das pedras preciosas. Ela nunca o tinha encontrado, mas sabia que Onorio, em mais do que uma ocasião, lhe tinha comprado pedras lindíssimas. Duas delas tinham-lhe sido oferecidas.

Sônia lembrou-se também de que entre Winner e Onorio tinha havido alguns dissabores recentes por causa de uma grande safira que pertencera ao rei Faruk, que Winner lhe prometera e depois vendera a um armador grego por pouco mais. Onorio ficara muito ofendido.

– Vamos jantar ao Waldorf – disse Pippo.

– Está bem. Eu vou – decidiu Sônia, curiosa.

Quando chegou ao encontro já estavam os três à mesa. Usava um vestido preto em crepe de chine de Saint Laurent. Não levava jóias, para além de uma riviçre de brilhantes no braço esquerdo. A sua beleza não tinha necessidade de ornamentos.

Foi um jantar delicioso. A jornalista americana era uma mulher com classe e sentido de humor. Pippo estava espirituoso e elegante como sempre. Fred Winner era um verdadeiro gentleman, que aparentava lindamente os seus cinquenta anos, possuía uma cultura vasta, e não se parecia de facto com a personagem ávida descrita por Onorio.

Cortejou Sônia com inteligência e discrição e ela entrou no jogo na medida certa. No momento das apresentações, ele tratou-a por Mrs. Savelli e ela por Mr. Winner. Quando se despediram, ele era simplesmente Fred e ela Sônia.

pippo levou-a a casa. Ainda havia lugar para duas fofocas e um copo – És um grande bandido – disse ela, a brincar, quando se instalaram na sala.

– A definição não me ofende – declarou, a rir. – Só tenho pena de não poder escrever isso em nenhum documento. É um ofício que me agrada porque sou um verdadeiro profissional. Já tiveste algum aborrecimento por minha causa? Aproveitei-me da tua inocência? Subvalorizei a tua beleza?

Sônia reprimiu uma gargalhada. – Por que foi que quiseste que eu conhecesse o Fred Winner?

- Porque é um homem que vale a pena conhecer.
- Sabes muito bem que o Onorio o detesta.
- O Onorio detesta tudo e todos.
- Mas que raio de coisa estás a cozinhar nessa tua cabeça cheia de pecados?

– Sexo, amor e fantasia.

– Pippo, quero a verdade. Tu não vieste a Nova Iorque por acaso. E não me convidaste para jantar por amor à minha companhia. Ou será que me engano? – perguntou Sônia, bruscamente.

– Tu queres a verdade – disse. – Aí vai. O Fred Winner, que é meu grande amigo, queria conhecer-te.

– E tu prestaste-te ao jogo. Mas eu não ando à procura de protectores. Eu tenho um homem – precisou. – E ainda que não tivesse, não sou uma mulher que se proponha à melhor oferta.

– Sinceridade por sinceridade – replicou Pippo –, o Winner também não. Tiveste ocasião de o observar.

– Tudo bem, mas tu estás a esconder-me alguma coisa, ou não?

– Quis lá chegar por etapas – disse, sério. Sônia sentiu gelar o sangue.

– E agora que lá chegaste?

– Sônia, tu és jovem, mas conheces o mundo, sobretudo um certo mundo.

– Continua – pediu, com nervosismo.

– Se queres toda a verdade, acho que chegou o momento de acabares a tua relação com o Onorio.

– Porquê? – perguntou, hesitante.

– Porque ele tem outra mulher.

– É uma história recente?

– Se um ano te parece recente! Toda a gente sabe, menos tu.

– E ela quem é? – perguntou, gelada.

– Patrizia Mauri – revelou Pippo.

Sônia levou alguns segundos a enquadrar e focar a personagem. Patrizia era a ex-mulher de um famoso realizador de cinema, ex-actriz de filmes ligeiros entre o licencioso e o irónico e ex-amante de um famoso actor de teatro. Tinha mais de trinta anos e era ainda uma bela mulher que descobrira pouco tempo atrás a sua vocação editorial.

Fundara uma editora que publicava sobretudo manuais científicos.

– E tu vendeste-te por dez reis de mel coado – provocou.

– Muito mais, devo ser sincero.

– Agora percebo de onde te vem a colaboração com a Vogue. Foi o preço que essa Mauri te pagou para a meteres na cama do Onorio.

– Ela chegava lá, de qualquer maneira. Conhece meio mundo e precisa de dinheiro para a editora. E como tu bem sabes também, o Onorio é muito generoso – replicou.

– E já que, em breve, vou ficar desocupada, resolveste envolver-me com o Winner. Não é assim? – argumentou Sonia que, apesar de tudo, não se conseguia zangar com Pippo. Aceitara-o e tinha, também graças à sua intervenção, arrecadado muito. com o património acumulado, Sônia não teria problemas para o resto da vida.

Despachou o velho alcoviteiro com uma pancadinha na face, dizendo-lhe que não lhe guardava rancor.

Depois mudou de roupa, foi ao cofre buscar dinheiro e acordou Virgínia.

– Vou para Milão – disse-lhe. – Volto daqui a três ou quatro dias. Depois explico-te tudo.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou a amiga, preocupada, – Se quiseres, vamos todos contigo – ofereceu-se Virginia, saltando da cama.

– Preciso de estar um pouco sozinha.

– Posso saber porquê? – perguntou, enquanto enfiava um roupão.

– Em resumo, a minha situação é a seguinte: o Onorio deixou-me.

– Mas isso é terrível – replicou Virginia, que tinha um temperamento dramático. – Deves estar desesperada.

– Estou apenas furibunda – admitiu Sônia.

O avião começou a trepidar quando estava ainda em fase de descolagem e ela via por baixo de si as luzes de Nova Iorque como um mar de estrelas. Apesar de se manter nos limites da turbulência, o Jumbo continuou a tremer e a abanar durante toda a viagem. Quando o mau tempo o permitiu, as hospedeiras serviram o jantar, que Sônia recusou. Engoliu duas pastilhas de Valium com um copo de água, cobriu-se com uma manta e esticou-se, ocupando também o lugar vazio ao lado do seu, após o que adormeceu.

Foi acordada pelo cheiro do café. Afastou então a manta, levantou a cortina da janela e viu, ao sol de um novo dia que nascia, a costa francesa banhada pelo Atlântico.

Eram seis horas da manhã e o avião voava em perfeita estabilidade. Se os seus cálculos estavam certos, dentro de algumas horas estaria em Malpensa. De táxi, Sônia podia chegar a Bérghamo antes das dez.

Sabia que Onorio não saía de casa antes dessa hora. Tinha muitas probabilidades de o encontrar. Era uma perspectiva aflitiva e excitante ao mesmo tempo, uma espécie de desafio ao traidor. À distância de alguns anos recordou o vaticínio de Irene: o cavaleiro de espadas que dá com generosidade e depois volta a tirar à traição.

Como podia ela ter-se esquecido disso?

Foi à casa de banho, onde compôs a maquilhagem e o cabelo, e depois regressou à sua confortável poltrona, no sector reservado à primeira classe, decidida a consumir um pequeno-almoço abundante.

No aeroporto, Sônia arranhou imediatamente um táxi. Durante a viagem reflectira, honestamente, perscrutando até ao fundo da alma. Concluiu que Onorio fora para ela apenas uma história de sexo no estado puro e que o seu coração nunca tinha vibrado de amor. Tinha sido um jogo que a divertira, sem lhe provocar sofrimento.

Saiu do táxi em frente ao portão do palácio e entrou no vestíbulo, onde se apercebeu de um vaivém de operários que enfeitavam estátuas e colunas com grinaldas de flores e frutos exóticos entrelaçados com ramos de louro e fitas de seda colorida.

Naquele formigueiro laborioso reconheceu o motorista de Onorio, que olhou para ela, consternado.

– Onde está o patrão? – perguntou Sônia, sem responder ao cumprimento.

O homem engoliu em seco e olhou para cima, em direcção à escadaria, por onde descia uma senhora de idade, de tailleur e dava ordens aos empregados e aos operários.

Tinha o rosto esticado por várias intervenções de cirurgia plástica e o cabelo de um violeta pálido. Uma maquilhagem pesada fazia os possíveis por segurar o conjunto, sem, no entanto, conseguir.

– O que deseja a menina? – perguntou a senhora.

– Se me disser como se chama, é muito provável que evite responder à sua pergunta – respondeu Sônia, sarcástica.

– Sou a signora Mauri. Em que lhe posso ser útil? – repetiu a desconhecida.

Como resposta, Sônia foi acometida por uma gargalhada irreprimível. Era um riso entre o histérico e o libertador. Apontando o indicador contra a senhora, exclamou: – Isto é mesmo um clássico. A Patrizia trouxe também a família a reboque. – Subiu as escadas e encaminhou-se com um passo altivo em direcção ao quarto enquanto ia destruindo, pelo caminho, tudo aquilo que podia destruir. Deitou abaixo com uma determinação fria três jarras chinesas da época Ming, tão queridas a Onorio, fez em pedaços

uma dúzia de jarras greco-romanas do século II e arrancou da parede dois quadros de Miro, que atirou com maus modos pelas escadas abaixo quase acertando na signora Mauri, paralizada pelo espanto e pelo terror. Em frente ao quarto que, durante anos, partilhara com Onorio, Sônia respirou fundo, fechou os olhos e, quando os voltou a abrir, estava pronta para entrar.

Escancarou a porta e viu Onorio sentado na cama, com a sua nova amante ao lado. Estavam a tomar um belo pequeno-almoço juntos. Quando viu Sônia ficou com o pãozinho no ar, e depois olhou para a nova concubina, que manifestava a sua surpresa com pequenos grunhidos de rato.

– Olá, querido – cumprimentou com suavidade. Aproximou-se da cama e provocou: – Já vi que há grandes preparativos para uma festa.

O grande Savelli apenas conseguiu engolir o pedaço que estava a mastigar. – Onorio Savelli – continuou, sorridente – és um verme. – Sônia pregou-lhe uma estalada tão violenta que a face do homem ficou branca e logo a seguir vermelha, ao mesmo tempo que o tabuleiro do pequeno-almoço se entornava ruinosamente sobre os lençóis de seda.

– Devia lembrar-me de que a bofetada é a tua melhor arma brincou o homem.

– A memória começa a trair-te – disse ela.

Onorio constatou: – Nunca tinha apanhado uma estalada de uma mulher.

– Mas já esbofeteaste mais do que uma – recordou ela. – Considera-a como a minha inadequada mas sentida indemnização concluiu, sarcástica.

A cólera, que habitualmente sugeria a Onorio decisões violentas, desta vez não se manifestou. Sônia continuava a ser, aos seus olhos, uma mulher extraordinária.

E aquela imagem dela, no momento em que deu meia volta sobre os saltos e abandonou o quarto com uma dignidade orgulhosa, não a esqueceu para o resto da vida.

Já não nos vemos há muito tempo – começou banalmente António Rovesti, ostentando um largo sorriso, enquanto ia ao encontro de Sônia com um passo lento e pesado.

O cavalo do qual acabava de desmontar sacudiu-se com uma sensação de alívio. O cavaleiro superava largamente os cem quilos.

– Delicado, simpático, mas muito previsível – comentou Sônia, ainda elegantemente montada.

– E por que não mentiroso? – reforçou António.

– Os mentirosos por vocação são muito hábeis em fazerem-se acreditar – explicou. – Você trai-se ao primeiro golpe. Vejamos: o que sabe demim?

– Julgo saber, como toda a gente, de resto, que ficou sozinha – replicou o editor, corando.

– Meu caro António – precisou ela, para o tirar daquele embaraço. – É verdade, fiquei sozinha. Fui, como se costuma dizer, despachada. Ou, se preferir, despedida do trono.

– Lamento muito.

– Porquê? – perguntou Sônia, para o consolar. – Nunca me senti tão livre e tão leve – acrescentou, desmontando com um movimento rápido. Estava ainda ofegante por causa daquela corrida atrás de uma falsa raposa.

O casaco de gola de veludo modelava um corpo ágil e elegante. Tirou o boné e libertou uma cascata flamejante de cabelos que lhe pousaram nos ombros.

Também António trazia um fato de caça. O casaco ficava-lhe apertado no estômago inchado e os botões pareciam estar quase a cair, mas ela não ligava àqueles pormenores.

– Posso dizer-lhe que a idéia de a saber mais livre me faz feliz? sei que não é correcto, mas é exactamente aquilo que sinto – e corou, como um menino apanhado em falta.

– A sua sinceridade lisonjeia-me – disse Sônia, com simplicidade.

A condessa Mandelli fê-la saber através de um empregado que estava à procura dela. Sônia

interrompeu a conversa e abriu caminho por entre cães, cavalos e caçadores para ir ter com a dona da casa, perseguida pelo apelo de António Rovesti. – Espere, por favor – tentou chamá-la. – Queria perguntar-lhe se uma destas noites... se quer jantar comigo.

– Tente ligar-me. Talvez se possa combinar – sugeriu, despachadamente.

Na realidade, não tinha nenhuma intenção de começar uma nova história com um homem casado. E António Rovesti, apesar das numerosas transgressões da mulher, era ainda mais casado do que Onorio.

– Olha que o António tem um fraquinho por ti – anunciou Valerie Mandelli. – Suplicou-me, e era capaz de me pedir de joelhos, que o sentasse ao teu lado. Daqui a pouco vamos almoçar. O que é que eu faço? – Era tão insegura e tão doce, a loira Valerie, e era sinceramente amiga dela.

Sônia encolheu os ombros.

– Está bem, vamos dar-lhe essa satisfação – respondeu, com um sorriso.

– Sônia, eu conheço-o bem. Não é do género de andar a correr atrás das mulheres. É tímido. Complexado. É um homem só. É o herdeiro do grande Giovânni Rovesti. Pensa bem antes de o excluir definitivamente do círculo dos teus admiradores – aconselhou a amiga.

Tinham deixado os cavalos ao responsável da estrebaria e dirigiam-se avilla.

– Mas estás a falar de um encontro, do qual poderia nascer uma relação sentimental, ou de uma transacção comercial? – perguntou Sônia, com ironia.

Valerie ficou séria.

– Na base de tudo está o interesse – observou. – Na base de qualquer sentimento, de qualquer relação amorosa, mesmo aquela que existe entre pais e filhos, há expectativas práticas. Um homem rico e poderoso faz esquecer muitos dos seus defeitos e é mais fascinante do que um homem bonito mas pobre. As anedotas mais ignóbeis fazem sempre rir se forem contadas por alguém que está sentado numa montanha de biliões.

– Nesse caso devia aceitar uma relação com o Fred Winner que é casado, rico e também bonito. Foi a Nova Iorque por duas vezes ter comigo – confessou Sônia. – Mas não me interessa. Não sinto nada por ele.

– Estás a ver? Porque não corresponde às tuas expectativas. Porque não te oferece nada de que tu tenhas realmente necessidade – argumentou a amiga.

Chegaram ao apartamento de Valerie. Um ninho azul e risonho como os seus olhos carregados de ternura, delicado e precioso como a sua pessoa. A condessa Mandelli começou a despir-se enquanto Sônia se deixava cair com um suspiro satisfeito em cima de um pequeno divã do século XIX que havia aos pés da cama.

– Valerie, por que te deste ao trabalho de tecer uma história entre mim e o Rovesti? – perguntou Sônia, com franqueza.

– Porque considero que tenho um mínimo de bom senso ou, se preferires, um bocadinho de sensatez. Porque tens vinte e seis anos e chegou a altura de encontrares uma posição estável na tua vida. Porque os Rovesti, com todos os defeitos que têm, são uma família limpa. Porque a Federica, a mulher do António, não te vai fazer a vida demasiado difícil. E, enfim, porque o Giulio de Bros nunca casará contigo – concluiu, enquanto escovava os cabelos dourados.

Sempre que alguém se referia a Giulio, o coração de Sônia acelerava.

– O que sabes tu do Giulio e de mim?

– Nem mais nem menos do que aquilo que sabe toda a gente no nosso meio. Que te amou durante um breve período e que te ofereceu uma conspícua liquidação. O apartamento da via Spiga é teu, não é?

– É meu, isso é verdade – insistiu Sônia. – Mas por que razão não havia de casar comigo?.

– Pela simples razão de que nasceu com vocação de solteiro. O mundo está cheio de homens como

ele, que não se podem prender.

Sônia levantou-se indolentemente.

– Também me vou mudar – disse, sorrindo para a amiga. – Vou-me sentar ao lado do Rovesti. vou ser simpática com ele. E depois... será o que tiver que ser.

Sônia chegou à estação com meia hora de antecedência sobre o horário de partida. A única bagagem que levava era uma garrafa de champanhe. Vestia um fato de duas peças: saia e blusa de seda com rosas estampadas num fundo amarelo. A saia de pregas flutuava sobre umas pernas perfeitas. Identificou o chefe da estação e foi ao encontro dele, ostentando o seu melhor sorriso.

– Preciso da sua ajuda – disse. – Preciso absolutamente de ir a Roma esta noite. E vai ter de me arranjar uma cabine. – Tinha adquirido o tom seguro das pessoas que contam.

– Está com sorte – informou-a. – Há alguns compartimentos livres. Posso arranjar-lhe um na terceira carruagem, de posição central – disse o homem, enquanto consultava a lista das reservas.

– Eu estava à espera que me arranjasse um lugar na segunda carruagem – disse Sônia, com decisão. – Pode ser a terceira cabine. Ou a quinta.

O homem olhou para aquela mulher maravilhosa que parecia saída de um ecrã cinematográfico e teve pena de não a poder satisfazer.

– Lamento muito, mas receio não poder fazer-lhe a vontade. Já estão reservadas – desculpou-se.

– Mas o senhor pode mudar as reservas. Pode, se quiser insistiu, com um tom que era ao mesmo tempo uma ordem e uma súplica. O chefe da estação, que desempenhava aquelas funções havia vinte anos e já tinha visto de tudo, foi directamente à conclusão. Sorriu, com um ar cúmplice.

– Vou fazer o melhor que puder – disse.

– Tem que arranjar maneira de deixar a porta de comunicação com o compartimento número quatro fechada, mas sem chave.

– Fica por aqui a lista de pedidos? – brincou o homem.

– Para já, parece-me que está tudo bem – concluiu Sônia, entregando-lhe um envelope que continha duas notas de dez mil liras.

Quando o comboio se pôs em movimento, Sônia fechou a revista que estava a ler e apagou a luz. Eram dez e meia de uma tépida noite de Maio.

Entreabriu a janela e respirou o ar nocturno que, assim que saíram da cidade, começou a saber a campo. O perfume dos campos era-lhe familiar. Tinha crescido numa aldeia, quando o cimento citadino ainda não invadira aquela área e o horizonte era uma sucessão de hortas, separadas por sebes de sambuco, arbustos de amoras e framboesas, árvores de fruta e regatos de água fresca e límpida.

Agora, pelo contrário, para chegar à taberna do pai passava-se através de uma selva de prédios anónimos, fábricas e auto-estradas que os automobilistas desenfreados transformavam num circuito traiçoeiro. Mas ainda se conseguia ver um ou outro prado não contaminado.

Alguns dias atrás fora a Cologno, à noite. Parara o carro a uma distância de segurança e esperara que a taberna esvaziasse. Quando os empregados acabaram de sair, o pai apareceu para efectuar o ritual do fecho com uma vara de ferro que lhe servia para baixar as grades.

António Brenna, que não estava à espera daquela visita, ficou imóvel. Depois mandou-a entrar no restaurante. Estava visivelmente emocionado, mas firmemente decidido a manter a sua atitude.

– Tenho de ir fazer as contas – disse-lhe, enquanto dava uma pancada com o pé na grade para a fechar definitivamente.

– Eu posso esperar – disse ela, a sorrir. – Ou, se preferires, posso-te dar uma mão. Não me desenrascava assim tão mal quando estava contigo.

O homem afastou-se e Sônia seguiu-o até às traseiras do estabelecimento. Estava tudo como há seis

anos, quando tinha ido embora.

António Brenna sentou-se à mesa que lhe servia de secretária entre o grande frigorífico e a estante das panelas. Havia uma fotografia da mãe, numa moldura de prata, e também um retrato seu em criança, com o pequeno Bobi.

António Brenna tinha uma calculadora eléctrica que manuseava com grande velocidade.

Sônia observou-o e viu um homem velho e cansado. As sobrancelhas fortes tinham-se tornado cinzentas, as faces encovadas e os cabelos, que ela recordava de um bonito castanho acobreado eram agora ralos nas têmporas e no cimo da cabeça. O branco já prevalecia. O corpo estava mais magro, como se quisesse fechar-se à vida e acelerar um final sem luz e sem aplausos.

Quando tinha envelhecido o pai? Certamente que o ocaso se ia processando lenta e gradualmente, mas ela só se dava conta disso naquele momento. Aquela separação já durava seis anos. Tinha-lhe escrito algumas vezes, muitas vezes telefonado, mas nunca ousara regressar. A simples idéia do regresso deixava-a aterrada.

Sônia estendeu a mão para tocar na do pai. Ele ergueu o olhar e, pela primeira vez, fixou a filha bem nos olhos.

– Como é que estás, pai? – Velho – respondeu.

– Mas continuas a trabalhar como um jovem. – Que mais posso eu fazer?

– Quero dizer – sugeriu cautelosamente – que podias meter mais empregados. E descansar. – A próspera situação económica permitia-lhe uma vida repousada.

– Um dia ainda podes vir a precisar de dinheiro, para viver argumentou ele.

– Eu tenho tanto dinheiro que tu nem imaginas – tentou tranquilizá-lo.

O seu conceito de trabalho e de ganho excluía certos trabalhos e certos ganhos. Será que era trabalho deixar-se fotografar para aparecer nas revistas de moda? E

o dinheiro ganho dessa forma era dinheiro limpo?

– Podes até ser rica, eu não discuto isso – profetizou. – Mas a farinha do diabo, nunca te esqueças disso, acaba sempre por ficar na peneira. Tu não tens um trabalho. Não vais ter uma reforma. Nem sequer tens uma amostra de marido, porque o que tinhas deitaste-o fora como se fosse um lenço de papel. O que vai ser de ti quando eu já cá não estiver?

Raciocinava da forma concreta dos Brenna e considerava-a como uma filha leviana e incapaz de tomar conta de si própria. Sônia nunca conseguira dar importância ao dinheiro. E, ao pensar nisso, descobriu nas palavras do pai um fundo de verdade, e na sua preocupação uma ameaça real.

– Conheci um homem. Chama-se António, como tu – confessou. – Eu acho que António é um nome bonito para um homem.

– No teu lugar eu não teria tanta certeza – respondeu ele, melancólico. – Já não tenho a certeza de nada. Não acho sequer que tenha sido um bom marido. Por exemplo, nunca me preocupei com a saúde da tua mãe. Quando o fiz, era demasiado tarde para a curar.

Sônia tentou falar para lhe fornecer as atenuantes de que podia precisar, mas ele interrompeu-a.

– Nem sequer acho que tenha sido um bom pai – declarou. Sônia tinha apagado a recordação das humilhações sofridas, uma vez que, com o passar dos anos, tendiam a prevalecer os lados positivos da vida familiar.

– Foste um pai magnífico – exagerou.

– De qualquer maneira, não consegui fazer de ti uma mulher feliz. É por isso que o facto de se chamar António é uma garantia insuficiente.

– Ele é um editor muito importante. E gosta muito de mim. Vim cá para te dizer isso. No que me diz respeito, podes estar sossegado.

Ele abraçou-a e ficou agarrado a ela, como quando era pequena.

– Só espero que tenhas razão – desejou o velho.

Agora, no escuro do compartimento, recordava o olhar triste e duvidoso do pai, que exprimia o medo e a infelicidade de um velho sozinho.

com um suspiro de resignação, começou a despir-se. Tirou a

saia e a camisa. Acendeu a luz por cima da cama. Era meia-noite. Apurou o ouvido: do compartimento ao lado não vinha qualquer ruído.

Sônia pegou na garrafa de champanhe e depois entreabriu muito lentamente a porta de comunicação. Viu-o estendido sobre o lençol, com os braços cruzados por baixo da cabeça.

Na semi-obscuridade, quebrada, a cada passagem por uma estação, por luzes repentinas, Sônia admirou-o e apercebeu-se da sua respiração tranquila. Aproximou-se da cama e deitou-se ao lado dele. E foi imediatamente envolvida pelo seu perfume. Pousou-lhe um beijo nos lábios.

– Finalmente, decidiste-te – censurou ele, calmamente, puxando-a para si.

– Quer dizer que sabias que eu estava aqui? – sussurrou-lhe ao ouvido.

– Como é que eu podia não saber? Pensa um momento. Uma mulher lindíssima apresenta-se ao chefe da estação. Única bagagem: uma garrafa de champanhe. E isto já é um sinal. Como se não bastasse, quer o compartimento ao lado do meu e a porta de comunicação aberta. Eu viajo muitas vezes em carruagem-cama. Conheço praticamente todos os funcionários. Achas que podia não ter sido informado?

– Então ele disse-te quem eu era. E eu que pensava que lhe tinha cosido a boca com uma gorjeta principesca.

– Quanto lhe deste?

– Vinte mil liras – exclamou Sônia, com convicção.

Giulio de Bros riu com vontade.

– Achas que vinte mil liras são uma gorjeta principesca? comentou, continuando a rir.

– Achava – replicou ela, divertida, enquanto se aninhava nos braços dele. E amaram-se com a mesma intensidade desesperada da primeira vez, embalados pelo incessante balanço do comboio, felizes por aquele espaço exíguo os obrigar a uma proximidade muito terna.

Quando Sônia tentou convencer Giulio a viver com ela, ele reagiu bruscamente.

– Isso seria uma forma de tornar oficial o meu handicap disse Giulio. – Aquilo que tu hoje defines como um grande amor, acabaria por se tornar numa maneira caridosa de me ajudares. Detesto a piedade – precisou. – Para além do mais, no dia em que te desses conta de que o papel que agora aceitas representar é o da assistente social e decidisses ir embora, para mim seria o fim. Mais vale prevenir.

Era uma análise impiedosa, mas substancialmente exacta.

– O que é que eu hei-de fazer, Giulio? – perguntou, comovida.

– Viver a tua vida. Encontrar um homem completo e conservar o amigo inatingível no papel menos comprometido de conselheiro – brincou Giulio. – Podemos continuar a encontrar-nos de vez em quando, como fazemos agora – acrescentou, mais a sério.

– E com o António Rovesti, como é que vão as coisas?

– Ainda não houve nada entre nós – confessou.

– O António é demasiado tímido para dar o primeiro passo tentou explicar-lhe. – Aquele grande pai destruiu-lhe a personalidade.

– Conhece-lo bem – constatou Sônia.

– Bastante. Quando era pequeno ia muito com a minha mãe a casa deles, na via Serbelloni. Ele já era um homem. O velho Rovesti atacou-o, mais do que uma vez, em frente a toda a gente.

– E faz pior – revelou Sônia. – O António nem sequer tem dinheiro para montar uma casa comigo.

Percebes isto? Recebe um ordenado da editora que não lhe chega para viver.

– Mas ama-te – afirmou Giulio.

– E com esse consolo eu devia atirar-me para os braços dele?

– É só uma sugestão.

– Que eu devia aceitar?

– Sim. Sem contar que um dia ele vai ser o dono absoluto de uma das maiores editoras da Europa.

– Se não se estragar – rebateu Sônia, ironicamente.

O comboio chegou a Roma de manhã. Foi o revisor que os chamou. Dormiam abraçados. A garrafa de champanhe estava ainda intacta. Sônia ofereceu-a a um barbudo que dormitava num banco de pedra no átrio da estação.

Depois separaram-se: Giulio foi para o tribunal e ela apanhou um táxi para o aeroporto. Regressava a Milão, para junto de António, que a esperava.

António foi buscá-la ao fim da tarde.

– Desculpa, Sônia, apesar de o meu atraso não ter atenuantes.

– Foi o teu pai?

– Tens a capacidade de ler os pensamentos – respondeu ele.

– O meu pai reteve-me com um trabalho que podia ser feito amanhã, ou daqui a dez dias. A realidade é outra. A partir do momento em que ele está no escritório, não percebe por que não hei-de lá estar eu também. – Não sabia como justificar aquele atraso. Estava angustiado como um menino injustamente castigado.

Sília descera com Sônia para meter a bagagem na mala do Mercedes de António. Estava programado um fim-de-semana em Veneza, no palácio CaMazzon, que Sônia nunca tinha visto. O palácio era uma aquisição recente dos Rovesti e Sônia sentiu uma grande emoção ao vê-lo, depois do restauro, em todo o seu esplendor.

Giovânni Rovesti e a família mudavam-se para Veneza só em Setembro, na altura do festival de cinema. António, pelo contrário, passava lá muitos fins-de-semana. Pela primeira vez, ia acompanhado por uma mulher que não era a sua.

Em Veneza, no quarto mais bonito do palácio, na magnificência do entardecer, Sônia tornou-se amante de António Rovesti. Revelou-se um parceiro desajeitado e tímido, consciente da sua escassa elegância, cheio de amor por aquela mulher lindíssima que se lhe oferecia com uma solicitude maternal e que, à sua maneira, o amava.

– Agradeço-te – disse-lhe – por me teres feito sentir um homem. Um homem sereno e feliz. Esta foi a verdadeira descoberta. Se hoje me perguntassem o que é a felicidade, eu sabia responder.

António tinha tirado os óculos e olhava aquela esplêndida criatura que tinha sido sua e que gostaria de ter ao lado durante toda a vida.

– Fizeste-me feliz – acrescentou, cheio de segurança e de força. – E eu juro-te, Sônia – proclamou, solenemente –, que nunca te vais arrepender de seres minha mulher.

António não demonstrava a força nem o instinto de posse de Onorio Savelli, não emanava fascínio e beleza como Giulio de Bros, mas fazia nascer nela uma espécie de ternura maternal. Ela sentia a necessidade de proteger como um filho aquele homem que, pela idade, podia ser seu pai.

com António, Sônia sentia que tinha alcançado uma margem tranquila, dentro de uma enseada onde as ondas chegavam sossegadas e o espelho de água era plano como uma mesa. As tempestades da vida pareciam recordações distantes. António não lhe prometia emoções nem aventuras, mas comunicava-lhe a certeza de uma existência tranquila.

De onde vinha aquela sensação, era uma coisa que ela não sabia.

O filho do grande editor tinha, por sua vez, um filho com quase vinte anos, uma mulher, e uma família que nunca a aceitaria. Mas Sônia estava tranquila, como nunca lhe tinha acontecido, nem com Aldo Porta, que continuava a ser, no registo civil, o seu marido.

– Apetece-te fazer uma corrida de lancha até ao Lido? – propôs António. – Jantar no Excelsior. Um salto ao casino – acrescentou. – Depois, logo se vê.

Aquele programa razoável transformou-se num banho de entusiasmo, porque António ganhou muito dinheiro.

– Quando ganho – confiou-lhe –, sinto-me onnipotente. Sinto-me tudo aquilo que gostava de ser e não sou. Eu não sou um grande editor, sou o filho inepto de um grande editor. Sem nenhum mérito pessoal. Só direito dinástico. O império editorial que um dia vai ser meu é obra do meu pai. Foi ele que do nada construiu este gigante da imprensa. Eu só me torno alguém quando aposto no número certo à mesa da roleta, ou quando descubro um nove na mesa do bacará, ou quando ganho uma aposta no clube. Esta noite tens ao teu lado um vencedor.

Sônia sentiu uma grande ternura por aquele homem-menino que procurava no jogo a afirmação que a vida lhe negara. Saíram do casino de madrugada e foram passear descalços para a praia dourada do Excelsior. O mar tinha baixado, deixando pequenas conchas sobre a areia molhada onde ficavam impressas as marcas dos seus passos.

Eram cinco horas da manhã e o sol começava a nascer. Os banheiros arranjavam a praia, pondo em ordem cadeiras e camas, e limpavam as barracas, sem dar importância àqueles dois loucos em traje de cerimónia que caminhavam à beira-mar.

António tinha os bolsos do smoking cheios de dinheiro; Sônia tinha enfiado uma parte dos ganhos dentro do vestido de chiffon.

Subiram ao molhe e percorreram-no até ao fundo. Depois viraram-se para admirar a perspectiva daquele célebre hotel veneziano.

– Um vencedor oferece sempre alguma coisa à sua mulher disse Sônia.

– E tu o que queres?

– Café com leite, torradas com manteiga e um croissant bem cheiroso acabado de sair do forno.

Riram-se ambos e regressaram ao hotel.

Na noite seguinte, António perdeu no casino tudo o que tinha ganho, e mais ainda, mas pela primeira vez não se sentiu uma vítima.

A alegria e o sentido prático de Sônia eram um remédio para todos os seus males. Até no trabalho o seu comportamento mudou. Estava a aprender a fazer frente ao pai, a tomar decisões autónomas e a sentir satisfação relativamente a uma iniciativa editorial nova, entre as muitas nascidas da sua criatividade.

Alguns meses depois, quando o Outono amarelecia as árvores do parque, Sônia recebeu um telefonema que se tornaria para sempre a base da sua relação com a família Rovesti.

– A signorina Brenna? – perguntou uma voz de homem, ativa e decisiva.

– Sou eu – respondeu Sônia. – Quem fala?

– É Rovesti. Giovânni Rovesti. – A voz era cada vez mais dura. – O António falou-me de si. Não que eu ignorasse a vossa relação...

– Nada escapa ao grande Rovesti! – Sônia tentou o caminho da ironia. – Qual é o problema? – Estava tranquila, como nunca tinha estado antes. No fundo, o que lhe poderia fazer aquele homem rico e prepotente?

– Eu diria que não é propriamente um problema – tranquilizou-a, modificando em seguida o tom de voz. – Pelo contrário, há uma notícia que muito me alegra: o António falou-me de si sem medos e sem aflições.

– Eu não gostaria de ser considerada como outra senhora Wallis Simpson – argumentou –, que subtrai aos deveres dinásticos o herdeiro do trono.

Giovânni Rovesti riu com gosto: – Será que você, perante uma eventualidade desse gênero, o induziria a pôr-se de parte?

– Não – replicou, com segurança. – Eu faria tudo aquilo que estivesse dentro das minhas possibilidades para me tornar rainha.

Giovânni era um homem sincero até à brutalidade, e amava a franqueza nos seus interlocutores.

– Sabe sempre aquilo que quer?

– Eu não. Mas o que quero, quero logo – afirmou Sônia. Giovânni deu mais uma gargalhada sincera. Há muito tempo que não manifestava livremente a sua alegria. Provavelmente, nunca ninguém tinha conseguido motivá-lo como aquela rapariga desconhecida que possuía o sentido do espectáculo e a coragem de manifestar as suas próprias opiniões.

– Acho que chegou o momento de nos conhecermos.

– Se acha que sim, com certeza.

– Espero-a na quinta-feira à noite em minha casa. Vamos ver um filme. Depois conversamos.

– O que é que se faz nestes casos?

– Aceita-se ou não se aceita o convite.

– Na quinta-feira aí estarei – decidiu Sônia.

Naquela fatídica quinta-feira, Sônia não chegou só à grande casa da via Serbelloni. Levava uma criatura no ventre. Contra a opinião dos ginecologistas, que excluía a possibilidade de uma gravidez, ela estava grávida. Maria Carlotta vivia dentro dela havia pouco mais de dois meses.

HOJE

Tinham passado vinte e três anos desde aquela longínqua quinta-feira de Outono. E agora, ali estava ela, a sua filha tão meiga e tão infeliz. Era uma boneca de cera recomposta com muito amor num caixão de aço forrado a cetim branco, no átrio do palácio Mazzon, aos pés da "romanina" do avô, a última herança simbólica de um reino perdido. Televisões e jornais anunciavam aquela morte com grande clamor e com grande respeito. Os jornalistas faziam o seu trabalho com dignidade, sem atropelos.

Sônia tinha falado durante horas com aquele corpo sem vida, como se Maria Carlotta estivesse ainda em condições de a ouvir e até, pela primeira vez, de a entender.

A pergunta que a atormentava era esta: por que razão um espírito rebelde e forte como o seu tinha produzido uma criatura frágil e desistente como Maria Carlotta?

Sônia tinha contado à filha, dentro das paredes silenciosas do palácio, a sua própria história de menina solitária, de adolescente inquieta e de mulher infeliz.

Maria Carlotta, pelo contrário, nunca lhe dissera nada sobre ela. No silêncio soberano da morte que tudo apaga, aquela filha lindíssima e tão infeliz permaneceria para sempre um enigma insolúvel.

Sônia ficara sentada ao lado do caixão durante toda a noite. Sozinha. E, no entanto, tinham chegado a Veneza muitos amigos e parentes. No palácio estavam instalados Pietro, a tia Anna com o marido, Franco Falconeri, e os dois filhos, com os respectivos cônjuges.

Sônia quis ficar sozinha a velar o corpo da filha. Apenas Silia, de vez em quando, fazia umas brevíssimas aparições. Precisava de estar a sós com a filha para avaliar a dimensão daquele gesto irremediável. Seria a dor o vazio cheio de espanto que o gesto de Carlotta tinha suscitado nela? Era mais uma espécie de desolação por aquela morte repentina e desejada, meditada, procurada.

Sônia recordou o litígio impetuoso no dia em que Maria Carlotta lhe anunciou a sua gravidez. Lembrou-se da bofetada violenta e do insulto cortante com que a atacou.

Interrogou-se sobre as consequências daquele gesto, mas não conseguia culpabilizar-se: Uma rapariga equilibrada não se mata por causa de uma discussão com a mãe.

Ela sabia-o bem. Veio-lhe à memória a bofetada do pai em frente aos clientes da taberna. Mas ela não se matou por causa disso. Maria Carlotta sentira-se traída por Maxi Solman. O grande fotógrafo tinha falado com Sônia. Mas nem mesmo isso, achava ela, era um motivo para o suicídio. Sônia tinha sido posta na rua por Onorio Savelli, mas não renunciou a viver por isso.

Maria Carlotta, começava agora a compreender, tinha sempre transportado dentro de si a idéia da morte. Vivera num perene estado de indiferença em relação a tudo e a todos. Não havia nada que a pudesse entusiasmar, ou deprimir, desde que era pequena. E, ao crescer, a sua indiferença não se tinha modificado.

Quando a mãe tentava indagar os seus sentimentos, Maria Carlotta fechava-se como um ouriço ou erigia um muro intransponível. Apenas tivera uma reacção violenta quando Sônia lhe comunicou que devia renunciar ao palácio de Veneza.

– Então sou assim tão pobre? – perguntou, espantada. Sônia tinha ido ter com ela ao quarto para discutir a situação em que se encontravam e procurar uma saída.

– És pobre – admitiu a mãe. – Mas eu também sou. O que é que isso muda?

– Isso não sei. Gostava de saber como vou viver a partir deste momento – indagou Maria Carlotta.

– Eu também não sei – afirmou Sônia, assumindo uma expressão desconsolada. – Mas alguma coisa há-de acontecer concluiu, com fatalismo.

– É por tua culpa – acusou a filha, pela primeira vez. – Passas a vida no casino e contrais dívidas para jogar.

Sônia sentiu-se espiçada.

– Aquilo que eu faço com o meu dinheiro só a mim diz respeito – replicou. – Umás vezes perco, outras vezes ganho. Na tua herança nunca toquei.

– A minha herança – retorquiu a rapariga. – Uns títulos do tesouro e um punhado de acções.

– Já alguma vez pensaste que toda a gente vive do seu trabalho? Podias trabalhar. Não te parece? – perguntou.

Um trabalho que tivesse a ver com ela era aquilo que Sônia mais desejava para a filha. Estava firmemente convencida de que no trabalho Maria Carlotta acabaria por encontrar o estímulo necessário para viver.

– O resto da humanidade não viveu a minha vida – replicou a filha.

– Nem dispõe de dividendos anuais, como tu – disse Sônia.

– Mas tu não percebes que eu nunca mais vou ter uma casa? Tudo aquilo que eu possuo é representado por uma máquina tipográfica. E se eu tivesse que me desfazer dela precisava de pagar a uma boa alma para me livrar daquilo. – Maria Carlotta foi até ao armário, abriu-o e tirou de lá uma pequena mala preta, a mala do avô, que Giovânni Rovesti lhe entregara naquele dia de Agosto, treze anos atrás. Sacudiu-a com raiva, fazendo chocar as duas chaves inglesas que continha e produzindo um ruído sombrio e sinistro. Depois, furiosa, atirou-a para um canto. – Esta também é minha – continuou, com sarcasmo. – É, realmente, uma bela herança.

– Não vale a pena desesperar – concluiu Sônia. – Não estás na miséria. Mas vais trabalhar porque o trabalho vai dar um sentido à tua vida. Quanto ao resto... logo se há-de ver.

Sônia apanhou a pasta e voltou a pô-la no armário da filha. Para a ajudar a renascer tinha programado um encontro com Paolo Montecchi.

Aquela rapariga terna, frágil e misteriosa, que sabia ser má até à crueldade quando se fechava num mutismo inacessível, tinha por fim escolhido a morte.

Sônia, perante aquela filha lindíssima, sentia apenas espanto, e perguntou a si própria como iria reagir quando fosse agredida pela verdadeira dor.

– Tinha medo de viver – foram as palavras de Silia, dois dias antes, com o anúncio da desgraça.

Medo de viver na miséria, medo de acordar todas as manhãs pensou Sônia, medo de enfrentar a vida. Deu um suspiro profundo e afagou o rosto gelado daquela máscara de cera.

Naquele momento aconteceu alguma coisa que fez Sônia sentir-se iluminada por uma revelação. As sombras daquela interminável e intensa noite de vigília tinham sido dominadas e vencidas pela luz delicada do dia que começava a nascer. As grandes janelas de vidros redondos começavam a tingir-se de cor-de-rosa com os raios de sol reflectidos pelo Canal Grande e, ao mesmo tempo que Sônia estendia a mão para o rosto da filha, uma lâmina de sol violenta, fulgurante e tesa como o fio de uma espada trespassando o vidro iluminou um ponto preciso da "romanina" que dominava o caixão, o cilindro de aço escurecido, e dali continuou para atingir o rosto de Maria Carlotta e a mão de Sônia. Sônia retirou a mão e continuou a olhar, fascinada, para aquele raio de sol que talvez lhe estivesse a indicar alguma coisa.

Recordou um episódio ocorrido no México, muitos anos atrás, quando aquela filha estava ainda na lua e ela era a amante de Onorio. Estava no parque da villa Suerte a apanhar fetos com Pilar para arranjar o pátio. A certa altura apercebeu-se de que já não tinha no dedo o diamante azul que Onorio lhe havia oferecido. Em pânico, começou uma busca frenética, com a ajuda de Pilar. Mas não havia sinais do diamante. Pilar, com a sua linguagem gestual, explicou-lhe que encontraria o diamante na madrugada do dia seguinte. As duas mulheres voltaram ao parque de manhã, pouco antes do nascer do sol. Quando o primeiro raio penetrou naquele denso monte de fetos, fez brilhar a pedra, permitindo assim que Sônia a encontrasse. Porque a luz atrai a luz.

Haveria então uma luz que, do cilindro da "romanina" e da cabeça da filha, atraía a luz do sol?

– A herança do avô – sussurrou Sônia, contemplando o rosto da filha. – As chaves inglesas da mala – continuou.

Sônia sentia-se como que guiada por uma presença que lhe dava ordens precisas. Subiu a escadaria a correr e entrou no quarto de Maria Carlotta. Pegou na pasta do avô, abriu-a e agarrou nas chaves inglesas. Regressou ao átrio, já cheio de sol.

Enfiou-se no espaço que havia entre o caixão e a máquina tipográfica. Levantou o cilindro com muito esforço e tirou-o do sítio; depois pousou-o na base da máquina.

Em seguida, com as chaves inglesas, experimentou os parafusos que garantiam o fechamento da peça. Não foi fácil desaparafusar a tampa do rolo, e quando conseguiu teve que usar toda a sua força para a separar do resto. Viu então um invólucro comprido e arredondado, pesado e macio. Era um pequeno saco de camurça fechado com um cordão de seda. Sônia tomou-lhe o peso. Calculou que devia pesar à volta de cinco quilos, ou talvez mais. Havia alguma coisa de mágico naquele achado.

– A luz atrai a luz – repetiu para si própria. Que mistério se escondia naquele invólucro revelado por um raio de sol?

Pensou no velho Rovesti. O que quer que fosse, era indiscutivelmente obra sua. Porque aquela era a sua "romanina".

Sônia virou-se para a filha. – O que é que eu faço, minha menina? – perguntou-lhe. – Está aqui alguma coisa que te pertence. O que é que eu devo fazer? – continuou a interrogá-la.

Tinha medo de profanar um segredo, porque aquele saquinho devia seguramente conter algo de muito perturbador. Mas o quê? A única certeza era que, o que quer que o saquinho contivesse, pertencia a Maria Carlotta.

O que poderia existir de tão luminoso, ali dentro, que pudesse atrair um raio de sol? E que significado tinha aquela revelação que se lhe tinha manifestado após uma noite de vigília? O instinto disse-lhe que devia saber, devia abrir e ver para perceber.

O palácio encontrava-se ainda mergulhado no silêncio. Estavam todos a dormir, parentes e empregados. Ela estava sozinha com aquilo que restava da sua menina e com aquele achado singular. Finalmente decidiu-se. Desapertou o cordão e enfiou uma mão hesitante. Sentiu entre os dedos qualquer coisa que se parecia com gelo. Tirou a mão e encontrou um pequeno punhado de pedras brilhantes, tão brilhantes que pareciam diamantes. Meteu novamente a mão no saquinho e tirou outro montinho de pedras.

Tinham cores lindíssimas: eram brancas, azuis e cor-de-rosa, amarelas e cor de feno. Havia até uma pedra vermelha. Tomou-lhes o peso e observou-as atentamente. Eram inquestionavelmente diamantes, puríssimos e lindíssimos.

– A herança Rovesti. A herança do avô – exclamou Sônia observando o rosto imóvel e belíssimo da filha. – Olha, minha pequenina. São centenas de pedras, das mais raras e preciosas. OS mil biliões do grande Giovânni Rovesti convertidos em diamantes E deixou-tos a ti. A fortuna de Giovânni Rovesti está aqui. E pertence-te.

Então, e só então, começou a chorar. Naquele momento sentiu que Maria Carlotta estava realmente morta. E sentiu-se só, injustamente abandonada. Aquelas pedras, que valiam mil biliões, não lhe davam nenhuma alegria. Eram uma coisa morta. Como Maria Carlotta.

No molhe privado, o caixão foi descido para a gôndola e coberto com uma almofada de rosas brancas. Na mesma embarcação entraram Sônia e Pietro Rovesti. Sônia tinha sido cuidadosamente vestida por Sília, que escolhera para ela um casaco de caxemira preto e um lenço de seda aos losangos pretos e brancos que lhe cobria os cabelos flamejantes, Tinha posto uns óculos escuros para esconder os

olhos vermelhos e inchados. Sentou-se junto ao topo do caixão, imóvel como uma estátua, petrificada pela dor.

Pietro, ao lado dela, não conseguia ter a mesma compostura. Por trás das lentes escuras dos óculos de sol escorriam-lhe as lágrimas. Sofria sinceramente com a morte daquela irmã que, com menos vinte anos do que ele, sempre considerara como uma filha.

O suicídio de Maria Carlotta pesava-lhe no coração como uma pedra. Desde que lhe tinha sido comunicada a notícia, começara a culpabilizar-se. Perguntava a si próprio se, no dia em que ela, desesperada, lhe telefonara para Roma, tivesse corrido atempadamente em seu auxílio, teria conseguido de alguma forma mudar o curso dos acontecimentos.

Dava-se conta, de repente, de que a família, nos anos do declínio, não se tinha preocupado em reforçar o elo mais fraco da cadeia. Até Pietro, preocupado apenas em evitar aborrecimentos, se escudara no seu próprio egoísmo e deixara que Maria Carlotta andasse à deriva, sem se preocupar com as repercussões que os problemas financeiros e os frequentes dissabores de Sônia haviam tido sobre ela.

Tentou absolver-se recordando que, por fim, ele não tinha nada mais do que os outros todos. Tinha pago um preço muito alto. Apesar disso, gostaria que o tempo fosse uma máquina capaz de andar para trás, para lhe permitir regressar pelo menos ao último telefonema de Maria Carlotta, para lhe dizer: – Espera por mim. Não te mexas.

vou já ter contigo. Não interessa que estejas grávida! Largo tudo e vou já ter contigo. Vamos sair os dois juntos desta situação.

– Telefonou-me, antes de morrer – confessou a Sônia. – Eu estava meio bêbedo e nem sequer a ouvi.

– Também me procurou a mim. Eu estava no cabeleireiro – respondeu ela. – Mas a tua ajuda e a minha não iam mudar a essência das coisas. Ela vivia com a morte ao lado – continuou, apertando a mão do enteado que, em muitos aspectos, lhe fazia lembrar o marido, António.

A gôndola deslizava nas águas escuras e densas do Canal Grande, lenta e solene, seguida por um cortejo de embarcações que transportavam parentes e amigos. O sol reflectia, na água encrespada do canal, as sombras flutuantes daquele cortejo triste.

As janelas e as varandas de alguns palácios apresentavam sinais de luto.

No piazzale Roma estava um carro fúnebre à espera do caixão. Dali, o corpo sem vida de Maria Carlotta seria transportado para Milão e sepultado na capela dos Rovesti, no cemitério Monumentale.

Sônia, ignorando os flashes e as câmaras de televisão, esperou que o caixão fosse colocado no carro e recebeu, fria e impassível como uma pedra, os beijos, os abraços e as condolências. Aceitou o beijo da cunhada, Anna, e do marido, Franco, o dos sobrinhos, e o abraço comovido de Pietro.

– Eu sei que tu gostavas dela – disse, com um sorriso. Observou o cortejo de automóveis que se ia formando atrás do carro. A família escoltava os restos mortais de Maria Carlotta até à sua última e definitiva morada.

Sônia, pelo contrário, decidira regressar a casa. Se é que ainda podia chamar casa ao antigo palácio veneziano que já não era seu. Também Maria Carlotta já não lhe pertencia. Que tratasse a família de a instalar naquele jazigo sumptuoso, transbordante de flores, assediada por curiosos e jornalistas.

Sônia levava no coração aquela pobre e infeliz menina. Naquele preciso momento deixava de ser Sônia Rovesti e voltava a ser apenas Sônia Brenna. Os Rovesti eram como um copo de cristal que escorrega da mão e se desfaz em mil pedaços, e que nada nem ninguém poderá alguma vez reparar. António, o marido, estava morto. Maria Carlotta seguira-o no precioso e imponente jazigo da família – O palácio Mazzon passava para um novo proprietário. ela? O que ia ser dela? – Logo se há-de ver – disse para si.

Apanhou uma lancha, repelindo com maus modos alguns jornalistas insistentes que a agrediam com

perguntas que ela se recusou até a ouvir.

– Para San Marco – ordenou ao condutor. Desembarcou no molhe em frente à praça, passou ao lado da Biblioteca Marciana, entrou no pórtico da Procuratie e chegou ao café Florian. Era o sítio de que mais gostava em Veneza, por causa das pequenas salas íntimas delicadamente pintadas, da decoração setecentista e da atmosfera quente e acolhedora de sala de estar que lhe fazia lembrar algumas telas de Longui. O café, àquela hora, estava deserto: tinha terminado o serviço dos aperitivos e ainda não começara a hora do chá.

Sentou-se a uma mesa da salinha do fundo e encomendou uma garrafa de champanhe.

O empregado que a serviu reconheceu-a, apesar dos óculos escuros e do lenço. Trabalhava no Florian havia muitos anos: vinte e três, mais precisamente, e conhecia bem Sônia, que era uma frequentadora habitual daquele sítio. Quando a vira pela primeira vez, ela estava grávida de Maria Carlotta e, naquela mesma sala, naquela mesma mesa, brindara com António ao filho que ia nascer.

Ao fim de todos aqueles anos restava ela, sozinha, e um velho empregado de cabelos grisalhos e olhos cansados. E Sônia queria brindar uma vez mais a Maria Carlotta.

O empregado rodou com habilidade a garrafa de champanhe no balde do gelo, tirou-lhe a rolha delicadamente e serviu-o num copo de cristal. Fez uma vénia e desapareceu.

– Adeus, minha pequenina – disse Sônia, erguendo o copo. Sorriu-lhe como se ela estivesse à sua frente, na elegante salinha do Florian, e bebeu o champanhe de um só trago.

O sacerdote benzeu o caixão e pronunciou algumas palavras comoventes para recordar a vida breve e intensa de uma rapariga que conhecera desde criança. Depois a porta de bronze do jazigo de família foi fechada de novo: Maria Carlotta repousava para sempre ao lado do avô e do pai. Pietro levantou a gola do impermeável escuro e, com os tios, os primos, a mãe, Federica, e o seu segundo marido, dirigiu-se à saída.

Foi então que a sua ex-mulher, Manuela Gorini, foi ao encontro dele. Tinha um ar triste e um passo hesitante. Vestia um horrível casaco cor-de-rosa bordado a preto e apertava contra o peito uma pochette de verniz negro.

Pietro viu-a e lembrou-se de que a tinha amado, em tempos. Agora achava-a feia e vulgar e apressou o passo para a evitar. Instintivamente, os parentes escudaram-no: aquela intrusão numa cerimónia tão estritamente privada não tinha justificação. Mas a mulher não desanimou.

– Pietro – chamou.

– Vá-se embora – intimou Anna Rovesti, com um olhar feroz. Nunca aceitara Manuela na família. Mesmo no tempo em que Pietro tinha estado casado com ela, mantivera-a sempre à distância.

Manuela ignorou-a.

– Lamento muito pela tua irmã – disse. E acrescentou: – Queria dar-te uma palavrinha.

Pietro parou, olhou-a nos olhos e experimentou uma sensação de náusea.

– Por que é que queres falar comigo? – perguntou.

– Porque o luto que atingiu a tua família atingiu-me também a mim– A Maria Carlotta era minha cunhada – respondeu, com uma voz humilde e firme.

Fora precisamente aquela humildade, apenas aparente, que o seduzira. Mas isso tinha acontecido havia mais de dez anos, quando Pietro era um jovem ambicioso e poderoso cujos interesses se estendiam desde o mundo do papel impresso aos canais privados e ao cinema. Manuela era apresentadora de um desses canais. Depois passou a ser a namorada do patrão, a seguir mulher e, por fim, quando ele foi à falência, a sua principal acusadora.

– Tu já não tens nada a ver com a minha família – sentenciou Pietro. – Adeus, Manuela – despediu-se, enquanto continuava a interrogar-se sobre o significado daquela súbita intrusão da mulher.

Os fotógrafos mais atentos dispararam sobre aquele colóquio, imprevisto e breve, centenas de vezes. Pietro imaginou os títulos do dia seguinte.

Era realmente abjecto e digno dela encenar um espectáculo para aproveitamento da imprensa precisamente no cemitério. De resto, Manuela nunca tinha tido bom gosto.

Casara com Pietro por dinheiro e, em seguida, dera-se conta de que tinha feito um péssimo negócio.

Pietro apressou o passo para se juntar ao resto da família, à saída do cemitério.

– Anda a nossa casa – ordenou a tia Anna, depois de ele ter cumprimentado todos os presentes.

Pietro seguiu-a docilmente até ao Bentley.

– Ficas a jantar connosco – disse Anna Rovesti, enquanto o motorista punha o carro em andamento.

Assim, ao fim de muitos anos, Pietro transpôs de novo os portões da via Serbelloni, onde tinha nascido e crescido, onde tinha vivido até que a tia Anna comprara também a sua parte tornando-se única proprietária daquela casa. Recordou que nas alamedas do grande jardim tinha aprendido a andar de bicicleta, se tinha pegado com os primos e tinha feito a corte sem grande sucesso a algumas raparigas bonitas. Voltaram-lhe à idéia as festas, dignas das mil e uma noites, frequentadas por gente importante, por amigos e farsantes que esbracejavam para entrar nas boas graças do avô.

Agora estava tudo acabado, perdido. Mas a grande família Rovesti continuava a ser um mito. O nome pertencia à memória histórica e evocava antigos esplendores.

A tia Anna – e Pietro só naquele momento se apercebia disso – fora uma administradora atenta e sensata da sua parte da herança, que tinha conseguido conservar, em boa parte, apesar da grave situação económica da família.

O coração bateu-lhe mais rápido e com mais força quando entrou no vestíbulo de onde partia a escadaria com a balaustrada de mármore negro. Tinha por mais do que uma vez arriscado a sua própria incolumidade encavalitado naquele corrimão, a escorregar com grande prazer e muito medo. Tinha sido uma criança feliz e sentiu-se satisfeito por isso.

– Antes de irmos para a mesa, quero falar contigo – disse a tia, enquanto um empregado a ajudava a tirar o casaco. Também Pietro lhe entregou o seu e seguiu a tia até à sala de estar. – Precisamos de falar – continuou ela, fechando a porta para que ninguém os incomodasse. – Sei que gostas de whisky – afirmou, maldosamente, enquanto pousava em cima da mesa uma garrafa e um copo e o convidava a servir-se.

Pietro deitou no copo uma dose robusta, bebeu um longo trago e recostou-se na poltrona, tentando descontraír. Estava cansado, triste e deprimido.

– De que é que temos que falar? – perguntou, esfregando os olhos vermelhos.

– Dos mil biliões – esclareceu Anna. – A Maria Carlotta deixou-nos, paz à sua alma. Mas o problema da herança desaparecida continua por resolver.

– Porquê logo hoje? – protestou Pietro, exausto. – Quero eu dizer, por que é que depois de um dia como este temos que discutir um problema que tentámos resolver durante tantos anos sem conseguirmos?

– Porque a rapariga sabia onde estavam. Achas possível que ela se tenha matado sem confiar o segredo a alguém? – insistiu, com a tensão raivosa dos avarentos.

– Isso é mesmo uma idéia fixa – replicou Pietro. – Nem depois de morta a deixas em paz. O que querias tu que aquela pobre pequena desesperada soubesse? Estava sem um tostão, como eu. Se soubesse onde estavam os mil biliões do avô, tinha-os investido. Ou gasto. E depois – sorriu amargamente –, estou convencido de que, ingénua como era, os tinha dividido connosco. – A voz de Pietro, ajudada por muitos goles de whisky, aumentava de intensidade. – Era precisa toda a malícia e toda a inteligência do velho para esconder mil biliões. Mas, na nossa família, acho que não há ninguém que se pareça com ele – observou, tentando opor-se ao cinismo da tia.

– Não me parece que seja altura para te irritares – rebateu, muito mansa. – Para além do mais, se há

aqui alguém com uma necessidade desesperada de dinheiro, és tu.

– Exactamente. Eu preciso de dinheiro e tu é que te mexes disse Pietro. – Que sentido é que isso faz?

– Deitou mais whisky no copo vazio.

– Acontece que eu sou mais sensata, mais empreendedora e menos tonta do que tu – provocou.

– Boa. Simpática, afável, solícita e desinteressada – reagiu Pietro, que estava sem vontade de continuar a ouvi-la. Preparou-se para se levantar, mas a mulher obrigou-o a continuar sentado.

– Esqueceste-te de dizer que também sou sincera. Muita gente considera isso um defeito, mas eu acho que é uma virtude. – Encontrava-se muito perto da poltrona onde o sobrinho estava sentado e tinha uma mão apoiada com força no ombro dele.

– Agora – continuou Anna –, tens de me ouvir até ao fim, a partir do momento em que, desta vez, os meus interesses coincidem com os teus. E tenciono chegar ao cerne da questão.

Pietro respirou fundo, resignadamente, e lamentou o facto de ter aceite o convite da tia. Era a última coisa que devia ter feito.

– Ângelo Gelmi – começou ela – era presidente do Instituto Milanese di Credito e amigo íntimo do meu pai. Morreu dois anos antes dele. Há muito tempo que sabemos que foi ele quem levantou, no Union Bank de Londres, os mil biliões depositados na Suíça. E sabemos que o fez por ordem do meu pai. O teu avô precisou – não movimentou aquele dinheiro todo para se divertir,

mas para o esconder. Por que o queria esconder, a mim parece-me óbvio.

– Podes-me dizer também a mim, ou tencionas manter o segredo? – perguntou Pietro, sarcástico.

– Tinha intuído, e em parte isso já se via, que o teu pai ia tomar iniciativas erradas. Assim, para impedir danos posteriores, inventou aquele imbróglio diabólico.

Mas é curioso que, antes de morrer tenha querido a tua irmã ao lado dele. Era a neta predilecta e ninguém me tira da cabeça que ele lhe tivesse confiado o segredo dos mil biliões. E ela, estranha como era, provavelmente nem sequer o ouviu. Ou então esqueceu-se. Ou preferiu calar-se. O velho deixou à Carlotta a sua "romanina"

e um par de chaves inglesas. E vê se paras de beber! – continuou, impaciente, enquanto Pietro se servia de mais um copo. – Ouve-me com muita atenção: as chaves inglesas servem para desmontar a "romanina". E naquela máquina, muito provavelmente, está alguma indicação para chegar à herança do avô.

– Há quanto tempo sabes isso? – perguntou Pietro." – Pressenti-o há muito tempo. Há anos.

– E por que não verificaste a tua intuição?

– Porque a Sônia nunca me permitiu. Disse-me que a máquina era da filha e que nunca ma venderia.

– Tenta outra vez, agora que a Maria Carlotta morreu – sugeriu Pietro. – Pode ser que ta venda – insistiu, começando a sentir um certo interesse pela argumentação da tia.

– Já sabes que ela me detesta. Não ma vai dar. Mas podia oferecer-ta a ti, se lha pedisses – disse, baixando a voz.

– Agora percebo a tua insistência em falares comigo – insinuou.

– Olha que agora estamos os dois no mesmo barco.

– A Sônia também está. Se aquele dinheiro se chegar a encontrar, em parte é dela também. Porque ela é uma viúva Rovesti.

– E se ninguém lhe dissesse nada? – propôs Anna.

– Estás disposta a tudo por dinheiro.

– A tudo não, mas a muitas coisas sim – admitiu. – Aquilo que quiseses fazer do teu dinheiro não me diz respeito. Até o podes oferecer a uma instituição de beneficência.

Mas agora tens que ir a correr a Veneza, antes que a Sônia formalize a venda do palácio com tudo o

que está lá dentro.

O Dr. Michele Profumo entrou no gabinete de Giulio de Bros, cujo escritório ocupava todo o último andar de um antigo palácio na via Conservatório.

– Entra, Michele – cumprimentou Giulio, afectuosamente, indo ao encontro dele com a mão estendida.
– É sempre um prazer voltar a ver-te.

O jovem magistrado olhou com admiração para aquele homem de sessenta anos, elegante, de físico atlético e discurso fascinante. Tinha nascido senhor, como outros nascem poetas.

– Espero não o incomodar, professor – disse o Dr. Profumo, sentando-se em frente à secretária.
– Já sabia da tua visita e tenho bastante tempo para te dedicar – sossegou-o.
– Continuo às voltas com aquela história complicada do Istituto Milanese di Credito – começou o Dr. Profumo. – Quanto mais aprofundo as investigações, menos entendo – continuou.
– Não te invejo – disse Giulio.

– A questão é que o velho presidente, Ângelo Gelmi, deixou uma situação aparentemente límpida, mas que é, na realidade, muito nebulosa. Gelmi era um homem que funcionava com métodos antigos, confiando mais na memória do que nos papéis. Por isso falta uma documentação que possa testemunhar a transferência de capitais suspeitos. Mas consegui, pelo menos espero, apurar uma coisa. Giovânni Rovesti, o editor desaparecido há treze anos, nunca teve oficialmente relações com o Istituto Milanese di Credito, mas apenas com o presidente, Ângelo Gelmi, precisamente. Parece que Os dois eram amigos desde pequenos.

"Parece, para além disso, que fizeram muitos negócios juntos. Negócios importantes e rentáveis. O velho Rovesti operava exclusivamente com o seu próprio dinheiro e não com dinheiro emprestado pelos bancos, como depois fizeram o filho e o neto. O velho Rovesti, mesmo para as operações normais, nunca se serviu do Istituto Milanese di Credito. Apesar da amizade que o ligava a Gelmi.

"Informações seguras levam-nos a acreditar que Gelmi fez desaparecer os mil biliões do amigo. Encontrámos alguns apontamentos, em que se fala dos biliões de um certo G. postos a salvo para evitar que acabassem mal. "

– E depois? – perguntou Giulio.
– Esta é a única indiscrição que Gelmi se permitiu fazer. É um apontamento que faz pensar na herança desaparecida. Enquanto todos os herdeiros estavam preparados para os dividir, os mil biliões já tinham desaparecido do banco suíço. Não sabemos de que maneira nem para onde, mas, como o professor me ensinou, os mistérios não se podem perseguir do ponto de vista penal. Só que, nesta selva de mistérios, há um que não me deixa dormir – continuou Michele Profumo, enquanto tirava do bolso interior do casaco um maço de papel de carta azulado e o pousava em cima da secretária. Eram as cartas anónimas que acusavam Maria Carlotta de saber tudo sobre a herança desaparecida.

Giulio de Bros olhou para uma das folhas, primeiro com aparente desinteresse, depois com maior atenção. Por fim, perguntou: – O que queres saber de mim?

Michele Profumo era um livro aberto para o professor.
– A morte de Maria Carlotta – disse. – Quero dizer, a maneira como morreu – acrescentou – perturbou-me muito. Sabe que – continuou, enquanto tentava dominar o nervosismo com uma esferográfica apertada nas mãos –, apesar da sua sugestão, tinha decidido convocá-la. Agora arrependo-me de o ter feito tão tardiamente. Talvez – comentou – quem a denunciou com tanta insistência tenha, finalmente, conseguido resolver o enigma. Pergunto a mim próprio se será legítimo abrir um processo para investigar nesse sentido.

Giulio de Bros abriu uma gaveta da secretária e entregou ao procurador um pequeno cartão escrito em letra de imprensa. A grafia era a mesma das cartas anónimas.

O texto dizia: "Obrigada pela tua mensagem de condolências. Espero ver-te em breve. Anna".

– Anna Falconeri Rovesti – leu o magistrado no cartãozinho branco.

– Agora já sabes quem é o autor, ou seja, a autora, das denúncias anónimas – disse Giulio, com um sorriso.

– A tia da rapariga – exclamou, ainda incrédulo, Michele Profumo.

– Exactamente – confirmou Giulio.

– O que é que eu devo fazer? – quase suplicou.

– Aquilo que a tua consciência te ditar – aconselhou Giulio.

– E como te estimo e quero o teu bem, espero sinceramente que a tua consciência te sugira que esqueças o assunto.

Sônia vestia uma saia justa e uma camisola de malha de caxemira cor-de-rosa. Trazia ao pescoço o colar de pérolas da mãe. Tinha enfiado um impermeável muito largo.

Calçava sapatos baixos de pele. Os cabelos dourados estavam apanhados na nuca. Assim, sem pinturas, parecia uma menina.

Desceu pela última vez a escadaria do palácio Mazzon e foi sentar-se ao lado da "romanina". O átrio, já vazio de móveis e objectos, encontrava-se atulhado de caixotes e baús. Aquilo que restava de um passado fulgurante estava dentro daqueles contentores que os homens que faziam a mudança iriam buscar e enviar para o endereço fornecido por Sônia. Lá fora, sobre o canal encrespado pelo vento, chovia torrencialmente. Dentro havia um ar de desolação e abandono. Tinha despedido os empregados, pago as contas em suspenso, vendido as coisas a que estava menos afeiçoada e embalado as outras. Um capítulo importante da sua vida havia-se concluído. Agora, aos cinquenta anos, estava de novo só. Apenas as recordações e os afectos destruídos lhe faziam companhia. Dentro em breve ia partir com Silia.

– Aqui está o café, signora – anunciou a governanta, aparecendo no átrio. Trazia um tabuleiro de plástico com uma chávena, uma cafeteira e um açucareiro de porcelana.

– Mais um café antes da partida – disse a mulher, a sorrir.

Silia tinha tirado a farda azul de empregada para vestir um vestido de flanela; tinha o aspecto de uma mãe afectuosa. E assim se

sentia em relação a Sônia, que para ela era ainda uma lindíssima rapariga de vinte anos que vivia na via dela Spiga em Milão, protagonista de uma existência inquieta e cheia de amores tumultuosos.

O apartamento da via dela Spiga já não pertencia a Sônia. Tinha-o vendido muitos anos antes, dissipando pelos casinos de meia Europa o produto da venda.

– No bem e no mal – disse Sônia –, foi uma grande aventura.

– Se eu fosse capaz, escrevia um romance sobre a sua vida disse a velha governanta. – E tinha muito que contar. Porque foi e continua a ser uma grande senhora.

– Tu é que és uma grande senhora, Silia. Tu que tiveste a coragem de seres sempre tu própria. Tu que nunca me julgaste. Eu sou apenas uma deslumbrada, uma presunçosa que achou que conseguia dobrar o destino segundo a sua própria vontade. Só agora é que eu percebo que a minha vida foi uma loucura.

– Está a chegar alguém – anunciou Silia.

Na luz que se filtrava pela entrada tinha surgido a figura de um homem com um impermeável claro e um chapéu preto encharcado.

– Paolo! – exclamou Sônia, ao reconhecê-lo. – Bem-vindo.

– O jornalista abraçou-a, enquanto Silia, silenciosamente, se afastava.

– Por um momento achei que não te ia encontrar. Então vais-te embora – disse, olhando em volta.

– Eu diria que sim, como tu mesmo podes ver. – Depois mudou de discurso. – Eram lindíssimas as flores para a Maria Carlotta. – Sônia acendeu um cigarro. – Muito obrigada.

– Fiquei estes dias todos em Veneza. Queria ver-te antes de partir.

– Eu também parto – disse Sônia.

– Para onde vais? – perguntou o homem, admirando na escassa luz daquele dia de chuva o rosto da mulher, que parecia relaxado, descontraído. Estava agora mais nova e mais bonita do que quando, muitos anos antes, tinham sido amantes.

– Vou para Milão, para já. Depois vejo. Queria tentar viver de uma forma mais verdadeira, mais normal.

Para ele, Sônia fora sempre uma mulher verdadeira, consciente e madura que se esforçava por dar uma dimensão humana à sua existência conturbada.

– O que é que eu posso fazer por ti, minha pequena, minha fantástica Sônia?

– Recordar-me. Por aqueles poucos momentos agradáveis que existiram entre nós. E eu, o que posso fazer por ti? – replicou ela.

Paolo Montecchi estendeu uma mão e acariciou o cilindro da "romanina".

Sônia seguiu-lhe os movimentos com muita atenção.

– Vendeste-a? – perguntou, enquanto dava umas pancadinhas à velha máquina tipográfica.

Sônia negou com a cabeça. Como poderia ela vender o totem do velho Rovesti? A pergunta era estúpida ou interessada? E, a partir do momento em que Paolo era um homem inteligente, Sônia não excluiu que ele pudesse saber mais do que parecia.

– Gostavas de ficar com ela? – perguntou-lhe, de repente. Paolo ficou impassível.

– No fim de contas – continuou Sônia –, no meio dos herdeiros directos do velho, tu és o grande excluído.

Paolo ficou com um ar sombrio, franzindo ligeiramente as sobrancelhas.

– Não havia nenhuma razão válida para que o velho se devesse comportar de outra maneira. Em qualquer caso, se é isso que queres saber, gostava de ficar com ela – admitiu.

– Eu acho que a "romanina" te pertence – disse Sônia, a sorrir.

– Posso levá-la agora? – perguntou, revelando uma ligeira ansiedade.

– Mas é claro. Estão a chegar os homens da empresa transportadora. Combina com eles – concluiu, ao mesmo tempo que se levantava da poltrona em que estava sentada para ir ao encontro de Silia, que tinha enfiado um casaco e a esperava com os dois cães pela trela.

– Adeus, Paolo – despediu-se.

Paolo Montecchi teve a nítida sensação de que aquele seria o último encontro entre eles. Era um pressentimento que não lhe agradava.

– Sônia, espera – chamou-a. Depois acrescentou: – Tu achas mesmo que a "romanina" me pertence?

A mulher sorriu-lhe e impôs-lhe silêncio, levando aos lábios o indicador da mão direita. Depois, com o mesmo dedo, atirou-lhe um beijo e saiu ao lado de Silia. Lá fora chovia torrencialmente e os guarda-chuvas eram uma protecção insuficiente para aquela chuva fortíssima.

Paolo decidiu esperar pelos homens. Encostou-se a um parapeito, acendeu um cigarro e ficou a observar a antiga máquina tipográfica, recordando aquela noite de Agosto, tantos anos antes, que precedera a morte do velho Rovesti. Recordou a mala dos diamantes que o banco suíço lhe entregara na presença de Roberto Cortesini.

Seria possível que o velho Rovesti tivesse sido astuto ao ponto de esconder o tesouro na "romanina"? Naquela noite de Agosto, a última vez em que se viram, o velho pronunciou uma frase de que Paolo se lembrava perfeitamente. Palavra por palavra. Tinha nos ouvidos o tom e a inflexão da voz: "Ficas a saber que levaste a cabo uma operação fundamental. Não te posso dizer mais nada mas, se não me engano em relação à tua inteligência, às tuas capacidades profissionais e ao teu instinto, um dia vais saber".

Será que tinha realmente chegado o momento da verdade? Paolo ficara calado durante treze anos,

mantendo-se fiel à promessa feita ao velho editor. Nenhum dos herdeiros sabia que os mil bilhões tinham sido convertidos em diamantes. Ele sim. Há muito tempo que pensava na hipótese de o velho os ter escondido na "romanina", mas tinha respeitado a sua escolha, que recaíra, sobre Maria Carlotta. Agora que a rapariga tinha morrido sem conseguir desvendar o mistério, ele tinha o legítimo direito de actuar.

Foi assaltado por uma ânsia de desmontar a máquina, ali, imediatamente; mas faltavam-lhe os instrumentos para o fazer. No entanto, não podia continuar mais tempo à espera. Havia martelos e ferros ao lado dos caixotes e decidiu tentar.

Fechou o portão do palácio, tirou o casaco e começou a sua pesquisa sobre a máquina tipográfica. Pensou imediatamente no cilindro, porque lhe parecia o esconderijo ideal para um tesouro como aquele que ele tinha transportado da Suíça para Milão.

Os parafusos que fechavam a tampa do cilindro cederam sem um esforço excessivo sob a pressão de um alicate. Tirou a tampa. Naquele preciso momento alguém tocou à campainha. Paolo lembrou-se dos transportadores. Que esperassem. Encontrou o saquinho de pele atado com um cordão de seda.

Continuou a ignorar o toque da campainha que se espalhava pelo palácio deserto, cada vez mais insistente, abriu o saco e meteu lá dentro uma mão. Eram diamantes, sentia-os ao toque. Tirou um punhado e observou-os, espantado.

Sentiu subir-lhe por dentro, a partir do estômago, um formigueiro semelhante às cócegas. Foi acometido por um incontável ataque de riso. Ali estavam os diamantes de Giovânni Rovesti! O velho devia imaginar que seria ele o único capaz de vencer, pela inteligência e pela criatividade.

Os diamantes de Giovânni Rovesti eram seus. O velho tinha querido que vencesse o mais inteligente. E assim fora. Antes de morrer tinha-o reconhecido como filho, mais, como o mais digno entre os seus herdeiros. Não tinha renegado aquela história de amor com Flora, nem a sua paternidade.

ONTEM

A casa da avó ficava na periferia extrema de Parma, onde acabava o cimento e começava o campo. Era um edifício branco, quadrado, rodeado por um mar de erva. Era Julho, o trigo tinha sido ceifado e o milho estava já maduro.

Paolo descobrira, entre dois campos, um espaço coberto de ervas por onde corria um regato de água límpida e fresca com flores brancas a toda a volta.

Nas tardes de muito calor, Paolo refugiava-se naquele pequeno recanto do paraíso na companhia de um livro e lia, a mastigar fios de erva de sabor azedo, até ouvir a avó chamar por ele. com uma ponta de sadismo, não abandonava imediatamente o esconderijo e esperava que a voz da avó, cansada pela repetição insistente do seu nome, se tornasse estridente. Só então aparecia à frente dela. A mulher, furiosa, desfiava o seu rosário de protestos, que se concluía sempre com a mesma frase cortante: "És um patife como o teu pai. "

Paolo, sempre que ela dizia isto, estremecia, ao mesmo tempo que o coração lhe batia com mais intensidade. Porque sabia que Stelio, o marido da mãe, não era o seu verdadeiro pai.

O homem desconhecido a quem devia a vida era uma figura imponente sem rosto e sem nome, uma personagem mítica de quem ninguém falava. No entanto, a sua presença pairava sobre a família.

Paolo chamava-se Montecchi, como a mãe. Stelio chamava-se

Richini. Flora tinha-se oposto quando o marido insistira para dar o seu apelido à criança.

– O pai já o renegou. Achas que eu devia fazer a mesma coisa?

– disse-lhe. Por isso ficou com o nome da mãe.

Paolo não ousava fazer perguntas. Havia qualquer coisa no comportamento de Flora Montecchi que apagava ao nascer qualquer tentativa de investigação. Por isso se resignou a viver com o subtil mal-estar que aquele dado nebuloso da sua vida lhe causava.

– Vou a casa dos Rossi – disse a avó. Os Rossi eram uma família abastada de agricultores, proprietários da terra onde tinham a casa e a quinta.

– Posso ir contigo? – perguntou Paolo.

– Não – respondeu a avó. – A signora Rossi vai ter um bebé. Tu ficas em casa – ordenou a avó, que era parteira e assistia as parturientes da aldeia. Montou na bicicleta e afastou-se pela vereda inundada de sol. Paolo viu-a desaparecer para lá da curva. Depois, sem ligar importância à ordem que lhe tinha sido dada, seguiu o caminho do seu refúgio secreto. Foi então que ouviu uma conversa em voz baixa, uma respiração entrecortada e uns gemidos. Aquele soluçar de felicidade provinha do sítio em que a vegetação era mais alta. Meteu-se no meio das ervas, cauteloso, e viu um emaranhado de braços e de pernas, a cabeleira vermelha de uma mulher e uma outra castanha, de um rapaz.

– Zoraide – sussurrou, reconhecendo a rapariga, que era a filha mais velha dos Rossi, e Artemio, o criado dos condes Lamberti.

Paolo fechou os olhos para não ver e levou as mãos aos ouvidos para não ouvir. Na tentativa de interromper qualquer comunicação com aquele núcleo de desejo que o inquietava, deixou cair o livro, que produziu um ruído abafado. O pequeno deitou-se no meio da erva.

Ficou naquela posição até que uma mão lhe tocou no ombro e uma voz feminina ligeiramente rouca e sensual o chamou à realidade.

– Estavas a espiar-me, não é? – acusou Zoraide, maliciosa.

– Isto não são coisas para ti.

Artemio tinha desaparecido. Paolo olhou para Zoraide, para os

cabelos flamejantes, os olhos verdes como a erva depois da chuva, Os lábios macios e carnudos e os

dentes brancos e brilhantes.

– Interrompeste-me na melhor parte. És um bandido – acrescentou, acariciando-lhe o rosto, que ardia de emoção. Olhava-o e sorria-lhe com aqueles fantásticos olhos verdes protegidos por umas longas pestanas acobreadas. Paolo estava fascinado com aquela rapariga que provocava nele amor e ódio.

Zoraide trazia um vestidinho de algodão azul-celeste, liso e desbotado. Paolo estava enfeitiçado por uma madeixa de cabelo que lhe serpenteava ao longo do pescoço fino até ao ombro, onde a pele era mais branca e estava húmida de suor. Pequenas sardas salpicavam um nariz imperioso, e as maçãs do rosto eram bem pronunciadas.

– Achas que isso são maneiras de olhar para uma mulher? censurou Zoraide, envaidecida pela tempestade que desencadeava no rapaz. Tinha as mãos fortes, ásperas e vermelhas pelo trabalho intenso. Tinha as unhas muito curtas com os bordos negros.

– Não vais andar por aí a contar o que viste, pois não? – perguntou, com uma indiferença aparente.

Paolo olhava para ela, incapaz de responder. Zoraide era bonita, incrivelmente bonita. Ele amava-a e odiava-a. Aquilo que tinha visto destroçava-lhe o coração. As lágrimas, sem que o pequeno se apercebesse, começaram a escorregar, grossas e escaldantes, dos seus olhos.

– Então, o que é isso agora? Estás a chorar? – perguntou, com ternura. – Meu menino querido – acrescentou, ao mesmo tempo que lhe limpava a cara e o apertava contra ela. Sobre aquele seio, Paolo respirou o paraíso e o inferno. De repente, afastou-se dela.

– Odeio-te – disse, frio e impassível. Retirou do rosto as mãos de Zoraide e fugiu.

– Paolo, espera por mim. Esqueceste-te do livro – gritou Zoraide, a correr atrás dele.

Tinha-se esquecido de tudo: das ordens da avó, do seu refúgio secreto, do livro que estava a ler. Parou, e ela chegou junto dele. Estavam os dois ofegantes da corrida.

– Anda lá, não amues – disse ela. – Eu até sei que tu não me odeias. Estás com ciúmes porque me viste com o Artemio. Mas ele tem vinte anos. Tu ainda és pequeno e não podes entender certas coisas. – Era verdade. Ele tinha apenas onze anos, tinha acabado a escola primária e entrado na preparatória.

– Dá-me o meu livro – ordenou Paolo, estendendo a mão.

– Não, não to dou. Primeiro tens que fazer um sorriso bonito e dizer-me que continuamos amigos – pediu ela, apertando o livro contra o peito.

Paolo queria ter-lhe dito que ela era lindíssima e que a amava. Como podia ela atirar-se para os braços de um sujeito rude e vulgar como Artemio, que não era sequer digno de olhar para ela?

– Tu não percebes – disse-lhe, recuperando a compostura habitual. Esticou a mão para reaver o livro.

– Tu passas a vida a ler e, se calhar, para algumas coisas até és mais inteligente do que eu. Tenho a certeza de que, no mínimo, vais ser doutor. Mas eu sinto que tu gostas de mim e que somos amigos – explicou. Depois leu o título do livro: Marocco, de Edmondo de Amicis. Editor Giovânni Rovesti.

Olhou para Paolo e sorriu-lhe com malícia.

– Dá-me o meu livro – disse o rapaz.

– Mas tu sabes quem é este Giovânni Rovesti? – perguntou, continuando a olhar para ele, maliciosamente.

Giovânni Rovesti para ele era um nome, mais nada. Mas por que razão estaria Zoraide tão empenhada em ouvir da boca dele quem era Giovânni Rovesti?

– Mas o que é que tu tens com isso? – perguntou, com ar sombrio, ao mesmo tempo que, com um gesto rápido, se apoderava do livro.

– Toda a gente sabe que o Giovânni Rovesti é teu pai – replicou Zoraide, com uma suprema indiferença. Encolheu os ombros e desapareceu num campo de milho.

Paolo atirou o livro para um fosso e começou a correr em direcção à casa da avó. Parou no terreiro atrás da horta, no meio de umas cortinas de lençóis brancos estendidos a secar em cordas compridas e finas. Os lençóis pareciam um cenário dourado na luz do entardecer. Cheiravam a sol e a trigo maduro. Paolo começou a fazer piruetas sobre si próprio, enrolando-se naquelas cortinas perfumadas. Sentiu-se aturdido e feliz.

Era o primeiro sábado de Maio. Paolo saiu do comboio e seguiu pela avenida que ligava a estação ao centro da cidade. Tomou um café no bar Centrale e dirigiu-se ao Duomo. A praça, com a antiga igreja, a torre muito alta e a massa compacta do baptistério, era uma alegria para os olhos e para o espírito.

Os mármore multicolores brilhavam ao sol tépido da manhã. Paolo sentou-se num degrau do baptistério. Acendeu um cigarro e semicerrou os olhos, abandonando-se a uma sensação de bem-estar que lhe vinha daquele afectuoso e total mergulho no passado.

Vivia em Milão havia já alguns anos, desde que se inscrevera na Faculdade de Filosofia da Universidade Estatal, mas tinha Parma no coração. Em Milão sentia-se uma planta desenraizada que tem necessidade, de vez em quando, de uma nova carga de linfa vital, que só em Parma encontrava.

A praça, meia inundada de sol, tinha uma atmosfera antiga e uma elegância real. Em Parma sentia-se ainda a presença de Maria Luigia, do seu governo iluminado, da criatividade artística e cultural que naquela cidade tinha encontrado espaço e compreensão. Observou divertido as espirais de fumo azulado que saíam do cigarro aceso que se consumia rapidamente. Quando acabasse de fumar iria até à Porta Barnaba, a casa da mãe.

– Mas tu és o Paolo! – A exclamação tirou-o daquele doce torpor. Levantou a cabeça e reconheceu Sérgio Sclavi, um colega de liceu. Vestia com desenvoltura, jeans, camisa aos quadrados e camisola. Tinha deixado crescer o bigode.

– O que fazes tu aqui sozinho, num domingo? – perguntou Sérgio.

– Nada de especial – respondeu Paolo. Tinha-se levantado um pouco aborrecido com aquela intrusão que pusera em desordem os seus pensamentos.

– Já não te vejo há uns tempos – continuou Sérgio. – O que fazes? – Tinha o ar confiante do homem que se sente seguro de si.

Paolo podia ter-lhe feito as mesmas perguntas, mas não estava nada interessado em saber quais tinham sido as escolhas de Sérgio. Tinham sido colegas de escola, não amigos. com o ar de quem se defende e um grande desejo de se eclipsar, Paolo declarou: – Ando em Filosofia, na Estatal de Milão.

Sérgio contou-lhe, por sua vez, que trabalhava em Milão, na redacção de um importante semanário de opinião.

– E como é que te sustentas na universidade? – perguntou Sérgio, sem um mínimo de delicadeza.

Paolo pensou nos penosos subsídios da mãe e da avó, que lhe permitiam continuar os estudos. Por seu lado, administrava o dinheiro com sensatez, mas ainda assim havia dias em que tinha que escolher entre um maço de cigarros e uma refeição quente.

– Estás-me a fazer um exame? – reagiu Paolo.

– Não – respondeu o amigo. – Estou a tentar perceber se precisas de uma ajuda. Dinheiro – replicou. – Ouvi dizer que no jornal andam à procura de revisores de provas.

Se bem me lembro, tu eras muito bom em Italiano. Não te apetece entrar no mundo da imprensa? Já para não dizer que na Rovesti pagam bem. E depois, atrás de uma coisa vem outra. Também o Hemingway, acho eu, foi revisor de provas.

O que atingiu Paolo não foi o nome do grande escritor americano, mas o de Rovesti.

– Achas que eu tinha hipóteses? – perguntou.

– Liga-me na segunda-feira de manhã para a redacção – sugeriu Sérgio, enquanto lhe entregava um

cartão com o seu número de telefone e o do jornal.

Paolo agradeceu-lhe. Despediram-se e o rapaz foi para casa da mãe. Havia os cappelletti 1 de todos os sábados, que ele comeu sem grande apetite. Seguiram-se os habituais discursos sobre o andamento dos exames e sobre o campeonato de futebol.

Teve de aguentar, como todos os sábados, as histórias da mãe sobre episódios relacionados com parentes e vizinhos, assim como as lamentações senis da avó sobre o reumatismo e as desgraças do mundo. Respondia e intervinha com monossílabos, mas na realidade pensava noutra coisa. Depois a avó foi arrumar a cozinha e Stelio, o padrasto, saiu para o acostumbrado jogo de cartas com os amigos.

Paolo ficou sozinho com a mãe. Flora pegou no tricô e sentou-se no sofá. Ele pegou num livro e sentou-se perto da janela, onde havia mais luz. A atmosfera quente e cordial era a de sempre, mas o rapaz sentia-se dominado por um nervosismo insólito de que Flora se apercebera desde a sua chegada.

– Paolo, o que é que se passa? – perguntou-lhe, quebrando aquele silêncio carregado de tensão.

Paolo pensou bem antes de responder.

Depois disse: – Fala-me de Giovânni Rovesti.

Flora abandonou o trabalho no colo e deu um grande suspiro.

– Há quanto tempo é que sabes? – limitou-se a perguntar.

– Desde que tinha onze anos.

– E por quem ficaste a saber?

– Pela Zoraide Rossi. Aquelas poucas palavras pronunciadas sobre um assunto tão delicado tinham dissipado o nervosismo de Paolo.

– E durante todos estes anos guardaste essa coisa dentro de ti, sem me dizeres nada. Porquê? – perguntou Flora, hesitante.

Paolo olhou-a com desconfiança. Flora tinha um aspecto tão juvenil que alguém a tinha já tomado por sua irmã. Ele sentia-se orgulhoso por isso. Sempre a vira naquele papel de mulher solícita, de dona de casa activa, de mãe afectuosa. Era muito bonita, aquela mãe de olhar límpido.

– Porque é que nunca me quiseste dizer nada do meu pai e de ti? – censurou-a com benevolência.

1. Tipo de massa recheada com carne. (N. da T.)

– Eu tinha dezanove anos. Fazem-se muitos disparates naquela idade – disse, à procura de uma justificação. – Sobretudo se uma rapariga é bonita e há gaviões a voar à volta dela. E ela é tão estúpida que se deixa seduzir pelo fascínio irresistível e pela riqueza.

Paolo acendeu um cigarro.

– A julgar pela maneira como vivemos – reagiu, com ironia –, o nosso parentesco com a riqueza é realmente muito afastado.

– A guerra tinha acabado havia pouco tempo – continuou a mãe – e o meu sonho era ser actriz. Fugi de casa e fui para Roma. Para a Cinecittà. Vivia num quarto alugado, com uma amiga. O sonho ia-se desvanecendo entre uma participação como figurante e longos períodos de inactividade.

"Na Cinecittà conheci Giovânni Rovesti, que era editor mas conhecia muitas pessoas que se interessavam por cinema. Naquela altura, um amigo dele financiava um filme colossal sobre o fausto do mundo romano, e ele foi lá espreitar.

"A Cinecittà é um grande parque de diversões, o país dos brinquedos, um mundo de cartão colorido, uma grande feira de ilusões. Rovesti era um homem muito bonito que já tinha passado os cinquenta anos, mas que no meio daquele caos se divertia como uma criança a quem deram um brinquedo novo.

"Quando mo apresentaram, ele trazia um fato de corte perfeito e eu estava vestida com uma túnica de escrava cristã. Toda a gente o adulava porque era um homem poderoso e muito conhecido. As piadas que

dizia estavam muitas vezes ultrapassadas, mas eram recebidas com muita, e muito suspeita, benevolência.

– E tu? – perguntou Paolo à mãe.

– Eu gostava dele, fascinava-me. Era capaz de infundir segurança. Toda a gente o elogiava, até porque era muito rico e generoso. O dinheiro e os presentes eram o preço que pagava para ter uma corte ao seu serviço.

– E tu? – repetiu Paolo, apesar de já conhecer a resposta.

– Eu fui para a cama com ele. E depois nasceste tu – sintetizou Flora, sem rodeios.

– A última parte pareceu-me um pouco apressada – objectou Paolo.

– É verdade – disse ela. – E por que razão queres saber tudo, precisamente agora?

– Alguém me propôs ir trabalhar para a editora Rovesti – explicou.

– O que esperas de mim? – perguntou, sombria. – Uma carta de recomendação?

– Nunca pensei numa solução desse tipo. E continuo a não pensar. Durante tantos anos, vi às vezes no jornal as fotografias de Giovânni Rovesti. Procurei alguma semelhança nos traços fisionómicos. Mas não encontrei. Apercebi-me de que me pareço sobretudo contigo.

– Eu acho que tens razão. – A mãe sorriu tristemente. – Ele é cínico. Desconfiado. Tinha sempre medo de que as pessoas se aproveitassem do dinheiro dele. Quando lhe disse que estava à espera de um filho, liquidou-me, dizendo que era demasiado velho para cair na armadilha. Disse-me uma coisa terrível, mas verdadeira, pelo menos para ele: "Quando uma mulher se torna mãe, deixa de me interessar". Contou-me que também tinha reagido assim com a mulher, apesar de ter tido três filhos dela.

Ofereceu-me dinheiro. Este foi o fim da minha história de amor de rapariga estúpida e sem critério.

– O Rovesti, quando soube que estavas à espera de um filho, nunca mais apareceu? – insistiu Paolo.

– Só através do advogado. Ele sabia da tua existência e, para salvar a alma, queria que eu aceitasse uma quantia choruda. A nossa história – acrescentou, melancólica – não foi, como se diz muitas vezes, uma bela história de amor. Não lhe guardo rancor, mas também não o estimo. Nunca quis falar sobre o assunto. Por isso regressei a Parma, onde tu nasceste. Depois encontrei o Stelio, que sabe tudo sobre mim, mas não se importa – concluiu Flora, dando a entender ao filho que a sua disponibilidade sobre o assunto tinha terminado.

Dois dias depois, Paolo foi admitido como revisor de provas na editora Rovesti. Passariam ainda dois anos antes que o editor e o filho rejeitado se encontrassem.

Paolo Montecchi abriu o último número do semanário, acabado de sair, que um funcionário depositara na sua secretária. O jornal de ponta da editora Rovesti publicava a primeira parte de um inquérito sobre instituições penais assinado por Paolo Rovesti. Era a sua entrada oficial no mundo do jornalismo.

Corrigira provas durante meses, ao mesmo tempo que agarrava todas as ocasiões que surgiam para escrever algumas linhas. Tratava-se de colaborações esporádicas e sem prestígio nenhum. Paolo tinha uma memória prodigiosa e um talento extraordinário. Em dois anos tinha-se tornado jornalista.

Era a manhã da véspera de Natal e, pela primeira vez, Paolo não estava em Parma com a mãe. Na redacção, toda a gente trocava presentes e votos de boas festas. Paolo, porém, esquivo e tímido, tinha desaparecido para gozar em solidão a alegria de ver o seu nome impresso no mesmo jornal onde assinavam os grandes do jornalismo. Das outras salas chegava até ele um rumor de vozes alegres.

Era habitual, desde os tempos em que a editora não tinha mais do que cinquenta empregados, que Giovânni Rovesti desse a volta pelas salas de redacção para desejar bom Natal. Agora os empregados eram bem mais numerosos e o editor tinha passado os setenta anos, mas continuava a manter intacta aquela tradição. Nos últimos anos fazia-se acompanhar pelo filho, António, para aquela visita amigável.

Juntamente com o filho, Giovânni Rovesti preparava-se para entrar no pequeno gabinete onde Paolo lia orgulhosamente o seu primeiro artigo.

– Então és tu o Paolo Montecchi – começou o velho, assomando à porta.

Paolo levantou-se e reconheceu-o imediatamente, sem encontrar uma frase para o cumprimentar. António Rovesti, atrás do pai, baloiçava-se nas pernas com um ar triste e aborrecido.

António parecia mais velho e mais cansado do que o pai. Paolo pensou que aquele homem, tão diferente dele, era seu irmão. Giovânni Rovesti entrou sozinho e fechou a porta na cara do filho.

Paolo estava de pé em frente ao velho, tentando dominar a emoção daquele encontro inesperado. Talvez, pensando bem, não sentisse nenhuma emoção e estivesse apenas curioso relativamente ao desenvolvimento daquela situação.

– Senta-te – ordenou afavelmente o velho.

– Eu trabalho aqui há dois anos – disse, enquanto apertava a mão que o director lhe estendia. Voltou a sentar-se.

– Eu sei – disse Rovesti. – Sei-o por duas razões. Para já, porque sou eu que assino todos os contratos de admissão. E, depois, porque te tenho seguido desde que nasceste. Imagino que a tua mãe te tenha falado de mim.

– Só muito ligeiramente. E com relutância. – Paolo tinha uma expressão serena.

– Continua bonita? – perguntou o velho, com um tom mais doce. Paolo viu naquele olhar um brilho de ternura.

– Tem mais de quarenta anos mas parece ainda uma menina respondeu. – Não lhe sei dizer se é bonita. É a minha mãe.

– Bonita e orgulhosa – disse Rovesti, perseguindo uma recordação distante. – E também sensata, finalmente. Acho que escolheu, para ela e para ti, o caminho mais certo.

– Acredita que sim? – replicou Paolo.

– Sim, acredito firmemente. Na tipografia dizem-me que tu és um bom elemento.

– Obrigado.

– Tens talento. Pertences à categoria cada vês mais rara dos profissionais que não precisam de ninguém para levantar a cabeça.

– O velho fez uma pausa e depois prosseguiu: – A propósito, por que deixaste a universidade, a dois passos da licenciatura?

– Por fim prevaleceu o desejo de trabalhar. Divertia-me mais do que continuar a estudar – explicou o rapaz.

Paolo tentou imaginar a forma como aquele velho vivera a experiência de uma paternidade rejeitada. Ele sabia muito bem como tinha vivido a sua própria condição de criança no meio de dois pais. Não tinha sido agradável, e aquela ambiguidade marcara-o de alguma maneira. Mas também o motivara para encontrar o seu caminho e nunca perder a realidade de vista.

– A cultura, provavelmente, perdeu um filósofo – disse-lhe o editor –, mas tenho a certeza de que a imprensa ganhou um excelente jornalista. Estás muito bem, meu filho – concluiu Giovânni Rovesti, ao mesmo tempo que se levantava e lhe estendia a mão.

Naquela manhã, quando passou pela administração para levantar o ordenado, Paolo encontrou um envelope extra, muito consistente. Encheu-se de orgulho, pensando num prémio pela sua contribuição para a actividade da empresa, mas esperava-o uma grande desilusão: o prémio tocava a todos os empregados.

Ornella era de uma beleza delicada como um sussurro. Tinha dedos compridos e finos, mãos elegantes e uma inteligência aguda, mas era sobretudo uma grande amiga com quem se podia abrir e a

quem podia confiar a parte mais secreta de si próprio, sentimentos e emoções. Ela ouvia e entendia.

Não foi amor à primeira vista. O amor entre Paolo e Ornella foi a consequência natural de uma intimidade profunda, de uma cumplicidade inteligente. Bastava um olhar ou um gesto para se entenderem. Quando fizeram amor pela primeira vez, Paolo pensou que tinha encontrado a mulher da sua vida. Ornella disse: – Quero casar contigo.

Paolo era agora vice-director do jornal que, na prática, era feito por ele: desde o arranjo gráfico à escolha dos artigos e às fotografias. O semanário, desde a capa até às rubricas, tinha o cunho da sua criatividade. Trabalhava muito, bem e com grande rapidez. Raramente voltava atrás. Os projectos nascidos da sua capacidade criativa tinham chegado quase todos a bom porto; mesmo aqueles que confiara a outras pessoas tinham tido sucesso.

O casamento representou mais um degrau. Regressar a casa era um prazer desde que Ornella o esperava: Ornella com quem podia falar, Ornella que podia amar.

Uma noite, Ornella anunciou-lhe que esperava um filho.

Paolo não manifestou nenhuma emoção particular. Ornella, que o conhecia bem, viu-o empalidecer ligeiramente. A veia azul que lhe sulcava a testa latejou por uma fracção de segundo.

– Apanhaste um choque, não foi? – perguntou ela, a sorrir não sem uma certa amargura.

Paolo esforçou-se por ser racional. Um filho era a coroação de um sonho de amor. Um filho era a coisa mais desejável que podia acontecer a um casal de jovens apaixonados.

Como tinha a capacidade de mentir de um grande actor, acendeu o rosto num sorriso luminoso.

– É uma notícia de capa. Vamos sair para festejar – convidou-a, enquanto a beijava com uma extrema delicadeza. A partir daquele dia, a relação entre os dois mudou radicalmente.

Ao mesmo tempo que o corpo de Ornella se modificava sob o efeito daquelas delicadas alquimias que a transformavam numa futura mãe, Paolo apercebeu-se de que também os seus sentimentos por ela tinham mudado.

Recordou uma entrevista recente com um grande pintor, no seu estúdio no primeiro andar de uma velha casa de Milão. A sala estava forrada de quadros. O modelo parecia sempre o mesmo: uma mulher robusta, idosa, com um olhar sereno cheio de amor e uma expressão doce e tranquila.

– É a minha mãe – explicou-lhe o artista. – A mãe é um dos meus temas preferidos. Também gosto das mulheres que vão ser mães. Têm uns grandes olhos lânguidos, a pele bem hidratada e aquele ar de criação que me fascina.

A Paolo estava a acontecer o contrário. Quanto mais avançava a gravidez de Ornella, mais ele se afastava dela. Quando nasceu a filha, Paolo foi convocado a Veneza por Giovânni Rovesti. Encontrou-o na esplanada do Excelsior à hora do aperitivo. O Lido estava cheio de jornalistas, actores e cineastas que se pavoneavam no ambiente do festival.

António viu-o e foi ao encontro dele para o receber e para o conduzir à mesa onde o editor o esperava. O velho apertou-lhe a mão e convidou-o a sentar-se.

– O Grimaldi vai-nos deixar – anunciou António. – O meu pai e eu temos uma proposta para te fazer.

Grimaldi era o director do semanário. Paolo percebeu imediatamente o exacto significado daquelas palavras.

– Desde há mais de um ano que o verdadeiro director és tu sentenciou o velho. – O Grimaldi limita-se a pôr lá o nome.

Paolo bebeu um gole de Martini e ficou alguns instantes em silêncio, observando os dois interlocutores. O velho, que trazia um fato de linho branco e um panamá, tinha quase oitenta anos, mas libertava a energia e a vitalidade de um homem de quarenta.

O filho, António, de calças claras e pólo às riscas, tinha-se enterrado numa poltrona de vime como se

fosse um saco vazio. Seguiu a conversa, mas tinha o ar de quem se aborrecia terrivelmente. De vez em quando lançava uns olhares curiosos em direcção ao areal, onde começava a zona das barracas. Havia aquela animação típica de uma praia elegante.

– E o Grimaldi já sabe? – perguntou Paolo, preocupado.

– Esse é o último dos problemas – tranquilizou-o Giovânni Rovesti.

Paolo olhou para ele com ironia.

– O último dos problemas – repetiu, devagar. – Partimos-lhe as pernas enquanto corre – continuou –, alegando que não é um problema. Para onde é que ele vai? Em que sector vai ser utilizado?

– Promoveatur ut amoveatur – comentou uma voz atrás deles. Paolo virou-se e viu Sônia com um vestido de praia às flores que cobria em parte um reduzido fato de banho. Um bronzeado intenso acentuava-lhe a beleza e o aspecto exótico. Os lábios apresentavam um sorriso malicioso. Paolo levantou-se para lhe dedicar um beija-mão compenetrado. – Então, como vai ser? – insistiu, dirigindo-se aos dois Rovesti.

– O Grimaldi vai dirigir o sector das relações públicas garantiu o velho. – Para mim é um trabalho misterioso. E ainda não percebi muito bem para que serve. Mas agora todas as grandes empresas o têm. Nós também vamos ter. Quanto a ti, Paolo, não fiques a pensar que eu te estou a fazer um favor. O que acontece é que te estou a pedir um empenho para um trabalho duro e difícil.

– O meu sogro nunca oferece nada a ninguém – comentou Sônia.

Paolo tinha vinte e seis anos e era a primeira vez que um profissional tão jovem se tornava director de uma publicação tão importante.

Paolo voltou-se para Sônia: – E eu, devo aceitar esta proposta?

– Já. Deves aceitá-la já.

Paolo não conseguiu conter uma gargalhada. Sônia tinha posto as azeitonas do Martini no panamá do sogro. O velho tirou o chapéu, deitou fora as azeitonas e riu-se por sua vez. – A minha nora não é suficientemente mentirosa para me dedicar os rituais que se usam na família. Diverte-se a faltar-me ao respeito. Se calhar, é por esta sinceridade que eu gosto dela – explicou.

António continuava a olhar para a praia. Parecia preocupado. – O que é que se passa? – perguntou Sônia. – Não consigo ver a Maria Carlotta – disse, reunindo todas as suas forças para se levantar.

– A Maria Carlotta está aqui em baixo, no restaurante. Está à nossa espera – explicou Sônia, pacientemente. – Podemos ir ter com ela, se quiseres.

– O meu filho é um pai apreensivo – disse o velho. – E soube que tu também és pai – acrescentou, enquanto tirava um embrulho do bolso do casaco. Entregou-o a Paolo.

– É para a tua mulher. com os meus parabéns.

Só à noite, no seu quarto do Excelsior, Paolo ficou a saber que se tratava de um presente principesco: uma grande esmeralda colombiana puríssima montada num anel.

– Ele faz isto com todos os directores? – perguntou a Sônia, que o surpreendeu com o estojo na mão.

– Dá um presente a todos – replicou –, mas uma jóia como esta, nunca. Que eu me lembre.

Paolo olhou para ela surpreendido, enquanto enfiava aquela maravilha no bolso.

– Como é que entraste? – perguntou, curioso.

– com a cumplicidade de uma empregada.

Naquela noite Paolo traiu Ornella, e pela primeira vez percebeu que a história com a mulher tinha acabado. Passariam ainda alguns anos, assim como o nascimento de um segundo filho, antes de se separarem. Mas, naquela noite, Paolo recordou as palavras que Giovânni Rovesti tinha dito à sua mãe: "Quando uma mulher se torna mãe, deixa de me interessar". A ele tinha acontecido a mesma coisa.

HOJE

E por fim uma chuva de diamantes. Um tesouro que confirmava o reconhecimento da paternidade. Durante toda a vida, Paolo recebera do velho apenas aquilo que esforçadamente ganhara. Giovânni Rovesti sempre o tratara como um empregado qualquer, premiando-o pelas suas invenções editoriais como a qualquer outro colaborador. Mas, antes de morrer, quisera apenas favorecer dois dos seus herdeiros: Maria Carlotta, a mais inocente e vulnerável, e Paolo Montecchi, o mais empreendedor e o mais ignorado.

Maria Carlotta morrera sem descobrir os complicados esquemas do avô.

Paolo, com os diamantes, ia tentar uma reestruturação em grande estilo da editora. Entusiasmou-se ao pensar no novo organigrama da empresa, no vértice do qual estava ele, com todo o poder de decisão.

Pensou na mãe, jovem e ingénua figurante da Cinecittà que, por fim, conseguira levar a melhor sobre todos os preconceitos do velho. Pensou em Loretta, a sua nova companheira, que esperava por ele no apartamento da via Brera.

Acariciou o tesouro e teve a sensação de que aquele punhado de diamantes libertava reflexos e cores que reavivavam o ar desolado e triste daquele dia chuvoso. Alguém batia com insistência ao portão da entrada. Mais cedo ou mais tarde ia ter que abrir, portanto o melhor era fazê-lo imediatamente. Estava a meter os diamantes no saco quando uma lufada de ar gelado o atacou pelas costas.

A porta de água de Ca' Mazzon que dava para o Canal Grande abriu-se e Pietro Rovesti estava agora ao seu lado. Paolo ficou imóvel, com o saquinho numa mão e um punhado de diamantes na outra. Pietro contemplava, arrebatado, aquela cena inesperada: um homem em mangas de camisa, uma velha máquina tipográfica com o cilindro desmontado, um punhado de diamantes e aquela entrada sumptuosa e decadente do antigo palácio atulhada de caixotes.

– Eram diamantes, portanto – disse lentamente, como se temesse quebrar um encanto. Pietro Rovesti tinha chegado numa lancha vindo da piazzale Roma e descera em frente à porta do canal, da qual tinha a chave.

– Estão a bater à porta – disse-lhe Paolo. – Se não vais abrir é possível que destruam a porta. Vamos adiar as explicações para depois.

Pietro atravessou o átrio quase a correr e abriu a porta a quatro robustos carregadores.

– Chegaram no momento errado – censurou-os. – Venham mais tarde buscar os caixotes. – Sem lhes dar tempo para responder, voltou a fechar a porta energicamente.

– Então, não me queres explicar? – perguntou Pietro peremptoriamente, voltando para junto dele.

– Agora?

– Já. Paolo acendeu um cigarro e aspirou uma grande quantidade de fumo, que transformou em muitos anéis impalpáveis. Era um jogo que lhe saía bem e do qual se servia para distrair o interlocutor o tempo necessário para uma rápida concentração.

A chegada de Pietro tinha-o perturbado. O segredo dos diamantes fora revelado.

– Então, não me queres explicar? – insistiu Pietro.

– A Sônia foi-se embora há pouco – respondeu. – Ofereceu-me a "romanina" do teu avô. No cilindro da máquina estava aquilo que estás a ver neste momento. Um tesouro que agora me pertence.

Pietro pegou num diamante e começou a atirá-lo ao ar para o apanhar em seguida, como fazia quando era pequeno, na praia, com pedrinhas do mesmo tamanho.

– Tu e a minha tia Anna chegaram às mesmas conclusões. com base em que mecanismo mental conseguiste tu vencer esta caça ao tesouro?

Estava sereno, frio e distante. Paolo não se lembrava de alguma vez o ter visto tão brilhante e tão

seguro. De repente, comportava-se como uma pessoa madura e consciente.

Começou a temê-lo.

– O teu avô, há treze anos, mandou-me a Genebra buscar estes diamantes. Diamantes no valor de mil biliões – contou Paolo. – Não sabia que os tinha escondido aqui dentro. Fez-me prometer silêncio. Eu mantive o segredo. Em relação a todos vós, eu tinha a vantagem de saber que aquela fortuna tinha sido convertida em pedras.

E é tudo – concluiu Paolo, que, no entanto, não mencionou o nome do joalheiro que tinha dirigido e levado a cabo toda a operação.

– Então a tia Anna, de todos nós, é a mais inteligente observou Pietro. – Ela não deduziu que se tratasse de diamantes, mas estava convencida de que dentro deste rolo de máquina tipográfica estaria a chave para chegar à herança desaparecida.

Paolo acabou de meter as pedras no invólucro e depois estendeu a mão a Pietro, que lhe entregou a última, um diamante branco talhado em navette. Voltou a fechar o saquinho e apertou-o com o cordão de seda. Enfiou o casaco e o impermeável e enterrou o chapéu na cabeça. Pegou no saco dos diamantes e preparou-se para sair.

Quando chegou junto da porta, Pietro chamou-o.

– Não achas que também devias levar isto embora? – disse, referindo-se à "romanina". – É por causa da tia Anna. Se eu lhe disser que encontraste os diamantes é capaz de contratar um assassino para te eliminar. Se eu lhe disser que a máquina já cá não estava, vai continuar à procura.

– E tu? O que vais fazer? – replicou Paolo.

– Nada. O avô, que tinha previsto a falência da nossa empresa, preparou um bote de salvamento: mil biliões que deveriam servir para que o mais inteligente pusesse a casa em pé. Ou para iniciar uma outra actividade. Eu nunca me caracterizei por uma perspicácia particular. O velho tinha razão. Se eu tivesse mil biliões, só os podia gastar. Ou aplicá-los em operações erradas.

Paolo voltou-se para ele, devagar.

– Deixa ver se eu entendo – disse. – Tu renuncias a um tesouro como este sem uma emoção?

– Sim – respondeu Pietro, simplesmente.

– Se aquilo que dizes é verdade, e eu não tenho motivos para duvidar, só há duas hipóteses: ou tu és o mais digno dos herdeiros Rovesti, ou és um grandessíssimo filho da puta. Podias contratar uns assassinos para me tirarem a vida e os diamantes. De qualquer maneira, eu acredito muito no destino. E não posso fazer nada para o mudar.

– Vamos voltar a montar o cilindro. Depois dizemos aos carregadores que podem começar.

– Para onde a mandamos? – perguntou Paolo, envolvendo-o naquele processo.

– Eu diria para casa da Anna Rovesti. Queria-a, e vai tê-la propôs Pietro. – Os diamantes vão-te servir para reconstruir a empresa. Ou, pelo menos, assim espero.

A mim já não me interessam. Se é que valho alguma coisa, hei-de demonstrá-lo sem recorrer à caixa familiar.

A máquina já estava pronta. Cobriram-na com uma tela de plástico e foram sentar-se nos caixotes já embalados. Paolo acendeu um cigarro e Pietro serviu-se de whisky de uma garrafa que encontrou na cozinha.

Esperavam o regresso dos carregadores e conversavam como velhos amigos. De repente, Pietro deu uma gargalhada sonora.

– Estou a pensar na reacção furiosa da tia Anna, quando chegar à conclusão de que a "romanina" não contém nenhum tesouro.

– Vai-te acusar de teres subtraído o conteúdo – disse Paolo.

- Vai pôr um detective em cima de mim. É uma cliente assídua das agências de investigação.
- Achas que vai chegar até mim? – perguntou Paolo.
- É possível. A Anna é muito inteligente e desconfiada. Mas aí vais ter que te desenrascar sozinho.

Eu, graças a Deus, libertei-me para sempre da escravidão da família e do dinheiro.

Sonia pagou a portagem da auto-estrada e meteu pela circunvalação. Era noite e, no percurso de Veneza para Milão, a chuva tinha caído ininterruptamente com uma intensidade que tornava a condução problemática. Silia, ao lado dela, levava ao colo Bibi e Poupette; os inseparáveis bassets dormiam numa posição acrobática, Sônia estava serena, calma. A dor pela morte de Maria Carlotta já não era uma dentada lancinante que a mortificava, mas um manto escuro, macio e quente que a envolvia, oferecendo-lhe alguns momentos de serenidade. A sua dor era tão verdadeira, tão grande, que a impedia de ficar sozinha: fazia-lhe companhia.

Saiu da circunvalação. Libertou-se de uma selva de camiões TIR que corriam pelo asfalto molhado, projectando contra o pára-brisas golfadas de água suja. Reencontrou a velha estrada da aldeia, que se mantivera intacta apesar da expansão do burgo. Meteu o carro pela entrada da casa que albergava a antiga Trattoria Sant'António.

Estacionou no pequeno pátio por baixo da videira encharcada de chuva. Ajudou Silia a sair do carro, enquanto os cães se abanavam energeticamente para se libertarem da pouca água que lhes tinha caído em cima.

Sônia subiu à frente deles a escada de granito. Tirou da carteira as chaves do pequeno apartamento onde tinha nascido e crescido. Entrou na sala de estar. Estava exactamente como a tinha deixado muitos anos antes. A única coisa que havia a mais era uma ligeira camada de pó.

Ali estavam as mesmas pilhas de pratos e as reservas de bebidas e café. Estava também o biombo que separava a sua cama daquilo que era considerado uma espécie de despensa desarrumada. Assomou à porta do quarto dos pais: a cama monumental de espaldar alto, coberta com um pesado brocado verde, o toucador da mãe, os pentes, a caixa de pó-de-arroz, o frasco de perfume com a pêra de borracha coberta com uma rede de seda verde e com uma borla. Encontrou o mesmo cheiro familiar, um pouco mais apagado. Em cima da mesa-de-cabeceira do pai viu muitos medicamentos.

– Vais ter de te contentar com um catre enquanto não encontrarmos um alojamento decente – quase se desculpou, dirigindo-se a Silia.

Para Silia qualquer solução servia, desde que estivesse junto de Sônia.

– Os cães ainda não comeram – disse Silia, preocupada, enquanto arranjava as suas coisas.

– Daqui a pouco alguém vai pensar em nós e neles – respondeu Sônia, para a sossegar, ao mesmo tempo que começava a descer a escada de caracol que levava à cozinha.

A cozinha estava mudada. Tinha sido aumentada e dotada de um equipamento moderno e funcional. Havia pessoal novo. Gente que não conhecia e que não a conhecia a ela.

Todos os olhos estavam postos nela.

– Sou a Sônia Brenna – disse, para quebrar o gelo, dirigindo-se ao chefe. – Onde é que eu posso arranjar um avental?

O homem que estava a saltar uns tagliolini com natas fitou-a, surpreendido. Os dois ajudantes e um empregado de mesa olharam uns para os outros, e depois olharam para ela.

– Há muitos clientes esta noite – afirmou Sônia, num tom decidido. Aproximou-se do balcão, onde algumas travessas já prontas esperavam que pegassem nelas. – Este pedido para que mesa é?

– Mesa seis – respondeu o chefe.

Sônia entrou no restaurante, segurando nas travessas com habilidade, e serviu um casal de jovens elegantes.

– Ótima escolha, os nossos escalopes recheados com presunto e molho de cogumelos – felicitou-os. E acrescentou: – O aroma do conhaque vem da tosta em que a carne está pousada.

O homem e a mulher pareciam intimidados com aquela senhora elegante, de sorriso agradável, cuja beleza e modos cordiais de dona da casa apreciaram.

Sônia passou com destreza pelo meio das mesas e, ao passar ao lado do balcão do bar, cruzou o olhar com o do pai.

António Brenna estava sentado atrás de uma caixa registadora. Tinha envelhecido depois do último encontro. Trazia uns óculos na ponta do nariz e olhou-a por cima das lentes, sem mexer um único músculo do rosto descarnado.

Sônia parou, sorriu-lhe e continuou em direcção à cozinha.

Por volta das onze horas o estabelecimento começou a esvaziar. À meia-noite o pessoal saiu também. Um empregado baixou as grades e apagou o anúncio luminoso exterior.

António Brenna recolheu o dinheiro, fechou-o dentro de um envelope e escondeu-o no fundo duplo de uma gaveta. Depois foi à cozinha, onde a filha o esperava em frente a duas chávenas de leite fumegante.

– E então? – perguntou o pai.

– Então, estou aqui – respondeu Sônia.

– Demoraste tempo – quase censurou, ao mesmo tempo que pegava numa chávena com as duas mãos e a levava à boca.

– Não foi fácil encontrar o caminho certo – justificou-se.

O velho limpou os lábios com as costas da mão e olhou para a filha com olhos cansados.

– Estás mudada – disse. – Pareces a filha que eu sempre quis.

– António Brenna fixou no vazio o seu olhar fatigado. – Soube pelos jornais da Maria Carlotta.

Seria uma censura? Sônia sentiu-o como tal, mas não tinha vontade de explicar ao pai as suas vicissitudes.

– Agora ficamos sós. Tu e eu – disse ela.

– Em breve vais ficar tu sozinha a suportar o peso de uma vida errada – replicou. – Mas, pensando bem, é difícil determinar se a vida errada é a tua ou a minha.

– Não digas essas coisas, pai – retorquiu ela, comovida.

– Vais poder contar comigo por pouco tempo – confessou-lhe. – Estou velho e cansado. Nestes últimos anos só resisti por tua causa. Se queres mesmo saber, tinha a certeza de que tu ias voltar.

– Ainda temos um longo caminho a percorrer os dois. E agora eu preciso mesmo de ti. Fiquei até sem dinheiro. Exactamente como tu dizias: a farinha do diabo ficou na peneira.

– Tu aqui tens com que viver – consolou-a. – Amanhã vou-te mostrar tudo aquilo que possuis. Até podias fechar o estabelecimento, se quisesses.

– Não tenciono, pai. Eu gosto de trabalhar aqui. Este é o tipo de vida que eu prefiro. Foram precisos anos, sofrimentos e erros para conseguir perceber isso.

Sônia refugiou-se nos braços do pai como que a firmar um pacto. António Brenna era um velho, delgado como um fio de erva. Mas à filha pareceu sólido e forte como um carvalho.

– Finalmente – suspirou o velho. E o seu peito descarnado foi sacudido por um soluço libertador.

– Finalmente – repetiu ela, e sentiu-se feliz.

Paolo Montecchi abriu com cautela a porta de casa e entrou no vestíbulo, iluminado apenas pelo reflexo das luzes da via Brera. A casa encontrava-se mergulhada no silêncio nocturno. Estava cansado e perturbado. Tinha viajado até Milão com Pietro Rovesti, que deixara em frente à estação Central. Pietro ia apanhar um comboio com carruagem-cama para Roma. Tirou o chapéu e o impermeável, pousou em

cima da mesa a mala com os diamantes e, mexendo-se com circunspecção para não acordar Loretta, avançou pelo corredor em direcção ao quarto. Foi então que tocou com a cabeça em qualquer coisa que pendia de cima. Encolheu-se, nervoso, e acendeu a luz. Por cima da porta havia uma fita larga de tecido azul que dizia: "Bem-vindo, Paolo".

Loretta era afectuosa, muito meiga e cheia de atenções para com ele.

Paolo tirou a roupa no quarto de vestir e tomou um duche. O jacto regenerador teve o efeito de descarregar a tensão que acumulara naquele dia incrível.

Por vezes, parecia-lhe que a maneira como se tinha apropriado da herança era muito semelhante a um furto, a uma rapina. Logo a seguir considerava os diamantes como um grande reconhecimento pelo seu dinamismo. Mas, quanto mais pensava, mais se aventurava num labirinto sem saída. De qualquer maneira, tomou uma decisão: no dia seguinte de manhã ia ao banco para acautelar aquele tesouro num cacifo de segurança. Entrou no quarto em bicos dos pés. Loretta dormia e ele deitou-se ao seu lado. Aproximou-se dela para lhe ouvir a respiração.

Um braço apertou-lhe o pescoço e uma voz risonha disse: – Achas mesmo que eu podia estar a dormir, sabendo que tu ias chegar?

– Gosto do teu cheiro – disse Paolo.

Ela afagou-lhe o rosto. Aquele gesto recordou-lhe Zoraide e o sentimento tão doce e desesperado que suscitara nele quando era criança.

Loretta era muito bonita. E desejou-a, sem no entanto encontrar força e concentração para a possuir. Estava exausto. Adormeceu enquanto ela o acariciava com a doçura de uma mãe e a intensidade de uma amante.

De manhã acordou por causa de um pesadelo de que não se conseguiu lembrar. Estava de péssimo humor. Loretta dormia ainda. Ele foi à cozinha fazer um café. Pousou duas chávenas fumegantes num tabuleiro. Depois foi até ao vestíbulo. Abriu a mala, tirou o saco dos diamantes e pegou num. Era um diamante azul, em gota. Tentou imaginar o espanto de Loretta, quando a acordasse com a oferta de um diamante no tabuleiro do café. Mas não teve forças para sorrir. Nunca se tinha sentido tão pouco à vontade. Aquela herança que desejara para si, totalmente para si, queimava-lhe os dedos. Voltou a meter o diamante no saquinho. Pegou no tabuleiro do café e foi ao quarto. Loretta, que acordava naquele momento, sorriu-lhe. Tomaram o café sentados na beira da cama. Loretta era a discrição em pessoa, mas desta vez lia nos olhos do seu homem uma mensagem inquietante, que não conseguia traduzir.

– Como é que estás? – murmurou-lhe ao ouvido.

– Como alguém que vendeu a alma – respondeu, tentando brincar.

– Não te percebo, Paolo.

– Antes assim – tentou consolá-la.

– Há alguma coisa que te preocupa?

– Nada de especial – respondeu, calmamente. – Espera-me um dia tremendo. Acho que vou já sair – concluiu rapidamente.

Ao entrar no quarto de vestir olhou para a porta que ligava o seu apartamento ao de Loretta. Antes de se tornarem um casal de namorados, tinham sido vizinhos. Paolo fora morar para aquele prédio depois de se ter separado de Ornella. Loretta, que tinha uma pequena loja de antiguidades, ocupava o apartamento contíguo àquele que a agência vendera a Paolo.

Sentiam-se bem juntos e decidiram derrubar a parede que separava os dois apartamentos.

Paolo apanhou um táxi e foi até ao banco. Alugou um cofre de segurança e nele guardou a herança Rovesti. Depois telefonou para Roma e falou com Pietro, que acabava de chegar.

– Ouve – disse-lhe, decidido. – Reflecti durante muito tempo. Eu não quero aquele saquinho.

– E então?

– Meti-o num cofre, no banco. Anda buscá-lo. Ou então vamos discutir o assunto e ponderar a eventualidade de o distribuir pelos herdeiros.

Uma gargalhada cristalina explodiu do outro lado do fio.

– O avô queria andar em cima de nós até depois de morrer disse Pietro. – E conseguiu! Sabes o que te digo, Paolo? Telefona à minha tia. Por razão nenhuma deste mundo eu quero gerir essa herança.

– És doido – exclamou. – São mil biliões. Há que chegue para toda a gente.

– Fala com a tia Anna. Acho que só ela tem as qualidades e a ambição para tratar disso. – Desligou a chamada.

Paolo procurou na agenda o número de telefone de Anna Rovesti.

– Cheguei de Veneza – disse-lhe, depois de se ter identificado – e espero por si no Banco de Roma. É urgente e importante.

Quando, uma hora depois, Paolo Montecchi chegou ao jornal, sentia-se finalmente liberto de um peso. Ainda que a divisão dos diamantes em partes mais ou menos iguais contrariasse a vontade do velho, a tia Anna sugeriu imediatamente modos e tempos para os repartir.

Paolo sentia-se feliz como nunca. Em cima da secretária encontrou uma carta: era a comunicação oficial da sua promoção a director editorial da empresa.

Telefonou a Loretta.

– Como é que estás? – perguntou-lhe, apreensiva.

– Nunca estive tão bem em toda a vida. Há um acontecimento para festejar.

– Posso saber mais alguma coisa?

– Não. Logo à noite conto-te tudo em frente a uma travessa de camarões e uma garrafa de champanhe.

Naquela noite, Sônia sonhou com Maria Carlotta, que tinha uns olhos sorridentes e uma expressão feliz. Estava sentada no banco de pedra do pátio veneziano. Depenicava um cacho de uvas brancas, de bagos grandes e luzidios. Sônia aproximou-se da filha.

– Mamã, queres? – perguntou Maria Carlotta.

Sônia abanou a cabeça em sinal de negação e estendeu os braços para a apertar contra ela. Naquele momento acordou, abriu os olhos e por um breve instante não se lembrou onde estava. Depois viu o biombo e, para além dele, a luz do dia que entrava pela janela.

Sônia tinha os olhos e o coração invadidos pela presença solar da filha tal como a vira no sonho. Maria Carlotta nunca na vida tivera uma expressão tão serena.

Bibi e Poupette saltaram para cima da cama e fizeram-lhe uma festa.

Silia aproximou-se do biombo.

– Bom-dia, signora – disse, estendendo-lhe um roupão. – Se quiser, o pequeno-almoço está pronto.

– Bom-dia, Silia – respondeu, enquanto Bibi e Poupette ganiam e abanavam a cauda freneticamente.

A situação tinha mudado e, às sumptuosas residências do passado, sucedera aquela instalação modesta. Apenas Silia continuava a mesma de sempre: impecável, devota e eficiente.

Sônia, com os olhos ainda inchados de sono, foi à casa de banho. Quando voltou estava já completamente vestida. Trazia umas calças cinzentas, uma camisa de seda cor-de-rosa e um casaco de malha cinzento. Tinha os cabelos apanhados na nuca e ao pescoço trazia o colar de pérolas da mãe.

– O que aconteceu enquanto eu estive a dormir? – perguntou, olhando em volta. Parecia outro quarto. Caixas e caixotes tinham desaparecido e reinava ali uma ordem meticulosa. Até havia flores numa jarra em cima do móvel. A mesa que sempre tivera as funções de superfície de apoio estava, pela primeira vez, posta para o pequeno-almoço.

A artífice desta metamorfose, como é evidente, era Silia.

– Minha querida Silia – disse Sônia, abraçando-a. – És extraordinária.

"Acho que este quarto precisa de um arranjo – observou em seguida. – É preciso limpar o tapete. As cortinas têm que ser lavadas. E depois queria saber onde vou meter a tralha toda que vem de Veneza. – Falava em voz baixa, para não perturbar o sono de António Brenna, que repousava no quarto ao lado.

"Há um apartamento vazio, pegado a este – continuou. – Vamos abrir uma porta de comunicação e podemos usá-lo. "

Sônia comeu o croissant, provou a compota, bebeu o sumo de laranja e saboreou um café excelente. Olhou para o relógio por cima do armário: eram sete horas. Aproximou-se da janela que dava para o pátio interior. Tinha parado de chover, mas o céu estava ainda coberto de nuvens.

Há quantos anos não se levantava tão cedo? Na noite anterior nem sequer tinha precisado do habitual comprimido para dormir. A sua vida e os seus ritmos estavam a mudar.

Em bicos dos pés, entrou no quarto do pai. Dormia tranquilamente.

Voltou a fechar a porta do quarto, devagar, e desceu à cozinha. Tinham já chegado os fornecedores com cestos de legumes, de fruta, caixas de queijo e grandes peças de carne de primeira escolha. Sônia controlou pessoalmente a qualidade dos produtos e rejeitou os limões, que não estavam apresentáveis. Assinou as facturas e verificou se os produtos correspondiam em quantidade e peso à encomenda feita. Acertou com o chefe a ementa do almoço e a do jantar.

Da cozinha passou ao restaurante. Observou o trabalho dos empregados que estavam a pôr as mesas, examinou o estado das toalhas e mandou mudar algumas que pareciam gastas. Apercebeu-se de que faltavam flores e decidiu tratar ela própria disso. Vestiu o casaco e saiu. Uma brisa primaveril tinha varrido as nuvens do céu. Olhou em volta, à procura dos sinais do passado. O Caffè Sport, onde em tempos se sentava a "menina da frente", era agora uma boutique muito elegante. Já não existia o eléctrico que ia para Gorgonzola; aquele simpático transporte público tinha sido substituído por um autocarro. A alameda de ciprestes que levava ao cemitério estava interrompida a meio por um espaço aberto com duas entradas para o metropolitano.

Havia vários bares luxuosos e muitas lojas com grandes montras de vidro.

"É outro mundo", pensou Sônia. Dirigiu-se à florista e, quando se preparava para entrar, foi quase derrubada por um rapaz que chegou a correr. – Desculpe – disse, aflito. Era loiro, bonito e tinha uma expressão franca. Voltou-se para a florista. – Signora San ti, hoje a minha mãe faz anos. Mande-lhe um ramo de margaridas, por favor. Está aqui o cartão. Eu tenho que ir a correr para a escola. O meu pai passa por cá depois para lhe pagar – acrescentou, ofegante da corrida.

– Estes jovens – observou a florista, a abanar a cabeça e a sorrir para Sônia, ao mesmo tempo que o rapaz corria já pelo passeio.

– Em que posso ajudar a senhora? – perguntou.

– Queria fazer um contrato consigo – explicou Sônia. Queria uma determinada quantidade de flores frescas nas mesas. Todos os dias. – A florista, que sentia o fascínio daquela senhora tão bonita, perguntou educadamente: – Para que mesas?

– Desculpe. Sou a filha do Sr. Brenna – explicou. – E as mesas que precisam de flores são as da Trattoria Sant'António.

A mulher não conseguiu conter uma exclamação de surpresa.

– Então é a famosa Sônia Rovesti? – perguntou, corando.

– Sou apenas a Sônia Brenna. E agora dirijo o restaurante do meu pai – rematou.

– Claro, claro – assentiu a mulher. – Mas é muito diferente da maneira como aparece nas fotografias dos jornais. Assim até parece uma de nós – não pôde deixar de comentar.

Naquela mesma noite aproximou-se de uma mesa para cumprimentar alguns clientes e achou-se em

frente a Aldo Porta, o ex-marido. com ele estava uma mulher já não muito jovem, loira, e o rapaz que quase a tinha derrubado nessa manhã em frente à florista.

– Sônia – disse o homem, enquanto se levantava e lhe estendia a mão.

Ela olhou para ele, repescando os farrapos de um passado sepultado. Recordou o rapaz tímido que ele tinha sido e sobrepôs essa imagem à imagem actual de um homem pesado, com uma notória calvície e um ar bonacheirão de comerciante satisfeito.

– Olá, Aldo – cumprimentou, estendendo-lhe a mão. É teu filho? – perguntou, indicando logo a seguir aquele bonito rapaz de rosto solar que se levantou por sua vez, esboçando um sorriso.

Ele anuiu. – E esta é a minha mulher – disse Aldo, confuso. A mulher loira cumprimentou-a.

– Não te lembras de mim? – perguntou. E como Sônia a observava, incerta, acrescentou: – Sou a Loredana.

– A menina da frente – murmurou Sônia, recordando, e abraçou-a com efusão.

– Então casaram-se os dois?

– E este é o resultado – afirmou Loredana, indicando o filho.

– Este é o melhor restaurante que nós conhecemos – explicou Aldo. – Vimos aqui quando temos alguma coisa para festejar.

– E hoje festejam o aniversário da Loredana, suponho – afirmou com segurança, recordando a encomenda que o rapaz tinha feito à florista.

– Sim – disse Aldo. – Tens boa memória – reconheceu.

– Soubemos pelos jornais da tua desgraça – disse Loredana, com um olhar triste. Estava sinceramente incomodada.

– A vida nunca nos oferece nada – respondeu Sônia. – Mais cedo ou mais tarde acaba por nos apresentar a conta. Eu paguei um preço altíssimo. Mas não vamos falar sobre isso, sobretudo aqui. Quanto ao jantar – sorriu, mudando de assunto –, confiem em mim.

Foi ter com o pai ao balcão e encomendou para a mesa do ex-marido uma garrafa de champanhe.

António Brenna tinha seguido toda a cena de longe.

– Fazem uma bela família – afirmou Sônia. – É verdade – admitiu António.

– A Loredana não precisou de grandes confusões para perceber que a vida é feita de pequenas coisas – disse Sônia. – Teve mais sorte do que eu.

– É apenas uma mulher diferente de ti – respondeu o pai, dando-lhe uma pancadinha na mão.

Roberto Cortesini estava a conversar com um casal amigo no pequeno escritório da sua loja na via Montenapoleone. O casal festejava vinte anos de casamento e o marido tinha escolhido para a companheira um alfinete, assinado por Wilhelm Lucas von Cranach, em forma de borboleta, em ouro, esmalte, brilhantes, rubis, ametistas, um topázio e uma pérola barroca.

Era uma obra de arte de ourivesaria de 1900. O joalheiro aceitou vender aquela peça única para satisfazer os amigos. Cedia o alfinete de má vontade, até porque pertencia à sua colecção particular de jóias art nouveau na qual tinha muito orgulho, e com razão.

– Tens toda a minha gratidão por teres arrancado do coração uma peça tão rara – agradeceu o amigo. Cortesini sorriu.

– Fui convenientemente recompensado – replicou. – Nas minhas viagens pelo mundo encontrarei certamente outra obra-prima de Cranach.

– Vais logo à nossa festa? – perguntou a senhora.

– Podes ter a certeza – garantiu. – A minha mulher passou meio dia na Miranda a tentar arranjar um penteado à altura do acontecimento. Acho que até mandou fazer um vestido novo brincou, enquanto se despedia deles.

Estava na hora de fechar e o joalheiro preparava-se para regressar a casa quando um empregado o chamou, de repente.

– Está a signora Rovesti ao telefone.

– Qual signora Rovesti? – perguntou, a pensar em Sônia. Tinha-a ajudado uns meses atrás na venda de um colar de esmeraldas sem receber nenhuma percentagem pela transacção: sabia que era uma das últimas peças da colecção.

– AnnaRovesti – precisou o empregado.

– Diz-lhe que saí. Falo com ela amanhã.

Para Cortesini os clientes eram todos iguais e todos importantes, mas tinha as suas simpatias. Sônia estava nesse grupo. Anna Rovesti era uma cliente difícil, arrogante e presunçosa. Ouvi-la não lhe dava nenhuma alegria.

– Desculpe-me se insisto – disse o empregado. – Mas a senhora diz que a coisa é importantíssima. Aliás, fundamental. Parece muito agitada – acrescentou.

com um suspiro de resignação Cortesini voltou atrás com a decisão. – Passa-ma – ordenou.

– Tem que vir imediatamente a minha casa – disse imperiosamente a mulher quando o joalheiro atendeu o telefone.

– Lamento muito, minha senhora. Não posso. Tenho uma série de compromissos. Acho que temos que adiar o nosso encontro para amanhã de manhã.

– Não há nenhum compromisso que possa valer mil biliões em diamantes – disse ela, deixando-o desconcertado.

Roberto Cortesini emudeceu. Anna Rovesti tinha acertado no alvo.

– Da sua loja a minha casa demora dez minutos. É exactamente daqui a dez minutos que eu vou estar à sua espera – concluiu, e desligou a chamada.

Havia treze anos que o joalheiro se atormentava com a história dos diamantes. O que lhes teria acontecido? Tinha acompanhado, como toda a gente, as crónicas, as bisbilhotices e as desventuras da família Rovesti. Mas não havia vestígios dos diamantes.

Muitas vezes se tinha interrogado sobre o destino daquele tesouro, sem nunca trair a palavra dada ao velho Giovânni Rovesti. Ninguém estava ao corrente daquele tour de force, que durou uma semana, para conseguir diamantes no valor de mil biliões. Escondeu o segredo até da mulher.

Aqueles diamantes lindíssimos, que tinha escolhido numa corrida contra o tempo, de uma ponta à outra do mundo, que tinha admirado pela sua pureza, garantindo-lhes a autenticidade, sentia-os, de alguma forma, um pouco seus também.

Esperava, após a morte do velho, que um dos herdeiros, o predilecto, fosse outra vez ter com ele, levando o saquinho dos diamantes para os converter em dinheiro.

Mas nunca acontecera nada.

Por vezes chegou a pensar que os herdeiros Rovesti tivessem dividido as pedras com a intervenção de um outro especialista no ramo.

Só agora, ao fim de treze anos, a mais agressiva, talvez a mais inteligente dos Rovesti, lhe fazia um sinal. E que sinal!

– Telefona à minha mulher – disse. – Diz-lhe que saí por causa de um assunto imprevisto e que não posso ir com ela à festa desta noite. vou lá ter mais tarde.

Um empregado esperava-o à porta do palácio da via Serbelloni. Abriu-lhe imediatamente a porta e avisou-o de que a senhora o esperava na sala amarela do primeiro andar.

Anna Rovesti convidou-o a entrar e voltou a fechar a porta rapidamente. Cortesini não a via há muito tempo e achou-a rejuvenescida. Apesar dos setenta anos já feitos, conservava um olhar muito luminoso e

um óptimo aspecto.

A senhora eliminou as palavras inúteis do acostumado ritual e foi directa ao assunto.

– Então, durante todos estes anos, o senhor manteve-se mudo como um túmulo – disse, agressiva.

O joalheiro preferiu não responder. Mas dirigiu-se imediatamente à mesa onde estava, aberta, a pasta de Paolo Montecchi, na qual brilhavam os diamantes da herança Rovesti.

– Se o seu pai não falou, porque haveria eu de falar? – defendeu-se.

– Sabe onde é que ele os escondeu? – desafiou-o.

Cortesini morria de vontade de saber, mas continuou impassível. – Estavam no cilindro da "romanina" – revelou. – Um rolo

de máquina tipográfica, o mito que ele deixou em herança àquela...

– ia dizer bastarda, mas o bom senso sugeriu-lhe que dissesse: à filha do meu irmão. Aquela pobre desgraçada que se matou. Cortesini ouvia-a sem revelar, aparentemente, um particular interesse naquela história.

– Meteu-nos a todos no mesmo saco, o meu pai – continuou Anna. – Eu sabia, ou melhor, intuía, que por detrás da herança desaparecida havia uma embrulhada. Só que nunca imaginaria que aquela fortuna tivesse sido convertida em diamantes. Então pensei que só você podia ter levado a cabo um projecto tão singular.

Falava de rajada, dominada por uma grande excitação. E continuou: – O Paolo Montecchi disse-me tudo. Foi ele que os encontrou. A minha cunhada, depois da morte da pequena, ofereceu-lhe a máquina tipográfica. Agora o Paolo entregou-me as pedras. Esta fortuna vai ser dividida em partes iguais. Uma divisão justa. Incluindo Pietro e os outros membros da família. Haverá biliões que cheguem para todos.

O joalheiro, entretanto, tinha pegado numa pedra do monte e observava-a atentamente à luz do candeeiro. Depois pousou-a e pegou noutras, para efectuar a mesma operação.

– É verdade acrescentou. – Mil biliões são um património, mesmo dividido entre várias pessoas.

Os olhos de Anna estavam dilatados de emoção.

O joalheiro pegou numa das pedras maiores e examinou-a em contra-luz, utilizando uma lente especial.

– É a senhora que vai gerir a divisão das pedras? – perguntou o joalheiro a Anna.

– Sou eu – respondeu ela, orgulhosa.

– Então é bom que avise os seus parentes – disse, com ar grave.

– Qual é o problema? – perguntou, desconfiada.

– O problema – replicou Cortesini –, é que isto não são diamantes, mas pedaços de vidro colorido produzidos por artesãos muito hábeis, minha cara senhora.

Sônia deixou-se ficar mais alguns minutos na cama, porque o domingo era o dia de repouso semanal no restaurante. Ouviu Silia regressar do passeio matinal com os cães e depois sentiu o ruído da louça que a mulher punha na mesa. Daí a pouco tempo ia chamá-la para lhe dizer que o pequeno-almoço estava pronto.

Na noite anterior ficara a pé até mais tarde do que o costume para fechar as contas. E depois, sempre com o pai, examinou os desenhos do arquitecto para a ampliação da casa. Falaram também com Silia, discutindo as previsões de custos.

Saiu da cama, ao mesmo tempo que Bibi e Poupette saltitavam aos seus pés. Quando chegou à sala para tomar o pequeno-almoço, já lá estava o pai.

– Já aqui estás? – perguntou, espantada por o ver a pé tão cedo.

– vou ter com a mãe todos os domingos – explicou.

– Importas-te que eu vá contigo?

– Até fico contente – respondeu o velho.

A Primavera tinha despontado, colorida e tépida. António Brenna caminhava de braço dado com Sônia, com um passo cansado, mas com uma sensação de leveza no coração.

– Passaste a ser o meu apoio – brincou.

– Estás forte como um carvalho – mentiu a filha.

Sônia, ao longo da alameda de ciprestes que recordava verdejante e deserta nos dias ensolarados de Verões distantes, pensava

num futuro inelutável e definitivo quando também ela e o pai percorressem pela última vez aquele triste itinerário.

Quando passou o portão do cemitério e contemplou a arquitectura imóvel dos túmulos, foi invadida por uma sensação de paz.

Pousou flores frescas em cima do túmulo da mãe. Acendeu uma vela na pequena taça de vidro e rezou por ela e por Maria Carlotta. Quando Sônia e António regressaram a casa, encontraram um Bentley estacionado em frente às grades descidas do restaurante. O motorista fez uma vénia quando viu Sônia.

António Brenna olhou para a filha com um ar interrogativo.

– É a minha cunhada – explicou Sônia, ao reconhecer o automóvel de Anna Rovesti. – Provavelmente está lá em casa à minha espera.

– Queres entrar sozinha? – perguntou o pai.

– Eu não tenho segredos para ti. Vamos lá enfrentar a fera disse, a sorrir.

– Mas o que será que ela quer contigo? – perguntou ele, preocupado.

– Já vais saber – respondeu, com um ar divertido.

Anna, como era seu estilo, foi directa à questão. Estava em pé no meio da sala e, quando a viu entrar, atacou.

– O que foi que fizeste aos diamantes do meu pai? – inquiriu. Sílvia estava ocupada com os cães. António Brenna sentou-se numa cadeira, mais curioso do que preocupado.

– Acho que não estou a perceber – mentiu Sônia. Sabia exactamente que Anna ia à procura dos diamantes de Giovânni Rovesti.

– Estás a perceber perfeitamente – sibilou Anna, furibunda.

– Sabes melhor do que toda a gente o que se passou. Sempre soubeste. Tu é que tinhas a "romanina" – continuou, ao mesmo tempo que o rosto se lhe acendia em rubores súbitos. – Tu encontraste os diamantes. Substituíste-os por pedaços de vidro. Veneza está cheia de diamantes falsos. Foi o Roberto Cortesini que me disse.

– Realmente, não sei de que estás a falar – disse Sônia, com um ar inocente.

– Ouve bem – avisou Anna Rovesti. – Eu não quero armar um escândalo. Já houve demasiados escândalos na nossa família. Mas não penses que isto vai ficar assim. com certeza não acreditas que eu esteja disposta a renunciar à minha parte da herança!

Portanto, ofereço-te uma única possibilidade: estabelece o preço do teu silêncio. Depois dizes-me onde estão os diamantes, ou eu denuncio-te.

– Eu também te ofereço uma única possibilidade: ou te vais embora imediatamente ou eu chamo a polícia e armo aqui uma confusão que tu nem imaginas. – Sônia tinha aquela calma que, melhor do que qualquer clamor, sublinha a firmeza de quem não promete em vão. – E tem cuidado, Anna. Eu já não faço parte da família. Não tenho nada a perder. E não fiquei com nada que pertença à família Rovesti. E agora, fora daqui – convidou, apontando-lhe a porta.

Sônia dizia a verdade: não tinha ficado com nada que pertencesse à família Rovesti. Os diamantes do velho eram de Maria Carlotta. Ninguém mais podia reclamar direitos sobre a herança de Giovânni

Rovesti. O sogro podia sentir-se orgulhoso dela.

EPÍLOGO

MILÃO-1988

Era o primeiro domingo de Maio. O pequeno apartamento dos Brenna estava numa completa desordem por causa dos operários que andavam a trabalhar nas obras de ampliação.

António e a velha Silia tinham saído com os dois bassets para o habitual passeio da tarde e Sônia desceu à cozinha para começar a fazer as contas. O restaurante ia de vento em popa e a receita, relativamente ao mês anterior, tinha aumentado trinta por cento, à vontade. Sônia estava muito orgulhosa daquele resultado, que considerava, e com razão, um sucesso pessoal.

Tocou o telefone.

– Olá – disse uma voz que conhecia muito bem.

– Olá, Giulio – respondeu, com calma.

– O que estás a fazer? – perguntou ele, como se se tivessem separado na noite anterior.

– Contas – explicou. – O meu restaurante vai muito bem. E tu?

– Estava a pensar em ti. Tenho vontade de te ver. Há quanto tempo foi o nosso último encontro?

– Se bem me lembro, há alguns anos. No aeroporto. Eu ia para Nova Iorque e tu vinhas de Londres – recordou ela.

– Pois – assentiu Giulio. – Nem sequer tivemos tempo para tomar um café.

– Podemos remediar isso – disse Sônia.

– Em minha casa, na tua ou noutra sítio? – propôs.

– Em tua casa – decidiu Sônia. – Mas, antes disso, queria que tu fosses comigo ao Monumentale.

– Ao cemitério? – perguntou Giulio.

– Quero ver como é que a minha menina ficou instalada. É uma visita importante para mim – disse Sônia.

– Daqui a uma hora – respondeu Giulio. – Em frente à entrada.

Sônia compareceu ao encontro com um raminho de muguet na mão. Eram as flores preferidas de Maria Carlotta. Giulio foi ter com ela e beijaram-se na face, como velhos amigos.

– Estás lindíssima – disse Giulio, com admiração.

Sônia levava o cabelo apanhado na nuca. Vestia um tailleur de linha desportiva e usava aquele perfume bom de que ele tanto gostava. Era uma bonita senhora que ostentava os seus cinquenta anos com uma desenvoltura juvenil.

– Tu também não brincas em serviço – retribuiu Sônia. Era como se o tempo não tivesse passado por aquele homem de fascinante olhar azul.

De braço dado com Giulio, percorreu uma alameda daquela cidade silenciosa onde pairava o perfume adocicado das flores murchas.

Quando entraram no jazigo da família Rovesti, ele sentou-se em frente a um genuflexório enquanto ela, depois de ter identificado o túmulo de Maria Carlotta, metia as flores numa jarra. Em seguida sentou-se ao lado dele.

Pareciam um casal maduro que presta homenagem aos parentes falecidos. Sônia passou em revista todas as lápides. Carlo e Emma Rovesti, os pais de Giovânni, repousavam na parte superior da capela. Ali estava também António Rovesti e duas Maria Carlotta: a primeira, filha de Veralda, e a outra, a sua filha.

– Sinto-me bem aqui – disse Sônia. Estendeu-lhe a mão, que ele segurou entre as suas.

– Soubeste a história dos diamantes? – perguntou Sônia, baixando o tom de voz.

– Toda a gente fala nisso – respondeu Giulio. – É uma das conversas de salão mais frequentes.

– As pessoas acreditam nisso? – Em que é que as pessoas deveriam acreditar?

– No facto de se ter encontrado o tesouro de Giovânni Rovesti.

– Dizem que por fim te caiu em cima uma chuva de diamantes – disse Giulio. – É verdade? – perguntou.

– Em certo sentido, é verdade – respondeu, com sinceridade.

– Quero revelar-te o meu segredo. Também tu, em tempos, me revelaste o teu.

Sônia recordou aquela madrugada, no grande átrio do palácio Mazzon, ao lado do corpo sem vida da filha, e os diamantes que estavam dentro do cilindro da "romanina".

Era a herança do avô para a neta favorita.

Sônia aproximou-se do caixão de Maria Carlotta. – Aqui está, minha menina – disse-lhe baixinho, como quando a embalava em pequenina. – Esta fortuna é tua. Minha filha, frágil, misteriosa e infeliz. Só tua. O avô deixou-ta a ti. E não vou permitir que ninguém a leve embora.

Sônia lançou sobre o corpo de Maria Carlotta aquelas pedras maravilhosas. Cobriu-lhe o peito, as mãos e o ventre, transformando a filha sem vida numa estátua de luz.

Depois desdobrou o lençol de cetim que estava no fundo do caixão e com aquele pano cobriu Maria Carlotta até ao pescoço.

– Agora dorme, minha pobre pequena – disse-lhe, beijando-a na testa. – Repousa e espera por mim. – Aqueles diamantes, mil biliões de pedras puríssimas, iam cobrir o corpo da filha até à eternidade.

Só depois do funeral Sônia foi a Murano para arranjar os vidros coloridos lapidados em diamante. Fê-lo para continuar o jogo que Giovânni Rovesti tinha iniciado muitos anos atrás. O espírito escarninho do velho estava destinado a sobreviver.

Depois de ter contado a história, Sônia sentiu-se mais leve por ter partilhado o seu segredo com aquele homem, amado desde sempre.

Dirigiu-se com Giulio à saída do cemitério.

– És o mistério mais fascinante que alguma vez encontrei disse-lhe ele com ternura.

Sônia pousou-lhe um dedo nos lábios para o obrigar a calar-se.

– Onde queres que te leve? – perguntou, enquanto lhe abria a porta do carro.

– Vou de transportes públicos – respondeu. – Até porque quero andar um bocadinho a pé.

Giulio aceitou aquela decisão. – E o nosso café? – lembrou-lhe.

– Fica para outra vez. Estão à minha espera em casa.

– Não podemos deixar passar muito tempo antes de nos voltarmos a encontrar. Eu estou a envelhecer e tu não vais ficar mais nova.

– Vê lá se consegues parar. E espera por mim – disse ela. E, com um sorriso nos lábios, virou-lhe as costas e dirigiu-se à paragem do autocarro.

FIM



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

